

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

## **O ARTIFÍCIO DA SIMULAÇÃO**

(O MACARRÔNICO DO PORTUGUÊS DE PORTUGAL EM A  
*MANHA*:1926-1947 E NO *DIARIO DO ABAX'O*  
*PIQUES*:1933)

VOLUME I

Mestre: Rita Salma Feltz  
Orientador: Profº Drº Carlos Eduardo Schmidt Capela

Florianópolis – Dezembro de 2005



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

## **O ARTIFÍCIO DA SIMULAÇÃO**

(O MACARRÔNICO DO PORTUGUÊS DE PORTUGAL EM A  
*MANHA*:1926-1947 E NO *DIARIO DO ABAX'O*  
*PIQUES*:1933)

VOLUME I

Mestre: Rita Salma Feltz  
Orientador: Profº Drº Carlos Eduardo Schmidt Capela

Florianópolis – Dezembro de 2005

## **AGRADECIMENTOS**

Um trabalho nunca é feito só com livros, sempre há aquele amigo que ajudou na formatação do trabalho, aquela amiga que achou um texto interessante, aquele outro que fez a revisão, ou ainda agüentou tua angústia. No fim de tudo, só resta agradecer.

Então, agradeço aos meus amigos, não vou dizer nomes pra não ser injusta por meu esquecimento peculiar, mas vocês sabem quem são e eu sei muito bem, embora possa esquecer os nomes. Ao pessoal do PET-Letras, o que é quase como agradecer as mesmas pessoas duas vezes, à minha família, aos meus professores da UFSC, em especial ao Professor Carlos Eduardo Schmidt Capela, meu orientador, principalmente, por ter me “apresentado” ao macarrônico. Agradeço também ao Marcio pela leveza e por me fazer ver o outro lado.

Mas não é só isso. Peço desculpas! Pelos “não posso”, “fica pra uma próxima”, “vou me atrasar”, “não vou”, “tenho que estudar”, enfim, as esperas, adiamentos, a vida guardada desses anos.

Por fim, agradeço ao CNPq que desde a graduação através do PIBIC-Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – vem financiando essa pesquisa.

**Á minha família, meu chão, e a quem me esperou até a meia noite.**

*Para esse fim deveríamos lembrar que é o “inter” — o fio cortante da tradução e da negociação, o **entre-lugar** — que carrega o fardo do significado da cultura. Ele permite que se comecem a vislumbrar as histórias nacionais, antinacionalistas, do “povo”. E, ao explorar esse Terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos.*

Homi K. Bhabha, “O Local da Cultura”

FELTZ, Rita Salma. **O Artificio da Simulação**. Florianópolis, 2005. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Curso de Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.

O projeto tem por objeto a produção em macarrônico do português de Portugal dos jornais *A Manhã*, editado no Rio de Janeiro entre os anos de 1926 e 1951, sob a direção de Aparício Torelly, mais conhecido como o Barão de Itararé, e *Diário do Abax'ô Piques*, dirigido por Alexandre Marcondes Machado (o criador de Juó Bananére), que circulou em São Paulo no ano de 1933. A característica mais evidente da produção macarrônica manifesta-se na linguagem, que é sempre macarrônica, ou seja, composta a partir de uma combinação, “mistura”, de termos e expressões do português brasileiro, que recebem uma notação gráfica feita de modo a lembrar a aparência de uma língua estrangeira sobreposta, ou de uma variante da mesma língua, como é o caso do português de Portugal. Uma outra característica marcante é a “autoria suposta”: a responsabilidade pelos textos é atribuída a uma personagem de origem estrangeira, que simboliza algum dos principais grupos de não nacionais instalados no país. Dentre os vários colaboradores que se apresentam como legítimos portugueses, embora fossem brasileiros, especial destaque foi conferido à personagem criada por Horácio Mendes de Campos, Furnandes Albaralhão, cujos textos foram publicados entre 1930 e 1933. A pesquisa sobre o macarrônico possibilita refletir e discutir questões básicas concernentes a este tipo específico de criação textual, tais como o processo de representação de imigrantes portugueses contraposto ao modo de ser e agir locais, ou ainda em que medida o lugar de enunciação “estrangeiro”, instituído por um “imigrante português”, pode facultar o estabelecimento de perspectivas originais, híbridas, que, ultrapassando os limites rígidos do estereótipo, possibilitam pensar a cultura e a produção cultural brasileiras para além do senso comum.

Palavras-chave: literatura macarrônica, literatura e imigração, macarrônico do português de Portugal, estratégias de representação de imigrantes, hibridismo cultural.

FELTZ, Rita Salma. The Artifice of the Simulation [O Artificio da Simulação]. Florianópolis, 2005. Dissertation (Master's degree in Theory of the Literature) - Course of Masters degree in Literature, Center of Communication and Expression, Federal University of Santa Catarina.

The project has for object the production in “macarrônico” of the portuguese from Portugal of the newspapers *A Manhã*, edited in Rio de Janeiro among the years of 1926 and 1951, under Aparício Torelly direction, known as the Barão de Itararé, and *Diário do Abax'o Piques*, driven by Alexandre Marcondes Machado (Juó Bananére), that circulated in São Paulo in the year of 1933. The most evident characteristic of the production shows in the language, composed starting from a combination, it “mixes”, of terms and expressions of the brazilian portuguese, that receive a graphic notation done from way to remind the appearance of a put upon foreign language, or of a variant of the same language, as it is the case of the portuguese from Portugal. Another outstanding characteristic is the “supposed authorship”: the responsibility for the texts is attributed a character of foreign origin, that symbolizes some of the principal groups of not national installed at the country. Among the several collaborators that come as legitimate portuguese, although they root Brasil, special prominence it was checked the character created by Horácio Mendes de Campos, Fernandes Albaralhão, whose texts were published between 1930 and 1933. The research on the broken makes possible to contemplate and to discuss concerning basic subjects to this specific type of textual creation, such as the process of portuguese immigrants' representation opposed to the way of to be and to act places, or still in that measured enunciation “foreigner's” place, instituted by a “portuguese immigrant”, it can allow the establishment of perspectives original, hybrid, that, surpassing the rigid limits of the stereotype, they make possible to think the culture and the production cultural brazilians for besides the common sense.

Word-key: “macarrônico”, literature and immigration, broken of the Portuguese from Portugal, strategies of immigrants' representation, cultural hibridismo.



## SUMÁRIO

Introdução.....	10
I. Apresentação.....	11
Capítulo I. O Gênero macarrônico.....	15
I. O macarrônico: características gerais.....	16
Capítulo II. O macarrônico do português de Portugal.....	21
I. O macarrônico do português: características específicas.....	22
Capítulo III. O macarrônico do português de Portugal em <i>A Manha</i> e no <i>Diário do Abax'ô Piques</i> .....	29
I. Os artifícios.....	30
1. A sujaira, a cuçaira e outras etiquetas.....	31
2. A classe dos comerciantes .....	37
3. O jogo de imagens.....	47
4. Lirismo às avessas.....	55
Capítulo IV. Furnandes Albaralhão: o membarô da culónia.....	61
I. A sofisticação da personagem Furnandes Albaralhão.....	62
II. O inlustre colaboradoire: o autor Furnandes Albaralhão.....	70
Conclusão.....	84
Bibliografia.....	89
Apêndices.....	93
I. Documentação iconográfica.....	94

## INTRODUÇÃO

*As palavras não são mais um meio  
transparente através do qual o Ser brilha.*

Edward Said, “Reflexões sobre o exílio”

## I. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho diz respeito à produção em macarrônico do português de Portugal dos periódicos *A Manha* e *Diário do Abax'ô Piques*. Antes de mais nada cumpre destacar o caráter praticamente inédito dessa produção, pois, embora tratem-se de textos já publicados, constituem, aos olhos de hoje, tanto no âmbito da crítica quanto no âmbito do leitor, material desconhecido.

O semanário humorístico *A Manha* foi editado no Rio de Janeiro entre os anos de 1926 e 1947, apresentando inegável importância na vida brasileira da primeira metade do século XX. O nome alude a um dos jornais mais significativos da época – *A Manhã*, jornal carioca dirigido por Mário Rodrigues.

Seu fundador e grande animador foi Aparício Torelly, o Aporelly, que ali criou a personagem do Barão de Itararé, com brasão de armas e tudo, cujo nome homenageia, bom nobre que era, um episódio bélico de importância crucial na história pátria<sup>1</sup>, caso tivesse efetivamente ocorrido<sup>2</sup>. A confusão entre pessoa e personagem, história e ficção eram propositais. Ao tomar o título de uma das tantas passagens da história do país, em que os conflitos de interesse se resolvem por algum arranjo, o Barão de Itararé fazia de si próprio a síntese de tudo que criticava.

Ao que tudo indica Aparício Torelly foi inclusive o responsável pela criação de grande parte dos textos em macarrônico do português de Portugal, e ainda, de outros macarrônicos de *A Manha*, como o do alemão, por exemplo. Afinal era editor, repórter, articulista, diretor de arte e redator de anúncios. Não tinha pretensões literárias, tampouco reivindicava a autoria do que publicava, por isso

---

<sup>1</sup> Durante a Revolução de 30 a região de Itararé, na fronteira do Paraná e São Paulo, deveria ser o centro de luta militar. Da batalha que ali ocorreria, dependeria o sucesso ou fracasso da revolução. Entretanto, segundo famoso epigrama da época aquela batalha que seria “a maior da América Latina...mas que não se realizou”. Conforme: BELLO, J.M. *História da República*, SP: Companhia editora nacional, 6ªed., 1972, p.281.

<sup>2</sup> Para maiores informações sobre Aparício Torelly, principalmente no que diz respeito a sua atuação como diretor de *A Manha*, consultar de Leandro Konder: *Barão de Itararé*, SP: Brasiliense, 1983 e de Cláudio Figueiredo: *As duas vidas de Aparício Torelly, o Barão de Itararé*, 2ªed., RJ:Record, 1988.

era prática comum não assinar seus textos e valer-se de histórias, piadas e ditos colhidos nas ruas.

Além do próprio Barão, *A Manhã* contava com vários colaboradores que se apresentam como legítimos portugueses, embora fossem brasileiros imersos no espaço carioca de então. Dentre eles especial destaque foi conferido à personagem criada por Horácio Mendes de Campos, Furnandes Albaralhão, cujos textos foram publicados entre 1930 e 1933.

De início tal destaque lhe foi dispensado pela constância de sua colaboração para *A Manhã*, porém logo em seguida o que caracterizou tal interesse foi a forma inusitada e tão própria com que Furnandes Albaralhão abordava os assuntos, e na originalidade dos próprios assuntos que vão desde escatologias, como o peido, o bodum, a “cuçaira”, até questões um tanto mais abstratas, filosóficas, como a morte, o comunismo e o amor.

Horácio Mendes de Campos, Alexandre Marcondes Machado e Aparício Torelly formam o conjunto de autores mais significativos do gênero, conforme destaca Carlos Eduardo S. Capela:

Com o trabalho de Alexandre Marcondes Machado, Aparício Torelly e Horácio Campos o gênero atinge seu apogeu. Tais autores, em parcela de seus textos, superam as barreiras estabilizadoras dos estereótipos, explorando com consciência e desenvoltura potencialidades expressivas e criativas do macarrônico. Isso pode ser mais facilmente observado em paródias satíricas de Juó Bananêre e Furnandes Albaralhão. Nesses textos os autores refuncionalizam estigmas associados às imagens pejorativas de imigrantes italianos e portugueses pobres, imersos no cadinho tão desprezado da “cultura popular” das primeiras décadas do século XX – em que influxos nacionais e internacionais se confundiam. Os preconceitos são normalizados e normatizados, e então empregados como marcos, como referencial para um processo de dessacralização cultural. Língua e cultura macarrônicas, “línguas-párias” e “culturas-párias”, tornam-se metro para uma re-interpretação da “Língua-Pátria” e da “Cultura-Pátria, desta forma trazida para a arena comum das diferentes práticas, costumes e valores sociais.<sup>3</sup>

*A Manhã* dispensava grande destaque aos macarrônicos, importância que é patenteada pela presença simultânea, durante quase toda a vida do jornal, de pelo menos três variantes distintas, entre as quais se destacam o “Suplemento do

---

<sup>3</sup> CAPELA, C.E.S. “Entrevãos macarrônicos”, em *Travessia* (Revista de Literatura), n. 39, jul.- dez. 1999, Florianópolis, UFSC; p.76.

Intaliano”, o “Supprimento de Purtugali”, o “Zublemento do Allemanho” e o “Subblemendo de Syria e Beyrut”, este publicado de modo mais esparso. Desta forma, os textos macarrônicos ocupavam de maneira geral no mínimo três das oito páginas que normalmente trazia o periódico.

O *Diário do Abax’o Piques*, jornal paulista dirigido por Alexandre Marcondes Machado (o criador de Juó Bananére), não fica muito atrás, apresentando igualmente diferentes “versões” do macarrônico: do alemão, do italiano, do português e, atendendo aos influxos de uma nova corrente migratória, o do japonês. Sua circulação durou apenas entre julho e outubro de 1933.

Tais periódicos na verdade mantêm uma tradição textual que vinha de antes.<sup>4</sup> Ao que tudo indica, o primeiro periódico a contar com a colaboração sistemática em macarrônico foi *O Pirralho*, que circulou em São Paulo durante a década de 1910, com páginas em macarrônicos do italiano e do alemão. Além disso, *O Pirralho* apresentava textos em dialeto caipira que provavelmente serviram de matriz para a criação do gênero.

Assim, conforme Carlos Eduardo S. Capela, diante da “longevidade e o grau de abrangência, o número de escritores que dela se ocupou, a quantidade de periódicos em que ela comparece, e, sobretudo, a manutenção de uma série de traços comuns a esse conjunto de textos, são alguns dos fatores, entre outros, que permitem considerar tal produção como constituindo um **gênero textual** particular.”<sup>5</sup>

Esse conjunto apresenta uma considerável diversidade de temas e formas, o que fornece uma clara indicação da hibridez e originalidade desse discurso. É

---

<sup>4</sup> O macarrônico, embora seja praticamente desconhecido, e pouquíssimas sejam as referências teóricas sobre ele, é um gênero bastante antigo, aparecendo vestígios de sua produção desde o contexto da Renascença. Além disso, pôde ser pecebido em vários países em meios e modos lingüísticos bastante diversificados. Já nessa época se caracterizava pela apropriação da palavra, do discurso de outrem de modo paródico em sátiras lingüísticas que buscavam zombar do latim dos puristas ciceronianos. Sobre o tema ver: BAKHTIN, Mikhail . *Questões de Literatura e de estética* (A teoria do romance), SP: HUCITEC, 2002, p.394. Aqui, para todos os efeitos sempre que se utilizar macarrônico, macarrônico do português, está se fazendo referência à expressão criativa que os autores macarrônicos fizeram tomando como base o falar dos imigrantes portugueses. O termo em si é retirado de Otto Maria Carpeaux, “entre nós usa-se essa expressão quando alguém fala uma língua que não conhece bem, estropiando-a: ‘Fulano falou num francês macarrônico’”; “Uma voz da democracia paulista”, em *Presenças*, Rio de Janeiro, MEC/INL, 1958, p.202.

<sup>5</sup> CAPELA, C.E.S. “Entrevões macarrônicos”, em *Travessia* (Revista de Literatura), n. 39, jul.- dez. 1999, Florianópolis, UFSC; p.72

justamente de algumas dessas características que o capítulo um procura tratar. Elas seriam as estratégias fundamentais para a composição de um universo textual caracterizado por um forte ingrediente de estranheza, dada a projeção sobre um universo supostamente não-nacional, e ainda um dos principais artifícios para a representação desses seres “estranhos”. Resta saber que não-nacional é esse? Se ele é uniforme ou apresenta suas rachaduras? Em que elementos se apóia essa representação? Até que ponto sua leitura permite a relativização de estereótipos, ou ainda, a refuncionalização de formas e perspectivas literárias?

Conforme a modalidade macarrônica observada as respostas a estas questões assumem caminhos diferentes, pois, embora apresentem uma série de traços comuns, as diferentes versões do gênero apresentam ainda algumas particularidades ligadas à linguagem, ou à condição social do grupo de não-nacionais a que se refere, por exemplo, entre outras. As especificidades do macarrônico do português de Portugal dentro dessa produção textual é tema do capítulo posterior.

Mas as peculiaridades apresentadas pelo gênero não se afiguram apenas entre uma ou outra variante macarrônica, por vezes, diferentes momentos de uma mesma vertente demonstram características próprias e posturas intrinsecamente diversas em relação ao não-nacional representado, por exemplo. Como será demonstrado no capítulo subsequente o contraponto entre a produção em macarrônico do português de Portugal d’*A Manhã* e do *Diário do Abax’o Piques* permite recompor perspectivas distintas em relação ao não-nacional português.

O último capítulo se detém sobre os textos assinados por Furnandes Albaralhão, procurando identificar os elementos que distinguem parte dessa produção que, ao lado dos originais assinados por Juó Bananére, e de outros assinados por personagens de estrangeiros alemães, imigrantes italianos e portugueses criadas por Aparício Torelly, maneja de modo original e criativo os recursos expressivos possibilitados pelo gênero macarrônico.

## CAPÍTULO I

# O GÊNERO MACARRÔNICO

## I. O MACARRÔNICO: CARACTERÍSTICAS GERAIS

A produção macarrônica brasileira vigorou notadamente entre os anos de 1910 a 1950, tendo em periódicos o seu principal meio de difusão, entre eles, *A Manha* (1926–1947), *Diário do Abax'o Piques* (1933), *O Pirralho* (1911-1917), *O Queixoso* (1915–1916) e *A Vespa*(1916).

A esse fato deve-se uma de suas características mais marcantes, aquela relativa a sua estreita ligação com o cotidiano; afinal, não se pode esquecer que qualquer periódico, como salienta Benedict Anderson, em *Comunidades imaginadas*, pauta-se na vida diária, em fatos, idéias e interesses que se pressupõe sejam compartilhados, se não por todos, mas por um grupo específico de leitores.<sup>6</sup>

Dessa forma, o macarrônico fornece um ponto de vista interessante sobre a realidade, as metamorfoses do tempo e do espaço que se construíam a sua volta. A história que antes de se tornar o fato pronto e acabado, num pretérito-mais-que-perfeito, com letra maiúscula, precedida de um tradicional artigo definido, com datas precisas, separadas por seções e capítulos, já fazia parte do presente, do cotidiano vivo perpretado pelo cruzamento de temporalidades de uma nação que se desenvolvia à custa de graves desequilíbrios.

Voltados para o espaço urbano, os jornais que contavam com a publicação de textos macarrônicos demonstram as mudanças trazidas à realidade brasileira por novos personagens de origem não-nacional: imigrante e estrangeiros.<sup>7</sup> O misto de

---

<sup>6</sup>ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas* (Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo), México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 48.

<sup>7</sup>Carlos Eduardo Schmidt Capela em seu estudo sobre as diferentes formas com que personagens não-nacionais são representadas na literatura brasileira que, por sua vez, toma por base os apontamentos apresentados nas reflexões de Abdelmalek Sayad, estabelece categorias distintivas: "Com efeito, um exame da condição social com que personagens são identificadas permite definir, num primeiro momento, duas classes perfeitamente distintas: a dos estrangeiros e a dos imigrantes. Como do ponto de vista legal a única categoria aceita é a de estrangeiro, que subsume quaisquer outras, é preciso ultrapassar fronteiras do estatuto jurídico para se apreender a situação de fato de seres que ultrapassam fronteiras nacionais."CAPELA, C.E.S. "Literatura e imigração: convergências", *Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC* (BH: 2002), BH: ABRALIC, 2003 (ed. Em CD-Rom),p.3.



reações aos seus costumes, sua aparência, sua fala, enfim, sua simples presença num lugar que a princípio não era o seu.

A linguagem macarrônica, outra característica importante, representa esse estranhamento, esse trânsito, o entre-lugar que o gênero sobre ela fundado tem o potencial de desvelar.

Isso na medida em que sua composição se dá a partir da mescla de elementos do português brasileiro, como estrutura da língua, expressões, entre outros, e elementos de uma língua estrangeira, ou de uma variante diferente de uma mesma língua, como é o caso do português de Portugal. O resultado dessa combinação seria uma tentativa de se representar graficamente a forma como um dos membros dos grupos de não-nacionais representados “falavam” o português, ou, dito de outro modo, o “brasileiro”.

Essa linguagem híbrida, portanto, leva a refletir sobre dois momentos: um em que o local ainda encontrava-se aparentemente coeso, sem a presença de não-nacionais, e outro em que estes já se integram ao cenário, introduzindo muito mais que um falar diferenciado, mas, principalmente, um questionamento do ser nacional e da nação. Assim, a imitação prosódica da fala dos principais grupos de não-nacionais presentes no espaço brasileiro materializa as transformações que essa presença trouxe para a nação e para a imagem que o nacional fazia de si mesmo.

Leva a refletir ainda, sobre valores do discurso dominante, o que de certo modo é inerente ao gênero, que afinal se fundamenta num processo de reapropriação e diálogo constantes com formas e originais consagrados da tradição literária.

Ainda em relação à linguagem macarrônica, resta acrescentar que, apesar dos aspectos comuns, cada variante do macarrônico apresenta suas especificidades que podem ser associadas aos estereótipos relacionados ao grupo de não-nacionais com que a personagem representada se identifica e é identificada. Os estereótipos mais freqüentemente empregados dizem respeito à profissão, grau de conhecimento, comportamento em relação à pátria deixada para trás e a atual,

---

posição na escala social, enfim, uma série de caracteres que introduzem uma forma fixa do não-nacional em questão.

Assim, o macarrônico do italiano, por exemplo, apresenta aspectos da linguagem falada cotidiana, que tende a se conjugar de acordo com a imagem do italiano pobre, baderneiro, etc.; enquanto que o macarrônico do alemão privilegia a estrutura da língua escrita coerente com a representação do alemão culto.

Nesse passo, estereótipo e linguagem modulam não só a criação de um espaço de enunciação não-nacional, como também permitem que o “sujeito” dessa enunciação figure como representação simbólica congelada, ao menos a princípio.

Trata-se de um procedimento capaz de tornar o discurso apresentado como característico ou socialmente típico de uma dada pessoa, quer dizer, para compor a personagem baseia-se na representação de sua linguagem ligada ao estereótipo, o que permite associar o discurso apresentado à imagem da figura representada.

Esse processo composicional é uma prática recorrente no gênero, ou seja, a criação de personagens, segundo um conjunto de traços, que vão desde a sua linguagem até os estereótipos a elas relacionados, que permitem sua caracterização como portuguesas, alemãs, italianas, japonesas, etc.

Aliada a essa caracterização vem se justapor a “autoria suposta”<sup>8</sup>, ou seja, a responsabilidade pelos textos é atribuída a uma personagem de origem estrangeira, que simboliza algum dentre os principais grupos de não-nacionais instalados no país.

O autor suposto consiste num ponto de vista particular criado pelo autor “real”, digamos assim, que, mesmo em sua forma político ideológica limitada, é capaz de introduzir o plurilingüismo nas formas em que são criados e utilizados.

Tendo em vista que as personagens se manifestam como legítimos representantes dos principais grupos de não-nacionais presentes no Brasil,

---

<sup>8</sup>O conceito de autor suposto é desenvolvido por Mikhail Bakhtin, entre outros momentos, na sua discussão sobre a introdução do plurilingüismo no romance. Para maiores detalhes ver: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de estética* (A teoria do romance), SP: HUCITEC, 2002, p. 117 e seguintes.

estratégia ficcional básica da criação macarrônica, é “natural” que estes acabem por assumir uma defesa por vezes intransigente da superioridade da antiga pátria nos mais diversos campos da atividade humana.

A materialização deste ponto de vista pode ser visualizada nas comparações explícitas entre brasileiros e portugueses, entre brasileiros e alemães, entre alemães e italianos, entre portugueses e americanos, entre portugueses e mouros, entre alemães e portugueses, enfim, como numa sala de espelhos um intricado jogo de imagens é efetuado.

E como o macarrônico se funda ou sobre um processo de reafirmação de valores estabelecidos, literários inclusive, ou na sua reverificação crítica, que desemboca numa relativização ou refuncionalização de tais valores, vale lembrar que tanto a linguagem macarrônica, quanto o recurso ao estereótipo, bem como a autoria suposta, só “funcionam” na medida em que são estratégias reconhecidas por outros que as aceitam ou refutam, mas que em todo caso depreendem dessa leitura uma série de (mal)ditos nos quais as representações dos diferentes grupos de não-nacionais, e dos nacionais também, se apóiam.

Tanto isso é verdade que a representação do imigrante português, por exemplo, realizada com o apoio de uma série de estereótipos relacionados a sua conduta, modo de vida, anseios e ideais, etc, só faz sentido porque os leitores são brasileiros que compartilham do conhecimento dessas fórmulas cristalizadas, ainda que possam não concordar com elas.

Isto se torna interessante para refletir e definir termos como estereótipo e preconceito que serão aqui freqüentemente empregados. Segundo Crochik, este tipo de procedimento tem “sua manifestação individual, assim como correspondente às necessidades irracionais do indivíduo, mas surge no processo de socialização como resposta aos conflitos aí então gerados.”<sup>9</sup>

Ainda falando com Crochik, cumpre destacar que:

O estereótipo não se confunde com o preconceito, mas é um de seus elementos. Este último [...] é uma reação individual, enquanto o primeiro é predominantemente, um produto cultural, mas que se relaciona diretamente com mecanismos psíquicos infantis. [...] o preconceito é um mecanismo desenvolvido

---

<sup>9</sup> CROCHIK, J.L. *Preconceito* (Indivíduo e Cultura), 2ª edição. SP: Robe, 1997, p.11.

pelo indivíduo para poder se defender de ameaças imaginárias, e assim é um falseamento da realidade, a qual o indivíduo foi impedido de enxergar e que contém elementos que ele gostaria de ter para si, mas se vê obrigado a não poder tê-los; quanto maior o desejo de poder se identificar com a pessoa vítima de preconceito, mais este tem de ser fortalecido[...] já os esterótipos são produzidos e fomentados por uma cultura, que pede por definições precisas através de suas agências: família, escola, meios de comunicação de massa, etc., nas quais a dúvida, como inimiga da ação, deve ser eliminada do pensamento e a certeza, perante a eficácia da ação, deve tomar o lugar da verdade que aquela ação aponta: o controle, quer o da natureza, quer o dos homens, para melhor poder administrá-los.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup>idem. p.18-19.

## CAPÍTULO II

# O MACARRÔNICO DO PORTUGUÊS DE PORTUGAL

## **I.MACARRÔNICO DO PORTUGUÊS:CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS**

O macarrônico do português de Portugal, como as demais modalidades do gênero, obedece a alguns princípios básicos: a autoria suposta de um não-nacional, a estilização de sua fala de modo que represente o grupo de que supostamente faz parte e, ainda, o constante recurso a estereótipos, conforme já mencionado.

Entretanto, essa variante do macarrônico apresenta especificidades em relação as demais. Uma das particularidades mais evidentes diz respeito a sua linguagem, pois, enquanto as outras variantes operam com duas línguas diferentes, o macarrônico do português de Portugal trabalha com as diferenças dentro de uma mesma língua, ou ainda com duas línguas bastante semelhantes. Nesse caso, o aspecto “estrangeirado” da linguagem é obtido, por exemplo, através da intensificação, do exagero de diferenças fonéticas entre o português europeu e o português brasileiro. Assim, as palavras, ainda que não pertençam a uma língua estrangeira, surgem deformadas, com uma grafia que busca retratar a fala dos indivíduos de origem lusa, a prosódia.

Mas, embora essa composição lingüística apresente elementos que a identifiquem com o português europeu, não se trata de uma reprodução fiel, mas sim de uma criação artística que, como tal, tem sua liberdade e expressão próprias.

Ainda assim, é possível identificar alguns traços recorrentes, quer dizer, mesmo que se apresente como uma linguagem asistemática, há elementos que se repetem em grande parte dos textos analisados, por exemplo: o ditongo /ão/, na maioria das vezes, vem seguido pelas consoantes /n/ ou /m/ de modo a reforçar a nasalização já presente nesse contexto ( “nãon”, “entãon” ); a substituição da consoante bilabial /b/ pela fricativa /v/ e vice-versa (“civoila”, “carnabale”, “basco”, “bice-bersa”); o acréscimo da vogal /e/ em palavras terminadas em /r/ e //

(“madrigale”, “sitôre”, “vrasile”, “portugale”); a substituição do ditongo /ei/ pelo ditongo /ai/ (“tirutaio”, “quaixo”), etc.<sup>11</sup>

O estabelecimento desse padrão, porém, não constitui-se como norma, aliás é difícil falar em norma numa linguagem que se pauta na deformação das normas vigentes. Por isso, do mesmo modo que se destacam palavras que seguem um certo padrão gráfico, por vezes, num mesmo texto um vocábulo é escrito de diferentes formas. Como ocorre em *A Manha* com o próprio nome da página destinada ao macarrônico do português de Portugal, ora grafada como “Supprimento de Portugali”, ora como “Supprimento de Purtugali”. Ou ainda, com o nome dos autores supostos, por exemplo: “Simães Coelho” que também aparece como “Simãens Coelho” e também “Simãens Cuelho”.

Como se pode depreender a “desordem” em torno dessa linguagem abre espaço para a elaboração criativa e pessoal em torno do gênero, permitindo inclusive a criação de palavras, ou a atribuição de um sentido inesperado que se casa com o efeito cômico a ser ressaltado.

O nome dado aos discursos apresentados pelos “inlustres mémbaros da culónia”, a “Circumf'rencia”, modelo textual recorrente no macarrônico do português de Portugal, é um bom exemplo dessa invenção. De um lado flagra-se a deformação usual e de outro a justaposição de duas palavras (conferência e circo) que num contexto “normal” dificilmente seriam combinadas. Não há como deixar de destacar a coerência entre nome e referente, pois, as “conferências” macarrônicas, graças a lógica do absurdo por que se pautam, seu caráter hilariante, ou ainda ao ridículo de seus temas, só poderiam ser “circumf'rências”. Ao que tudo indica, este termo foi inventado por Juó Bananére, que já em 1912 propunha e realizava “circumferenzas”.

Como se pode perceber o trabalho em torno da linguagem macarrônica vai muito além da deformação fonética, abrangendo ainda aspectos de ordem sintática e semântica. A polissemia das palavras, por exemplo, é um recurso muito explorado nos textos selecionados. Na crônica a seguir, por exemplo, o autor

---

<sup>11</sup> Apesar de sua pertinência, uma análise exaustiva não será realizada, dado período maior de tempo que isso demandaria.

suposto, Visconde de Carnaxide, baseia-se, justamente, na polissemia da palavra “curónica”:

U redatoire deste quinta-ferino me pede que eu lh’o escreva uma curónica de atualidade.

Eu não sei baim se me entendem cá no Vrasile ou se sou eu que não entendi baim us gajos daqui.

Lá na terra, curónica (pulo menos nu meu tempo de mulequinho e na minha aldaia) o que se chamava curónica eram as muléstias da gente.

Quando algaim tinha uma vronquite que lh’o fazia tussire que nain quechorro engasgado com osso de quenela, logo u dotoire dizia:

— Esta é curónica.

E era mesmo. Logo ao olhaire u pobre doente, a gente bia mesmo que ele estava com a curónica!

Se era uma asma que paçava de um ano pra oitro, já todos os bizinhos cuchichavam:

— Está curónica.

Se era um rumatismo das articulas ou das gotas que não cedia ao mudicamento, é que o demónio estava curónico!

Não era só no ramu das muléstias que se usaba a curónica: usaba-se entre certas p’ssoas que nada se pariciam cum as muléstias.

Um rapaz elegante, bain bestido e chairoso, que binha seguidamente lá a casa da minha tia, tambaim tinha esse dufeito.

Quantas bezes eu ouvi a minha tia dizeire, quando ele chigaba:

— Aí bain o curónico!

Isto é u que eu sei e me lembro lá da terra. Agora aqui nu Vrasile a coisa é muito dif’rente. Aqui, a curónica não é uma muléstia: é uma coisa, um artigo, uma historieta qualquere que se lh’o manda ao jurnale pra publicaire.

Pur izemplo: há uma currida de quebalos, uma luta rumana, uma partida de boks, etc.; u jornalista pede ao ruportere uma curónica du jogo ou da currida. U gajo que escrubinha a curónica é u curónista.

Ora, eu não sou e nunca fui repórtere; nunca escrubinhai curónicas, mesmo porque nunca sufri dessas muléstias. Mas o sinhoire redatoire me pediu e eu não q’ria lho dizere que não savia, e por isso aqui tain bosmucês a minha curónica.

Peço-lhes desculpas se não lhes agradeire, mas posso-lhes garantire, que cá não boltarei para que me não chamem tambain de curónico.<sup>12</sup>

A referência a outros discursos e o diálogo com o leitor são práticas recorrentes no macarrônico do português de Portugal. Tais elementos ao lado de

<sup>12</sup> CARNAXIDE, Visconde de. “Curónica” em “Supprimento de Purtugali”, *A Manha*, Ano XIX, nº24, RJ, 03/10/1945; p.5. Alguns dos textos aqui transcritos apresentam algumas modificações, tratam-se da correção de erros evidentes como inversão de letras, etc. Os apontamentos sobre essas modificações são registrados no segundo volume desta dissertação.



expressões e ditos populares conferem aos textos o caráter de uma conversa informal, próxima e pessoal.

Além de trabalhar com as diferenças de significados e explorar o efeito cômico advindo dessa duplicidade, a crônica em questão opera ainda com elementos que materializam no texto esse diálogo, como, por exemplo, a referência ao momento anterior a escrita, a repetição de já ditos, de histórias, da experiência do cronista ao escrever o texto, da sua preocupação em agradar ao redator e, é claro, ao próprio leitor. Como numa conversa ele tece seus comentários, refere-se a comentários de outros, argumenta, recorre a formas narrativas com vistas a simular a presença do leitor no momento de sua produção.

O uso que o texto faz das diferenças lingüísticas configura ainda outra estratégia comum ao macarrônico do português: a comparação entre Brasil e Portugal, entre portugueses e brasileiros, a experiência da antiga pátria contraposta a atual. Mesmo porque o funcionamento da linguagem macarrônica não se encontra dissociado dos demais recursos expressivos do gênero, uma vez que a expressão artística baseada nesse falar “estranho” opera a partir de uma série de pressupostos e estereótipos.

Tanto isso é verdade que a linguagem macarrônica e a autoria suposta não são por si só suficientes para a constituição de um espaço de enunciação português (como será observado mais atentamente no próximo capítulo). Trata-se de um conjunto de ações, linguagem, autoria suposta, índices contextuais, recurso ao estereótipo, etc., que combinadas são capazes de introduzir um ponto de vista original, definido como “tipicamente” português.

Há um texto de F'linto Lápis D'Almada, um dos muitos autores supostos de *A Manha*, intitulado “Coma-lhu e Veva-lhu” que espelha essa multiplicidade de fatores que contribuem para a constituição de um discurso supostamente português. Trata-se, segundo subtítulo que se segue, de uma tradução de “Elixir da longa vida”, poema atribuído a Alberto de Oliveira. Os dois poemas aparecem lado a lado no “Supprimento de Purtugali” e sugerem uma reflexão particularmente interessante sobre este imbricamento de artifícios presentes no processo de composição da personagem. Como pode ser observado a seguir:

**ELIXIR DA LONGA VIDA**  
(POEMA GASTRONOMICO DE ALBERTO DE OLIVEIRA)

Em vez de comer muito, alimente-se bem,  
diz a lpez: seleccione os mantimentos.  
Não ponha a carne entre os seus alimentos.  
Os generos serão de primeira, tambem.

Coma legumes, coma ovos, coma hervas; coma  
Batata, abobora, espinafre, aipim.  
Tome leite antes e depois. (Quem toma  
leite deve saber que elle se toma assim).

Chupe frutas em grande quantidade  
e chegará enfim á simples conclusão  
de que morre quem quer, pois a longevidade  
depende muito da alimentação.

**COMA-LHU E VEDA-LHU**  
(TREDUCÇÃO DE F'LINTO D'ALMAIDA)

Em bez de vacalháu, alimente-se báin,  
diz a lpez! Táin rezão a gaja! Ao mantimentos  
só balerão p'lus seus emulimentos...  
Os generos serão de primáira, tambain.

Coma-m' ovos, legumes, erbas; coma  
vatata, avovora, espinafre, aipim.  
Tome leite antes e dispois. (Quáim toma  
laite sinão é vurro faz assim)

E tome fruta! á vessa! em cantidade!  
Lá diz o Salazar: "tudo é alimentação!"  
Só morre quáin é vesta! Hoje a lunjibidade  
'sta só em comer báim. Eis a quistão!...<sup>13</sup>

O primeiro ponto a ser destacado é a "treducção", quer dizer, o português é traduzido para o português macarrônico, sendo apresentado de forma estrangeirada, o que evidencia as singularidades da linguagem no macarrônico do português de Portugal já aqui mencionadas.

Mas, como toda tradução, não se trata apenas de manejar aspectos meramente lingüísticos. Como de fato não se justapõe simplesmente letra por letra

<sup>13</sup>ALMAIDA, F'linto de. "Supprimento de Purtugali" *A Manha*, Ano IV – nº8 – 29/3/1934; p.3.

de modo deformado, ou seja, a versão macarrônica do poema não se constitui simplesmente pela “tradução” literal de uma linguagem comportada para uma linguagem transgressora, a forma literária elevada, traduzida para uma forma reles, há ainda a introdução de índices reconhecidos como portugueses ou que fazem referência às características que lhe são atribuídas. Por exemplo: “vacalháu”, “vesta”, “vurro”, “Salazar”, etc. Além disso, o poema de F’linto D’Almada, ecoa, ao lado de muitos outros textos publicados no periódico, o estereótipo do português comilhão, burro, dentre outros.

Por outro lado, ecoa também o trânsito que o gênero realiza entre o erudito e o popular, pois se de um lado se apropria de formas do cotidiano de modo a construir um discurso que foge ao comum, de outro apropria-se de nomes e formas consagradas da literatura de modo a imprimir-lhe um sentido outro.

Nesse espaço de recriação paródica a simples resenha de uma biografia pode adquirir o relevo muito particular de crítica social<sup>14</sup> e um epitáfio pode ser travestido em piada. A inclusão de uma forma discursiva no contexto macarrônico a submete a notáveis transformações, como tornar cômica a mais séria das afirmativas.

Assim, é bastante comum nos textos analisados a presença de aspectos da ordem do grotesco. A comilança, por exemplo, como é comum na literatura satírica e humorística, ocupa um lugar de destaque nas ações e funções corporais das personagens portuguesas.<sup>15</sup> Entretanto, há um diferencial significativo: já não apresenta o aspecto coletivo da tradição popular. No macarrônico do português, seguindo o estereótipo do português comilhão, a referência à glotonaria e à embriaguez são constantes, porém em sua maioria dizem respeito ao comer na vida privada e muito raramente apresentam o aspecto coletivo da festa popular, quer dizer, tal referência recai com o estereótipo sobre o indivíduo.

Além da gula, outras características em conformidade com o estereótipo, são impostas a personagem portuguesa, algumas também relacionadas ao

---

<sup>14</sup> Como ocorre em “Ulibaira Salazaire” em “Supprimento de Purtugali”, *A Manhã*, Ano VI, nº17, RJ, 9/61934 (artigo não assinado); p.5.

<sup>15</sup> Conforme, entre outros, PROPP, V. *Comicidade e riso*, (tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade) São Paulo: Ática, 1992, p.49.

aspecto grotesco, outras referentes a sua profissão, em geral ligada ao comércio, ou ainda a sua condição social, como já dito.

Assim, como veremos mais adiante, a representação recorre volta e meia a “verdades” absolutas como: “português é burro”, “português não gosta de tomar banho”, mas “português gosta de crioila”, “usa bigode”, e quase o arranca quando “torce pelo Basco”, como todo português que se preze é “dono de um armazém de seccus e mulhadus”, no qual atende pelo nome de “Juequim”, ou “Manuéli” e sente uma “terrível” e “incumensurável” saudade. “Soidade” da “terra”, do “vacalhau”, do “binho do Porto”, da “minha queninha berde”, do bom “fado portuguez”, aliás, mais “terrível” e “incumensurável” que a sua saudade só mesmo a sua “cuçaira”, causa dos “pulsibaijos” e do “vanho trimestrali”.

Padoxalmente a matéria básica com que o gênero é forjado (estigmas e preconceitos) o que resulta é um questionamento de posições fixas que elegem a superioridade de um ou outro grupo, de modo que tanto portugueses como brasileiros, são colocados numa relação móvel em que as imagens que os identificam são freqüentemente confrontadas e reconsideradas. Assim sendo, a crítica à mecanicidade de pressupostos compartilhados sobre esses indivíduos recai também nos preconceitos destinados a outros grupos, recai, principalmente, no próprio procedimento que prolifera perspectivas rígidas e inflexíveis.

Há de um lado uma representação fixa calcada na rigidez do estereótipo e de outro a pluralidade de papéis que o não-nacional assume, ou seja, cria-se um espaço discursivo em que a representação é formulada sob vários ângulos.

Tendo isso em vista, será apresentado a seguir um painel com as principais matizes utilizadas para se pintar o retrato, ou os retratos, melhor dizendo, do não-nacional português, procurando levar em conta, principalmente, os modos de representação dessa alteridade que acabam por desenhar, na contraluz, a imagem do próprio nacional.

## CAPÍTULO III

O MACARRÔNICO DO PORTUGUÊS DE  
PORTUGAL EM A *MANHA* E NO DIÁRIO DO ABAX'O  
PIQUES

## I. OS ARTIFÍCIOS

O macarrônico, como visto, se funda sobre uma matéria essencialmente híbrida, tanto no que diz respeito à linguagem utilizada quanto no que se refere ao princípio de mistura de gêneros ali empregado, ou ainda, no tocante ao jogo movediço que realiza com os estereótipos relacionados ao grupo de não-nacionais representado. De fato o próprio texto e os signos que desencadeia nos remetem a um “clima” de transição e hibridez. O macarrônico assim encerra um tipo de tradição que fica **entre** a erudita e a popular, uma linguagem que fica **entre** a nacional e a estrangeira, um tipo de representação que fica **entre** a fixidez de estereótipos e a relativização dos mesmos, uma perspectiva do “estranho” que fica **entre** a própria e a alheia.

Assim, o mesmo fazer estereotipado que limita o não-nacional a um personagem-tipo e que, aparentemente, reduz o seu ponto de vista a um monte de “vustairas”, logra expressar no texto macarrônico uma pluralidade de vozes e perspectivas bastante originais que, na contramão desse modelo, dotam o gênero de um viés relativizador.

Isto oferece um índice interessante sobre os modos da construção da representação do não-nacional no macarrônico do português de Portugal, quase sempre formulada a partir de falas e pontos de vista distintos.

Para facilitar a compreensão, os textos analisados serão discutidos a partir de alguns dos temas e estratégias mais recorrentes nessa variante do gênero, procurando retratar as diferentes posturas apresentadas em relação à representação do indivíduo de origem lusa e ao processo de composição da personagem.

### 1). A SUJAIRA, A CUÇAIRA E OUTRAS ETIQUETAS

Como já dito é bastante comum nos gêneros ditos inferiores a presença de aspectos da ordem do grotesco. Neles, muito daquilo que em gêneros “elevados” figura como baixo, reles e ridículo, devendo por isso ser evitado, aparece em primeiro plano.

Tal característica, além do efeito hilariante, uma vez que o cômico se desenvolve a partir de ações absurdas e inesperadas, revela também o realce que gêneros como o macarrônico atribuem ao homem em seu aspecto físico. Este homem é evidenciado principalmente pelo seu corpo em suas necessidades e funções fisiológicas involuntárias. Desse modo, ele é tomado como objeto de representação em seus aspectos mais mesquinhos e insignificantes, em seus defeitos e não em suas qualidades.

O macarrônico do português de Portugal opera com esta inversão de valores. Assim, os temas da comilança, da embriaguez, da falta de higiene, dentre outros, como é comum na literatura satírica e humorística, ocupam um lugar de destaque e garantem a implantação de uma lógica do absurdo em que o disparate é reconhecido como um procedimento apropriado.<sup>16</sup>

Há, é claro, por detrás desse resgate da medianidade da “vidinha” comum o objetivo de provocar um riso ingênuo, principalmente, pelo fato destes temas estarem também diretamente relacionados aos estereótipos comumente associados aos portugueses.

Entretanto, se de um lado essa representação junto ao plano físico-carnal garante a ridicularização da personagem portuguesa, de outro, hábitos como o “vanho trimestrali” e a gula são apresentados como práticas vigentes, usuais e portanto normais.

“Modus correctos de portar-se á mesa”, publicado no “Supprimento de Portugali” em novembro de 1929, é um exemplo disso. Uma espécie de etiqueta

---

<sup>16</sup> PROPP, V. *Comicidade e riso*, (tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade) São Paulo: Ática, 1992,p.49.

as avessas, o texto, assinado por Chaby Bilela, apresenta moldes nada convencionais de comportamento:

U milhore sustema é appareceire saim abizaire á hora du amoço.

Logo que chigar á mesa u prumairo prato u gajo senta-se e disdóbra u guardanapo, mettendo-lhe uma dais pontas pur dentro du cullarinho ou, intãon, (e isto é mais correcto) dando-lhe uma bolta im roda du puscoço e aplicando-lhe um nó cego pur detraz.

Uma beis suntado u freguêis bai se surbindo á buntade, pra nãoon dare trabalho aus donos da casa.

Si u primairo prato fôre uma sopa e si estiber muito quente, debe assupral-o cum força inté qu' isfrie.

Quando u fruguêis tumou todo o prato da sopa e nãoon apparece um segundo prato, é muito cumbiniente rupitire a sopa pru causa dais dúbidas.

U binho berde toma-se como agua, apanhando u copo cum ais duas maõns, si as tibér.

U bife açubulado cum arrois, cóme-se de garfo e de faca, usando-se, quando si taim pressa, ainda a culhére. Cum u garfo spéta-se u bife e cum a faca léba-se u arrois á vôcca. Cum miolo de pão limpa-se o mólho du prato, sp'rando a beis da guellinha ou de qualquer oitro prato cum brado d'armas.

Si a guellinha, fôre um p'rú, tanto milhore. Aprubeita-se-lhe baim u serrabulho e us ossos bão-se atirando pur vaixo da mesa, porque nunca faltará um cachorro da casa qui us diglutta.

Quando há doces e fructas na subrimesa, u fruguêis cóme ais fructas que póde e rubate tudo cum us doces.

U café toma-se na chicra, quando frio, mas si stiber quente deita-se nu pires p'ra sfriare.

É uma proba de inducação e de vò inçubilidade sahire da mesa cum um palito na vôcca. Nãoon fica male ainda apanhaire algum cumestibel á sahida da mesa, mettendo-o nu bolso, pra dispois.



U fruguêis, então arritira u guardanapo do puscoço, arróta, pra mustrare á familia que cumeu e que gustou, e, antes de rutirar-se, diz maia duzia de chalaças pra a gente de casa não ficare triste.<sup>17</sup>

A imitação burlesca do discurso de boas maneiras faz rir e o faz, justamente, porque opera na contravenção de um modelo pré-estabelecido, apresentando um conjunto de norma contrário ao esperado.

Porém, embora os “ensinamentos” ali discorridos não caminhem ao encontro do que seria estabelecido pela boa “indução” e “inçubibilidade”, elementos como o uso do guardanapo, o manuseio dos talheres, etc., não deixam de ser sua matéria principal. O que ocorre, na verdade, a exemplo da linguagem, é uma deformação de valores vigentes.

Aliás, a recriação dessa modalidade textual não se restringe ao assunto tratado, estendendo-se para o plano formal, no uso de formas fixas, como, por exemplo: “Logo que chigar á mesa u primairo prato”, “e isto é mais correcto”, “Si u primairo prato fôre...debe”, “Si a .... fôre um ..., tanto milhore” e tantas outras.

Outro aspecto que merece atenção é o fato de os estereótipos da comilança, da embriaguez e da grosseria, ali reunidos, não aparecerem de modo explícito, quer dizer, em nenhum momento é afirmado que portugueses são mal educados, porque chegam sem avisar, bebem muito, arrotam, comem demais e ainda levam comida no bolso, nem mesmo há referência direta a portugueses. Isso é pressuposto pelo leitor através da autoria suposta, da linguagem macarrônica e, é claro, do reconhecimento de tais práticas como atitudes “tipicamente” portuguesas.

Do mesmo modo, que a inversão das regras de comportamento apresentadas no texto só figuram como cômicas aos olhos de quem as lê porque existe um conhecimento prévio das regras convencionais, a associação dos estereótipos aos portugueses só ocorre porque os leitores podem se apropriar de fórmulas que os identificam desse modo.

---

<sup>17</sup> BILLELA, Chaby. “Modus correctos de portar-se á mesa” em *A Manhã*, Anno I, nº5, RJ, 7/11/1929, p.3

Em um outro texto publicado n'A *Manha*, em 27 de fevereiro de 1929, "Ai Agua", elementos do grotesco juntam-se ao estereótipo com acentuado traço cômico. Trata-se de uma "circumf'rencia" do "dotoire Arthure Pinto da Rocha" também apresenta um retrato da personagem portuguesa reforçando aspectos de ordem física. O texto, além disso, trabalha com o choque de expectativas, na medida que o tema tratado, na oscilação entre empostação e ridículo, é tratado de modo absurdo. A conferência que em seus moldes normais busca abordar assuntos de interesse comum e de caráter "científico", é travestida em "circumf'rencia" e aborda assuntos sérios sob um ponto de vista que simula o ridículo, ou assuntos ridículos sob um ponto de vista que simula o sério. Nesse passo, as atividades mais íntimas como a higiene pessoal, o "vanho" são trabalhados como assuntos de utilidade pública. Dito de outro modo, o texto em questão, com o objetivo de desvendar defeitos ocultos da personagem portuguesa, mas também de desvitar a lógica convencional do discurso erudito e normatizar uma outra, enfatiza ações e comportamentos individuais privados, a exemplo do que ocorre com uma série de elementos ligados a escatologia.

A pudido de dibersas familias da nossa milhore suciadade e d'imputantes mémbaros da culónia, u inlustre cumpetricio dotoire Arthure Pinto da Rocha, rupitirá calquér dia destes, na séde da "União Faiz a Força dus Bareijistas", a sua inluquente circumf'rencia a ruspaito d'"Ai agua".

Por uma diff'rença muito praticulaire du distincto cunfrade, a nossa folha, p'la segunda beis, puvlica em primeira mãon, essa vellissima peça litraria du grande oradoire.

Alãon! Alãon! Alãon! Ricummendamos u maximo silêncio, que u gajo bae falaire:

'Meus sinhoires,  
Minhas senhouras,  
Distincto oditóro!

Ai agua é um corpo molle, inbisibel e transparente, como u bidro dum copo ou dum tulus-copo.

Ai agua é muito mais antiga que a Sé de Vraga e baim du dilubio unibersale.

Ai agua é cumposta de dois génios diffrentes: – u filogénio e u infigénio, que sãon corpus simples, mas, au mesmo tempo, muito cumplicados.

Nais culónias du Vrasil ai agua é imprugada pra vanhos, mas este uso é cundunnado p'la hygienica. Foi u Arquimedes, quando tomaba um vanho em Copacabana, quaim discuvriu que todo o corpo mirgulhado nai agua perde uma parte du seu peso inguale á parte de sujeira desconlada. Desta fórmula, todo o indibiduo que toma vanho stá, portanto, sujeito a perdeire uma parte du peso du seu corpo, inguale au balume descoulado.

Em Purtugali, ai agua é só impregada p'ra infraqueceire u binho d'expurtaçon.

Ais dibersas calidades d'agua sãon: – selgada, douce, furbida, fria, em vapoire e dustilada.

A selgada não presta p'ra nada, a douce e a fria sãon imprugadas nus rufrescos e surbetes; a de vapoire nas machinas de ferro e a dustilada em bidrinhos que lh'os dão u nome de Homem-pathia.

Dizem que ai agua é um rimedio muito vom p'ra us calos, vastando apenas labare us peses diariamente uma beis pur meis, mas eu cá nunca sprumentei.

Tumando ai agua saim precauçon é um veneno murtale, como acuntece aus afugados.

Tenho dito!"<sup>18</sup>

Aqui, como no texto assinado por Chaby Bilela, há a apropriação das formas do discurso deformado. Como se vê, Arthure Pinto da Rocha, ou, melhor dizendo, o “dotoire” Arthure Pinto da Rocha, apesar do ridículo de suas colocações em que ecoa o estereótipo, segue um roteiro coeso, organizado e coerente. Isso, é claro, de acordo com os paradigmas do seu contexto de enunciação. De qualquer forma, ele define seu tema, o historiciza, classifica, apresenta exemplos, mostra aplicações práticas para o seu uso, os riscos e benefícios, desenvolve uma nomenclatura, identifica as características mais importantes, enfim, o disparate e a norma se cruzam, tornando evidente de um

---

<sup>18</sup> “Ai agua” em “Supprimento de Purtugali”, *A Manha*, RJ., Ano I, nº21, 27/02/1930 (artigo não assinado).

lado a ridicularização da personagem através do estereótipo, mas de outro a “parodização”, digamos assim, do modelo textual que recria e questiona.

Outro traço que fica evidente é a referência direta aos portugueses e sua identificação com o orador. Diferentemente do texto analisado anteriormente há, além da autoria suposta, da linguagem macarrônica e do estereótipo, a presença de índices discursivos como “membaros da culónia”, “cumpetricio”, “União Faiz a Força dos Barejistas”, “Em Purtugali”, dentre outros, que repetidos em vários textos reforçam a definição da personagem como tipicamente portuguesa, como veremos a seguir.

## 2). A CLASSE DOS COMERCIANTES

A contraposição de originais de *A Manhã* e do *Diário do Abaixo Piques* permite perceber que há diferenças relevantes entre as estratégias de representação comumente empregadas nestes periódicos. Daí ser possível constatar, n' *A Manhã*, a criação de um espaço de enunciação “mais português” (no sentido estereotipado do termo).

É certo que tanto em um quanto em outro jornal há a manutenção das características básicas que compõe o gênero já aqui mencionadas. Entretanto o modo de operar estas estratégias difere de um espaço de enunciação para outro.

Poderia se afirmar que n' *A Manhã* esses modos de construção são trabalhados de modo mais complexo, ou ainda, de modo mais sistemático, tanto que ali é possível destacar uma representação comum do imigrante português, ainda que apresentada sob diferentes ângulos, temas e formas textuais recorrentes, etc. Em outras palavras, a personagem portuguesa adquire contornos mais precisos, o espaço discurso é mais amplamente caracterizado, enfim, os recursos expressivos do gênero são potencializados e trabalhados de modo mais criativo.

Isso ocorre por diferentes razões, a primeira, de ordem prática, seria o espaço de tempo em que estes jornais circularam do que também decorre a quantidade de colaboradores, o número de textos, o possível amadurecimento e recorrência de personagens e estratégias de representação, o estabelecimento no espaço discursivo de elementos que repetidos possam ser reconhecidos pelos leitores, etc.

Desse modo, do conjunto dos cento e vinte textos em macarrônico do português de Portugal que compõe o corpus selecionado cem são publicados n' *A Manhã*. Além disso, é possível verificar ali uma infinidade de autores supostos que com frequência colaboram para o “Suprimento de Purtugali”, tais como: Simães Cuelho, Flinto Lápis de Almeida, Chaby Bilela, Simão de Laburairo e tantos

outros, enquanto que no *Diário do Abaixo Piques* como colaboração mais assídua destaca-se apenas Pacheco d'Eça.

É importante deixar claro que essas afirmações não se aplicam a todos os textos, embora sejam predominantes, o que não impede que se encontre no *Diário do Abaixo Piques*, por vezes, um trabalho mais elaborado em torno do estereótipo e das demais estratégias comuns ao gênero, do mesmo modo que existem momentos n'A *Manha* em que ocorre um esvaziamento do lugar de enunciação, restando como estratégia maior de representação o uso da linguagem macarrônica. Tais casos são mais exceção que regra geral, pois em textos como tais o macarrônico perde o melhor de seu caráter polêmico e crítico.

O esboço da sofisticação que o processo de composição da personagem portuguesa pode adquirir no “Suprimento de Portugali” pode ser visualizado no intrincado jogo de imagens e perspectivas ali apresentado. Assim sendo, de um lado o personagem português é representado como um sujeito refinado a movimentar negócios grandiosos que exigem alto nível de “intulugência”, de outro é retratado como um trabalhador braçal, ainda sob outro ponto de vista, ainda que ocupando uma posição social desprivilegiada, é dono de um armazém de “seccus e mulhadus” que rouba na balança e é reconhecido por elementos como a sujeira, a burrice, etc.

“U Sinhoire Juequim Meguelhães”, por exemplo, numa “circumf'rencia” intitulada “É u credito que dá a varriga ou é a varriga que dá o credito” é apresentado da seguinte forma:

U sinhoire Juequim Meguilhãens da Silba Vastos é um litrato.

U facto delle seire tamvaim socio cummanditario da impurtante firma desta praça Meguelhãens & Cia. não l'ho tira, porque u gajo é, de facto, intulugente e mithodico: — nais horas distinadas au cummercio intelectuale, é só p'ra ais musas; nais horas cunsegradas au cummercio pur atecado, é só p'ra a frugizia.

Desta formula u nosso emigo bae temperando cum pouco fogo a panella da litratura e rumexendo debagarito a caidaira dus nigocios, saim musturaire alhos cum vugalhos.

É assim que debe seire e é pur isso qu'esse nosso inlustre petricio é qu'rido e ruspaitado como uma dais mais impurtantes jumentalidades da culónia.

Entre musas e sardinhas o personagem do comerciante português recebe alguns atributos mais sofisticados, sua ligação com a literatura, e outros nem tão elogiosos assim como é o caso do singular adjetivo “jumentalidade”. A exemplo do que ocorre com outras palavras nesse contexto, “circumf'rencia”, já aqui mencionada, ou “cisculugia”, entre outras, o trabalho em torno da linguagem ultrapassa o plano dos componentes lingüísticos unindo-se ao estereótipo da burrice e efetuando a criação de um vocábulo de sentido próprio e característico do espaço de criação que o macarrônico propicia.

De um lado o personagem é apresentado como literato, membro de uma importante firma, inteligente, organizado, respeitado e de outro é associado a um animal de modo a causar o riso e desvendar o estereótipo da burrice. Em outros exemplares do macarrônico do português a aproximação do homem com animais, ou a comparação entre eles, ocorre com freqüência. Isso, é claro, porque os animais em questão, a exemplo do burro, recebem do senso comum algum atributo que põe em relevo características negativas, que são projetadas sobre o individuo, como, no caso, a inteligência curta e conseqüente incapacidade para o trabalho intelectual.<sup>19</sup>

Mais adiante, seguindo a resenha da “circumf'rencia” do Sinhoire Juequim Meguelhães sobre a relação entre o crédito e a barriga, o autor suposto aponta uma conclusão interessante do orador, o que de certo modo explica sua rara inteligência:

---

<sup>19</sup> Como ocorre no poema assinado por Bicente Beiga, sugestivamente intitulado “Vesta de Carga”: Saim amoire, fé, naim binho/Ó bida de suvresalto!/Puxaire sempre um querrinho,/C'us péses a ardeire nu sfalto./Frenguinhas á cavidella,/Vacalhuadas di luxo./Pastelõens, iscas cum ellas,/Nada disso bem-me au vuxo./Mussuró, f'liz queballo,/Taim u milhore quepim,/Taim bit'rinario a tretal-o/E nada disso é p'ra mim./Au bê-lo me baim á mente/Intrinal-o num lyceu./Pois Mussoró é que é gente/E u queballo... su e... em “Supprimento de Purtugali” *A Manhã*, RJ, Ano V – nº35 – 22/9/1933; p.3.

Na plutéa habia uma imundice de gente d'amvos us sexos, saim falaire n'algumas sinhouras fuministas e alguns quebalheiros idem.

U theima avurdado pelo oradoire foi a discussãon du pruvlema de cisculugia: — É u credito que dá varriga ou é a varriga que dá crédito?

U sinhoire Juequim de Meguelhãens, antes d'intraire na matéria, diclarou qu'u assumpto era um tanto indilicado e que já tinha sido estudado pur oitros inirgumenos, mais saim risultado.

A questãon du credito e da varriga, affrimou u oradoire, é mais ou menos como aquell'oitra du óbo e da guellinha, qu'us savios inté hoje nãon cunsguiram discuvrire cal foi que nasceu primairo.

U sinhoire Juequim Meguelhãens acha que quaim nasceu primairo nãon foi naim á gellinha naim u obo. Quaim nasceu primairo foi u pinto.

U uradoire, pur isso, é de upinhiãon que é vistaira pelo mesmo cunsguinte, staire agora a si discutire cal é que nasce primairo, si u credito ou si a varriga, purque, lá nu seu fraco módo de intendeire, acha que, antes delles, taim que nasceire u dinhairo.

Saim dinhairo, isto é, saim ais massas incephrálicas, nãon há credito e muinto menus varriga.

U pinto birou guellinha e a guellinha butou u ôbo.

Mutatis, butatis — como dizem us allimãens — só dispois du indibiduo teire u dinhairo e que lh'u baim u credito e dispois, entãon, é que lhi cresce a varriga. Essa é que é a ingrenagem.

Ais conclusões a que chigou u inluquente cisculogista, com a sua ergumentaçãon surrada e irrispundibel, probocaram instripitosas manufestaçoens da sulétra insistencia, que se dibidiu em duas partes, uma pra a vanda de cá, oitra pra a vanda de lá.

Cando ais duas vandas, nu agio du entusiasmo, se preparabam pra se ingalfinharem, armando grosso serilho, introu inupinadamente cum seu jogo philarmonico a qurida e baim afinada vanda du Urfeãon de Purtugali.<sup>20</sup>

<sup>20</sup> “É u credito que dá a varriga ou é a varriga que dá u credito” em “Supprimento de Purtugali”, *A Manha*, RJ, Ano III, nº44, 23/101931.



Ainda que a associação do dinheiro aos dotes intelectuais reforce a bestialidade da personagem, fica clara sua posição privilegiada dentro de seu grupo. Ele não é um comerciante qualquer, há índices que apontam para uma certa sofisticação do comerciante estabelecido no ramo dos secos e molhados.

Assim, para “compensar” a vulgaridade de sua profissão o imigrante português é descrito como comerciante e literato ou comerciante e comendador, ou ainda comerciante e membro de alguma das mais ilustres instituições da colônia lusitana, enfim, ao lado da “perna curta” comerciante é acrescida uma adjetivação capaz de atribuir aos “inlustres petricios” alguma espécie de status.

Em contraponto à empostação do Sr. Juequim Meguelhães, figura o absurdo de seu tema e a ridicularização de sua imagem que acabam por revelar o predomínio de um ponto de vista brasileiro.

No macarrônico do português de Portugal a ambivalência do discurso pode ser percebida na dinâmica da constante oscilação entre auto-congratulação e rebaixamento a que são submetidas personagens lusas, ou na confluência da negação e reconhecimento de diferenças.

Além dos atributos pessoais existem outros índices que buscam indicar o refinamento por parte do comerciante português, como, por exemplo, a constante referência a reuniões, associações, livros, festas e uma série de outros organismos institucionais. A série de textos reunidos sob o título “U primairo cungresso dus portuguezes nu Vrasile” é um modelo disto. Ali o assunto principal tratado é o comércio “barejista”, entretanto este é envolto por um aparato que reúne desde a fundação de um partido até a colaboração de representantes culturais.

O primeiro texto desta série é publicado em 19 de setembro de 1931. Nele se menciona a existência de um comércio estruturado e organizado, como também de uma “comunidade” portuguesa no Brasil com suas várias entidades e figuras públicas. A própria realização de um congresso de portugueses no Brasil já aponta para isso:

Cum a prusença dus bultos mais ruprusentatibos da culónia, riuniu-se ant’hontem á noute, na Caimbra Purtugueza du Cummercio, a

Commissãon Organizadoira du Primairo Cungresso de Portuguezes du Vrasile, au quale já adhiriram ais instituições lusitanas de todo u paiz.

Lá stiberam us sinhoires visconde Dimuraes, u varãon de Soiza Prego, u cummendadoire António Burdallo, u emvaixadoire Duarte Laite, u pueta Simãens Cuelho, u jornalista munarchico Simãon de Laburairo, alguns militares da Lighte, u cummendadoire Rainho e mais us dulegados dais suciadades portuguezas instelladas nu Vrasile.

U primairo que felou foi u sinhoire Juequim António Pardellas, continuo e vivliuthicario da “União Faiz a Força dos Bairejistas”, estabelecido cum vutiquim e restorante.

U oradoire cumeçou dizendo que Portugali taim qu’avrire u olho si não quizere lebare na caveça na questãon dos binhos.

Elle stá de pé, mas fala de cadaira a ruspaito da matéria.

Us binhos du Rio Grande stãon avarrutando u murcado du Rio de Janeiro, imquanto a impurtaçãon dos binhos de Portugali vae diminuindo assustadoiramente.

Us portuguezes, purtanto, taim a uvrigaçãon de prutegeire a pruduçãon de binho da terra, não só impurrando pra a fruguizia us binhos de Portugali, mas tambaim dismuralisando us binhos du Rio Grande.

U prucesso é muito simples e dá us milhores resultados: — nu binho vom du Rio Grande pespega-se-lh’e um ratulo, e um selio brumelho como si biesse de Portugali e nu binho que baim de Portugali, applica-se-lhe uma vòa dusagem de campeche e oitras drogas du stylo, dizendo que baim du Sule, qu’u frugueiz dispois nunca mais quer saveire de binhos du Rio Grande.

U oradoire, ao acavaire a sua falaçãon ruceveu de todos os membraros da culónia muintas inflicitaçõens.

U sinhoire Duarte Laite, prusidente da riuniãon, logo dispois cuncedeu a palabra au sinhoire Arnesto Tuxaira de Baiscunsellos que duclarou que, como membraro da culónia, staba de prufaita cunfrumidade cum ais palabras du oradoire anteriore e aprubeitava a uppurtunidade pra cumprimentaire u sinhoire Varãon de Soiza Prego, ali prusente, pur mutibo de seu annibersario bitalicio.

Im seguida a sissãon foi suspensa, sendo cunbucada uma noba riuniãon dos barejistas, pra a proxima sumana.<sup>21</sup>

Como pode ser percebido, por detrás do refinamento do comerciante português, prevalece ainda sua “natureza” mediana que o prende à pequenezas e não permite que se desvencilhe de sua desonestidade e patriotismo postas como naturais. Além disso, há o predomínio de um ponto de vista nacional sobre o assunto que não só o classifica dessa forma, como também desclassifica o produto estrangeiro.

De qualquer modo, destacam-se índices como “Caimbra Portugueza du Cummercio”, “Commissãon Organizadoira du Primairo Cungresso de Portuguezes

<sup>21</sup> “U primeiro cungresso dus portuguezes nu vrasile” em *A Manhã*, Ano I, nº49, 19/9/1930; p.12.

du Vrasile”, “instituiçõens lusitanas de todo u paiz” e, é claro, a “Uniãon Faiz a Força dus Bairejistas”. Todas estas instituições e seus representantes, ainda que sejam artifícios, colaboram não só para atribuir uma nova nuance à representação do não-nacional português, mas também para a criação de um espaço de enunciação “tipicamente” português.

Um outro aspecto interessante do texto são as referências temporais (“riuniu-se ant’hontem á noute”, “uma noba riuniãon dus barejistas, pra a proxima sumana”). Indicadores como estes, através da idéia de continuidade e hábito, potencializam a simulação de um comerciante português unido a uma classe organizada. Mais que isso, reforçam a construção textual de uma “comunidade” que vive as mesmas experiências, tem as preocupações e interesses comuns, os costumes e crenças análogos, etc.

Um outro exemplar da série intitulada “U primairo cungresso dus portuguezes no Vrasile” já se inicia com uma referência desse tipo: “Stá riunido, ha dias, nesta capitale, u grande Cungresso dus Purtuguezes nu Vrasile”. Aliás, a própria repetição do título já é em si uma forte referência de cotidianidade.

Aliado a isso se sucede o modelo textual apresentado, semelhante ao de um relatório ou ata, que em sua característica de recapitular assuntos anteriormente tratados, intensifica a sequencialidade e o diálogo entre os textos:

Já foram aprubadas, entr’oitrás ais suguintes pruposiçõens:

- 1) – “A ispansãon du cumercio de vacalhau e serdinhas em scaveche”, – aprusentada e diffendida pelo varão de Peixoto Serra.
- 2) – “A frumentaçon du binho Albaralhãon e us methudos xientificus d’ebital-a, a iella, a frumentaçon”, – bantilada pelo cummendadoire Marques Pinto;
- 3) – “A miseria dus portuguezes nu istranjairo”, rulatada pelo Bisconde de Muraes, que prubou, cum dicumentus, qu’elles sãon miserabeis nu stranjairo, pra puderem bultaire ricus pra a santa terrinha.
- 4) – “U Basco, tri-campeãon de Seccus e Mulhados” – aprusentada plu sinhoire Rauli Campus, sendo aprubada cum frinizi pla assumvléa, de pé.
- 5) – “U seistante de Gajo Coutinho e sua utilizaçon plos abiadoires stranjaios” – dufendida pelo sinhoire Simãon de Laburairo.

- 6) – “Us cuncursos de Veleza e a benda abulsa dus jornales”  
– aprusentada pelo nosso inculaboradoire Simãens Cuelho.
- 7) – “A impurtancia du pelito na hygiéne vuccale e u seu imprego nais panellas dus dentes queriados” – plo dotoire António d’Alcubaça.<sup>22</sup>

O texto aqui transcrito não foge da contraposição entre empostação e comicidade, também presente em outros artigos, de modo que o comércio varejista ganha ares de grandiosidade e as questões de interesse da “culónia” adquirem o estatuto de teses, a exemplo do que pode ser visualizado num outro fragmento de um dos textos que compõe essa série:

U Prumairo Cungresso de Portuguezes nu Vrasile stá uvitando um grande e istraordinario successo.

Pondo de vanda ais dibersas e impurtantes questõens d’ordem incunómica, qu’estãon sendu devatidas cum alta saviduria, pra se teire uma baga ideia da elebação de bistas que baim prusidindo aquelles trevalhos, basta dizer-se que já se cunsidera como questãon liquidada e uffiicialmente apprubada pla douta assemvleá, u uso cunsicutibo nu cummercio bareijista du kilo d’oitucentas grammas.

Essa irrisolução, certamente baim d’incontro a uma belha e justa espiaração dus niguciantes de seccus e mulhadus, que de há muito binham s’isfurçando pla implantação d’esse rijumen, arriscando muintas bezes a s’indisporem cum us fiscaes da Prufaitura.

Nãon deixam tavain de mereceirem us mais quelurosos inlugios us isfórços du cungresso, nu sentido d’intinsificaire a impurtação pra u Vrasile du vacalhau portuguez, dais serdinhas em tumate, dus pelitos pur atacado, du binho burdasco e du ripolho em conserbas.<sup>23</sup>

Seguindo os demais textos da série “Prumairo cungresso dus portuguezes nu vrasile”, este reforça o esterótipo da desonestidade dos comerciantes portugueses. Reforça ainda a superioridade posicional do autor suposto em relação ao grupo que representa, quer dizer, embora simule um ponto de vista português e fale em lugar do não nacional, o cronista assume e repete formas cristalizadas do discurso nacional sobre os portugueses.

Estes elementos sugerem um intenso diálogo entre o que se diz no “Supprimento de Portugali” e o que é supostamente dito pela opinião pública.

<sup>22</sup> “Prumairo Cungresso dus Portuguezes nu Vrasile” em “Supprimento de Portugali”, *A Manhã*, RJ., Ano III, nº21, 9/5/1931 (artigo não assinado); p.3.

<sup>23</sup> “Prumairo Cungresso de Portuguezes nu Vrasile” em “Supprimento de Portugali”, *A Manhã*, RJ, Ano III, nº22, 15/5/1931; p.3.

Assim, é comum os textos iniciarem com formas como “us jornais estão rupletos”, “us tulugrammas bindos dus Stados Unidos”, “Andam pur ehi uns gajos metidos a dizeire”, “us jurnaes da terra”, enfim, uma série de discursos paralelos que simulam diálogo e polêmica entre o suposto jornal português e outros órgãos de imprensa.

Bakhtin, analisando as linhas básicas do romance humorístico, ressalta esse aspecto:

As palavras desmistificadoras do autor se apresentam como encravadas numa citação da “opinião pública”. Temos uma construção híbrida típica, onde o discurso direto do autor é a oração subordinada, e o discurso de outrem, a principal.<sup>24</sup>

No *Diario do Abaix’o Piques* estes índices, embora de forma mais rara, também aparecem. A menção a personalidades públicas, por exemplo, que nos textos normalmente aparecem dando “suas” opiniões sobre algum assunto, na maioria das vezes absurdo, como que assumindo um discurso que tende a se voltar contra si mesmo. Essas personalidades são forjadas, como quase tudo no gênero, não passando de mais um artifício que colabora para a constituição de um espaço de enunciação que se pretende plenamente português, ainda que os autores “reais” sejam brasileiros.

Como é o caso do texto que apresentado a seguir, pois o nome “Marotinho Novre”, que nele aparece, identificava, em versão macarrônica, o embaixador de Portugal no Brasil. Esta figura, no entanto, não colaborava de fato nem para o *Diario* nem para *A Manhã*, ainda que seja com frequência mencionado nos dois jornais. Assim, devemos desconfiar de que as opiniões ali apresentadas sejam as suas, e não as do autor que o personificou, para o que assume um tom caricatural bem próprio da comicidade do gênero macarrônico.

O texto em que o “Invaixadoire Martinho Novre di Melluziadas” aparece como “autor”, ou, melhor dizendo, como personagem, foi editado no *Diário do Abax’o Piques* em 27 de outubro de 1933. O embaixador é notícia na página em virtude

---

<sup>24</sup> BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética* (A teoria do Romance), São Paulo: Hucitec, 1988, p.112.

de uma homenagem que teria a ele sido feita num “vanquete nu cluviu cumerciale” em que numa espécie de exercício intelectual, ele exhibe os seus conhecimentos de modo a definir a pátria:

Patria, diz o Sinhoire Martinho Novre, ié u sentido idiologico di Portugale-luziada, q'impiliu a raça á sua grande distinção historica, p'la iluminaçom dus mortos, amurtalhados no sangue dus hiroes, di manairas a atingire u muito raciale das idéias i das cunquistas, tudo isto ain harmunia cum u sentido intrigalista da Raça, qa bai direta ao nucleo primitibo i traça uma bisão panuramica do futuro, uma fisão da noba Atlandida di Thais i di Solaon na Grecia.

A assistancia istá perplexa!

Ou antaom, isclama S. Insulancia, sirá a tecnica da rialisaçom du pinsamanto.

—Ou sirá sirá u Vinidito? prigunta um dus cumbibas.

—Naom, risponde Sua Insulancia, ié a arrancada dus Portugueses quinhantistas, qa saom us Paulistas das Vandairas Disprizadas, q'aim carabanas pasturis, alargaram as caviçairas du Tucantins, i passando p'lu Tretado das Trudisilhas atingiram, antre ilusões d'oiro di disinganos i dicipções, as proprias fontes du Diraito Intrunacionale.<sup>25</sup>

O discurso supostamente do embaixador exemplifica um recurso estratégico comum nos textos macarrônicos do português de Portugal, empregado no caso para satirizar uma autoridade portuguesa. Ao fazer dele, à revelia, personagem macarrônica, responsabilizando-o por um discurso sobre a pátria, jogava-se sobre ele a imagem ali construída, mas também introduzia-se neste espaço de enunciação índices discursivos que colaboravam para a simulação de um ponto de vista português.

---

<sup>25</sup> “As huminagens au Invaixadoire Martinho Novre di Melluziadas”, em *Diario do Abax'io Piques*, SP, n.21, 27/10/1933, p.5 (artigo não assinado).

### 3). JOGO DE IMAGENS

É comum apresentar-se nos originais analisados a discussão sobre problemas e eventos ligados ao cotidiano brasileiro, tratados quase sempre de modo irônico e com uma crítica ferrenha. O que é importante reforçar nesse caso é o modo como a referência direta a um aspecto do contexto da época é utilizado, ou seja, se o autor simplesmente esconde-se atrás da linguagem macarrônica e da autoria suposta para apresentar sua opinião sobre o tema, ou se ele o desenvolve de modo a simular um ponto de vista português, quer dizer, a personagem se vale de índices contextuais como forma de reflexão sobre o tempo em que escreve sim, mas, principalmente, como forma de construir, associado ao uso do estereótipo, um espaço híbrido que contrapõe à perspectiva nacional uma outra que simula a alheia. Tudo é ali julgado segundo essa perspectiva estrangeira e direcionado em função dela.

Na página “Diariu du Avaix’o Piques” assuntos relacionados a vida política, por exemplo, são tratados, de modo geral, segundo uma ótica quase que exclusivamente nacional.

Em artigo, referente a anistia dos revolucionários de 1932, publicado em 12 de outubro de 1933, pode-se perceber esse esvaziamento do lugar de enunciação português.

Andam pr’ai us jornais a libantaire u’a cileuma di todos us dimónios, a beire si u Gubernu Prubisóriu si risolbe a cuncideire aus rubuluciunairus di 1932 a mais ampola anistia(...)

Nós, di curaçaom, nus assuciamus a iesta qempanha humanitária.

Siria nicissariu cumplita-la, fazendo-se um trevalhinho junto ao Padre-Interno, nu santido di qa pudessem tanvaim rigrissaire au Vrasile aqueles rubuluciunairus menus rispunsabeis di fato p’la merosca i qa foram dufinida i indufinitivamente inzilados pru oitro mundo.<sup>26</sup>

<sup>26</sup> Em o *Diario do Abax’o Piques*, SP, n.19, 12/10/1933, p.5 (artigo não assinado).

Nesse caso, com exceção da autoria suposta e da linguagem macarrônica, nenhum outro elemento é utilizado e o jogo de composição da personagem portuguesa e seu ponto de vista não é concretizado.

No “Suprimento de Portugali” em *A Manha* eventos relacionados a vida política brasileira também aparecem. Aqui, porém são interpretados segundo um ponto de vista que simula o do não-nacional.

Em texto publicado em fevereiro de 1935, por exemplo, o autor suposto apresenta sua perspectiva sobre o movimento integralista brasileiro tendo como contraponto, é claro, o movimento integralista lusitano:

Rulãon Preto é u chefe naciunale dus intrigalistas lusitanos.  
 É u Pliniu Selgado de Sãon Freixo de Spada á Cinta.  
 Us intrigalistas lusitanos não dizem que sãon homens p’ra deiz naim gritam  
 “Anauê!” cando s’incontram.  
 Us intrigalistas lusitanos sãon homens serios e nãon bãon nessas  
 guellinhagens.  
 Us intrigalistas lusitanus sãon urganizadus:  
 Um intrigalista faiz a pulicia.  
 Deis intrégalistas sãon ais delicias.  
 Mile intrigalistas formam ais milicias.  
 Uma pulicia bale um cidadãon.  
 Uma delicia bale um p’lutãon.  
 Uma milicia bale um vetelhãon.  
 Um intrigalista que carrega a vandeira chamam-nu de praça ou seja a  
 praça da vandeira.  
 U hymnu intrigalista nãon é u hymnu da Carta.  
 U “nosso hymnu” canta-se vaixinho e saim bariaçõens.  
 É u fado “A minha queninha berde”.  
 Só nesse ponto é qu’us intrigalistas lusitanos sãon parecidos cum us  
 intrigalistas vrasileiros, que cantam “A minha guellinha berde”.<sup>27</sup>

Como se percebe o recurso a um elemento do cotidiano é acionado também como forma de caracterizar a personagem portuguesa e o cenário discursivo em que esta se instaura. Desse modo o autor suposto, baseado na sua experiência de imigrante português vivendo no Brasil, estabelece uma espécie de comparação

<sup>27</sup> “Us intrigalistas lusitanus” em “Suprimento de Portugali”, *A Manha*, RJ: Ano VII, nº4, 2/2/1935.(artigo não assinado). Um outro texto que aparece no “Suprimento de Portugali” sobre o tema é “A intentona intrigalista de Rulãon Preto” em “Suprimento de Portugali”: Ano VII – nº14 – 13/9/1935.



entre os dois grupos. A referência a Portugal, portanto, apresenta-se como um mecanismo para a simulação do ponto de vista lusitano. O autor suposto é então aquele que tenta compreender o espaço no qual se encontra, a partir do espaço de que anteriormente fazia parte. Suas crenças e experiências anteriores ainda são os valores que movimentam para compreender o espaço atual.

Nesse passo, a distinção entre portugueses e brasileiros é uma constante, o que num discurso estrangeiro inflamado “naturalmente” exalta os feitos e glórias portuguesas.

O tema da aviação, por exemplo, abre espaço para uma verdadeira disputa ante o domínio dos céus. O avião, ao lado do automóvel e outros equipamentos modernos inspirava fascínio, ocupava o imaginário das pessoas, e ganhava grande destaque nos meios de comunicação da época.

Tais fascínio e disputa, porém, assumem no contexto macarrônico perspectivas bastante diversas, diria até opostas. Se tomarmos como ponto de partida os escritos de *A Manhã* veremos que os heróis, a glória, os feitos e descobertas históricas são portugueses, mas se nos concentrarmos nos originais do *Diário do Abax'o Piques*, nos confrontaremos primeiro com um ponto de vista parcial sobre um evento específico de São Paulo em que acontece o reconhecimento e elevação de venturas brasileiras.

Explicamos melhor: nos escritos considerados de *A Manhã* sobre o tema da aviação alusões ao Brasil e a brasileiros são marginais, e, quando feitas, só o são para comprovar a “superioridade” portuguesa, e de seus “navegadores”, no campo da aviação. Assim, a importância histórica de vultos locais, em especial Santos Dumont, é sempre desmerecida em relação a figuras como Gajo Coutinho, como percebemos no texto abaixo, publicado nas páginas de *A Manhã* de 18 de junho de 1932:

Pessou-se hontem, entre ais mais bibas menifestaçõens de cuntentamento, u decimo annibersario du magistoso raide aério de Seccadura e Gajo Coutinho.

Dizeire, nestas linhas, u que foi u ixtraordinario feito, feito pur aquelles azes du bulante, e vustaira, nãon se póde dizeire.

U raide Lisvôa-Rio, pur ares nunca dantes atrabessados, seguindo a mesma durrota que siguiu Cavrale, cando discuvriu u Vrasile pur ecase, é um desses ipisodios qu'enchem de gloria paginas e paginas da historia dum pobo.

Não cave, portanto, nu equenhado espaço duma nota, incripta “á bolo duasó”, num minuto, a rusenha cumpleta dessa biagem maravilhosa, que durou mais de seis mezes.

Rumãon Franco, da Hispanha; u Furrairinho, da Intalia; Costa e Levrix, da França; Valvo, Zeppelinho e tantos oitros, nunca tiriam atrabessado u Atlantico si não lh'us tibesse indicadu u queminho u seistante du génio lusitano.

Tirem u chipéu, portanto, e discuvram-se, cum beneraçãon e ruspaito, diante dus hirois que souveram, p'ra honra du glurioso Purtugali, screbeire nu espaço a maior epupéia de que há mimória na mimória dus póbus du planeta.

Em cuntinencia, ó energúmenos!<sup>28</sup>

Como o texto acima transcrito pode ilustrar, no “Suprimento de Purtugali” os feitos e heróis da aviação são portugueses, sem os quais os demais povos nada teriam conseguido. Já no *Diario do Abax'ó Piques*, primeiramente, o tema não ganha tanto destaque e quando surge, privilegia muito mais a sátira a um evento específico de São Paulo, do que a disputa pela glória decorrente da descoberta da aviação, que acaba por ser relegada não a Portugal, mas ao Brasil.

Como si save, cave au Vresile a gloria da discuverta dus aperelhus di buaire saim azas (airustatus) i dus aparelhus di buaire valaom di gaz (airuplanus). Rugistrou-se agora aim S. Paulo um bouo saim azas, saim gaz i tanvaim saim mutoire.

Esse bouo foi rializadu p'luma isquedrilha di cadairas, q'a tendu há tempus diculado surratairamante du Pelacio dus Campus Ilisius, bieram agora atirraire nu pontu di partida, cunforme cummunição du atuale intrubintoire. Au q'a si save, u Ginirale Dal Trufulho afim d'inbitaire a perda dus aperelhus, bai pruibire a rup'tiçãom dessa audaciosa isp'riencia.<sup>29</sup>

Vê-se então que, nesse caso, o “autor” introduz na representação comum do imigrante português, como um nacionalista extremado para o qual só há heróis em Portugal, uma espécie de desvio, levando-nos, pautados no compartilhamento desse senso comum, a desconfiar se este seria realmente um ponto de vista português, e não do jornalista brasileiro que assume a autoria suposta, como se realmente não fosse possível a um português admitir que a invenção da aviação tenha sido feita pelo Brasil, ou por qualquer outro país.

<sup>28</sup> “A primeira década do raide Lisvôa-Rio”, em “Suprimento de Purtugali”, *A Manhã*, RJ, Ano IV, nº24, 18/6/1932 (artigo não assinado); p.3.

<sup>29</sup> “Abiaçaon” em, “Diariu du Avaix'ó Piques”, *Diario do Abax'ó Piques*, SP, Ano I, nº15, 10/08/1933 (artigo não assinado); p.3.

Distinções entre portugueses e brasileiros também aparecem, no “Supprimento”, em artigos que apresentam discussões em torno da língua comum, numa série de artigos que comentam discussões sobre acordos lingüísticos firmados entre os países lusófonos. Entre estes se destacam dois textos, de Simãens Cuelho, colaborador assíduo do “Supprimento de Portugali”. O primeiro deles é publicado em 13 de novembro de 1931:

Ainda um envrulho dus diavos, um vate-vocca de faira libre entre a Aquedimia de Ciencias de Lisvôa e a Aquedimia Vrasileira de Letras, tudo pur causa desse maldito accôrdo purnugraphico, qu’amvas ais duas conjunctamente assignaram de cruz.

Eu cá pur mim, desde que souve dessa cumvinaçãon, nãon lhe dai muinta fé.

Cunheço muito vaim a gente de minha terra e gavo-me de cunheceire tamvaim us litratos du Vresil.

Eu logo bi, qui isso tudo, mais cedo ou mais tarde, habia de paraire nu que deu, isto é, em agua de varrelas.

Onde se biu que dois póbos, completamente diff’rentes, cum hávitos intairamente dibersos, aquelle cumendo vacalhau, est’oitro chamando p’ras ingulidairas carne secca cum coube á minaira, pudessem lá iscrebeire da mesma formula ais pelebras qui prununciam de manairas intagónicas?

Eu logo bi, qu’isso tudo tinha qu’acavaire cum vustaira e vustaira grossa.

Dispois é pruciso se nutaire qui aquillo tudo stá irrado e, p’ra s’iscrebeire irrado, nãon é pruciso se fazeire accordo, é só ire iscrebendo á vessa que bae sahindo a vurrada como elles querem. Eu só quero beire como é qu agora u Julho d’Antas e mais u F’linto Lapis d’Almeida discalçam essa vóta.

Us meus petricios d’Além Tejo bão se beire atrepalhados pra dismanchaire u que fizeram.

U governo da Repuvlica Nóba du Vrasile, em tudo isso, é que debe staire satisfaito. De tudo u que se taim decretado d’Outubro du anno pessado p’ra cá, a única coisa qui estaba firme quevrando u pedrão, era u tal accordo.

A gente nutaba que naim u pobo, naim u governo, stabam ligando aquella vavusaira.

Ninguem mais mesmo s’alimvraba da tale cumvinaçãon.

Foi, pur isso, uma grande surpresa, cando, de rupente saim ningaim sp’raire um petricio calquére arma um serrilho dus diavos na Aquidimia de Lisvôa e prutesta p’lo facto de nãon teire u Vrasile ruspaitado a sua palavra.

Palabra dihonra qu’a gente ais bezes fica inté inbrighado cum o papéli que fazem us nossos hómens.

Caim é que pensou que u accordo purnugraphico podia seire lebado a serio?

Caim é que se cumbenceu qu'u Vrasile lá pudia manteire um modus-bibendi cum Purtugali a ruspaito da purnugraphia?

Intãon us meus petricios lá na terra ainda não purceveram qu'u Vrasile, qui stá indupendente há mais dum seculo, iria agora se sujeitaire, plos vunitos vigodes du sinhoire Julho d'Antas, a adutaire uma noba manaira d'iscrebeire que só int'ressa a Purtugali?

Ora, é milhore que não me benham cum vustairas.

U milhóre mesmo qu'u governo discriciunario du Vrasile taim a fazeire, é labraire um decreto dando u dito pur não dito e... tanho dito!<sup>30</sup>

O texto seguinte de Simãens Cuelho sobre o assunto, intitulado “Não me benham cum prutestos” reforça as opiniões já apresentadas, acrescentando a oposição entre acadêmicos e jornalistas, entre “nois” e “elles”, entre os que “acurdaram” e os que ficaram “drumindo”:

Boltam agora us jornalistas de maia pataca e mais us litratos de pataca e maia a fazerem ais suas ruclamaçõens pur causa du accordo purnugraphico assignado entre a Aquedemia de Letras du Vrasile e a dita cuja de Sciencias de Lisvôa.

Qu'esse accôrdo era uma vustaira ningaim lh'o nega.

Qu'essa cumvinação de s'iscrebeire da mesma formula palavras diffrentes ia, mais cedo ou mais tarde, daire em aguas de varrela, tamvaim ningaim lh'u cuntesta.

Qu'esse intendimento ia daire num vurro desintendimento, eram fabas cuntaditas.

Uma beiz, puraim, qu'ais duas Aquedimias fizeram a vurrada, a uvrigação lá deilas era aguentarem u rupuxo.

Us aquedémicos qu'iscrebam pela urthufónica. Qu'us litratos façam a sua iscripta pla funética.

Nois, puraim, us jornalistas de peso, us puvlicistas de carreira, nada temos que beire cum isso.

Nois nada assignamos. Nois nada suviscrebemos. Labamos, purtanto, ais mãons como P'latos e us péses como homens assiados e cidadãos de tretamento, como, graças a Deus, cá somos.

Não me benham agora cum prutestos. Não me benham agora cum justificatibas, mais ou menos istempuraneas e rucreatibas.

Quaim ais faiz as paga. Deixal-os iscreberem como milhore lhes approubérem e que lh'us faça bom probaito. Nois que temus lá cum isso?

Fizeram a vustaira, aguentem-na.

Elles lá fizeram u accordo entre elles, saim nus consultairem si stabamos d'accordo. Elles acurdaram, nós ficámos drumindo.

Não me benham, agora, pidire pra prutestaire. Eu não prutesto.

Eu não strillo. O que eu fiz e stá muito baim feito é não tumaire cunhecimento.

<sup>30</sup>CUELHO, Simãens. “U accordo purnugraphico luso-vrasilairo” em “Supprimento de portugali”, *A Manha*, RJ, Ano III, nº47, 13/11/1931; p.3.

Pra mim nãoon houve accordo, nãoon stou savendo de nada.  
Eu sou du amoire.<sup>31</sup>

Em ambos Simãens Cuelho assume uma posição que simula revolta diante do acordo ortográfico, preferindo ignorá-lo. Isso devido a diferença entre as duas nações e os seus respectivos usos do português o que tornaria, segundo ele, o acordo impraticável.

O problema aparece quando as distinções entre “nós” e “eles” nem sempre se prefiguram como naturais e nítidas.

Em crônica assinada pelo varãon de Paixoto Serra, por exemplo, o mesmo Vasco que normalmente é motivo de orgulho e glória portuguesa aparece como razão de abalo das relações luso-brasileiras. Mantendo o mesmo tom apaixonado o autor suposto, num discurso inflamado, mostra toda sua indignação e ceticismo em relação ao futebol como forma de unir as nações, declarando: o “futi-bólio introu in falença”. Tudo isso porque o Vasco indo a Portugal resolve desobedecer ao “prugrama”, qual seja, vence os times da terra, os “petricios” e conforme o tal programa “isso nãoon está certo”. Segundo o varãon, o mais apropriado seria vencer as “desavenças da culónia” e deixar que os times portugueses vencessem. A questão que se coloca então é a seguinte:

Ou baim qu’u Basco é portuguez e nesse causo dibia ruspaitare us times de Purtugali ou baim qu’u Basco é vrasileiro e nesse causo já nãoon stá aqui quaim falou.

Palabrinha d’honra qu’eu cá nãoon gostei du prucidimento du glurioso campeão dus seccus e mulhados. U titalo ninguaim lh’u tira. Purtanto, podia u Basco muinto baim, si quizesse, deixaire qu’us times de Purtugali lh’o ganhassem. Ficariam-lhe muinto baim esses suntimentos.

Inflizmente u que bimos foi justamente u cuntrario. U Basco, isquecendo-se miserabelmente de que a culónia lh’u tinha prutigido, pertou-se incurretamente derrutando us times da terra.

Eu cá pur mim nãoon acridito mais nessa vagunça. Já rusguei meu titalo de socio rumido e nãoon benham me propoire pra cumpraire botos pr’a u Russinho, purque nessa eu não cáio mais.

U futi-bolio stá acanelhado. Nãoon contem mais cumigo p’ra essas vavuzairas, purque nãoon stou mais disposto a passaire pur vesta.

U futi-bolio para mim murreu. U Basco phutugrafou-se.

<sup>31</sup> CUELHO. Simãens. “Nãoon me benham cum prutestos” em “Suprimento de Purtugali”, *A Manha*, RJ, Ano III, nº48, 21/11/1931; p.3.

Cummigo agora é só nu gulfinho, qu' é um jogo de familia e que bai  
muinto baim pra um quebalhairo de tretamento.  
Nãon me benham cum cruces de maltas!  
Raios as partam! Ais cruces e ais maltas!<sup>32</sup>

Apesar do caráter aparentemente prosaico do texto não há como negar o grau de reflexão a que pode levar, principalmente, no que diz respeito às fronteiras entre nacional e não nacional que o estabelecimento de um ponto de vista estranho tem o poder de realizar. Quais os limites de uma comunidade? Onde começam e terminam suas fronteiras? Tais fronteiras são fixas? O que é ser brasileiro?

A resposta a tais questões na maioria das vezes se dá pela negação, ou seja, um sistema constante de oposições que instala a presença do fantasma do outro, a fronteira como o lugar a partir do qual *algo começa a se fazer presente*.<sup>33</sup>

No entanto, dizer isso, pôr o jogo representacional operado no macarrônico como mera oposição entre nacional e não-nacional, pode ser uma generalização perigosa, pois, na maioria das vezes, essa oposição não passa de uma distinção metodológica falsa que impede que se perceba a interpenetração de um em outro, o híbrido como lugar de negociação constante.

O questionamento e mobilidade da nacionalidade do Vasco, por exemplo, introduz nesse espaço discursivo um trânsito considerável entre o “cá” e o “lá”, qual seja, a oposição desses elementos operada normalmente segundo um ponto de vista binário e mecânico cede lugar à relativização do que é familiar e do que é estranho. Desse modo tanto o local quanto o “além” figuram como o habitual e/ou o desconhecido.

---

<sup>32</sup>SERRA, Varão de Paixoto. “A fullencia du foti-bolio” em “Supprimento de Purtugali”, *A Manha*, Ano I, nº35, 14/08/1931; p.3

<sup>33</sup> “Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*.” HEIDEGGER, Martin. *Apud* BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*; trad. De Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. BH: Ed. UFMG, 1998.p.19

#### 4). LIRISMO ÀS AVESSAS

Como foi dito logo no início deste capítulo, o macarrônico é um gênero essencialmente híbrido, o que podemos visualizar em sua composição lingüística, no trânsito entre a perspectiva nacional e estrangeira, ou ainda no trabalho que realiza entre formas eruditas e populares, logrando muitas vezes a dessacralização de formas consagradas da literatura.

O questionamento das normas literárias vigentes pode ser percebido, principalmente na colaboração em verso presente nos jornais aqui analisados. Ao lado dos textos em prosa, que predominam, os poemas macarrônicos também apresentam semelhante leque de temas e imagens. Os poemas, dessa forma, de modo geral tendem a retomar traços estereotipados convencionais como ponto de partida para representar imigrantes portugueses em espaço brasileiro. Uma novidade, advinda do fato de que se trata afinal de poesias, são as referências, diretas ou não, ao lirismo, que, é claro, surge intimamente ligado ao louvor às “crioilas”.

O lirismo da poesia macarrônica, porém, assume aspectos muito particulares aproximando-se muito mais da grosseria, da violência do que do lirismo provençal, do amor cortês tão presente na literatura portuguesa, e mais especificamente nas cantigas medievais. Ecoando muito mais a tradição satírica, as cantigas de escárnio e mal dizer. Há, portanto, uma transformação do lirismo tal como praticado na tradição portuguesa, que ecoa nos textos macarrônicos, é verdade, mas ganha contornos grotescos. Assim ao invés da devoção e respeito às juras de amor contrapõe-se, assim, impropérios, ameaças, de todo modo imagens e posturas rebaixadas, de ordem vulgar.

Um dos primeiros poemas publicados n’A *Manha* nesses moldes é “A canção do disispero”, assinado por Simãens Cuelho. Assim como ele, outros autores supostos que colaboravam para o “Supprimento do Purtugali”, escrevem tanto em verso quanto em prosa:

Nãon mi benhas raperiga  
A caveça apuquentaire!

Nãon mi benhas cum quentigas  
Qu'eu nãon te posso escutaire!

Cada beis qu'eu cunsidero  
A tua discunsideraçãon,  
Dá-me um aperto no estambo  
E um baque no curaçãon.

E cu'us miolos furbendo,  
Bou ficando contra a mãon,  
Cum buntade de compraire  
Um ribólbe em prestaçãon...<sup>34</sup>

O código da vassalagem e o amor etéreo cedem lugar a pancadaria e a imagem rebaixada da mulher amada.

A presença feminina é praticamente nula nos textos em prosa. Dentre os temas abordados dificilmente se destaca a mulher ou mesmo as relações pessoais amorosas. Nos poemas essa é uma temática mais constante, mas assim como os demais assuntos comuns aos textos em macarrônico assume contornos que vão de encontro ao estereótipo. Assim, a figura feminina está na maioria das vezes associada a da “crioila” que vai de encontro a representação estereotipada do imigrante português e assume um cunho acentuadamente grotesco, como pode-se perceber no poema abaixo em que as descrições, evocações e promessas figuram principalmente nos planos do ridículo e do escárnio, de par com referências escatológicas que predominam:

Crioila!...  
Bem labaire minha ciroila.  
Tu tains chairo de civola,  
Crioila!...  
Benha beire u teu amoiri.  
Manueli lá da benda,  
Que vanca o vicho  
Ou outro insecto maiori.

Caçando pulcebaijos,  
Que, esfoimados,  
Toda a noite dão-me baijos,  
P'ra murreri embenenados  
E eu não posso passari

<sup>34</sup> CUELHO, Simãens. “A canção du disispero” em “Supprimento de Purtugali”, *A Manha*, Ano I, nº17, 30/01/1930; p.3.



Saim teu perfume.  
Joga um tustão no bagalume  
P'ro vicheiro te pagairi.

Quando eu tidéri uns trancos,  
Que são caricias,  
Com a sola dos tamancos,  
Ó que d'licias!  
Si sonhas com o casmurro,  
Cujo chairo te seduz,  
Trata de jogari no vurre,  
Na bacca ou no abestruz.<sup>35</sup>

Como se vê a “crioila” é descrita, assim como o imigrante português, em sua natureza física e a própria relação amorosa assume estes contornos. Esta característica passa a ser reforçada pela referência aos estereótipos que neste caso recaem tanto sobre os portugueses quanto sobre seu objeto de desejo. Seguindo a ordem do lirismo violento temos ainda outros poemas. “Madrigale” é um deles:

A vriza passa ao de lébe,  
A farfalhar nu arburedo  
E au meu paito rucustada  
Ella me assopra em sugredo:  
— Amo-te tanto, stapoire.  
Mais du q'amare a Deus pude  
E pur ti, pur teu amoire  
Abaccalhai a saude...

A felor que me deste um dia,  
Naquella tarde tão triste  
Pundeu, murchou e murreu  
E tu nunca mais a biste!

E o amoire que na minh'alma  
Eu só pur ti acalantai,  
Custou-me nóites de sónia  
E quantas bezes churai!...

Mas si um dia eu cunheceire  
Qu tu não me queres mais  
Quebro-te us dentes da frente  
E rubento-te us de traiz!...<sup>36</sup>

<sup>35</sup> ARTE, Manuéli d'. “Crioila” em “Supprimento de Portugali”, *A Manha*, Ano I, nº43, 8/8/1930, p.5.

Neste último poema a sátira à tradição lírica portuguesa fica ainda mais evidente pela informação que o autor suposto apresenta: “Traduzido de Que mões”. A referência direta a Camões deixa explícita consciência de uma tradição canônica e sua dessacralização. Deixa claro também o cunho paródico em que se pauta essa modalidade textual. A afirmação de uma tradição de um lado e sua negação de outro.

É importante reparar na introdução de um elemento da tradição erudita num contexto popular, a inversão que origina essa reapropriação, a deformação tão própria do gênero que tem por característica a relativização de formas estabelecidas, sejam elas comportamentais, sejam elas literárias. A julgar pelo rebaixamento com que é tema do amor é ali tratado a menção a Camões introduz no mínimo um certo estranhamento quando não um questionamento de formas do discurso dominante.

Um bom exemplo disso é o grande número de paródias baseadas em poemas paradigmáticos da literatura portuguesa, em que o lirismo de um Camões traduz-se no “lirismo violento” de um Simãens Cuelho, ou do próprio Furnandes Albaralhão autor de máximas como: “A mulhére é como u bife, quanto mais néla se vate, mais macia ella fica”.<sup>37</sup>

Nesses casos o macarrônico do português promove não só uma verdadeira inversão de valores, bem como uma forte crítica a um suposto intelectualismo, fundado em citações latinas e algumas frases feitas.

No contexto do *Diário do Abaixo Piques* a colaboração em versos também aparece, sendo Pacheco d’Eça o principal responsável pelos poemas ali publicados. Aliás, grande parte dos textos selecionados recebem sua assinatura e são, quase em sua maioria, poemas. Alguns referem-se a esse lirismo as avessas que elege a “crioila” como sua musa inspiradora, como é o caso de “Soidade”, transcrito abaixo:

---

<sup>36</sup> LABURAIRO, Simão de. “Madrigale” em “Supprimento de Purtugali”, *A Manha*, RJ., nº56, 27/10/1927.

<sup>37</sup> Não é demais salientar a quase total ausência da mulher neste espaço de enunciação. Com exceção de alguns poemas dedicados a “crioila”, a figura feminina praticamente inexiste neste universo de imigrantes portugueses.

Soidade é um sumtimanto ixtraordinario  
 Amargo i... doce, qa faz male i... vaim;  
 I é cumo u lsp'rito Rubulucionario  
 Qa ningaim save u jaito q'iele taim.

Das oitras linguas ninhum diciunario  
 Ésta pelabra mágica cuntaim,  
 Pois só inxiste nu bucavulario  
 Dus purtuguezes i di mais ningaim.

Quandoieu ti bejo, vate-me a soidade,  
 lésta coisa isquisita qa m'imbade  
 Todo intirinho da caveça aus pés.

I ela faz-me sofrer', sofrer' dubéras  
 Linvrando u pancadão qa dantes éras  
 I bendo esse qenhão q'iagora iés.<sup>38</sup>

Num outro poema de Pacheco d'Eça a referência a crioula é mais explícita:

Munto forte i munto vranco,  
 Xou um purtuguez di truz;  
 Ando sempre di temanco;  
 I xei assinar di cruz.

A mulhér'. (sijamus franco),  
 A Meria di Jusus  
 lé preta, pensa d'arranco  
 I anda sampre di pés nus.

Nosso manéle ié mulato;  
 Naom nus seíu pois u ingrato  
 Naim a iela, naim a mim.

lé intulujante u denado;  
 I aim metéria di quelçado,  
 Anda só di vurziguim.<sup>39</sup>

Como se vê, os textos em verso obedecem a princípios semelhantes aos que norteiam os textos em prosa. De um lado a autoria suposta, de outro a deformação lingüística de um gênero textual “elevado”, e ainda o recurso ao estereótipo que se estende, como neste último caso a “crioula”. Um diferencial é

<sup>38</sup> D'EÇA, Pacheco. “Soidade” em “Diariu du Avaix'o Piques”, *Diario do Abaix'o Piques*, SP, nº21, 27/10/1935; p.5.

<sup>39</sup> D'EÇA, Pacheco. “Nós” em “Diariu du Avaix'o Piques” em *Diario do Abax'o Piques*, SP, nº17;p.5.

introduzido no poema, trata-se do aparecimento de um terceiro elemento: o mulato. Esta é uma particularidade que o *Diário do Abaixo Piques* apresenta em relação *A Manha*. Neste último, referências às relações entre portugueses e “crioulos” também aparecem, mas se afiguram como algo informal, não duradouro e sem a presença de filhos, já naquele periódico essa união, ainda que também seja informal, deixa explícita a participação de filhos no âmbito familiar, ainda que esta seja marginal.

Seja como for, fica latente o princípio de mistura de gêneros por que tais textos se pautam. A presença de elementos definidos como prosaicos em textos de cunho poético de um lado e de outras formas eruditas travestidas num contexto popular. O choque causado pela linguagem macarrônica vê-se nesse caso potencializado, uma vez que se trata de uma colaboração poética que de modo consciente rechaçava formas que pretendia questionar.

O efeito cômico, originado, principalmente pela sátira ao amor romântico, através de elementos grotescos ganha uma intensidade ainda maior graças ao recurso ao estereótipo, deixando evidente a duplicidade em que o gênero se pauta. Afinal, se de um lado o macarrônico questiona valores estabelecidos, ele também se pauta nesses valores e depende justamente do reconhecimento deles para lograr o efeito cômico e crítico que suscita.

## CAPÍTULO IV

# FURNANDES ALBARALHÃO: O INLUSTRE MEMBARO DA CULONIA

## I. A SOFISTICAÇÃO DA PERSONAGEM FURNANDES ALBARALHÃO

Antes pequena, a participação de Furnandes Albaralhão em *A Manhã* vai ganhando relevo ao longo de 1931. Ele se torna marca e marco de excelência. Outros nomes que Horácio Mendes Campos utilizava em seus textos, Juequim Pardellas ou Vocage da Silva, por exemplo, desaparecem. Sabe-se que alguns textos são seus porque foram publicados em *Caldo Verde*; resta, de todo modo, o problema da autoria. Há provavelmente textos de Horácio Mendes Campos hoje dificilmente identificáveis.

Aliás, sobre ele sabe-se muito pouco. Além de seu nome há conhecimento de que atuou em *A Manhã* entre os anos de 1930 a 1933 e lançou um único livro: *Caldo Verde* <sup>40</sup>

Prova de que aqui ao invés da posição individualizada e do exagero de sua importância para o entendimento da obra, o autor assume um caráter acentuadamente textual, quer dizer, é um sujeito do discurso, pois nesse plano é construído, caracterizado e é nele que se apresenta. As próprias páginas “normais” de *A Manhã* trabalham com a mesma “desautorização” do suplemento: textos não assinados, uso de ditos populares, etc., além, é claro, da confusão proposital que o diretor do jornal, Aparício Torelly, fazia com seu alter ego o Barão de Itararé.

A estratégia utilizada por Furnandes Albaralhão é relativamente comum no macarrônico, quase constitutiva do gênero. Isso em função do princípio básico que o fundamenta: a presença de uma primeira pessoa que se identifica como imigrante ou estrangeiro, vivendo longe da pátria, num ambiente que ele necessita compreender e que, invertendo o viés, necessita compreendê-lo.

---

<sup>40</sup>Informações extraídas dos livros “Humor e Humorismo - Paródias”, Editora Brasiliense - São Paulo, 1961, pág. 312 e *Antologia de humorismo e sátira*: de Gregório de Matos a Vão Gogo, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957, p.309-311, antologias organizadas por Idel Beker e Raimundo Magalhães Junior, respectivamente. Também Antonio Candido em “A poesia pantaguélica” refere-se ao autor (em *O discurso e a cidade*, 2ª ed., São Paulo: Duas Cidades, 1998; pp. 225-243).

Entretanto, se os princípios utilizados não são diferentes, é interessante notar que mesmo sem desviar de nenhum deles Furnandes Albaralhão, ao lado de Juó Bananére e outras personagens macarrônicas, pôde fazer a diferença.

Há também, claro, textos em que preconceitos são antes de mais nada reiterados, sobressaindo um tipo de comicidade feito às expensas das personagens representadas – uma repetição de estigmas. Quando porém elas são menos motivo que motivadoras do riso, quando logram instituir a relativização destes mesmos estigmas em que se pautam, os textos por ela assinados atingem alto grau de coerência interna; há um ajuste harmônico entre as referências contextuais e os elementos textuais. O macarrônico atinge então seu nível mais alto em termos polêmicos e críticos, políticos e transgressivos.

Entre prosa e poesia Furnandes Albaralhão publica cerca de 30 textos em *A Manha*. Os poemas, em grande parte sonetos, são republicados no livro que lança em 1931, o *Caldo Berde*. As crônicas, todavia, conforme já aqui salientado, constituem verdadeira raridade bibliográfica por terem sido publicadas apenas no periódico.

Sua colaboração traz vivacidade para o “Suprimento de Portugali” e se destaca pela criatividade, pela argúcia com que interpreta um imigrante português vivendo no Brasil, pela expressividade do macarrônico com que se exprime, pela contundência com que critica lugares comuns estabelecidos, inclusive modas e clichês do mundo das letras.

Além disso, Furnandes Albaralhão se destaca em virtude dos textos em que é objeto de atenção, ou alguém cuja importância é reconhecida pelas entrevistas e “circumf'rencias” que fornece, indicam a formação de um universo ficcional em torno da personagem, construindo um espaço de enunciação próprio e muito bem edificado que assegura e confirma a sua **autoridade**.

O retrato da personagem portuguesa, como recorrente no suplemento, oscila entre congratulação e rebaixamento. Assim, da mesma forma que ocorre com o esboço das demais personagens, contrapõem-se índices de sofisticação, como a associação da sua imagem à literatura, e elementos escatológicos, como a falta de higiene pessoal. É claro que tais elementos assumem um caráter de farsa,

entretanto, em Furnandes Albaralhão essa sofisticação transcende a simples generalização, comumente empregada, de literato. A farsa é mais amplamente caracterizada e são apresentados elementos “concretos” de uma “vida” literária. A classificação como literato não é dita de modo artificial e direto sem nenhum argumento; ao contrário, ancora-se em referências textuais e contextuais, como, inclusive a chamada publicitária de seu livro *Caldo Berde* na mesma página em que figuram seus textos. Sua voz autoral ganha com isso “respeitabilidade”. O ponto de culminância é sua candidatura à “Aquedimia Vrasilaira”, com base no argumento de ter produzido “uma ipupéia, u CALDO BERDE”.

U nosso inlustre incullaboradoire sinhoire Furnandes Albaralhão, pueta e litrato d’alto baloire e de rara jumentalidade, quére tamvaim entraire p’ra Aquedimia Vrasilaira.

D’accordo com um regulamento da cuja Aquedimia, us quendidatos ais bagas, são uvrigados a dirigire uma missibia au prsidente, que nu caso baim a seire u nosso qu’rido cullega dotoire Furnando Megalhães.

Furnandes Albaralhão aprusenta-se ao Piti Trianão, cum seu libro “Caldo Berde”, esp’rando puder sentar-se au lado de nosso inlustre petricio F’linto Lápis d’Almeida..

A siguire, puvlicamos, na intrega, a missibia du inlustre pueta e iscriptorio:

“Sinhoire prsidente da Aquedimia Vrasileira de Letras.

Savedoire qu’inziste uma baga d’académico nessa Aquedimia, benho, pru maio da prusente, diclaraire a Bossa Inçulencia que sou quendidato á mesma.

Sou litrato desde rapazito. É burdade que pru esse tempo, eu só inscribia vustairas, mas puraim num quero saveire, eu já primittia. Á midida que fuin crescendo, fui primettendo e hoje, antão, prumetto qu’é uma v’leza.

Ais minhas ovras são inumbras. Eu óvro cunstantemente. Em eu pigando um papeli, lá bae óvra. Alguaim disse que eu era ficundo. Eu nãon rispundi naim que sim naim que não...(Eu lá sei u que é “ficundo[”]!).

Ultimamente produzi uma ipupéia, u CALDO BERDE, a ruspaito da cuja p’sôas d’alto relebo inscreberam á vessa.

Mudestia á parte, nãon foi favoire ninhum. U CALDO BERDE é um culosso” e uma óvra de fol’go.

Ora, acunticento que hai uma quedeira baga nessa Aquedimia, eu benho propoire pra mi assentaire na mesma. Que diavo! Cal mulestia tanho eu que não posso guzaire essas prirrugatibas? Eu sou int’ligente, tanho um physico em cundiçõens...Que é que me falta mais pra hunraire essa istrumella?...Plu menos bou fazeire mais figura qu’o João Ruveiro e certus membaros qu’a gente s’alemvra dus ditos cando...cando si ricórda...

No causo de nãon habeire mais quedeiras, um vanco mesmo me serbe. Eu nãon stou m’incumudando. Eu m’assento em calquére lugaire. Du qu’eu faço questãon mesmo, mesmo, é dus catrucentus mil ráis pru



mêiz. Isto sim. Cumprihende...A caixa de fósforo assuviu a dois tustões, a bida toda assuviu. Tudo assóve e só a gente é que desce. Cumprihende...

Isprando uma rusposta urgente, diclaro a Bossa Inçulencia, qu'estou mesmo disposto a escrebeire d'accordo com u accordo urtugaphico, ficando a seu inteiro dispoire, ou aqui na ridacção d'A MANHA, ou, então, nu meu apurtamento na Punsão Urópa, na rua da Gamvôa, reis du chãon. Não taim ilibadoire.

Seu adimiradoire e petricio (birgula) — *Furnamdes Albaralhão*".<sup>41</sup>

Claro que esse universo é permeado de disparates, de imagens grosseiras, pelas quais estigmas que cercam portugueses são introduzidos, sobressaindo quase sempre, entretanto, alusões no mínimo incômodas ("Ais minha óvras são inumbras. Eu óvro cunstantemente. Em eu pigando um papeli, lá bae óvra").

Justamente ao lado desse artigo aparece o anúncio do *Caldo Berde*, o mesmo livro com que a personagem se apresenta ao "Piti Trianão". Confundem-se desse modo o plano ficcional e o plano da realidade, por assim dizer. Referências textuais e contextuais, farsa e fatos se cruzam de modo a caracterizar a personagem e reforçar sua voz autoral, ou seja, de um lado há a suposta candidatura a Academia Brasileira de Letras, de outro há de fato a publicação do *Caldo Berde* e sua propaganda no jornal.

O que acaba por ocorrer é na verdade um processo de ficcionalização da personagem de modo que os traços de literato, por exemplo, por vezes sobressaem em relação aos traços estereotipados comumente empregados no suplemento. Nesse sentido, a sofisticação da personagem, ainda que simulada, expande os limites fixos da ridicularização, levando o leitor, dada a complexidade do processo composicional, a pôr em cheque a imagem fixa compartilhada.

A publicação do *Caldo Berde* ganha destaque no espaço de *A Manhã*, motivando dois artigos, um deles apresentado nas páginas normais do periódico.

O texto, feito nos moldes de uma crítica efetiva, tece um julgamento altamente elogioso do *Caldo Berde*, sendo seus poemas comparados com os "Lusíadas" e "outras obras de universal renome". A linguagem utilizada no texto não é a macarrônica, aproximando-se mais da "pureza" e "elegância" do português neo-clássico, posto como modelo de excelência.

<sup>41</sup> "Quendidato a membaro da Aquedimia Vrasilaira" em "Supprimeto de Portugali", *A Manhã*, RJ, Ano III, nº22, 15/5/1931 (Furnandes Albaralhão personagem); p.3.

A crítica assinada por Dionysius traz como substrato índices de um modelo classicizante: a “elegância” do verso, sua “pureza”, o “asseio” do poeta, o seu trabalho visto como símile do lapidar de um diamante, etc. O suposto crítico elege os clássicos como os “altíssimos”. Paradoxalmente Furnandes Albaralhão, fruto das letras “luso-brasílicas de novas e resplandecentes galas”, é incluído nesse grupo como o poeta capaz de reunir “as oito elegancias do estilo clasico” com o “soez linguajar da plebe”, sendo este último aspecto o mais salientado. A inclusão de Furnandes Albaralhão nesta ordem, então, depende em certa medida da presumida, porquanto irônica, obediência a esse modelo e às regras que estabelece.

Desse modo, seguindo o princípio teórico que caminha conforme a máxima “nem ha bello sem senan nem feio sem perfeiçan”, Dionysius afirma:

E assi hé, como succede neste livro, onde a afeiar tantos primores e louçainhas, qual jaça em diamante de pura agua, se intermetteu dicção plebéa e nam lusa, não averbada em vocabulario deprol nem usada por lettrado machucho. No soneto ‘Circuito Biciado’ lê-se este lugar:

‘Guiando um vonde, gimia inquieto maturnairo:

— Ah! se eu fosse o fiscale aqui dessa miléca...’

Pertence a dicção ‘miléca’ ao soez linguajar da plebe, onde há dois sentidos, a saber: moncos narigaes, ou ranho; e cousas ou sucessos, que nos andam em torno, não sendo mui bons nem perfeitos, nem apraziveis; mas dicção hé essa de todo em todo vitanda, pois se não conhece nem usa na gloriosa patria de Camões, Bernardes e Castilho.

Por fim, o poeta é então conclamado a mudar “aquele verso desta guisa”:

“— Ah! si eu fosse o fiscale aqui desse ranho...”

Pois só assim seriam “respeitados os sagrados preceptos e as santas tradições da boa falla portugueza, na qual mammamos todos, lettrados da Lusa Athenas ou desta heroica e pulcherrima cidade, o leite da vida espiritual.”

A crítica figura como absurdo, pois como elemento importantíssimo o suposto crítico destaca o ranho, quer dizer, absurdo e escatologia se combinam num acentuado efeito cômico. A exploração em torno da linguagem, embora o texto não se apresente em macarrônico, também é digna de nota. O aparecimento

de vocábulos como “moncos narigaes”, “machuchos”, ao lado de um texto que simula empostação, nutre efeitos hilariantes.

A leitura da crítica aqui realizada, ou, melhor dizendo, simulada, sugere, devido ao plano textual em que se encontra, a desconfiança de que, muito mais que uma crítica efetiva do poema “Circuito Biciado”, Dionysius arquiteta dois fatores importantes da produção de Furnandes Albaralhão. O primeiro deles seria a “popularização” dessa personagem, qual seja, a construção por vias discursivas de um autor e sua autoridade, jogo que apela a cumplicidade do leitor. Afinal, comparado a ele só mesmo Camões. O outro diz respeito à relativização dos modos literários vigentes, pois se a comparação do “bardo albaralhão” aos clássicos de “universal renome” pode atribuir uma sofisticação à personagem, também pode dessacralizar formas do discurso dominante. E mais que isso: relativizar os princípios teóricos de uma crítica que se pauta em uma expressão literária única para julgar e classificar todas as outras.

Um outro texto feito nestes moldes é publicado em 27 de março de 1931, ano da 1ª edição do *Caldo Berde*.<sup>42</sup>

Antecedendo a crítica do livro é apresentada uma ligeira biografia do “nosso inlustre incullaboradoire”, aí definido como “pueta barejista e hunrado litt’rato”. Além disso, é descrito como “membaro impurtante da culónia, na cuja goza d’alto cunçaito, como fino ertista, qu’o é, de facto, venza-o Deus.”

Conforme esses discursos que circulam em *A Manha* Furnandes Albaralhão é caracterizado acima de tudo como “autor”. Sua suposta ligação com a literatura é o traço mais evidente nos textos analisados. Fora desse espaço as referências sobre a personagem são praticamente nulas, ele não tem família, amigos, etc. Sua existência coincide com o tempo em que veste sua máscara. Ele é Furnandes Albaralhão autor como criatura de papel, como ser disursivo. Assim, como uma espécie de bufão ou bobo ele só existe como representação, pois ele é a representação que ele próprio e os textos que giram em torno dele criam.

Um texto que escapa a essa caracterização é “Ais mumentosas questõens cummerciaes” em que além de poeta, jornalista, lit’rato, seguindo o estereótipo de

---

<sup>42</sup> “Libros Nóvos” em “Supprimento de Portugali”, *A Manha*, RJ, Ano III, nº15, 27/3/1931; p.3

que “todo português é comerciante”, Furnandes Albaralhão é descrito como “chefe” da firma “Albaralhão e Cia.”:

U cummercio importadoire de seccus e mulhados stá curtando uma bolta cum u tale dicreto da muratória, tendo surgido dibersas dificuldades entre dibersas casas desta praça.

A firma Furnandes Albaralhão & Cia., impurtantes impurtadoires de vacalhau pur grosso, atrepalhados com a compra duma grande pertida desse dilicado crustaceo, tão du gosto du fino paladaire da nossa aristucracia, dirigiu au dotoire Zé Meria Vitraques u suguinte ruquirimento em duas bias, uma dentro da oitra, pra ebitaire u extrabiu:

“Inlustrissimo e insulentissimo sinhoire Zé Meria Vitraques, dignissimu munistro dais Fazendas e dus Seccus e Mulhados.

Furnandes Albaralhão & Cia., estavulecidos nesta praça como um estavulecimento de compra e benda de vacalhau pur grosso, baim, cum u dibido ruspaito, á prusença de Bossa Sinhuria, pra saveire de Vossa Insulencia u que debem fazeire nu prusente caso em que se acham inbulbidos em birtude du dicreto da muratoria.

De accôrdo com a cunfurmidade da lei de bossa insulencia, a firma Furnandes Albaralhão e Cia. impurtou, pur grosso, nobenta e óito tuneladas de fino vacalhau da Terra Nóba, a coisa duma sumana.

Não habendo quembiaes na praça, ainda d’accordo cum u rifrido dicreto, a firma supplicante dipusitou a sussenta dias de prazo, a quentia curruspundente au baloire da mircaduria em apreço, tomando pur vase u dólar a 12\$329.

Ora, muito baim, sinhoire dotoire Zé Meria. Inté cá não ha nubidade. Agora é que a porca cumeça a turceire u ravito, porque a firma Furnandes Albaralhão & Cia., pra descanço de seus membaros, quére saveire:

- 1) . Daqui a sussenta dias cal será u preço du dólar?
- 2) . Si u dito cujo passaire (28&888), como é que bamos pagaire a diff’reença?
- 3) Si a firma Furnandes Albaralhão & Cia. ainda não save canto lhe bai custaire u vacalhau, cumo é que bae fazeire preço pra bundel-o á fruguizia nu barejo?

Spr’ando uma prompta rusposta de Bossa Insulencia, com a dibida incunsiideraçãon, somos de Bossa Sinhuria, criados pra u que dére e bieri. — (a) Furnandes Albaralhão e Cia. (Stava sullado cum estampilha de dois tustões du Curreio, debidamente fardados de maturnairos).

U dotoire Zé Meria prumetteu saluciunar u increncado pruvlema nu primairo despacho culletibo.<sup>43</sup>

<sup>43</sup> “Ais mumentosas questõens cummerciaes” em “Supprimento de Purtugali”, *A Manha*, RJ, Ano III, nº44, 23/10/1931; p.3.

Entretanto, se de um lado o texto aproxima Furnandes Albaralhão de seu grupo, de outro ele segue na mesma particularização realizada anteriormente, pois o comércio em questão é elevado a níveis de importância e requinte.

Vale lembrar ainda que o texto não trata exatamente de Furnandes Albaralhão, mas sim da firma “Furnandes Albaralhão e Cia.”. A referência ao autor como pessoa física aparece somente em caricatura apresentada no centro do texto, especificada pelos seguintes dizeres: “U sinhoire Furnandes Albaralhão, pueta e jornalista, chefe da firma du mesmo nóme”. Tanto que, como bem ilustra o uso da primeira pessoa do plural, é a firma que supostamente subscreve o “ruquirimento” ao Ministro da Fazenda.

Seja como for, aqui também fica assegurado um lugar textual de relevância, pois, ainda que o texto remetido a Zé Meria Vitraques não seja assinado por Furnandes albaralhão, ele, assim como a “missibia” enviada ao “nosso qu’rido cullega dotoire Furnando Megalhães”, circula num lugar supostamente de poder, de pessoas influentes como presidentes de academias e ministros. É nesse espaço que Furnandes Albaralhão se movimenta questionando-o e se fazendo sobre ele.

## II. O INLUSTRE COLABORADORE: O AUTOR FURNANDES ALBARALHÃO

A quase totalidade dos textos em prosa assinados por Furnandes Albaralhão são crônicas. Estas, juntamente com outros textos de diferentes modelos, apresentam um “tom” bastante particular, de modo que antes mesmo do término de sua leitura, ou, antes mesmo da observação da assinatura que aí se segue, já é possível identificar sua autoria.

A forma textual que normalmente se utiliza simula uma espécie de ensaio ou tratado em que mesmo os assuntos considerados óbvios e ridículos são abordados com ares de cientificismo e raridade.

Em “A cuçaira”, por exemplo, ele segue esta forma. A justificativa e relevância com que cerca o tema é um exemplo disso. Esta é a primeira crônica em que Furnandes Albaralhão demonstra toda a força de sua voz autoral. Publicada em 24 de abril de 1931, tem ao seu lado o anúncio do lançamento do *Caldo Berde*. A frase com que inicia o texto, “U meu artigo de hoje” e a presença de outros índices como “qu’ridos laitores”, constituem também uma característica marcante de suas crônicas: o diálogo constante com o leitor.

U meu artigo d’hoje é a ruspaito dum quepitulo palpitante e de rilibante int’resse pros meus qu’ridos laitores: – a cuçaira.

A cuçaira é um assumpto emucionante e de queracter pusitivamente praticulaire. Quaim suffreire de cuçaira debe me prestaire muinta attenção pra pudeire chegaire au miolo da questãon e tiraire ais conclusõens qu’u caso inzige.

Ora, muito que baim.

Dinumina-se cuçaira uma buntade vesta qu’uma pissôa taim d’arranhaire a pél du corpo, cand’ella (a dita pél) principia a nus cumaire ou, aim outros bocabulos, cando a rifrida da pissôa sente, disaijo d’isfrigal-a (a rifrida dita).

A urigem da cuçaira prubaim casi sempre du esquécimento que taim um gajo calquère de tumaire u vanho trimestrali.

Eu cá qu’u diga. Duma feita m’isqueci de tumaire vanho cinco mezes a fio. Bae dahi, cumiçai a sentire uma cumichaira temanha que nãon mi sastisfazia naiam cuçando c’uma bassoura de piassaba. Isprimentai um sirrote, dispois um arame furpado e finalmente um raladoire e não habia nada que fizesse u raio da cuçaira passaire.

Um petricio meu, u Vridirodes, ministrou-me a meu pedido uma vruta côça de cano de vurracha, mesmo na supreficia du lucale da cumichadella! Eu gritei feito uma vesta! Cando a surra acavou, u raio da cuçaira cuntinuaba firoiz, pirenne, rinitente e avurricitiba.

U bizinho de vaixo, savendo qu'eu staba pur conta du Bunifaço, aconselhou-me, então, maternalmente:

- Ó Furnandes! Purque tu não sprimentas tumaire um vanho?
- Vanho? – arrispundi-lhe de mau humoire. – Ora deixe-se d'innubações!
- Stou a lhe dizeire! Issu tudo bae invora!
- Issu que bucência taim é sujaira...
- Mas antão...
- Sujaira?! Não é pussibel! Eu me vanhei não ha ainda cinc mezes...
- Pois isprimente vanhar-se e diga-me cá dispois!

Essa declaraçon avissoluta, dita assim nais minhas vuchechas, mitteu-me especie. Rreflecti, rreflecti e disse cá cum us meus vutãens:

- Bá lá!

Cum certos iscrupulus, arrisulbi tumaire um vanhito...Int'ressante! A cuçaira avrandou...Isso passou-se bae já pra sete mezes.

Agora stou de nobo a sentire umas cumichões...É nus pézes, é nus subacos, é na caveça é plo corpo casi todo.

Dizer-se, agora, que é falta de vanho é um avissurdo discummensurabel! Pois si eu me vanhei não ha ainda sete mezes...<sup>44</sup>

Além do diálogo com o leitor, o cronista apresenta também o diálogo com um dos seus, introduz ainda ditos populares e outros elementos do “soez linguajar da plébe”. Em contraponto a isso, simula ainda um discurso empostado, recheado de adjetivos eloqüentes que surgem deformados, ou remodela elementos formais, como o uso dos pronomes à portuguesa, etc. Tais aspectos indicam a mesma fusão entre vocábulos chulos e elevados presentes nos demais textos, a mistura de gêmeros em que o macarrônico se pauta.

Uma outra característica comum a produção de Furnandes Albaralhão e também presente em “A cuçaira” é a definição do tema tratado, ainda que este seja óbvio. Qual seja: Furnandes Albaralhão reduz à lógica do “o que é?” os assuntos mais banais e conhecidos. A insignificância do motivo, todavia, é despertado, de que resulta uma espécie de normalização do disparate. A definição

<sup>44</sup> ALBARALHÃO, Furnandes. “A cuçaira”, em “Suppimento de Purtugali”, *A Manha*, RJ, Ano III, nº19, 24/04/1931; p.3.

do tema tratado desse modo leva a uma potencialização do cômico, isso graças ao aparecimento de jogos feitos com base na própria linguagem.

Entretanto, o questionamento do óbvio, ou melhor, do que assim é considerado, pode ser lido a contrapelo do relativização dos estereótipos relacionados ao imigrante português, da obviedade do estereótipo, afinal, todo mundo sabe que português não toma banho? O jogo com estereótipo ali realizado se pauta nessa certeza compartilhada pelos leitores, pelo reconhecimento de tais práticas como tipicamente portuguesas. A medida que Furnandes Albaralhão questiona a obviedade de um assunto previamente conhecido, ele também questiona a definição pautada no estereótipo, ou melhor, ele questiona o automatismo desse procedimento.

O relato de experiências não só introduz certa personalidade ao texto, como também confere a Furnandes Albaralhão uma suposta autoridade, um tom “professoral”, ou de quem pode indicar certas condutas, como se a ele tivesse sido delegada alguma autorização para que assim se manifestasse. Tudo isso, é claro, apoiando-se no discurso de tipo acadêmico, científico que simula.

A recusa ao final do texto em seguir seus próprios conselhos, porém, por mais ilógica e contraditória que possa parecer numa perspectiva “normal”, é perfeitamente aceitável e coerente com o estereótipo que reitera.

Isso porque a crônica de Furnandes Albaralhão funda um espaço marcado pelo choque de expectativas, pela instituição de diferenças marcantes, de práticas desviantes. O pressuposto é a existência de um senso comum, para o qual absurdos são, em primeiro lugar, o próprio texto, incluindo a linguagem nele utilizada, e as práticas e atitudes descritas e defendidas.

Desse modo, Furnandes Albaralhão percorre exatamente a linha traçada pelo preconceito e, mais que isso, ele a acentua. Afinal, quem disse que a relativização do estereótipo presente no discurso de Furnandes Albaralhão se dá pela negação? Pelo contrário, ele afirma, reitera, exagera estes elementos a tal ponto que o estranhamento, tão peculiar ao gênero macarrônico, se aplique não só à linguagem “vulgar”, aos disparates apresentados nos textos, ao autor suposto português, mas ao próprio estereótipo.



Com base em um discurso irônico, o leitor é convidado, então, a deslocar-se para além de uma perspectiva própria e conhecida, percebendo, fora dela, que tão absurdo quanto eleger a “cuçaira” como assunto de “palpitante interesse” é fixar um preconceito dessa ordem.

Dessa forma, no reverso de afirmações como “português não toma banho”, “português é burro”, etc. é possível ler também: “eu sou um leitor preconceituoso por crêr nisso”. No sentido oposto de um riso preconceituoso e ingênuo, se antevê o riso satírico de Fernandes Albaralhão.

Do ponto de vista cultural, o empreendimento da personagem possui algo de paradoxal: ela se serve de formas consagradas de cultura – que funcionam como índices- para render homenagem a uma prática pouco cultural, mais propriamente natural, de uma natureza primitiva. E o que antes de tudo fica naturalizado é, de novo, o preconceito. O fato de este ser levado ao extremo, por outro lado, desvela e denuncia sua absurdez: desmascara-se com isso a falta de fundamento do estigma, que aparece nu, como nada mais que estigma.

É importante deixar claro que as duas leituras e mesmo outras, inúmeras, são válidas e possíveis, pois não só o estereótipo constitui um modo de operação complexo entre a repulsa e o desejo pela diferença, como também o discurso cômico permite a resignificação em novos contextos dos sentidos mais fixos.

Dependendo de como lido, absurdo pode ser o fato de um suposto português escrever um tratado sobre um tema irrelevante sob inúmeros pontos de vista, numa linguagem não convencional, e “primitiva”, posto que fundada na oralidade, sobre sua aversão a dada prática corriqueira, o que confirma e leva mais longe a sua “primitividade”. Mas absurdo pode ser também a crença de que portugueses, como a personagem, possuem como uma característica intrínseca a aversão a banhos. Fernandes Albaralhão, de todo modo, com seus textos introduz uma perspectiva perturbadora, na medida que força uma reflexão sobre conhecimentos, concepções de mundo e objetos culturais que de maneira geral são aceitos e reproduzidos sem maiores considerações. Operando no nível da

crença, que desestabiliza, a personagem joga com o domínio do familiar, do sistematizado, introduzindo nele o prisma do estranhamento.<sup>45</sup>

Com Furnandes Albaralhão, o trabalho com o estereótipo, apesar de ser levado ao máximo do exagero, é um pouco mais sutil, no sentido de uma simulação e ardileza mais contundentes. Em “Nebigação aiérea”, entretanto, a julgar pela exaltação nacionalista que o tema suscita, Furnandes Albaralhão faz coro com seus “petricios” numa primeira pessoa do plural homogênea que se afirma como “Nós us portugueses”.

Se hai assumpto de rilibancia, é fóra de dubida a nebigaçon aiérea!

Pritendem us historiadores que essa inbenção foi discuverta prum vrazilairo, um tale Du Monte, mas birgula! Foi portuguez e pru signal que u transmutano Vridirodes de Megalhães!

Ora, nós u[s] portugueses, discuvrimos a nebigaçon meritima e a nebigaçon tirrestre. Era d’ispráre que tamvaim discuvrissimos a aiérea!

U mutibo da discuvridella dibeu Vridiródóes a uma uvisirvaçon physica e latente. Istaba esse petricio insticado na rélba a discansáre, mas puraim de vocca averta.

Di repente, saim que él isprasse, inguesgou-se. Qu’é que faiz u ga[j]o? Deu uma cusparada pru áre.

Acunticeu que bentaba forte. U bento pigou-lhe u cuspo de lado e fél-o discribêre uma linha recta, curba i trianguláre ao masmo tempo.

U Vridiródes deu um soco na queveça! Tinha discuvertu a nebigaçon aiérea!...

Cumiçaram antãon us primairos istudos preparatorios. U nosso qu’rido savio mitteu-se nu seu guevinete e disinbulbeu a primeira fórmula giومتريca:

$$x = \frac{\frac{d}{b} - e}{Vd}$$

Dahi a cinco dias, adibido a insprienças infectuadas cum mais cautela (o Vridiródes era muito cautiloso), elle chigou á seguinte cunclusão:

$$x = \frac{4m \left( \frac{6}{b} - 2 \right)}{5re - 4y} \dots$$

<sup>45</sup> Sobre o conceito de “estranhamento”, ver Sigmund Freud, “O estranho”, em *História de uma neurose infantil e outros trabalhos* (Obras Completas – vol.XVII), RJ: Imago, 1969.

Inda num era vastante! Elle disduvrou-se! Não daixou ninguaím pinitraire nu guevinete! Dona Liucadia, a mulhere d'el, quis appproximar-se-lhe, mas libou com um tamanco na queveça que lhe feiz logo um quelomvo. U hiróe qu'ria ficaire só. Fez-se-lhe a buntade.

Imfim, passados dias dispois, ubiu-se um zurro d'al'gria. U homemzinho me sahe pulando du quarto, com um papéle na mãon, amustrando-o a todos:

— Cá está! Bejam!

$$\frac{\text{by} - 4 \text{ re}}{2} -/- - \text{Vcdm} = \text{ariuplano.}$$

Estaba discuvérta a nebigaçõn aiérea! <sup>46</sup>

O texto apresenta alguns elementos específicos da “série das descobertas” como, por exemplo, a disputa dos portugueses com outro país, nesse caso com os brasileiros, o cunho nacionalista que baseia a crença de que só há inventores em Portugal, etc.<sup>47</sup>.

Um dos argumentos para o feito português é nada mais nada menos que a história, quer dizer, o passado de navegadores marítimos justifica o presente de navegadores aéreos, a existência de uma soberania no passado confirmaria assim a superioridade predestinada do presente.

A tal exaltação acrescenta-se a “lei das cumpensações da natureza”, teoria recorrente em *A Manha*. Desse modo, como que compensando o atraso técnico-científico de Portugal num plano prático, os “istudos priparatorios” do cauteloso “Vridiródes” edificam no plano teórico, no “papéle”, a possibilidade dessa descoberta.

Em contraponto, porém, a este discurso que simula o científico, opera-se ainda a mesma associação entre invenção e acaso. De um lado, fórmulas e trabalho intelectual, de outro, o caráter anedótico da descoberta. Este é um traço recorrente nos textos assinados por Furnandes Albaralhão e que diferencia sua produção. Enquanto, em geral, os demais textos do suplemento relegam a

<sup>46</sup> ALBARALHÃO, Furnandes. “Nebigaçõn aiérea” em “Supprimento de Purtugalli”, *A Manha*, RJ, Ano III, nº24. 30/05/1931.

<sup>47</sup> A aviação é tema recorrente também em outros macarrônicos, sendo comumente acompanhada deste mesmo cunho nacionalista. Também em *A Manha* há polêmica conformr CAPELA, C.E.S : “Entrevõos macarrônicos” em *Travessia* (Revista de Literatura), n. 39, jul.-dez. 1999, Florianópolis, UFSC, 2002; pp. 73-101.

aspectos da vida privada estatuto de utilidade pública, aqui os aspectos da vida pública e de carácter épico como, batalhas, invenções, etc. adquirem pelo riso um traço familiar, “por detrás dos panos”, curioso. Fernandes Albaralhão opera com essa inversão no próprio processo de composição da personagem, pois apresenta muito mais aspectos de sua vida pública, como “autor”, do que elementos de sua vida pessoal.

A exposição metódica apresentada pelo texto com rigores de estudos científicos é também outra constante na produção de Fernandes Albaralhão, uma estratégia que simula “status” de autoridade e, ainda, o deboche dessa modalidade discursiva. Assim, a medida que se apropria desse recurso como forma de dar crédito a sua palavra reles e cômica, ele joga com o carácter objetivo e verídico do discurso da ciência.

“O pulsibai’jo”, por exemplo, é seguido do subtítulo “Istudo chimico”. A seguir, como é de praxe, é apresentada a definição, descrição e origem do inseto:

U pulsibaijo...

É um insecto iscuro, achetado, arridundadosinho, netural de Purtugali e que morde as pissôas cuja tulirancia os primitte nu acunchego da sua entimidade.

O pulsibaijo avusa, toma cunfiança, intrimette-se na cama dum gajo e pra ahi léba a mulhére, us filhitos, a sogra, a imprigada, u jardinairo, u quechorro, léba a quenalha toda. Si u gajo taim mais que fazeire e deixa a cama á ribilia, aquillo, póde cuntaire, aim menos dum maiz (naim tanto, Jesus!) fica-lhe a cama que naim a rua dos Arcos em dia de faira! É pulsibaijo de todas as quilidades, faitios e quiraquitéres. Bêem-se us loiritos, us questanhos, us arridundados, us de faitio de casca de faijão, tudo aquillo a si mubimentaire vrandamente, uns pra cá, oitros pra lá... Só bisto qu’intimidade!

Sãon puraim nirbósos, ispantadiços. Si prum discuido calquére, a pissoa sacóde cá a cama, é aquella iagua. Arripintinamente tudo se assome num mumento e bão lá bêre aonde si mitteram. Iscondem-se us baldibinos tãon baim nus vuraquitos du culchão que não sahem nem a quecete!

Si pr’uma ibintualidade a pissoa ismaga um vichito desses, ai! Só bendo! Tape logo ais bentas vaim tapadas, porque, não lhis digo, é um tal de fidêre...

Na miha cama eu cá cunféssô que imprego todo u cuidado nicissario. Cando m’arricolho, tanho um trevalho insano pra afasta-los, um pr’um, ca ponta duma lepisaira, afim de não cummittêre um pulsibaijicídio, facto esse que, eu sou positibo, habia de m’incummudare prifundamente

s'aconticesse, adibido eu sêre sócio arrimido du Basco e da Associação Petriótica dos Animaes Irraciunaes.

O pulsibaijo é um ente que mais biaja nu mundo. Dais ultimas instatísticas prucidadas á vordo du "Nyassa", chigou-se a quencusão seguinte:

1  
—  
114

Quer isso dizêre: cento e quetorze pulsibaijos pra cada uma pissoa. Si nós, us de lá, não tibesemos uma constituição de birdade, caim é qu'arrisistia? Cento e quetorze memiferos em riva da gente, desde menhá até u dia seguinte...Papagaio! caim é qu'aguenta?

Adibido á intimidade inzistente entre esses vichos, cuitaditos, e as pissoas, hoje em dia, quaim não taim u seu pulsibaijusinho é muito pritencioso ou quer se fazêre de vesta. Com iffaito! Que mal ha? E dispois, nigáre rifugio em nosso laito a esses povres immigrantes, é uma acção bil, intulirabel, incunsiquente! Hoje em dia u pulsibaijo faz parte da familia e é prciso disapparcêre duma beis esse pricunçaito que inziste contra u povre du animalsinho. U izemplo debe partire de nós que semos animaes mais intulligentes du qu'elles, dilicados insectinhos...

E é adibido a sêre um vicho piquinito que eu, saim mais têre que diga a ruspaito, dou pur incirrado u accidente cu'a diclaração de: Tanho ditto!<sup>48</sup>

Numa primeira leitura o texto é divertido e banal. Um disparate, envolvendo absurdo e escatologia como tantos exemplares do macarrônico do português de Portugal.

Entretanto a fixação do "pulsibai'jo" como "netural de Purtugali", sua descrição como a de um imigrante que chega ao Brasil a bordo do Nyassa e, ainda, o deslocamento insinuado entre "cá" e "lá", permitem a correlação entre os imigrantes portugueses e este inseto.

Em conssonância a isso vem a vitimização desses "povres imigrantes" e o incentivo ao término do preconceito a eles destinado, afinal, "nós semos animaes mais intulligentes du qu'elles". A posição que Furnandes Albaralhão assume frente a esse grupo, leva-o a se identificar com "nós, us de lá", deixando claro que "nós" não inclui exatamente todo indivíduo de origem lusa e que "lá" não é o espaço destes "memiferos", graças a ação de "uma constituição de birdade". "Cá",

<sup>48</sup> ALBARALHÃO, F. "U Pulsibaijo" (Istudo chimico) em "Supprimento de Purtugali", *A Manha*, Ano III, nº29, 10/07/1931.

porém, também não são bem recebidos, embora seu “petricio” conclame um “rifugio em nosso laito a esses povres immigrantes”.

Vale apenas ressaltar que a crônica pressupõe a existência de dois momentos, duas situações: uma indicando a chegada e outra um presente, em que os viajantes já estão no novo espaço. Há portanto uma história decorrida, mas a manutenção de um processo de exclusão. A relação, desigual, entre pessoas/brasileiros e percevejos/portugueses, motiva, para além do riso, ou ao lado deste, a intervenção e o posicionamento da personagem do cronista, que ganha no caso dimensão política.

Situação semelhante ocorre em “U truquedilho”, publicado em setembro de 1931. O texto apresenta um modo de operação bastante complexo, na maneira como o autor afirma e nega o estereótipo da burrice, dissimulando estupidez, de um lado, e “assumindo”, de outro, a intelectualidade que julga como dissimulada. Em paralelo a isso, Furnandes Albaralhão circula entre seu grupo, descritos como idiotas, e o grupo formado pelas pessoas supostamente inteligentes por realizarem o trocadilho.

Num primeiro momento, então, ele apresenta uma atitude de repulsa em relação aqueles que consideram o trocadilho como algo colossal, excluindo-se desse grupo que na opinião geral seriam as talentosas. Em seguida, como prova de sua inteligência, resolve realizar um “truquedilho”. Mas, diante da incompreensão dos “seus” Furnandes Albaralhão corta essa identificação e confirma o estereótipo:

Truquedilho é a sciencia que táim pru fim tricare uma palabra pula oitra, de modos que, uma baiz prununciada. A ruf'rida, a pissôa qu'a iscutou naõ cumprihede patabina e ainda prucima fica cum cara de vesta.

Hai indibidos rivarvatibos que acham um isprito culussal nessa invicilidade. Só se bendo. Nu intritanto eu cá cunfêssô que não acho visulutamente graça nenhuma! Não inziste, masmo, nu mô fraco e dêvil modo d'intindêre, uma vuvagem meióre, náim tão pouco mais supirlatiba. Ah! Isso é que num táim que bêre! U truquedilho não passa de uma libiandade mumintanea e de certo modo insuvisistente!

Já dizia Furnão Lopes, u grande prusadôire purtuense, que u truquedilho, viulágicamente falando, é um amuntado cullatiral de paroxysmos incunsiquentes. E é. U Furnão save u que diz:

A upinião áim giral é que só as pissoas talintosas são cumpitentes pra urguenisare um truquedilho. Entenda-se! Á bista disso, eu que não dou a ninguáim u mô vrafo a trucére, bi-me na imp'riósa nucissidade de fazêre, tamváim, um truquedilho de báiz em cando para amustrare que a intullugencia não é pribilegio dus inguinurantes. Isso é que num é!

x x x

U primairo truquedilho que eu cá fiz, m'alemvra váim, foi n'uma róda silectra d'emigos e petricios, nu Chiado, áim Lisvôa. Era um dumingo. Um delles pruguntou-me:

- Ó Furnandes! Bocê gosta mais de malmiliada ou picigada?
- De malmiliada, arrispundi.
- Pru que mutibio?
- É pruque não é picigada.

Ai que guergalhairô! Us gajos riram se tanto que se daitaram ao chão. Eu fiquei cuntente e cavai me rindo tamvaim cumo uma vesta. Tinha feito um truquedilho! Cando us gajos cissaram de rire, eu disse-lhes, a ielles, num surriso sup'riore:

- Bocês pirciveram, hein? seus quenalhas!
- Pircivemos u que?
- U truquedilho.
- O truquedilho?
- U qu'o fiz.
- Que é que tu fizeste, ó Furnandes?
- Ai a minha bida! Eu fiz um truquedilho, rapazes!
- Um que?
- Um tru-que-di-lho!
- Que é isso?
- Hom'essa! mas bocês, antão, riram de que?
- Nós rimos foi da cara incuhirente que fizeste, uma cara d'asno seu baldibinos!

Ahi está. Us vrutamontes não tinham pircivido. Dicididamente , cáim disse, disse muito váim: u truquedilho não é pra calquére. É só pra pissoas intullugentes!<sup>49</sup>

A crônica realiza os procedimentos já aqui mencionados: definição do assunto, introdução da experiência pessoal, afirmação e confirmação do estereótipo. Além disso, opera com uma estratégia muito cara a este “inlustre incullaboradoire”: a ironia.

É preciso estar muito atento a esse discurso à ambivalência, do cronista, que permite que as mesmas pessoas classificadas como inteligentes sejam também classificadas como ignorantes, que o motivo de sua inteligência seja descrito, ao mesmo tempo, como bobagem e talento, que o autor suposto se

<sup>49</sup> ALBARALHÃO, Furnandes. “U truquedilho” em “Supprimento de Portugali”, *A Manha*, RJ, Ano III, nº38, 4/9/1931.

afirme como estúpido para criticar um suposto intelectualismo, não menos idiota que a incompreensão ingênua dos tolos.

Esse discurso, enfim, torna possível a introdução de uma perspectiva original que não apresenta a unilateralidade de um ponto de vista exclusivamente nacional, mas que também não fixa o imigrante português como vítima.

Fernandes Albaralhão não defende ou ataca brasileiros e portugueses. Seu discurso assume o suposto ponto de vista de um português, mas de modo satírico. O que parece estar em jogo é muito mais a criação de um espaço de questionamento, do que a afirmação de uma ou outra verdade pré-estabelecida. Tanto isso é verdade que a sátira, incorporada em seus textos, desloca-se para outros aspectos da cultura, atingindo formas da expressão artístico literária, ou ainda, no deboche da **autoridade** artificiosa que ele mesmo, ironicamente, institui para si. Como o que ocorre no grande número de poemas que publicou em *A Manha*, alguns deles reunidos em seu livro, *Caldo Berde*, o que possibilitou inclusive reconhecer sua “autoria” em textos não assinados, conforme já mencionado anteriormente, outros, entretanto, são exclusivos do “Suprimento de Purtugali”.<sup>50</sup>

Como acontece em relação à prosa, Fernandes Albaralhão, em seus poemas, trabalha os mecanismos do gênero de modo original e criativo, principalmente naqueles em que recorre ao princípio paródico que se mostra bastante importante em seus textos. Na verdade, em função mesmo da perspectiva “exótica” típica dos macarrônicos, que faculta e motiva um diálogo constante com “textos” de largo alcance social, essa presença determinante do mecanismo paródico é previsível. Assim, tanto em *Caldo Berde* como em suas colaborações feitas para o “Suprimento” grande parte dos poemas recriam parodicamente textos paradigmáticos da tradição literária, em especial luso-brasileira.

Porém, apesar do potencial subversivo da paródia, o propósito, digamos crítico, nem sempre é a dessacralização do original parodiado; por vezes o texto

---

<sup>50</sup> A exemplo de “A guellinha que punha us óbos de oiro” em “Suprimento de Purtugali”, *A Manha*, Ano III, nº36, 21/8/1931, ou ainda, “Modas”, Ano II, nº54, 14/11/1930 e “A bitoria du Basco”, Ano III, nº30, 17/7/1931.



primeiro nada mais faz que fornecer um molde, um modelo sobre o qual a recriação repousa, tendo em vista antes de mais nada ridicularizar, ou satirizar, situações ou elementos externos ao texto, da ordem do cotidiano. Torna-se vital, portanto, distinguir textos em que o “alvo” da paródia é acima de tudo o próprio texto de fundo daqueles em que tal “alvo” é extratextual, como o insulto a personalidades públicas, por exemplo.

Linda Hutcheon em sua *Teoria da paródia*, chama a atenção para “o fato de a paródia ter sido com frequência utilizada em combinação com a sátira”, e por isso mesmo confundida com esta, que constitui, no entanto, um outro gênero literário específico, senão ao menos um modo particular. Estabelece então, para os casos em que paródia e sátira se sobrepõem, a distinção entre paródia satírica, de um lado, “um tipo de *gênero* paródia (...) que é satírico e cujo alvo é ainda uma outra forma de discurso codificado”, e, de outro lado, “a sátira paródica (um *tipo* do *gênero* sátira) que visa algo exterior ao texto, mas que emprega a paródia como veículo para chegar ao seu fim satírico ou corretivo”.<sup>51</sup>

Em Furnandes Albaralhão é possível encontrar os dois tipos básicos propostos por Linda Hutcheon. Um caso de sátira paródica é o “Suneto crassico”, dedicado “au Quemõens”, autor do texto parodiado. Embora a forma seja camoniana a referência recai muito mais no estereótipo da avareza do português do que ao “texto em si”. Dito de outro modo, enquanto no soneto de Camões o objeto de desejo é uma mulher, Raquel, no texto de Furnandes Albaralhão o objeto de desejo é nada mais nada menos que o dinheiro:

Sete annos de queixairo o Zé sirbia  
na benda du Juequim, um lusitano.  
Mas não era u Juequim qu'elle quiria:  
era u dinhairo d'elle! Que magano!

Annos e annos na sp'rança dum só anno,  
passaba e a vurra nunca averta bia.  
U Juequim, niguciante suvurvano,  
du queixairo, talvez, se precabia.

Bendo u Zé que u petrãon, impertinente,

---

<sup>51</sup>HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*, Lisboa, 1985, pp.82-83.

nunca lh'u disse a ielle: — “A vurra é bossa!”  
 nunca a honra lh'u fez de tal cumbite.

continuou surbindo-o vrandamente  
 dizendo: — “E sirbirei até que possa  
 pigar-lhe um cóvre todo e daire u suite!”<sup>52</sup>

Em textos como este a forma literária tradicional é tomada antes de tudo como moldura, sendo por isso apenas levemente subvertida. A contestação ali parece estar mais voltada para um foco exterior do que para o texto propriamente dito, e para convenções literárias que materializa.

Como exemplo de paródia satírica feita por Furnandes Albaralhão pode-se tomar “Suneto nuphilibatico”, cuja referência é um soneto de Augusto dos Anjos. É interessante notar o quanto a paródia apresentada se aproxima do original, do estilo empregado por Augusto dos Anjos, ao mesmo tempo que dele se distancia. Isso porque Furnandes Albaralhão, se por um lado utiliza uma série de vocábulos pertencentes ao campo lexical da poesia de Augusto dos Anjos, digamos assim, e alude a uma temática cara a esse poeta (como a putrefação da carne, a brevidade e desilusão da existência), captando dessa maneira algo do “ethos” poético do poeta parodiado, por outro lado a recriação macarrônica se distancia do original, revelando sua fragilidade interior, na medida que tais assuntos e tal “ethos” são tratados segundo um viés cômico, de que não fica de fora uma atmosfera de “nonsense”. Seja como for, esse distanciamento decorre principalmente do fato de se estar adequando uma forma literária séria a uma linguagem tida como inferior, o macarrônico do português. A linguagem macarrônica serve assim de mediação para a crítica de formas literárias sacralizadas:

As manipulações attruphiadas  
 dus balôres succintos cracumidos,  
 são productos istereis cuncividos  
 pulas ditirminantes mal talhadas!

Há nas biredas disorganizadas  
 u birus dus painéis dislludidos

---

<sup>52</sup> ALBARALHÃO, Furnandes. “Suneto Crassico” em “Suprimento de Portugali”, *A Manhã*, Ano III, nº51, RJ, 19/12/1931; p.3.

que s'intrilham como que tulhidos  
nas pulbirizações immaculadas!

As bózes sipulchraes intrasitabeis  
Das intirpillações aduliscentes,  
Istrimecem nas bascas hyputheticas...

Rigurgita a bisão dus indumabeis  
e a riturquires as dubidas latentes  
tomva, afinalé, em combulsões syntheticas!<sup>53</sup>

As paródias satíricas, nesse sentido, ilustram com excelência o alcance crítico do macarrônico, com que formas de cultura tidas como eruditas e aspectos de visões de mundo estabelecidas, socialmente sancionadas, são reconsiderados, isso da perspectiva de uma cultura posta como desclassificada, marginalizada. No trânsito em que se funda o gênero, esta é deslocada para o centro, é eleita padrão, referência, lugar privilegiado, ainda que instável, polêmico, de onde o instituído é revisto. Os textos macarrônicos, nesse caso, tornam-se mais que simples motivadores de um riso ingênuo, preconceituoso, levando, caso os leitores aceitem jogar o jogo proposto, a também questionar estereótipos socialmente aceitos, levando ao reconhecimento de outros sistemas de cultura, outros modos de viver, conceber e representar o mundo.

---

<sup>53</sup> ALBARALHÃO, Furnandes. "Suneto nuphilibatico" em "Supprimento de Purtugali!, *A Manha*, RJ, Ano I, nº48, 12/9/1930; p.4.

## CONCLUSÃO

## CONCLUSÃO

Conforme mencionado logo no início deste trabalho, os textos em macarrônico do português de Portugal que aqui foram objeto de estudo constituem material inédito aos olhos de hoje. Por esse motivo, o objetivo primeiro desta dissertação é justamente resgatar esse material. Para tanto, no segundo volume aparecem transcritos a produção em macarrônico selecionada, inclusive todos os textos assinados por Furnandes Albaralhão, dada a importância da participação da personagem nessa variante macarrônica e para o próprio gênero.

Num segundo momento, o objetivo foi apresentar algumas das principais características que constituem o macarrônico, bem como os artifícios mais recorrentes no processo de composição da personagem.

A partir disso foi possível perceber como a versão em macarrônico do português de Portugal atuava como especificidade dentro desse universo textual.

Em seguida, a discussão concentra-se nas diferentes estratégias textuais e referências contextuais utilizadas pelos diferentes “autores” que colaboravam para o “Suprimento de Purtugali” em *A Manhã*, ou para o “Diario do Avaix’o Piques” no *Diario do Abax’o Piques*, para o estabelecimento de um lugar de enunciação que se pretende tipicamente português.

Por fim, o próximo passo foi analisar os mecanismos de subjetivação da voz autoral de Furnandes Albaralhão, como e por que ele difere dos demais colaboradores em sua produção?

O primeiro capítulo, assim assume um caráter mais descritivo, na medida que tem por função fornecer elementos que permitam compreender o funcionamento dos textos em macarrônico do português de Portugal dentro desse contexto de produção, qual seja, os princípios básicos que constituem o gênero são ali abordados de forma genérica, servindo como pano de fundo para as particularidades da versão macarrônica privilegiada neste estudo. A linguagem, o estereótipo e a autoria suposta são alguns dos pontos destacados, pois possibilitam que se entenda mais adiante os modos com que os meios expressivos básicos do gênero foram empregados nos jornais acima referidos.

O capítulo posterior segue esta mesma linha descritiva, mas procurando limitar-se às características peculiares ao macarrônico do português de Portugal. Desse modo, apresenta-se uma visão panorâmica sobre o funcionamento das características básicas do gênero nessa variante, qual seja, como a linguagem, por exemplo, assume nuances próprias, sejam elas relacionadas ao grupo representado, sejam elas relacionadas à língua deformada.

Ao final dessa explanação dois aspectos tornam-se evidentes: primeiro a matéria essencialmente híbrida que compõe o gênero, já aparente na linguagem ali empregada, mas também no trânsito de perspectivas que encerra; segundo o imbricamento de um princípio em relação ao outro, ou seja, linguagem, autoria suposta, estereótipo, entre outros, se sobrepõe e formam um conjunto entrelaçado dos modos de representação da personagem e caracterização de um espaço de enunciação não-nacional. Nesse passo, estes elementos, no que se inclui o reconhecimento do leitor de formas estereotipadas, associam-se e de modo coerente garantem o funcionamento desse processo de criação, do que decorre a constatação de que apenas um dos elementos isolados não garantem a constituição de um espaço de enunciação e ponto de vista estrangeiros. Este foi justamente um dos pontos discutidos no capítulo três.

O terceiro capítulo toma por base a comparação realizada entre os originais de *A Manha* e do *Diário do Abax'o Piques*, o que deixa claro que os recursos expressivos do gênero foram empregados com maior complexidade naquele do que neste periódico. *A Manha* não só publica um maior número de textos em macarrônico do português de Portugal e apresenta uma colaboração maior e mais assídua de “autores”, como também ali as estratégias básicas do macarrônico são utilizadas de modo mais sistemático.

Tanto que é possível reconhecer nesse espaço de enunciação, além dos aspectos comuns aos demais macarônicos, outros índices que distinguem parte dessa produção, como, por exemplo, a recorrência de alguns temas específicos, algumas formas textuais, o jogo de imagens entre nacional e não-nacional, o trânsito entre uma perspectiva alheia e própria, ou ainda uma representação que oscila entre a afirmação do estereótipo e a negação do mesmo.

No *Diário do Abax'o Piques*, diferentemente, há um ou outro tema aleatório, um ou outro autor suposto, etc. É importante salientar inclusive que grande parte dos textos não são assinados, o que também ocorre n'A *Manha*, mas em proporções bem menores, uma vez que a autoria suposta é um recurso largamente explorado. Aqui o objetivo parece ser muito mais o riso bobo, ou a discussão de um ou outro acontecimento específico de São Paulo, do que o jogo com a composição da personagem e seu ponto de vista original. Já em *A Manha* esse processo adquire sofisticação, na medida que se intensificam as características básicas do gênero, reformulado-as com originalidade, sem, no entanto, perder de vista o humor e a crítica social, pautadas, entre outras coisas, na forte ligação do jornal com o cotidiano brasileiro de então.

O auge dessa complexidade é atingido por Furnandes Albaralhão, tema do último capítulo que compõe esta dissertação.

A personalidade incógnita do autor é um ponto que chama a atenção e revela ainda o lugar marginal ocupado pela produção macarrônica e como a marginalidade de um autor suposto imigrante acaba por tomar o centro desse processo de criação. Do mesmo modo que o falar estranho e repudiado do imigrante é utilizado como fundamental meio de expressão.

Nesse passo, embora também seja representado conforme a imagem fixa dos estereótipos, Furnandes Albaralhão é caracterizado no plano discursivo antes de tudo como "autor". Assim, ainda que elementos como a "cuçaira" girem em torno da personagem, o que predomina é a sua ligação com a literatura. Antes de ser português, burro, porco, etc. ele é um "pueta barejista e um litrato" e isso o diferencia dos demais autores supostos. Seu plano de atuação, as referências sobre ele, recorrem predominantemente a este ponto, ficando o plano pessoal relegado a segundo plano.

Furnandes Albaralhão assume este lugar textual, fundado pelo macarrônico, e porque assumindo tal lugar, vez ou outra distancia-se do lugar comum (comum para quem, resta saber?), que reitera uma série de estereótipos ligados a figura do imigrante português comumente vinculando-a ao âmbito do cômico, do grotesco e do ridículo. Não que Furnandes Albaralhão deixe de fazer isso, pois ele o faz,

afirma uma série de estereótipos e boas risadas consegue com isso, mas ao afirmá-lo por um viés irônico o nega também, e nutre com isso saborosas risadas, só que nesse caso não do representado sobre o qual atuam os preconceitos, mas daqueles que os conservam (os preconceitos).

O que ocorre é que a representação de modos de ser, agir e pensar “exóticos”, cuja linha de fuga são estigmas e estereótipos, é objeto menos de descrições que de interpretações. Não se diz que portugueses são burros ou pouco asseados, nos textos as personagens agem e fazem segundo tal diapasão, porém em muitos casos, o que é fundamental, de um modo irônico, que abala os pontos de partida e tudo que deles decorre. A experiência do deslocamento que caracteriza imigrantes e estrangeiros coloca em xeque “verdades” incontestadas e tradições por que se pauta o cotidiano brasileiro. Desde que aceitem jogar esse jogo por vezes proposto pelos macarrônicos os leitores podem compartilhar tal tipo de experiência e se enriquecer com ela.



## BIBLIOGRAFIA:

### 1- Referências Bibliográficas de Furnandes Albaralhão

ALBARALHÃO, Furnandes (Horácio de Campos). *Caldo Verde*, 1ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Ypiranga, 1931.

\_\_\_\_\_. *Caldo Verde*, 2ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Ypiranga, s. d.

### 2- Bibliografia Geral

AHMAD, A. *In theory* (Classes, Nations, Literatures), London/New York: Verso, 1994.

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas* (Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo), Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1993.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética* (A teoria do Romance), São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

\_\_\_\_\_. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, São Paulo: Hucitec, 1999.

BARTHES, R. *O grau zero da escritura*, São Paulo: Cultrix, 1971.

\_\_\_\_\_. *O rumor da língua*, São Paulo: Brasiliense, 1988.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da Pós-modernidade*, Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BECKER, Idel. *Humor e humorismo* (poesia e versos) e *paródias de poemas famosos* (Antologia), São Paulo: Brasiliense, 1961.

BELLO, J.M. *História da República*, SP: Companhia editora nacional, 6ªed., 1972.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*, Belo Horizonte, ed. UFMG: 1998.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, 35ªed., SP: Cultrix, 1999.

CANDIDO, A. *O discurso e a cidade*, 2ª ed., São Paulo, Duas cidades, 1998.

CAPELA, C.E.S. *A farsa como método* (A produção macarrônica de Juó Bananére nas revistas *O Pirralho*, *O Queixoso* e *A Vespa*: 1911-1917), Tese de Doutorado, Leuven, KUL, 1996.

\_\_\_\_\_. “Língua-Pátria, Línguas-párias”, *Revista da ANPOLL*, n. 4, jan/jun. 1998; pp. 39-64.

\_\_\_\_\_. “Representações de migrantes e imigrantes na cultura brasileira do princípio do século. O caso de Juó Bananére”, em *Literatura y poder*, ed. C. De Paepe, N. Lie, L. Rodriguez-Carranza e R. S. Hermida, Leuven, Leuven UP, 1995; pp. 171-184.

\_\_\_\_\_. “O diálogo plural de Juó Bananére”, em *Travessia* (Revista de Literatura), n. 31, ag./1995-jul. 1996, Florianópolis, UFSC; pp. 137-160.

\_\_\_\_\_, C.E.S. “Entrevôos macarrônicos”, em *Travessia* (Revista de Literatura), n. 39, jul.- dez. 1999, Florianópolis, UFSC; pp. 73-101

\_\_\_\_\_. “O industrial e a prostituta no país dos coronéis”, em *Anais do VI Congresso da ABRALIC*, Florianópolis, NELIC/UFSC, 1999 (ed. em CD-Rom).

CARONE, Edgard. *Revoluções do Brasil contemporâneo*, SP: DIFEL, 2ªed., 1975.

CARVALHAL, T. F. *O discurso crítico na América Latina*, Porto Alegre, IEL/ed. da UNISINOS, 1996.

CARVALHO, J. M. *A formação das almas* (o imaginário da República no Brasil), SP: Companhia das Letras, 1990.

COMPAGNON, A. *Os cinco paradoxos da modernidade*, Belo Horizonte., ed. UFMG, 1996.

CROCHIK, J.L. *Preconceito* (Indivíduo e cultura), 2ª ed., São Paulo, Robe, 1997.

FAUSTO, Bóris(org.). *História Geral da Civilização Brasileira*, volume III (O Brasil Republicano), RJ:Betrand Brasil, 1991

\_\_\_\_\_. *Fazer a América* (A imigração em massa para a América Latina), São Paulo: EDUSP, 1999.

FREUD, S. “O ‘estranho’”, em *História de uma neurose infantil e outros trabalhos* (Obras Completas - vol. XVII), Rio de Janeiro: Imago, 1969.

HOBSBAWM, E. J. *Nações e nacionalismo desde 1870* (programa, mito e realidade), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUTCHEON, L. *Uma teoria da paródia*, Lisboa: Edições 70, 1989.

KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*, Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MAGALHÃES, J. *Antologia de humorismo e sátira: de Gregório de Matos a Vão Gogo*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade* (Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth), São Paulo: UNESP, 1998.

PROPP, V. (tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade). *Comichade e riso*, São Paulo: Ática, 1992.

SAID, Edward W. *Orientalismo* (O Oriente como invenção do Ocidente), São Paulo: Cia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *Cultura e imperialismo*, São Paulo: Cia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. "Representar ao colonizado (Los interlocutores de la antropologia)", em *Cultura y tercer mundo*, (I – Cambios em el saber académico), Comp. Beatriz Gonzáles Stephan, Caracas, Nueva Sociedad, 1996.

SAYAD, A. *A imigração* (ou Os paradoxos da alteridade), São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHWARCZ, L.M. *O espetáculo das raças* (Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930), São Paulo: Cia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_ e QUEIROZ, R. S. (org.), *Raça e diversidade*, São Paulo: EDUSP/Estação Ciência, 1996.

SENNETT, R. *O declínio do homem público* (As tiranias da intimidade), São Paulo: Cia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. "El extranjero", em *Punto de vista* (Revista de Cultura), BA, n. 51, ab/1995; pp. 38-48.

SEVCENKO, N. *Orfeu estático na metrópole* (São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20), SP: Cia das Letras, 1992.

## 3-Periódicos:

*Diario do Abax'ó Piques*, São Paulo, 1933.

*A Manhã*, Rio de Janeiro, 1926 a 1947.

## APÊNDICES

## APÊNDICE I: DOCUMENTAÇÃO ICONOGRÁFICA

### Índice das reproduções

1. Uma das primeiras crônicas de Furnandes Albaralhão publicada em “Supprimento de Purtugali”, *A Manha*, Ano III, nº19, Rio de Janeiro, 24/04/1931; p.3.
2. Poema de Furnandes Albaralhão, uma de suas primeiras paródias, em “Supprimento de Purtugali”, *A Manha*, Ano I, nº49, Rio de Janeiro, 19/09/1930; p.13.
3. O primeiro exemplar da página “Supprimento de Purtugali” em *A Manha*, nº1, Rio de Janeiro, 13/05/1926, p.5.
4. Página do “Supprimento de Purtugali”, em *A Manha*, Ano I, nº1, Rio de Janeiro, 10/10/1929; p.3.
5. O primeiro texto da série “Primairo Cungresso dus Portuguezes nu Vrasile” em “Supprimento de Purtugali”, *A Manha*, Ano III, nº21, Rio de Janeiro, 9/5/1931; p.3.
6. Anúncio do *Caldo Berde*, ao lado de texto em que Furnandes Albaralhão se candidata a membro da Academia Brasileira de Letras, em “Supprimento de Purtugali”, *A Manha*, Ano III, nº22, Rio de Janeiro, 15/5/1931; p.3.
7. Crítica, publicada nas páginas “normais” de *A Manha*, do *Caldo Berde*, em *A Manha*, Ano III, nº23, Rio de Janeiro, 23/5/1931; p.2.

8. Página “Supprimento de Purtugali” com caricatura do time do “Basco” e crônica assinada por Furnandes Albaralhão, em “Supprimento de Purtugali”, *A Manha*, Ano III, nº24, Rio de Janeiro, 24/5/1935; p.3.
9. Página “Supprimento de Purtugali” com dois textos assinados por Furnandes Albaralhão em *A Manha*, Ano III, nº36, Rio de Janeiro, 21/8/1931; p.22.
10. Paródia de Furnandes Albaralhão de um soneto de Camões em “Supprimento de Purtugali”, *A Manha*, Ano III, nº51, Rio de Janeiro, 19/12/1931; p.3.
11. Primeiro texto da série “Cartas do Biturino” em “Supprimento de Purtugali”, *A Manha*, Ano XIX, nº10, Rio de Janeiro, 28/6/1945; p.3.
12. Página “Diariu du Avaix’o Piques”, em *Diario do Abax’o Piques*, nº16, São Paulo, 17/8/1933; p.3.
13. Página “Diariu du Avaix’o Piques”, em *Diario do Abax’o Piques*, nº17, São Paulo, 24/8/1933; p.5.
14. Página “Diariu du Avaix’o Piques” com soneto de Pacheco d’Eça em *Diario do Abax’o Piques*, nº21, São Paulo, 27/10/1933; p.5.





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

## **O ARTIFÍCIO DA SIMULAÇÃO**

(O MACARRÔNICO DO PORTUGUÊS DE PORTUGAL EM A  
*MANHA*:1926-1947 E NO *DIÁRIO DO ABAX'O*  
*PIQUES*:1933)

VOLUME II

Mestre: Rita Salma Feltz  
Orientador: Profº Drº Carlos Eduardo Schmidt Capela

Florianópolis – Dezembro de 2005



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

## **O ARTIFÍCIO DA SIMULAÇÃO**

(O MACARRÔNICO DO PORTUGUÊS DE PORTUGAL EM A  
*MANHA*:1926-1947 E NO *DIARIO DO ABAX'O*  
*PIQUES*:1933)

VOLUME II

Mestre: Rita Salma Feltz  
Orientador: Profº Drº Carlos Eduardo Schmidt Capela

Florianópolis – Dezembro de 2005

A PRODUÇÃO EM MACARRÔNICO DO PORTUGUÊS DE PORTUGAL NOS  
JORNAIS *A MANHA* (1926-1947) E *DIÁRIO DO ABAX'O PIQUES* (1933)

## ÍNDICE

Introdução .....	6
“Supprimento de Purtugali” (1926-1947).....	7
“Diariu du Avaix’o Piques” (1933).....	160

## INTRODUÇÃO

Os textos aqui transcritos constituem parte da produção em macarrônico do português de Portugal dos periódicos *A Manha* (semanário humorístico dirigido por Aparício Torelly, editado no Rio de Janeiro entre os anos de 1926 e 1951) e o *Diário do Abax'ó Piques* (fundado e dirigido por Alexandre Marcondes Machado, o criador de Juó Bananére, que circulou em São Paulo no ano de 1933). Parte, porque, embora a seqüência dos originais tenha sido respeitada, o material foi previamente selecionado. Para isso levou-se em conta os **temas** desenvolvidos nesses textos (costumes, tradições, feitos históricos, etc.) e sua “**forma**” (crônica, poesia, reportagem, etc), tendo em vista o perfil da personagem traçado. A seleção dos textos visa compor uma antologia com originais representativos dessa modalidade textual.

A organização do material segue a ordem cronológica com que foram publicados originalmente.

Os cuidados na transcrição foram o de interferir o mínimo possível na grafia das palavras já que o macarrônico se constrói fundamentalmente na deformação da linguagem usual. Portanto, palavras foram alteradas apenas quando, seguindo a regularidade morfológica utilizada naquele macarrônico, parecia haver erro evidente, como, por exemplo, inversões na seqüência normal de linhas ou letras. De qualquer forma, as mudanças (nem se pode chamar com segurança de correções) são justificadas sempre em nota de rodapé de modo a orientar o leitor.

Assim sendo, é importante deixar claro que, até mesmo pela dificuldade de realizar qualquer “correção” num texto que opera principalmente com a transgressão, os originais serão aqui respeitados, pois não se pretende *fixar um texto, atualizar a ortografia*, ou coisa que o valha. Mesmo porque quando se está a falar do gênero macarrônico torna-se difícil identificar qualquer coisa como erro, da mesma forma que torna-se difícil identificar o que pertence a etimologia da época e o que é próprio dessa variante textual.

*A MANHA*

“Supprimento de Purtugali”

**1927**

Nº 56 – 27/10/1927

**A LISTRA DAS CUMIDAS**  
**A queschtãon dus nómes e dus preços du cradapio**

O nosso inlustre petricio, sinhoire Migueli Pudraira, stabulecido nu ramo de seccus e mulhados, na Abinida Centrali, prudziu a seguinte circumfrença no “Circulo da União Faz a Força dos Bareijistas”:

“Distinctus quebalhairos.

Stá a se discutire, nu cuncelho da Prufaitura, u caso dos nomes stranjairus nas cumidas e dos rusputibos preços currentes nu cradapio.

Ora, a queschtãon dus nomes de cada cumida é uma coisa que só pode intreçaire aos donos e aos purpiatarios dos restorantes e das casas que furnecem as cumidas para fóra ou para dentro.

Só elles lá é que savem u que debem scrubeire nu papéle pró freguês auspois lêre.

U meu cullega Flinto Lapis d’Almaida já dumustrou cum a gremmática numa mãon e u dissinário na oitra, que há dibersas palabras na lstranja que não taim traducçaon em Purtugali.

E mesmu não é pruciso pralgumas dellas, pois galquer p’ssôa de tratamento, acostumada a cumere nu restorante ou que já foi garcaon de surbire, sabe logo u que stá scripto nu cradapio.

Pur insempro: — “Roz-biff” — logo si bê que é arroz com biffe.

“Chu-crú” é u nome qu’us alimãens lhe dão ao chu-chú, que não stá baim cuzido.

“Vol-au-vent” é um nome que us francêis lhe dão a um bolo que é feito au bento.

“Filet á Richelieu” é o mesmu que bife á Riachuelo.

“Potage aux pommes de terre” é uma ispecie di selada de bobage de pombos cum terra.

Na Intalia, si u fregueis pede maquerrão, dão-lhe telharim. E na França dão-lhe sardellas, quando pede u maquerrão.

E, cumo esses, muntissimos oitros nomes que eu de mumento não me alembro, porque m’isquici.

Us nomes dais cumidas, portanto, stãon a calhaire e me parece que a prufaitura nada taim a mudifcaire, porque só o indibido nalphabéto é que discunhece as palavras stranjairas du cradapio.

Nu que se rufére aos preços, da mesma fórmula, naim u Prufaito naim u Cuncelho lá podem mettere u bedelho.



U preçu é a difeza da culónia e é pruciso que fique prubado duma beis pra sempre que u portugueis não é só pra pegare peso e pagare imposto, mais debe tambaim garantire us seus diraitos, na cunfurmidade cum as inurgias da raça!

É pur isso qui eu benho lançaire u meu prutesto contra ais menóvras de certos gajos que querem mataire u portugueis na caveça, mais olha, toma!"

U sinhoire Migueli Pudraira, foi muito inflicitado.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>O texto faz referência a discussão sobre os nomes estrangeiros nos cardápios que de fato foi realizada pelo Conselho da Prefeitura do Rio de Janeiro, conforme: FIGUEREDO, C. *As duas vidas de Aparício Torelly, o Barão de Itararé*, 2ª Ed. RJ: Record, 1988. Pg. 83.

Nº 56 – 27/10/1927

**MADRIGALE**

(Traduzido de **QUE MÕENS**)

A vriza passa ao de lébe,  
A farfalhar nu arburedo  
E au meu paito rucustada  
Ella me assopra em sugredo:  
– Amo-te tanto, stapoire.  
Mais du q'amare a Deus pude  
E pur ti, pur teu amoire  
Abaccalhai a saude...

A felor que me deste um dia,  
Naquella tarde tão triste  
Pundeu, murchou e murreu  
E tu nunca mais a biste!

E o amoire que na minh'alma  
Eu só pur ti acalantai,  
Custou-me nóites de sónia  
E quantas bezes churai!...

Mas si um dia eu cunheceire  
Qu tu não me queres mais  
Quebro-te us dentes da frente  
E rubento-te us de traiz!...

**Simão de Laburairo.**

**1929**

Nº1 – 10/10/1929

**PELO BERNÁCULO**

“Cá” é prunóme, adjéctibo ou verbu?

Ahi stá um prublema de grande impurtancia e que enbólbe uma dais queschtõens mais cuntrobertidas da lingua de Quemõens: — a palabra “cá” é prunóme, adjéctibo ou verbu?

A maiuria dos tabernaculistas garante que a palabra “cá” é um prunóme commum, tanto assim que é commum usal-a currentemente na linguagem figurada, em lugar do nóme. Pur izemplu: — Eu stou perto do Julinho e digo: “Bem cá!” A palabra “cá” ahi é prunóme, porque stá em lugaire du nóme Julinho. “Bem cá!” é como quaim diz: “Bem Julinho!” Ma u Julinho ñom bem!

Inziste ainda um grupo que affirma que a palabra “cá” é adjéctibo, porque taim variaçõens, mas quando se lh’os prugunta plas variaçõens elles se calam.

É que elles ñon cunhecem que u adjectibo quando taim variaçõens, chama-se vérbu p’ra regular e se o conjuga em todos us tempus de calquéer modo.

A palabra “cá” é portanto, prunóme, quando stá em beis dum nome. Pur inzemplu: — Eu stou com o Bisconde e lh’o digo: “Dá cá!” — “Cá” o que? — A palabra “cá” ahi é prunóme porque stá em lugaire dum nóme: — o dinhairo!

Nus oitros casos, palabra “cá” é verbo e se o conjuga, [em]<sup>2</sup> todas as suas variaçõens:

Eu: — cá,  
Tu: — lá,  
Elle: — aculá;  
Nós: — além;  
Vós: — a quem;  
Elles: — onde?

**F’linto Lapis d’Almeida**

---

<sup>2</sup> O vocábulo entre colchetes encontrava-se bastante obscuro, mas seguindo a coerência da frase considerou-se esta a melhor solução.

Nº 1 – 10/10/1929

### **Editorial**

Este jornal que nasce pra defeza dos alebantados int'resses da culónia e particularmente do ramo de seccus e mulhados, manterá sempre uma linha correcta na discussãon, ebitando palavras indécentes e prucurando ser dilicado nos seus insultos.

\*\*\*

A nossa linguagem será sempre de accôrdo com u bernáculo e quaim nãoon estibér na cunfurmidade, que mil raios us partam e u diabo que us carregue!

\*\*\*

A fruguezia será tratada, d'licadamente, cum a maxima discunsideraçãon, purquê u nosso dilema é ali na batata!

\*\*\*

Isto bae! Ou bae ou racha ou reventa a burracha!

**Simãon de Laburairo**

### **Modus correctos de portar-se á mesa**

Um dus pontus mais d'licadus que devem sêr rigurosamente ubisurbadus por indibibuos de-inducaçon, é a manaira de se cumpurtarem á mesa das familias cunhecidas, purque im casa lá isso é á buntade.

U milhores sustema é appareceire saim abizaire á hora du amoço.

Logo que chigar á mesa u prumairo prato u gajo senta-se e disdóbra u guardanapo, mettendo-lhe uma dais pontas pur dentro du collarinho ou, intãon, (e isto é mais correcto) dando-lhe uma bolta im roda du puscoço e aplicando-lhe um nó cego pur detraz.

Uma beis suntado u freguêis bai se surbindo á buntade, pra não dare trabalho aus donos da casa.

Si u primairo prato fôre uma sopa e si estiber muito quente, debe assupral-o cum força inté qu' isfrie.

Quando u fruguêis tumou todo o prato da sopa e não apparece um segundo prato, é muito cumbiniente rupitire a sopa pru causa dais dúbidas.

U binho berde toma-se como agua, apanhando u copo cum ais duas mãons, si as tibér.

U bife açubulado cum arrois, cóme-se de garfo e de faca, usando-se, quando si taim pressa, ainda a culhére. Cum u garfo spéta-se u bife e cum a faca léba-se u arrois á vôcca. Cum miolo de pão limpa-se o mólho du prato, sp'rando a beis da guellinha ou de qualquer oitro prato cum brado d'armas.

Si a guellinha, fôre um p'ró, tanto milhore. Aprubeita-se-lhe baim u serrabulho e us ossos bão-se atirando pur vaixo da mesa, purque nunca faltará um cachorro da casa qui us diglutta.

Quando há doces e fructas na sibrimesa, u fruguêis cóme ais fructas que póde e rubate tudo cum us doces.

U café toma-se na chicra, quando frio, mas si stiber quente deita-se nu pires p'ra sfriare.

É uma proba de inducaçon e de vôa inçubibilidade sahire da mesa cum um palito na vôcca. Não fica male ainda apanhaire algum cumestibel á sahida da mesa, mettendo-o nu bolso, pra dispois.

U fruguêis, entãon arritira u guardanapo do puscoço, arróta, pra mustrare á familia que cumeu e que gustou, e, antes de rutirar-se, diz maia duzia de chalaças pra a gente de casa não ficare triste.

**Chaby Billela**

### Editorial

Muito se taim falado a ruspaito dais raças humanas e d[e]shumanas<sup>3</sup> que pobôam a facie da supreficie du glóbulo turrestre. E cada gajo que se mette a aburdaire esse açumpto, lá baim sempre com uma serie de cunsideraçõens, fazendo uma trapalhada dus diavus, que ningaim purcebe.

\*\*\*

É assim que se fala na raça vranca ou cascásica, na raça preta ou crioula, na raça burmelha ou incarnada e na raça amariella ou cumcólica.

\*\*\*

Bai dahi que uma pobre criança que quizére decuraire esses nomes atrabeçadus morre bélha e nãon cunsegue conserbaire nu cráneo a mutade dessas intrujices que se lh'impulham.

\*\*\*

Foi diante desse grabe publema d'inducaçãon da infancia, qui ainda nãon tingiu a idade adúltera, qui um professoire lusitano resulbeu a queschtãon, simplificando e dibidindo todas ais raças a duas unicas, onde podem ser catalugadas todas ais criaturas du genero masculino, fuminino e libre.

\*\*\*

D'accôrdo cum u rufrido prufessoire, ais raças humanas sãon apenas duas: — a raça s'lava e a raça nãon s'lava. Numa ou n'oitra staremos todos nós.

**Simão de Laburairo**

---

<sup>3</sup> O vocábulo entre colchetes encontrava-se bastante obscuro, mas seguindo a coerência da frase e comparando a recorrência da palavra em outros textos, considerou-se esta a melhor solução.

**1930**

Nº 17 – 30/01/1930

**A canção du disispero**

Nãon mi benhas raperiga  
A caveça apuquentaire!  
Nãon mi benhas cum quantigas  
Qu'eu nãon te posso escutaire!

Cada beis qu'eu cunsidero  
A tua discunsideração,  
Dá-me um aperto no estambo  
E um baque no coração.

E cu'us miolos furbendo,  
Bou ficando contra a mão,  
Cum buntade de compraire  
Um ribólbe em prestação...

**Simões Cuelho**

Nº 18 – 6/02/1930

**Nostalgias incurpóreas**

Quer seja di dia claro  
Ou do noite, nu iscuro,  
Há muito que te percuro  
Nu caminho disgraçado  
Da minha bida cachôrra!

Prumitta Deus que eu não morra,  
Saim que de nobo t'abiste!  
Pois naim calculas, amoire,  
Como esta bida m'é triste!

Eu só cá tenho o desejo  
De bêm-te, sinão eu racho!  
E há quanto que não te bejo  
E te percuro e num t'acho!

**Jacinto Vento**



Nº 21 – 27/02/1930

## **AI AGUA**

### **Circumfrerencia literaria plo dotoire arthur Pinto da Rocha**

A pudido de dibersas familias da nossa milhore suciadade e d'impurtantes mémbaros da culónia, u inlustre cumpetricio dotoire Arthure Pinto da Rocha, rupitirá calquér dia destes, na séde da “União Faiz a Força dos Bareijistas”, a sua inluquente circumf'rencia a ruspaito d'”Ai agua”.

Por uma diff'rença muito praticulaire du distincto cunfrade, a nossa folha, p'la segunda beis, puvlica em primeira mãon, essa vellissima peça literaria du grande oradoire.

Alãon! Alãon! Alãon! Ricummendamos u maximo silenço, que u gajo bae falaire:

“Meus sinhoires,  
Minhas senhouras,  
Distincto oditóro!

Ai agua é um corpo molle, inbisibel e transparente, como u bidro dum copo ou dum tulus-copo.

Ai agua é muito mais antiga que a Sé de Vraga e baim du dilubio unibersale.

Ai agua é cumposta de dois génios diff'rentes: – u filogénio e u infigénio, que são corpus simples, mas, au mesmo tempo, muito cumplcados.

Nais culónias du Vrasil ai agua é imprugada pra vanhos, mas este uso é cundunnado p'la hygienica. Foi u Arquimedes, quando tomaba um vanho em Copacabana, quaim discuvriu que todo o corpo mirgulhado nai agua perde uma parte du seu peso inguale á parte de sujeira desconlada. Desta fórmula, todo o indibiduo que toma vanho stá, purtanto, sujeito a perdeire uma parte du peso du seu corpo, inguale au balume descoulado.

Em Purtugali, ai agua é só impregada p'ra infraqueceire u binho d'expurtaçon.

Ais dibersas calidades d'agua são: – selgada, douce, furbida, fria em vapoire e dustilada.

A selgada não presta p'ra nada a douce e a fria são imprugadas nus rufrescos e surbetes; a de vapoire nas machinas de ferro e a dustilada em bidrinhos que lh'os dão u nome de Homem-pathia.

Dizem que ai agua é um rimedio muito vom p'ra us calos, vastando apenas labare us peses diariamente uma beis pur meis, mas eu cá nunca sprumentei.

Tumando ai agua saim precaução é um veneno murtale, como acuntece aus afugados.

Tenho dito!

Nº 22 – 13/03/1930

**Quintilhas**

Quando te bais, meu amoire,  
Minh'alma s'imbrutece  
Involta em stapoire!...  
Muito soffre quaim padece!

Mas quando boltas, depressa,  
Sinto u paito em riboliso...  
Ora, essa!  
Purque será issu?

**Malhei dous Dias**

Nº 23 – 20/03/1930

### **NA LISVOA**

(Pra cantaire cum a musica du samva “Na Pabuna”)

Na Lisvoa

Na Lisvoa (vis)

U cumercio barejista é coisa voa

Na Lisvoa tain civola, e binho vranco

Tain trumoço, tain questainha, tain temanco

Na Lisvoa tain

Vacalhau tamvain

Tain paio, tain naviça e sarravulho

Pobo da Lisvoa

Nasce coisa voa

Não há raio que cave com u varulho

(Estrivailho)

Na Lisvoa, etc.

Masmo assim eu num bolto p’ra Lisvoa

Naim que fique aggrugado na Gamvoa

Tinha graça eu bultá

deixa ficá

A murena, o temanco i a mainha zona

Eu bou só ispiá

Mas si não bultá

Já se sabe — min intrugaram ao Carmona.

(Estrivailho)

Na Lisvoa, etc.

**Maneli Biturino da Silba**

### Editorial

Andam pur Portugali meia duzia d'indibiduos que se metteram a desenbolbeire uma prupaganda cuntraria á binda de portuguezes pra u Vrazil. Essa prupaganda, ni intretanto, é mais nucibia e preniciosa au proprio Portugali du que pra u proprio Vrasil propriamente dito.

\*\*\*

A lingua de Camõens é só intendida, e save lá Deus como, nu Vrasil e em Portugali. Pra que raio de parte du mundo mais puderá ire, purtanto, um lusitano que se acha mal cullucado na sua terra? Pra que raio de parte du planeta puderá ire um filho de S. Freixo d'Espada á Cinta, sinãon para essa terra discuverta pur acaso pur Pedro Almirante Abares Cavrale??

\*\*\*

Deixem-se d'infancia, pru cunsiguiente, esses gajos que nãoon taim u que fazeire. Us portuguezes baim pra u Vrazil e tomam conta dissu tudo, como si stibessem na sua propria casa. Muintos nãoon sãoon, lá isso é burdade, muinto fortes nas ideias, mas, quando é pra pegaire nu pesado, tambaim nãoon pedem lucença a ningaim. Pra lebantaire peso, isso é savido, nãoon há nada como valança ou portugueiz.

Nº 24 – 27/03/1930

### **PUEMA DA SOIDADE**

Rapazes, cuntarbo bou,  
Partes da minha mucidade,  
U qanto eu fui d'infliz,  
Inté na própria amizade.

Namurai, ai! Uma garota,  
Qu'era filha orphan de pae,  
Tinha um curaçãon de féli  
Ai! Bibia cum sua máin.

Sua máin, cumo nãon qu'ria  
Que sua filha amoiros tibesse,  
Namurai-a, áis escundidas,  
Saim que sua máin suvesse

Namurai-a onze mezes,  
Saim nunca habeire nubidade,  
E au fin desse tempo todo  
Ella la tebe uma infrémidade  
uma mulestia que habia  
Chamada — fébre amariella —  
Que nu fim de poucos dias  
Deu cabo da bida della...

Chamou sua máin á caviceira  
e lhe pediu cum grande doire;  
— Nãon posso daire ai alma a Deus  
Saim daire adeus a meu amoire...

Quando chiguei, já era tarde.  
— Oh! Raius! Qu'acunteceu:  
— Birou a cara pru canto,  
Ruspirou forte e morreu!...

**Chaby Bilella**

### Editorial

A binda au Rio de Janairo du “Zé Pellinho”, airuplano allimãon, mubido cum gazes engarrafados, é saim dubida um acunticimento muito impurtante para alargaire u straitamento dais rulaçõens dus pobos d’aquem e d’além mare. Mas nessa questãon de nabugaçãon aerea, prumittam que se lh’us diga cum franquezinha, qui us allimãens taim ainda que pedire lucença aus purtuguezes. Nãon se trata, stá baim bisto, de saveire, afinalé, si u “Zé Pellinho” bôa ou nãon bôa. U que se discute é a questãon de sigurança na direcçãon, que só se póde cunsiguire cum u teistante, instrumento que é du almirante Gajo Coutinho e que us allimãens nãon nu cunhecem. A trabissia, purtanto, d’uceano, nessas cundicçõens, feitas plo “Zé Pellinho”, é uma arriscadella que só na cumettem aquelles que nãom taim amoire á pelle ou, antãon, us inguinurantes, que nãon cunhecem um p’rigos da ispansãon dus gazes.

\*\*\*

Uma cousa é u bidru-abiãon, cu’us motoires azaitaditos, cu’as ingrinagens nu compasso, ali na vatata. E outra cousa muito diffrente é um valãon, cheio de gazes, buando á tãa, saim direcçãon, pur conta du Vunifacio.

\*\*\*

Num caso d’inguizamento ou de se birificaire, como lhe dizem us merchanicos, um panno nus motoires, u p’loto, que é p’loto e save onde taim u nariz, faiz um “lubin-de-lube” e aterrisa nu maire saim nubidades. Mas agora, lh’us prugunto eu, si u “Zé Pellinho” dá pra teire, de repente, um scapamento de gazes, qual é u passajeiro que no aguenta?

\*\*\*

Tenham us allimãens santa pacencia. Entre u bidro-abiãon e u “Zé Pellinho”, uma p’ssôa de qualidade nãon pode bacillare. Cá p’ra nois, que ningaim nus oube, u “Zé Pellinho” é uma indecença!

**Editorial**

**AINDA A CAMPANHA DUS JURNAES DE LISVÔA, CONTRA A  
IMIGRAÇÃO DE PORTUGUEZES PRA O VRASILE**

Us jornalistas portuguezes qu'acham ruim a binda de petricios pra o Vrasile ou stãon de má fé e nesse causo debe-se-lhes mandal-os ais fabas, ou, então elles não savem u qu'estãon dizendo e, nesse causo, podem ir plantaire vatatas tambaim.

\*\*\*

Seja, puraim, uma ou oitra cousa, ou sejam ais duas juntas, a burdade é qu'essas insulencias, esses impurpérios não pódem cuntinuaire, sobre pena de probocaire um rumpimento das rulações commerciaes, pra não falaire cá das diplomatas.

\*\*\*

U que dóe nisso tudo é qu'us petricios dus jurnaes de Lisvôa não taim razão. U portuguez baim malito dais santas terras, cá s'installa como na sua propria casa, toma conta duam crioula, s'ustavelece, e dispois dalgum tempo stá chaio dus dinheiros, impregando hunestamente uma valança cum kilo d'óitucenas grammas.

\*\*\*

Dispois u Vrasile é um paiz perbiligiado. A terra é vôa e, — como já disse uma beis u pueta Pero Vaz Caminha, numa sissão litraria, nu "Gabinete Portuguez de Litura" — em nella si plantando tudo dá, desd'u ravanete, a naviça, a vuterrava e u ripolho, inté a passa de figo, a sardinha em cumpota e o pesco da Calfórna.

\*\*\*

Vasta, portanto, d'insulencias contra u Vrasile, sinhoires folhicularios de Lisvôa! Sta terra não é apenas uma nação ermã: — é antes de tudo uma mãe qui nois temos!

**Simão de Lavurairo**

**A casa du Furraira**

(musica... com licença, da CASA DO CABOCLO)

Bocê está bendo este circado,  
Rilaxado,  
Tudo chaio de capim?  
É bóz corrente,  
Mas eu cá digo que sim!  
Perto dali há um chiquairo  
Que mal chaira,  
É pur causa de um leitãon,  
Um vanrinho que na lama  
Fez a cama,  
Ai! que grande maganãon!

II

Daixa falaire a bisinhança!  
Ella se cansa  
De dizeire estupideiz!  
Save quaim mora na esturquaira?  
Zé Fuirraira,  
Munarchista portuguez!  
Quando u Furraira biu a Rosa,  
Tãon frumosa,  
Ficou saim ruspiraçãon.  
Ella deu-lhe uma imbigada  
Que massada!  
U Furraira foi ao chãon!

III

E se ajuntaram mas, outro dia,  
Que arrelia,  
Bindo em casa um instantinho,  
Zé nutou Rosa afubada,  
Que massada,  
Estaba lá u Agustinho!...  
Taim duas cruces de espinheiro,  
No chicaoro,  
Lê-se nellas: “AI QUE AZAIRE!...”  
“NU CIRCADO DU FURRAIRA,  
“UM LHE CHAIRA, “DOIS TAMBAIM! TREIS É ABUSAIRE!” ”<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Este poema de autoria de Fernandes Albaralhão, reconhecida graças a publicação do mesmo poema em seu livro *Caldo Berde*, reaparece em Ano XIX, nº35, 27/12/1945, p.5.



Nº 35 – 12/6/1930

**U dufaito da Graviella<sup>5</sup>**

A Graviella  
Estaba á jinella,  
Quando eu passai e m'ulhou.

Surri pra ella,  
Ella incavulou

É muinto intressante a Graviella!  
Mas taim este dufaito:  
É eu ulhaire pra iella e ella ficaire saim jaito!

**Juequim Pardellas**

---

<sup>5</sup> Poema de autoria de Furnandes Albaralhão em que assina como seu pseudônimo Juequim Pardellas.

Nº 37 – 26/6/1930

**U amoire<sup>6</sup>**  
PUISIA DREMATICA

Um amoire! ... U amoire! ...  
Afinale u que é u amoire?  
Dulurosa inturrugação!

Tanho pinsado nisso a bida intaira...  
Chigai á conclusãon  
Qu'u amoire é uma vistaira!  
E eu, que te tanho estima ruduvrada,  
Sou uma vesta quadrada.

**Juequim Pardellas<sup>7</sup>**

---

<sup>6</sup> Reaparece em Ano XIX – nº23 26/9/1945 também sob o pseudônimo de Juequim Pardellas.

<sup>7</sup> Pseudônimo de Fernandes Albaralhão.

Nº 42 – 31/07/1930

**Purquê m'orgulho de seire portuguez**

Lá nu céu taim uma jinélla,  
Donde se bê Portugali  
Cando Deus si sente mali,  
Bae-se sintar junto d'ella.

Desta jinella distante,  
Bê Deus, sempre, um passarinho,  
A buare... A ire e a bire...

É u nosso Gajo Coutinho  
Muntado nu seu seistante,  
Que se stá a dibertire...

Portugali u que mais queres,  
Que mais pódes desejaire?  
Em vaixo — A Gloria da Bida,  
Em cima — Deus a te olhare!

**Agustinho de Campos**

Nº 43 – 08/08/1930

**A patria é um convóio!**  
**(PUISIA HIROICA)**

A vandeira purtugueza  
Taim duas côres: — dum lado,  
U raio é tudinho berde,  
Do oitro puxa pro incarnado.

A patria é como um convóio,  
isto cá penso commigo.  
O berde diz: “Adeante!”  
U incarnado: “Olha u p’rigo!”

U prusidente da Rupuvlica,  
Rupresenta u maquinista  
Cum a mãon na manibella,  
Taim accesa sempre a bista!

Cando bê berde, elle tóca,  
Cando bê incarnado, pára durrupente!  
É pur isto, meus sinhores, qu’está joça,  
Nãon bai mesmo para á frente!  
(Tanho dito).

**Simãens Cuelho**

Nº 43 – 08/08/1930

### **Crioila**

Puesia em berços synchronisados p'lo  
pueta Manueli d'Arte, da Academia du  
Cummercio do Baregistas.<sup>8</sup>

Crioila!...  
Bem labaire minha crioila.  
Tu tains chairro de civola,  
Crioila!...  
Benha beire u teu amoiri.  
Manueli lá da benda,  
Que vanca o vicho  
Ou outro insecto maiori.

Caçando pulcebaijos,  
Que, esfoimados,  
Toda a noite dão-me baijos,  
P'ra murreri embenenados  
E eu não posso passari  
Saim teu profumo.  
Joga um tustão no bagalume  
P'ro vicheiro te pagairi.

Quando eu tidéri uns trancos,  
Que são caricias,  
Com a sola dos tamancos,  
Ó que d'licias!  
Si sonhas com o casmurro,  
Cujo chairro te seduz,  
Trata de jogari no vurre,  
Na bacca ou no abestruez.

### **Manueli d'Arte**

---

<sup>8</sup> Paródia do tango argentino "Garufa"

Nº 45 – 22/8/1930

### **Madrigali**

Flor qu'a bida me prefumas,  
Sonho da minha peixãon,  
Stapoire da minh'alma,  
Bacca do meu curaçãon!

Ais dlicias du nosso amoire  
A nenhuma se cumpára.  
Baim ella e dá-me um velisco  
E eu metto-lhe a mãon na cara.

— “A mulhére é como o bife” —  
Meu abo sempre dizia  
Canto mais nella se bate.  
Mais ella fica macia.

**Juequim Pardellas<sup>9</sup>**

---

<sup>9</sup> Pseudônimo de Furnandes Albaralhão.

Nº 48 – 12/9/1930

**Suneto nuphilibatico**  
(DE PRUPOSITO PARA “A MANHA”)

Ao vom amigo dutôre Pontes Miranda

As manipulações attruphiadas  
dus balôres succintos cracumidos,  
são productos istereis cuncividos  
pulas ditirminantes mal talhadas!

Há nas biredas disurganizadas  
u birus dus painéis dislludidos  
que s'intrilaçam como que tulhidos  
nas pulbirizações immaculadas!

As bózes sipulchraes intrasitabeis  
das intirpillações aduliscentes,  
istrimecem nas bascas hyputheticas...

Rigurgita a bisão dus indumabeis  
e a ruturquires as dubidas latentes,  
tomva, afinale, em combulsões syntheticas!

**Furnandes Albaralhão**

Nº 49 – 19/09/1930

**Circuito Biciado**  
(Ao mô culéga Machado d'Assis)

*“A phillusuphia da prudência pirmanece nu piscoço — MELLO DIANNA”*

Guiando um vonde g'mia inquieto maturnairo  
—“Ah! Si eu fôse u fiscale aquí dessa miléca.  
De prazeire, naim sai, tumaba uma quimuéca...  
Mas u fiscale ulhando u vurro du dinheiro

Du chefe du iscriptorio: — “Imbejo-te parçairo  
i eu fosse como tu, ca farra! ca panqueca!  
Cumia tanto que rivintaba a cueca!”  
Mas u chefe a fitaire a pança do bendairo

Du suprintendente: — “Eu não ser mais chefe  
Não têre u qui tu tains! Nãoon têre u teu dinheiro!...  
I u suprintendente a limpore u suóre:

—“Iscrebo como um vurro! É á noute! É u dia intairo  
Entra sole, sae sole! Não há coisa piôre!  
Ah! Caim dera qui eu fosse um simples maturnairo!

**Furnandes Albaralhão**



**U PRIMEIRO CUNGRESSO DUS PORTUGUEZES NU VRASILE**  
**U Sinhoire Juequim Antonio Pardellas fala a ruspaito da questão**  
**dus bichos**

Cum a prusença dus bultos mais ruprusentatibos da culónia, riuniu-se ant'hontem á noute, na Caimbra Portuguesa du Cummercio, a Comissão Organizadoira du Primairo Cungresso de Portuguezes du Vrasile, au quale já adhiriram ais instituições lusitanas de todo u paiz.

Lá stiberam us sinhoires visconde Dimuraes, u varão de Soiza Prego, u cummendadoire António Burdallo, u emvaixadoire Duarte Laite, u pueta Simães Cuelho, u jornalista munarchico Simão de Laburairo, alguns militares da Lighte, u cummendadoire Rainho e mais us dulegados dais suciudades portuguesas instelladas nu Vrasile.

U primairo que felou foi u sinhoire Juequim António Pardellas, continuo e vivliuthicario da “União Faiz a Força dos Bairejistas”, estabulecido cum vutiquim e restorante.

U oradoire cumeçou dizendo que Portugali taim qu'avrire u olho si não quizere lebare na caveça na questão dus binhos.

Elle stá de pé, mas fala de cadaira a ruspaito da matéria.

Us binhos du Rio Grande stão avarrutando u murcado du Rio de Janeiro, imquanto a impurtação dus binhos de Portugali vae diminuindo assustadoiramente.

Us portuguezes, purtanto, taim a uvrigaçõ de prutegeire a pruduçõ de binho da terra, não só impurrando pra a fruguizia us binhos de Portugali, mas tambaim dismuralisando us binhos du Rio Grande.

U prucesso é muito simples e dá us milhores resultados: — nu binho vom du Rio Grande pespega-se-lh' um ratulo, e um selio brumelho como si biesse de Portugali e nu binho que baim de Portugali, applica-selhe uma vòa dusagem de campeche e oitras drogas du stylo, dizendo que baim du Sule, qu'u frugueiz dispois nunca mais quer saveire de binhos du Rio Grande.

U oradoire, ao acavaire a sua falaçõ ruceveu de todos os membaros da culónia muintas inflicitações.

U sinhoire Duarte Laite, prusidente da riuniã, logo dispois cuncedeu a palabra au sinhoire Arnesto Tuxaira de Baiscunsellos que duclarou que, como membaro da culónia, staba de prufaita cunfrumidade cum ais palabras du oradoire ant[er]iore<sup>10</sup> e aprubeitava a uppurtunidade pra cumprimentaie u sinhoire Varão de Soiza Prego, ali prusente, pur mutibo de seu annibersario bitalicio.

Im siguida a sissãon foi suspensa, sendo cunbucada uma noba riuniãon dus barejistas, pra a proxima sumana.

---

<sup>10</sup> O vocábulo entre colchetes encontrava-se bastante obscuro, mas seguindo a coerência da frase e comparando com outras ocorrências da palavra, considerou-se esta a melhor opção.

**Nu sitôre português  
(Inpisodio da turribel vatalha de Armentières)**

Buciféram quenhões! ... Tanto us quenhões de cá como us quenhões de lá!...

A suldadesca toda apérta as queravinas  
e lá bae tirutaio! Arriventam as minas,  
supultando us hirões du feito lusitano!  
Malditos allamões! Ca pobo dishumano!  
Uma grenada bem p'lus ares feito douda!  
U fogo da insplusão suja-me a roupa toda!  
D'um petricio que táim a cara chimuscada,  
Sinto de cando em bez um chairro a carne assada!  
E um desaijo infirnal não me dá por um triz  
d'um naco lhi cumer da ponta du nariz!

Buciféram quenhões!...Tanto us quenhões de cá como us quenhões de lá!...

A miléca está preta! Us allamães abaçam!  
Assim eu nunca bi! Us vrutos não se cansam  
Nus olhos trazem luz, uma fugaira accesa, e perto da trincheira estão, da  
portugueza!...

Di repente isso foi! Cumçou-se a sentire  
um chairinho insquisito ... Eu cá não sai mintire!  
Era um chairro tal qual de pólb'ra... Uns suldados  
ulharam-se entre si muito discunfiados...  
Um delles que se achaba um pouco mais atraz,  
disse, aliás cum r'zão: — “Mas isso não se faz!

Um furriel mureno ao culléga attrivue  
u facto. Este, purem, diz logo: — “Eu cá, não fui!”  
Curria, nu intritanto, ali mais adiante,  
que, p'lu jaito, quáim foi, foi masmo u cummendante:  
Buciferam quenhões!...Tanto us quenhões de cá, como us quenhões de lá.

**Furnandes Albaralhão**

Nº 51 – 3/10/1930

### **Dufinições**

Suóre é uma humidade salguenta qui vróta im vulinhas na pél di uma pissôa.

Há duas ispécias di suóre: u azedo e u qui não chaira vaim. Eu cá gosto mais du azêdo.

**Furnandes Alvaralhão**

Nº 51 – 3/10/1930

**As duas somvras**  
**Ao mô cunfrade Uligario Merianno**

Nu cruzamento silincioso du Distino  
cando habia istrillinha assim à vessa,  
uma somvra bê oitra e assim cumeça:

— Aqui onde me bês, de um vaijo quente  
bim; sou putencia, fogo, sou calôre!  
Trago em mim um fugão nu paito ardente!  
Chairo a chemusco! Infim, eu sou u Amôre!  
U mundo intairo faz-me rapapés:  
Sou cutado na zona! ... E tu cáim és?

— D'uma lagrima bim. Sou us rivuliços  
du teu calôre. Passa fóra!  
Bibo dus ólhos de quáim taim dirrisos  
para us olhos brumelhos di quáim chóra.

Dizem qu'ando pur cá nesta arr'lia  
pra se vòa ... Não me custa nada!  
Sou a saudade, tua quemarada  
que te dá cafuné que t'allibia...

Nu cruzamento silincioso du Distino,  
As duas somvras lá se foram, vrafo, dado  
tumáre um tróço cum syphão gilado...

**Furnandes Albaralhão**

Nº 54 – 14/11/1930

### **MODAS**

As modas mudam! Moda é coisa bã...  
E é pur isso que há moda até de sóvra!  
Caim usa hoje o berde, é que amanhã  
Bae usare, di certo, u cor d'avóv'ra!

\*

Modas! Um dia é o mais! É já dictado!  
Nest'assumpto não hai ninguaim vasváque!  
A próba? Só se bê quaixo raspado!  
Já ninguaim quer savêr de cabanhaque!

**Furnandes Albaralhão**

**Prugramma rabuluciunario**  
**Nóbas dirétrizes du nosso “Supprimento”**

Im birtude da rabulução, assumiu u cummando du “Supprimento de Portugali” u inlustre e hunrado cummendadoire Juequim da Silba Baiscumsellos, qui stá inbistido de pudes discriçunarios, pra u que dére e biére.

A primeira coisa qu’u nobo directoire fez cá dentro desta casa foi uma limpa im ordem nais folhas du pagamento, pondo nu olho da rua uma meia duzia de bagavundos que cá bibiam como se fossem diputados e senadoires da Repuvlica d’oitenta e nóbe.

Plos modo us gajos não gustaram du mubimento, mais u cummendadoire purtou-se cumo um burdadeiro rabuluciunario, mandando-os pentear macacos, ali na vatata!

Cullucada agora a questão como deve seire cullucada, bamos cumeçaire bida noba, dentro du prugramma da rabulução.

Assim, dora abante, esta casa não é mais a prupiedade dum grupinho de melandros, cumo Simãens Cuelho, Affunsinho Lapis d’Almada, António Pardellas, Simão de Lavurairo, chaby Bilella e oitros que taes, que mandabam um pudaço nesta tenda arave de trabalho.

Ais coisas agora mudaram. Isto cá é hoje prupiedade da culónia e u jurnale bae bibeire pra fruguizia.

Quaim fôre lusitano ou bascaino pode entraire cá nesta sua casa, tanto pla frente como plos fundos, e ire sentando como quizere e scarrando nu chãon á buntade.

Daqui pur deante, bão beire u que é uma urganisação á portugueza, saim prugrammas e saim regulamentos.

U cummendadoire-directoire-redactoire-chefe du “Supprimento de Portugali” faz questão fichada que sta casa seja de todos e onde todos mandem á bessa.

Só desta fórmula é qu’elle açaita este cargo de burdadeiro sacriço, pois oitra coisa não é u teire d’aturaire ais vestas dus petricios.

U cummendadoire Juequim da Silba Baiscumsellos pribine á sua distincta fruguizia, que governará este “Supprimento” apulado muralmente na classia dus bareijistas (seccus e mulhados) e maritalmente num militares da Light.

Em rusumo: — bae seire uma dictadura typo Cramona.

1931

Nº 4 – 24/01/1931

**Impurtante circumf'rencia a ruspaito du amoire**

Como falou sobre este theima u sinhoire Furnandes Albaralhãon

Na séde du “Gavinete Portugueiz di Literatura”, á rua Luiz de Quemõens, rualisou-se, ant’hontem á noute, uma impurtante circumf'rencia du nosso hunrado petricio sr. Furnandes albaralhãon, a ruspaito du “Amôire”.

U selãon principale dessa impurtante suciadade rucreatiba staba assim de gente de todas ais classias cunserbadoiras e saim trabalho.

U uradoire foi arrucevido nu portalhãon du indificio pur uma cummissão de treis membaros, cumposta dus inlustres cummendadoires Juequim da Silba Baiscumcellos e varãon de Paixoto Serra, que bale pur dois.

In siguida u sinhoire Furnandes Albaralhãon foi carregado aus impurrõens pru maio du selãon, pois qu’estaba cum ciremonas, dandu-se au luxo de dizere que não era competente pra falaire diante de tãon suletra insistença.

Ais familias ali prusentes cumeçaram, antãon, a vater-lhe palmas pra animal-o e u animale aus poucos purdendo a brugonha, inté que, ora ulhando pra vaixo, ora pra riva, puxou du fundo du paito um franguito já impenado ispalhou-o nu chãon passou-lhe u bruziguim pur riva, alimpou báimus vigódes e deu, antãon, iniço a sua circumfrerencia litraria:

— A ruspaito du amoire, minhas senhouras e meus petricios, pouco dir-lhes-vus-ei.

U amoire...Todos savem, já, u que é u amoire, aquelle vichito que róe, que róe, inté que faiz dudóe.

Quaim nunca tebe u seu amoire? Quaim foi esse? Alibante u dedo pra u aire! Nigaim alibanta? Eu já savia!...

Nãon hai — minhas senhouras — quaim não tenha tido u seu dirriço. Tudo ama! E si não ama, amou! Ah! Isso é qu’amou!

Nepuliãon! Cremona! Dantes! Bitorugo! Dãom Henriques! Quemõens e Ulabo Vilaque! Eu! Tu! Nózes! Bozes e Elles! Todos tiberam u seu rumancito, onde entra, inflalibelmente, uma quechópa ou uma crioula.

U amoire acava sempre em sarilho, sendo distrivuidas gretuitamente umas vóas pauladas entre us membaros principaes da familia.

Uns se dão baim. Oitros pur ahi assim.

Ha certus gajos, pur inzemplu, qu’apanham dais ruspectibas mutades e oitros que bice-bersa.

U milhore mesmo, pur isso, é não amaire!

A gente bê uma guerôta e finge que nãoon bê... Bae passando...Si ella dá uma piscadella, a gente cuntinua, disfarça e dóvra a isquina. Du cuntrario stá purdido!

U gajo que cái n'armedilha perde a sua liverdade, criba-se de dibidas, baim-lhe uma inxurrada de filhos, cando nãoon lh'apparece em casa, pra contrapeso, u raio da sógra cum catro ou cinco cunhadas sultairas pra sustentaire!

Desta formula, bãon-se ais prirugatibas e liviralidades dum sidadãon disimpidido e libre de casquer onus!

Diavos lebem u amoire!

E nãoon é dumais relumbraire, neste mumento, aquellas pelabras letinas du grande pueta Burgilio cando escreveu u prufacio da sua ovra "Us catro caballos du Apóscalito":

—Vurum est quid casórum in epocham de hojem!

Tanho dito.

Au treminaire a sua impurtante circumfrença u sinhoire Furnandes Albaralhãon ruceveu muintas inflicitações, sendu cunbidado pra fazeire uma séria d'oitras palestras nu "Urpheãon Ultramarino Lusitano".

U sinhoire bisconde Demuraes, bisibelmente inthusiasmado cum ais thiurias modernas du sinhoire Furnandes Albaralhãon, approximou-se du cujo e soltou-lhe áis vuchechas a seguinte phrasia:

— E diziam pur ahi que tu erasuma vesta! Gente duspaitada! Agora bejo que és um vestalhãon!

### **Furnandes Albaralhão<sup>11</sup>**

---

<sup>11</sup> Em textos como este, embora exista uma moldura, "introdução", que o antecede, ainda assim, predomina a voz autoral de Furnandes Albaralhão.



## As Discuvertas Portuguezas

Dus impitos  
cundiscindentes<sup>12</sup>, infere-se a  
diturpação das psychoses prú  
isso eu sou e sirei Adilaide I  
AVEL VUTELHO

### I

Purtugali! Terra d'hiróis,  
é um peiz di balôre!  
Figúra cumo inbentôre  
nunca bisto, unibirsal!  
Nãon é só a Norte America  
qui discóvre merabilhas.  
Purtugali, com as suas ilhas.  
é, nu assumpto, culussal!

### II

Entre ais coisas impurtantes  
que essa nação discuvriu,  
figúra u grande Vrazil  
terra basta, avinçada!  
Um anno após este feito  
Qui u mundo biu com querinho,  
um inginhairo du Minho,  
inbenta a róda quadrada!

### III

Num param nisso us inbentos!  
Nu Distino istaba iscripto!  
Foi discuvertu u palito  
por um petricio em Macáo.  
Nãon passaram cátro mezes,  
i um tal de Zé castlláre,  
piscando, um dia, nu mare,  
discuvriu u vacalháo.

### IV

Furnãon d'Almaida Gudinho,  
di Bizeu, próspira zona,  
inbenta lógo a azaitona  
que guenhou apôio franco.

---

<sup>12</sup> Palavra praticamente ilegível

Atraz puraim nãom lhi fica  
Vurnardino Alcufurado, alimtijano sucado,  
Qui discuvriu u tamanco!

V

Passam tampos e um minhoto,  
Nas bindimas a lutare,  
Pensa i dispois de pinsare  
faz u binho Albaralhão!  
Logo após báim u sixtante  
qui u gago fáiz, u Coutinho,  
pra lh'insinare u queminho  
cando amdasse de valão.

VI

Varthulumeu Bascuncellos  
de Carrazedo Papança,  
naturale de Vragança,  
nuguciante de quaijo,  
discansando certa noute,  
di trabalho dimasiado,  
na sua cama isticado,  
discuvriu u pulsibaijo.

VII

E tal cumo esses inbentos,  
citar oitros pudiria!  
Pur inzemplo: a mulancia!  
Isto pra não dizer mais.  
Fique pois aqui patente  
que a ruspaito d'inbenções,  
das oitras todas nações  
Purtugali não fica atrás!

**Furnandes Albaralhão**

Nº 9 – 14/02/1931

**U curdãon da vatucada**

Letra du pueta Joãon de Varros e Musica  
du maestro Eduardo Souto  
(Pra seire cantado pela rupaziada du Basco).

Ô ... Ô ...

Nós samus mesmu du amoire!

Crioulita freijola,  
Baim cá pr'u curdãon  
Qu'a a vagunça cunsola  
Ais magoas qu'a gente  
Traiz nu curaçãon.

Crioulita, vemzinho,  
Baim pra cá duma beiz  
Dou-te amoire e querinho  
Dinheiro tamvaim,  
Qu'eu sou portuguez!

Bou cumpraire uma rudoma,  
Nella bou-te cullucaire  
Qu'us melandros, t'ulhando,  
São capazes, meu baim,  
De te prufanaire.

Baim, meu baim, pra Lisvôa  
Isto cá não bal'nada  
Lá terás á buntade  
Desde u binho du Porto  
Até a vacalhuada...

**Libros N6vos**  
**“Caldo Berde”, du pueta Furnandes Albaralh6o**

U nosso inlustre incullaboradoire sinhoire Furnando Albaralh6o, pueta barejista e hunrado litt’rato desta praça, acava de puvlicaire um lindo libro de bersos, intitulado “Caldo Berde”.

U sinhoire Furnandes Albaralh6o, 6 membaro impurtante da cul6nia, na cuja goza d’alto cunçaito, como fino ertista, qu’o 6, de facto, venza-o Deus.

Du libro “Caldo Berde” arrancamos, a esmulo, uma folha, purque ali tudo 6 vom, p’ra dal-a como panno d’amostra aus qu’ridos laitores du “Supprimento”.

“A bingança da porta”, que a seguire riprudizimol-a ,na integra, 6 um triulet oitabado, difficile genero de puisia, que p’ra u sinhoire Furnandes Albaralh6o 6 sopa:

**A BINGANÇA DA PORTA**  
**Ao cull6ga Alverto d’ULIBEIRA**

Bice-berça de bice-bersa, 6 bersa-bice. — **Ent6nio Fuliciano de Questilho.**

Era um custume vesta que elle<sup>13</sup> tinha,  
intrar vatendo a porta: — “Ant6o, Man6le!  
lhe dizia a mulh6re, que pap6le!  
N6o me faças rum6re! Olha a bizinha!”

E todo dia era essa ladainha!  
Sujaito deshumano, pae cru6le,  
dizia-lhe: — “Si tains am6re 6 pelle  
daixa-me sucigado, 6 mulherzinha!”

Uma n6ite em que baiu desse jaito,  
a pinistrar cum falta de ruspaito  
na casa em que amvos elles dois residem

avrindo a porta a punta-p6s, zangado,  
biu pulo ch6o, uma de cada lado,  
a mulh6rre inguiçada e a filha idem!

**Furnandes Albaralh6o**

---

<sup>13</sup> No original h6 repetiç6o deste voc6bulo [elle], como na vers6o de fato publicada no *Caldo Berde* esta n6o ocorria optou-se por elimin6-la nessa transcriç6o.

**A descoberta da inelectricidade**

Pur Furnandes Albaralhãon  
(copia-right du “Supprimento de Purtugali”)

Foi um petricio meu que discuvriu a inelectricidade.

Essa coisa de dizeire que foi um amiricano é prus trouxas. Foi portugueiz e muito vom portugueiz!

Chamaba-se esse inlustre petricio, qu’era nascido em Femelicão, districto de Bizen, — Vurnardino Curraia da Funseca Vustamante.

U discuvrimento da inelectricidade brificou-se da seguinte manaira: — Staba u Vurnardino a leire u “Séc’lo”, um grande hevidrumidario lisvuêta. Habia de seire ahi pur bolta de seis e maia da tarde. Iuscuricia a olhos bistos, a ponto du gajo, d’ahi a pidaço, nãon cunsguire leire naim mais uma linha du jornale.

Bae d’ahi, qu’elle faz? (U Vurnardino era intligente pra vurro), Libanta-se e bae accindeire a luz inelectrica. Mas puraim, em beiz de pigaire nu cummutadoire, qu’e que a vesta faz? Incustou u dedo nu fio desinquedado:

— Trrrrrac!!!...

Ca vruto chóque!

Mas u Vustamante naim s’alemvrou mais da doire! Deu um vruto pulo de cuntente!

Tinha discuverto a inelectricidade!...

**Furnandes Albaralhãon**

## A CUÇAIRA

Pur Furnandes Alvaralhão  
(Copia-right, du “Supprimento de Purtugali”)

U meu artigo d’hoje é a ruspaito dum quepitulo palpitante e de rilibante int’resse pros meus qu’ridos laitores: – a cuçaira.

A cuçaira é um assumpto emucionante e de queracter pusitivamente praticulaire. Quaim suffreire de cuçaira debe me prestaire muinta atençãon pra pudeire chegaire au miolo da questãon e tiraire ais conclusõens qu’u caso inzige.

Ora, muito que baim.

Dinumina-se cuçaira uma buntade vesta qu’uma pissôa taim d’arranhaire a pé! du corpo, cand’ella (a dita pé!) principia a nus cumaire ou, aim outros bocabulos, cando a rifrida da pissôa sente, disaijo d’isfrigal-a (a rifrida dita).

A urigem da cuçaira prubaim casi sempre du esquécimento que taim um gajo calquére de tumaire u vanho trimestrali.

Eu cá qu’u diga. Duma feita m’isqueci de tumaire vanho cinco mezes a fio. Bae dahi, cumiçai a sentire uma cumichaira temanha que não mi sastisfazia naiam cuçando c’uma bassoura de piassaba. Isprimentai um sirrote, dispois um arame furpado e finalmente um raladoire e não habia nada que fizesse u raio da cuçaira passaire.

Um petricio meu, u Vridiodes, ministrou-me a meu pedido uma vruta cóça de cano de vurracha, mesmo na supreficia du lucale da cumichadella! Eu gritei feito uma vesta! Cando a surra acavou, u raio da cuçaira cuntinuaba firoiz, pirenne, rinitente e avurricitiba.

U bizinho de vaixo, sanvendo qu’eu staba pur conta du Bunifaço, aconselhou-me, então, maternalmente:

- Ó Furnandes! Purque tu não sprimentas tumaire um vanho?
- Vanho? – arrispundi-lhe de mau humoire. – Ora deixe-se d’innubaçõens!
- Stou a lhe dizeire! Issu tudo bae invora!
- Issu que bucência taim é sujaira...
- Mas então...
- Sujaira?! Não é pussibel! Eu me vanhei não ha ainda cincú mezes...
- Pois isprimente vanhar-se e diga-me cá dispois!

Essa declaração avissoluta, dita assim nais minhas vuchechas, mitteu-me especie. Rullecti, ruflecti e disse cá cum us meus vutãens:

- Bá lá!

Cum certos iscrupulus, arrisulbi tumaire um vanhito...Int’ressante! A cuçaira avrandou...Isso passou-se bae já pra sete mezes.

Agora stou de nobo a sentire umas cumichões...É nus pézes, é nus subacos, é na caveça é plo corpo casi todo.

Dizer-se, agora, que é falta de vanho é um avissurdo discummensurabel! Pois si eu me vanhei não ha ainda sete mezes...

**Furnandes Alvaralhão**

### **Rabulução em Bulama**

Ais ultimas nutiças bindas du cuntinente efricano — Um cumvate entre us rabuluciunarios e ais tropas ligaes — U que querem us rabultosos

LONDRES, 21 (HO[R]AS)<sup>14</sup> — Nutiças inbiadas pra Lisvôa, plo raio da tuluphunia, infronham que acava de ruventaire mais uma rabulução em Bulama.

Nãon ha, pur inquanto purmunores naim purmaiores du facto.

Save-se, apenas, qu'as coisas stãon ficando pretas na costa d'Africa e qu'us rubulucionarios de Bulama stãon d'accordo cum us ditos de Funchali e que us rabuluciunarios de Funchali stãon de acordo cum us cujus de Bulama.

LONDRES, 21 (Amor e canna) — Infronham de Lisvôa que a rabulução em Portugali agora nãon é só na Madeira, porque acava de ruventaire a muleca tambaim em Bulama, tendo-se já brificado um cumvate murtifero e birulento.

Sigundo tulugrammas bindos plo curreio-aereo, u primairo incontro entre us rabuluciunarios e ais tropas ligaes, deu-se ant'hontem pla manhã. U distacamento de Bulama já andaba discunfiado com certus grupitos d'indibiduos que binham da intriore daí Africa. Ais forças ligaes, cumpostas dum cavo e dois soldados, incontrando-se cum um desses grupos, cumposto d'oito crioulos apontou-lhes ais armas. Us crioulos, in cuntinenti, lebantaram us viraços pra cima, gritando: "Quemaradas!"

Paricia que tudo já staba tirminado, cando durrupente, biu-se u cavo cahire de costas e us suldados cairem de vanda, imquanto us crioulos cuntinuabam cum us braços libantados! Nesse primairo incontro, entre ais tropas ligaes e us rebulucionarios, murreu suffucado todo u [destacamento]<sup>15</sup> de Bulama, cumposto dum cavo e dois soldados.

Parece qu'us rabuluciunarios usam gazes asphixiantes.

LISVOA, 21 (Horas)

Cunfrima-se a nutiça da rabulução em Bulama, mas puraim us mutibus da ruveliãon sãon avissolutamente diffrentes dus que mutibaram u lebante da Madaira.

Stá já completamente, pethias, stando us bulamentarios de Bulama querem pruclamaire a Republica e numiaire seu presidente u dotoire Mello Bianna, cujo nome é aclemado pur toda a parte.

---

<sup>14</sup> No original aparece como "Hovas". Modificou-se para "Horas" pois com base em outros textos, este pareceu ser um erro evidente.

<sup>15</sup> Esta passagem aparece no orinal da seguinte forma: "destacamen-tacamento" Como a disposição das linhas no jornal indicava ter havido uma pequena falha optou-se por "ajeitar" o texto sem modificá-lo (isso é possível? De qualquer forma fica essa nota como ressalva).

U dotoire Mello Bianna, em sua rucente bisita a esta lualidade,daixou bibas sympathias, stando us bulamenses cunbencidos qu'elle é u homem pra gubernaire esta muléca.



### Uma sucção d'ispiritismo

Uma impurtante rupurtagem a riespaito dus isp'ritos de Maria da Fonte e de Vucagem

Dinumina-se “ispiritismo”, porpiamente dito, uma sciencia inbisibel, de queracter insquisito e discunhido. ficou-se no sécio quetorze,<sup>16</sup>

A sua discuvridélla se briplu faitiçairo mahumitano chemado Allão Kradéque. Era, antãon, rái de Purtugali, Dão Liucadio, u Arrasadoire.

Se tratando-se d'uma coisa que ninguaime num bê, u ispiritismo num incuntru acçaitaçõem immidiata nas que[m]<sup>17</sup>adas suciaes, e a próba cá está em mim, Albaralhãon, autôre du Caldo Berde, que custou a intrumettel-o nas ridundezas hypervólicas da minha ricunhida mintalidade. Hoje em dia eu sou isprita, isprita cunbincido, médio bidente, sicribente e iscutente, quer dizêre, bêjo, inscrebo e olho.

Si me pruguntarem prueque que sou isprita, eu arrispondo...sãon cá cunbicções.<sup>18</sup> Mas, puraim, birdade, birdade, naim eu maismo sei prueque é.

Eu li o Allão Kradéquio, o Flimarlãon, turnai a lei-os, trili-os e acavei na maisma! Num pircivi patabina! Elles iscrebem d'uma manaira confunditiba e atrapalhatente. Mas cumo si trata de pissoas mais bélhas do qu'eu, siria uma falta d'inducaçõem eu bire a puvlico p'ra cumvatel-os. Nãon! Isso eu nãon faço! Num fica vaim!

Dito isto, passemos ao que sérbe. Bou rilataire u mutibo da causa da minha crença nu ispiritismo. Fui cunbidado p'ra assistire uma sissão isprita em Vomsucesso. Cando chigai nu lucale du sinistro, bi umas sais crioulas, trais bilhotes, gueroto ca fucinhaira suja (lá nelle), e uns dois gajos mal inquerados.

A sissão cumeçou. Im bolta d'uma meza ridonda, assintaram-se todos e todas. O pr'sidente inbucou um ispirito. Uma dais crioulas cumiçou a ispumaire, a vavaire, a fazeire uma zeragata que só bendo.

— Caim chigou? Prugun[t]o o pr'sidente.

— É u ispirito da Meria da Fonte!

— Que Meria da Fonte é? Diga logo d'uma beis!

— É aquella que birou Purtugali em fréje.

Ahi eu cá alibantei-me e fui apirtaire a mãon da crioula. Era uma petricia inlustre que chigara!

U inturruguetorio dicumiçou.

— Qué que tu queres Meria da Fonte?

— Eu benho aqui p'ra biraire isso tanvaim em fréje!

<sup>16</sup> Neste trecho devido a uma falha na impressão provavelmente falta um fragmento do texto.

<sup>17</sup> Os colchetes indicam a correção de erros tipicamente tipográficos

<sup>18</sup> No original este trecho apresenta-se da seguinte forma: “que sou isprita, eu arrispondo Si me pruguntarem prueque que...sãon cá cunbicções.” Como pode-se notar parece ter ocorrido uma inversão na disposição das linhas, por isso resolveu-se alterar a ordem das frases nessa transcrição.

— Daixa-te disso, acunsilhou u pr'sidente. Alemvra-te que nãoon estás mais aim Purtugali!  
— Eu quévro tudo isto, insistiu Meria da Fonte!  
— Eu já te pidi qu'ó não fizesses. Agora, si taimas, acavas mas é libando uma tapona p'las fuças, que num qu[e]iras savêre!  
Á bista disso, a Meria acubardou-se e acavou dando u suite.  
Pouco dispois appar'eceu u ispirito du Vucage, mas puraim cumiçou a fazeire tantas indecencias, q'u pr'sidente lhi disse:  
— Bá! Bá! Num seja vesta! Bocê num istá bendo qu'aqui taim familias?  
— Eu quero qu'as familias se damnem!  
E arrimatou fazendo um berso:

Pé de voi num é martello,  
Naim gato belho, tatu'!  
Si prussegues m'irritando  
eu te metto o pé na *cara*!

Ahi a média istrimiceu e accurdou. U Vucage tinha partido p'ru Além!  
P'ra incurtaire, cando bultei de bolta desse candumvlé, eu tinha uma crença vesta nu Ispritismo.

**Furnandes Albaralhão**

### **A hirmónica**

Dus instrumentos musicales que transitam plu mundo é, saim dubida a hirmónica u mais cumpleto, u mais synphrónico!

Trata-se de uma peça de constituição ilástica, cum altos e vaixos, feito um viomvo i munido de duas istrimidades chatas, em cujas ditas u gajo que a tóca, agarra e cuméça a ispremel-a, á medida que se faz nicissario.

A cada isprimidella dessas, iscapa-se da cuja, assim cómo uns gimidos de gato mulancólico, u que a torna int'rissante, symvólico e, suvretudo, pruiminente.

Nu Consirbatorio de Bizeu inziste uma quedeira d'hirmónica primanente. É uma curso puxado! São pircisos quetorze annos e picus pra um gajo ouviteire u titalo de tucadoire d'hirmónica.

Tamvaim quaim cunsguire um diploma desses stá em cundiçãens de tucaire a Tosca, a Canna Berde ou oitra iópera qui adipenda duma inzeção artuphónica.

U instrumento é int'rissante!

Vasta dizêre que é u único que funciona pru maio d'apirtões.

A gente péga-lhe dum lado e d'oitro, mexe-lhe nuns vutões ridondos qui taim dus lados e... é uma suabidade...uma milódia...U nosso pinsamento abôa...cuméça a pircurrêre as rigiões fluridas...Bae ao Jepão...á Gruilandia...Ha uquesiões que chega a ire á América! É um cullôso!

A imbenção da hirmónica, débe-se a um labradôre du Alicante. Istaba esse inlustre petricio cuma v'xiga de voi na mão, chaia de bento, a pinsare numa quexópa de caim gustaba. Á medida que pinsaba nella, isprimia a v'xiga, nirbôso...

A folhas tantas, deu-lhe um frinizim e elle apirtou cum mais gana!

Pum!! Rivintou a v'xiga! Estaba discuverta a hirmónica!

Transcribirei avaixoum traicho duma churónica puvlicada nu "Curraio du Porto", adibida é penna scintillante du nosso já inlustre e muito cunhicido petricio, u sinhoire...sinhoire...Não é que m'insquéci du nom du gajo?

"Ora, — diz elle, — a hirmónica...Mas a hirmónica é tudo! Dentro della riside a iálma portugueza! Cando silh'ispremem as vórdas, ella geme... geme... geme... e nesse gimido doce e dulcioso, a gente cumo que sonha... sonha... sonha... A bóz d'uma hirmónica inzecutada co'a diapazão symetrica e cuncumitante, prubóca u hystirismo dus tendões nibrólicos e póde até libaire uma p'ssôa a cummittêre um suicidio ou oitra vistaira calquére".

Dispois de bucaulos tão taxatibos e inhirentes, francamente, qu'é qui si pudirá dizêre mais da hirmónica?

**Furnandes Albaralhão**

**A biagem du Do-x**  
**U seistante du almirante Gajo Coutinho mais uma beiz em fóco**

Ais ultimas nutiças prucedentes de Bulama incummunica-nos que u puderoso bidro-abiãon DO-X, já stá prompto para lebantaire u bôo em direcção á ilha de Furnando de Nuronha, que fica pertinho da costa d’Africa.

Sigundo essas nutiças, ainda se save que u vrabo almirante Gajo Coutinho, birá nu grande appirêlho, munido du seu femoso seistante, saim u quali, afinali, não pudiria se mecheire u tale ariuplano.

Us allimãens stãon tretan[do]<sup>19</sup> a pãon-di-ló u nosso inlustre petricio, pois se u almirante inguiça e rusolbe não envarcaire, então, é qu’elles dão com us vurros n’água, pois stá mais du que prubado que u seistante é indispensabel pra essas biagens d’alto mare e sómente u nosso Gajo cunhece-lh’u sigredo.

---

<sup>19</sup> Os colchetes indicam a correção de erros tipográficos evidentes.

**PRIMAIRO CUNGRESSO DUS PORTUGUEZES NU VRASILE**  
**Impurtantes thezes qu'estãon sendo discutidas**

Stá riunido, ha dias, nesta capitale, u grande Cungresso dus Portuguesezes nu Vrasile.

Trata-se duma impurtante assemvleá, onde stãon sendo studados us mais grabes pruvlemas que se rulacionam com os altos int'resses da culónia, sendo discutidas, cum caloire e saviduria, thezes cunsid'radas d'impurtancia capitale pra u straitamento dais nossas rulações.

Já foram aprubadas, entr'oitras ais suguintes pruposições:

- 1) – “A ispanção du cumercio de vacalhau e serdinhas em scaveche”, – aprusentada e diffendida pelo varão de Peixoto Serra.
- 2) – “A frumentaçon du binho Albaralhãon e us methudos xientificus d'ebital-a, a iella, a frumentaçon”, – bentilada pelo cummendadoire Marques Pinto;
- 3) – “A miseria dus portuguezes nu istranjairo”, rulatada pelo Bisconde de Muraes, que prubou, cum dicumentus, qu'elles sãon miserabeis nu stranjairo, pra puderem bultaire ricus pra a santa terrinha.
- 4) – “U Basco, tri-campeãon de Seccus e Mulhados” – aprusentada plu sinhoire Rauli Campus, sendo aprubada cum frinizi pla assumvleá, de pé.
- 5) – “U seistante de Gajo Coutinho e sua utilizaçon plos abiadoires stranjaios” – dufendida pelo sinhoire Simãon de Laburairo.
- 6) – “Us cuncursos de Veleza e a benda abulsa dus jornales” – aprusentada pelo nosso inculaboradoire Simãens Cuelho.
- 7) – “A impurtancia du pelito na hygiéne vuccale e u seu imprego nais panellas dus dentes queriados” – plo dotoire António d'Alcubaça.

Us trevalhos du Cungresso cuntinuum cum alta animaçon, dispartando u mais bibo int'resse nus circus bareijistas.

Nu proximo numbaro deste hedrumedario dar-lhe-emos uma mais ampla e completa rupurtagem.

**QUENDIDATO A MEMBARO DA AQUEDIMIA VRASILAIRA**  
**A intrega as carta que u nosso inlustre incullaboradoira sinhoire Furnandes**  
**Albaralhão inbiou au dotoire Furnando Megalhães**

U nosso inlustre incullaboradoire sinhoire Furnandes Albaralhãon, pueta e litrato d'alto baloire e de rara jumentalidade, quére tamvaim entraire p'ra Aquedimia Vrasilaira.

De'accordo com um regulamento da cuja Aquedimia, us quendidatos ais bagas, são uvrigados a dirigire uma missibia au prsidente, que nu caso baim a seire u nosso qu'rido cullega dotoire Furnando Megalhães.

Furnandes Albaralhãon aprusenta-se ao Piti Trianão, cum seu libro "Caldo Berde", esp'rando puder sentar-se au lado de nosso inlustre petricio F'linto Lápis d'Almeida..

A seguire, puvlicamos, na intrega, a missibia du inlustre pueta e iscriptorio:

"Sinhoire prsidente da Auqedimia Vrasileira de Letras.

Savedoire qu'inziste uma бага d'académico nessa Aquedimia, benho, pru maio da prusente, diclaraire a Bossa Inçulencia que sou quendidato á mesma.

Sou litrato desde rapazito. É burdade que pru esse tempo, eu só inscribia vustairas, mas puraim num quero saveire, eu já primittia. Á midida que fuin crescendo, fui primettendo e hoje, antão, prumetto qu'é uma v'leza.

Ais minhas ovras são inumbras. Eu óvro cunstantemente. Em eu pigando um papeli,lá bae óvra. Alguaim disse que eu era ficundo. Eu nãon rispundi naim que sim naim que não...(Eu lá sei u que é "ficundo["]!).

Ultimamente produzi uma ipupéia, u CALDO BERDE, a ruspaito da cuja p'sôas d'alto relebo inscreberam á vessa.

Mudestia á parte, nãon foi favoire ninhum. U CALDO BERDE é um culosso" e uma óvra de fol'go.

Ora, acunticento que hai uma quedeira бага nessa Aquedimia, eu benho propoire pra mi assentaire na mesma. Que diavo! Cal mulestia tanho eu que não posso guzaire essas prirrugatibas? Eu sou int'ligente, tanho um physico em cundições...Que é que me falta mai pra hunraire essa istrumella?...Plu menos bou fazeire mais figura qu'o João Ruveiro e certus membaros qu'a gente s'alemvra dus ditos cando...cando si ricórda...

No causo de nãon habeire mais quedeiras, um vanco mesmo me serbe. Eu nãon stou m'incummudando. Eu m'assento em calquére lugaire. Du qu'eu faço questãon mesmo, mesmo, é dus catrucentus mil ráis pru mêiz. Isto sim. Cumprihende...A caixa de fósforo assuviu a dois tustões, a bida toda assuviu. Tudo assóve e só a gente é que desce. Cumprihende...

Isprando uma rusposta urgente, dicalro a Bossa Inçulencia, qu'estou mesmo disposto a escrebeire d'accordo com u accordo urtugraphico, ficando a seu inteiro dispoire, ou aqui na ridacção d'A MANHA, ou, entãon, nu meu apurtamento na Punsão Urópa, na rua da Gamvôa, reis du chãon. Não taim ilibadoire.

Seu admiradoire e petricio (birgula) — **FurnandesAlbaralhão**".

**PRUMAIRO CUNGRESSO DE PORTUGUEZES NU VRAZILE**  
**Cuntinuam com u mais siguinifiquetibo successo us trabalhos da impurtante**  
**riunião**

U Prumairo Cungresso de Portuguezes nu Vrasile stá uvitando um grande e istraordinario successo.

Pondo de vanda ais dibersas e impurtantes questõens d'ordem incunómica, qu'estãon sendi devatidas cum alta saviduria, pra se teire uma baga ideia da elebação de bistas que baim prusidindo aquelles trevalhos, basta dizer-se que já se cunsidera como questão liquidada e ufficialmente apprubada pla douta assemvleá, u uso cunsicutibo nu cummercio bareijista du kilo d'oitucentas grammas.

Essa irrisolução, certamente baim d'incontro a uma belha e justa espiaração dus niguciantes de seccus e mulhadus, que de há muito binham s'isfurçando pla implantação d'esse rijumen, arriscando muintas bezes a s'indisporem cum us fiscaes da Prufaitura.

Nãon deixam tavain de mereceirem us mais quelurosos inlugios us isfórços du cungresso, nu sentido d'intinsificaire a impurtação pra u Vrasile du vacalhau portuguez, dais serdinhas em tumate, dus pelitos pur atacado, du binho burdasco e du ripolho em conserbas.

Oitras thezes d'altas philusuphia baim ainda sendo istudadas plos inlustres cungrissistas.

Siria uma falta imperduabel da nossa parte si, nesta lijaira nutiça, deixassemos de nus rifrire, aus impurtantes trevalhos aprusentados plos nossos vrilhantes cullegas Simãon de Laburairo a ruspaito du **Basco da Gamia** e Simãens Cuelho, qu'iscrebeu uma libro sovre a influencia du seistante de Gajo Coutinho na nabigação dus bidroabiãens em alto maire.

**Pelo mundo das letras**  
**Obra de folgo**  
*“E tangendo a lyra d’oiro irá subindo*  
**Ao Parnaso, que lhe as portas vai abrindo!”**  
**Manoel Maria Carrazedo**  
**(Classico esquecido)**

Depois que o pelago negrejante, da morte houve engolido a Antonio Feliciano de Castilho, o qual foi, cmo Saa de Miranda, Ferreira e Camões, um dos padres da lusa poesia, jaz o poetar em sã vernaculidade como que empobrecido, senão aviltado. Certo hé que amiude nos deleita Aloysius com seus maviosos e purissimos carmes, prenhes d’arrojadas e nobilissimas elegancias; mas porém poetas asseados qual este insigne varão nam dão pera formar parelha; de guida que cá nesta terra de Santa Cruz ou se ha de ler, reler e tresler as obras, aliás sublimes, daquelles altissimos vates, ou não se ha de deletrear nemigalha, porque tudo o mais que por ahi sae das prensas não hé senão desmarcado frencelhismo.

Desta feita porém se cobrem as letras luso-brasilicas de novas e resplendentes galas, pois Furnandes Albaralhão deu á luz da publicidade fruto de seu portentoso engenho. Emparelham seus poemas do “Caldo Berde” com “Os Lusíadas”, a “Ulysséa”, “O Viriato Tragico”, “O Naufragio de Sepulveda”, “O Segundo Cerco de Dio”, “Os Ciumes de Bardo”, “As Sete Dores da Virgem” e outars obras de universal renome; e Francisco Dias Gomes, que foi critico e recritico, de ntre vivos ainda jouvesse, como eu, lhe apontara, bem sommadas, as oito elegancias do classico estilo, “silicet”: vervaculidade, allegoria, harmonia, louçania, gradação, asseio, claro-escuro e quintessencia. Jaz assim lançado o louvor da obra, posto que, conforme reza conceituoso annexim, “nem ha bello sem senam nem feio sem perfeçam”. E assi hé, como succede neste livro, onde a afear tantos primores e louçainhas, qual jaça em diamante de pura agua, se intermetteu dicção plebéa e nam lusa, não averbada em vocabulario de prol nem usada por letrado machucho. No soneto “Circuito Biciado” lê-se este lugar:

“Guiando um vonde, gimia inquieto maturnairo:

— Ah! si eu fosse o fiscale aqui dessa miléca...”

Pertence a dicção “miléca” ao soez linguajar da plebe, onde ha dois sentidos, a saber: moncos narigaes, ou ranho; e cousas, ou successos, que nos andam em torno,naõ sendo mui bons nem perfeitos, nem aprazíveis; mas dicção hé essa de todo em todo vitanda, pois se não conhece nem usa na gloriosa patriade Camões, Bernardes e Castilho. Nam desejo de subir acima das sapatas, mas se o inclyto vate se não anojasse, lhe eu rogaria, em pró da sã vernaculidade, que mudasse aquele verso desta guisa:

“— Ah! si eu fosse o fiscale aqui desse ranho...”

Seriam dessarte respeitados os sagrados preceptos e as santas tradiçõesda boa falla portugueza, na qual mammamos todos, letrados da Lusa Athenas ou desta heroica e pulcherrima cidade, o leite da vida espiritual.

**Dionysius** (capitam de milicias).



Nº 23 – 23/05/1931

**PUEMA DA SOIDADE  
(Copia-right d'A MANHA)**

Eu gosto du Vrasile  
Da Rupuvlica Noba, du céu d'anile  
E das crioulas deste peiz culussale...  
Mas desde que deixei meu Purtugali  
Eu sinto cá pur dentro um sentimento,  
Que m'amufina e nãon me deixa um só mumento...  
Imbora Bossa Insullencia não acridite  
Eu debo confessar-bos qu'esta soidade,  
Chega inté a tirar-me u apitite...  
É burade qu'us puetas comem pouco,  
Mas tamvaim é burdade  
Qu'u raio desta soidade  
Emvrulha-me u stambo e deixa-me baim louco.  
Di manhã, cando me lebanto,  
Sento-me á mesa de trevalho,  
E mando bire uma sôpa de ripolho,  
Dois franguitos assadus cum arroiz,  
Que (cá pra nós)  
São d'incheire u olho;  
Uma travessa de vacalhau insupado,  
Umas serdinhas fritas,  
Um pudaço de quevrito assado,  
Uma selada d'agrião cum vatatitas,  
Misturadas cum óbo,  
E dispois...nãon bai mais nada...  
Baim, antãon, de nõbo,  
Essa soidade disgraçada  
Da terra e cumeço a suspiraire  
E a arrutaire...  
É burdade qu'us puetas comem pouco  
E ais cumidas dus puetas sãon oitras...  
Mais eu de há muito discumfio  
Qu'este meu festio  
Já chêga a seire duença.  
Eu ainda bou consultaire a Manuelinha  
Pra beire u qu'ella pensa...

**Juequim Cascaes**

### Nebigaçon aiérea

Se hai assumpto de rilibancia, é fóra de dubida a nebigaçon aiérea!

Pritendem us historiadores que essa inbençon foi discuverta prum vrazilairo, um tale Du Monte, mas birgula! Foi portuguez e pru signal que u transmutano Vridiodes de Megalhães!

Ora, nós u[s] portuguezes, discuvrimos a nebigaçon meritima e a nebigaçon tirrestre. Era d'ispráre que tamvaim discuvrissimos a aiérea!

U mutibo da discuvridella dibeu Vridiródões a uma uvisirvaçon physica e latente. Istaba esse petricio insticado na rélba a discansáre, mas puraim de vocca averta.

Di repente, saim que él isprasse, inguesgou-se. Qu'é que faiz u gal[j]o? Deu uma cusparada pru áre.

Acunticeu que bentaba forte. U bento pigou-lhe u cuspo de lado e fél-o discribêre uma linha recta, curba i trianguláre ao masmo tempo.

U Vridiródões deu um soco na queveça! Tinha discuverta a nebigaçon aiérea!...

Cumiçaram antãon us primairos istudos preparatorios. U nosso qu'rido savio mitteu-se nu seu guevinete e disinbulbeu a primeira fórmula giometrica:

$$x = \frac{\frac{d}{b} - e}{Vd}$$

Dahi a cinco dias, adibido a insprienças infectuadas cum mais cautela (o Vridiródões era muito cautiloso), elle chigou á seguinte cunclusão:

$$x = \frac{4m \left( \frac{(6}{b} - 2) \right)}{5re - 4y} \dots$$

Inda num era vastante! Elle disduvrou-se! Não daixou ninguaim pinitraire nu guevinete! Dona Liucadia, a mulhere d'el, quis approximar-se-lhe, mas libou com um tamanco na queveça que lhe feiz logo um quelomvo. U hiróe qu'ria ficaire só. Fez-se-lhe a buntade.

Imfim, passados dias dispois, ubiu-se um zurro d'al'gria. U homemzinho me sahe pulando du quarto, com um papéle na mãon, amustrando-o a todos:

— Cá está! Bejam!

$$\frac{by - 4re}{2} - y - Vcdm = \text{ariuplano.}$$

Estaba discuvéta a nebigaçon aiérea!

**Furnandes Albaralhão**

**A DISCUVERTA DA FUTUGREFIA**  
**A urigem deste impurtante milhuramento**

Futugrefia é uma sciencia que taim pru fim futugrafaire uma p'ssôa calquére.

A urigem deste impurtante milhuramento debe-se á uma vriga birulenta que tiberam dois gajos.

— És uma vesta! — disse um.

— Vesta é bocê! — arrispundeu u oitro.

— Nãoon me trumviques a peciencia!

Foi cando, antãon,u oitro, sintindo já a mustarda a suvir-lhe au neriz, ixclamou furivundo:

— Saves u que mais? Bae-te futugrafaire!

Staba discuverta a futugrefia!

Cumiçaram, dahi, us futógrafos a s'ispalharem plo mundo intairo: — aim Lisvôa, nu Porto, aim Paris,na rua da Querioca (,na Abinida, um horroire!)

Hoje em dia, pur dá cá aquella palha, tome ritrato!

Si morre, ritrato!

Si nãoon morre, tamvaim!

A futugrefia qu'eu cá acho mais int'ressante é a que se tira á noite.

U futógrapho agrupa ais p'ssoas, ajeita a mánica,dirrama numa vandijita uma pitada de magnesia purgatiba e ixclama:

— Votém cá u olho neste vuraco, que bae sahire um passerinho!

Us gajos olham. Ahi u vruto nãoon sei u que é que faiz que a mánica dá um istoiro:

— Pum!...

E tome fumaça!

É fumaça que te parta!

E u infaito da magnesia nãoon si faiz ispraire: — uns ispirram, oitros assutam-se e, com um susto, dão-se coisas du oitro mundo.

É que ningaim aguenta cum u cheiro que cumeça a s'ispalhair pluviente.

Ahi alibantam-se todos a surrire vestamente e u futógrafo ba-se invóra.

É uma sciencia muitoint'ressante a futugrefia!

**Furnandes Albaralhão**

### UM NOBO INBENTO PORTUGUEIZ

“U Sec’lo” de Lisvôa infrunhou a seus laitores que u mitriologista António Giãon, usando um prucesso todo lá seu acava de fazeire uma impurtante disvuverta, pra saveire na inzacta ais cundiçõens du tempo.

U savio Giãon, pra chegaire a esse risultado, inbentou um appirelho, muito mais impurtante qu’u seistente de Gajo Coutinho.

U nobo inbento de Giãon cunsiste nu apprubeitamento dus cunhicimentos scientificus que todos nois temos a ruspaito da calligraphia pedestre e du raio da tuliphunia.

Como é savido, há certos indibiduos, principalmente transmutanos, que, cando lhe dóem us cálos, chobe na certa. Giãon, cunhicendo de sciencia propria esse impurtante phinômeno mitriulogico resulbeu aprufeigual-o, ligando, pur meio d’antenas e fuis mitalicos, a calligrephia arruinada a um grande rilogio dum só ponteiro, cum mustradoire saim horas, mas onde está scripto dum lado “Bae chubeire” e du oitro “Não bae chubeire”.

Cando dóe u cálo du frugueiz, a prussão atimuspherica dus péses augmenta de balume e u punteiro, antãon, mubimenta-se e bai indicáire que “Bae chubeire”.

Cando u cálo nãon dóe u puntairo tambeim nãon stá ligando e fica quieto bultado pra u litreiro: “Não bae chubeire”.<sup>20</sup>

Acuntece, puraim, que algumas bezes, u calo dóe e nãon dóe, isto é, parece que bae dueire, mas a doire nãon baim. Isto quere dizeire qu’u tempu nãon stá firme e u puntairo, antãon, fica assim meio vestamente sem saveire si bae ou nãon bae. Nessas condiçõens, stando u puntairo entre u “Bae chubeire” e o que taim u appirelho já save qu’aquillo é u “chóbe e não molha”.

U appirelho du savio Giãon chama-se calivarometro e annuncia u tempu ali na inzacta.

---

<sup>20</sup> Neste trecho suprimiu-se a frase: “litreiro: ‘Não bae chubeire’”, pois estava repetida.

**U PULSIBA'IJO**  
**Istudo chimico**

U pulsibaijo...

É um insecto iscuro, achetado, arridundadosinho, netural de Portugali e que morde as pissôas cuja tularancia os primitte nu acunchego da sua entimidade.

O pulsibaijo avusa, toma cunfiança, intrimette-se na cama dum gajo e pra ahi léba a mulhére, us filhitos, a sogra, a imprigada, u jardinairo, u quechorro, léba a quenalha toda. Si u gajo taim mais que fazeire e deixa a cama á ribilia, aquillo, póde cuntaire, aim menos dum maiz (naim tanto, Jesus!) fica-lhe a cama que naim a rua dos Arcos em dia de faira! É pulsibaijo de todas as quilidades, faitios e quiraquitéres. Bêem-se us loiritos, us questanhos, us arridundados, us de faitio de casca de faijão, tudo aquillo a si mubimentaire vrandamente, uns pra cá, oitros pra lá... Só bisto qu'intimidade!

Sãon puraim nirbósos, ispantadiços. Si prum discuido calquére, a pissoa sacóde cá a cama, é aquella iagua. Arripintinamente tudo se assume num mumento e bão lá bêre aonde si mitteram. Iscondem-se us baldibinos tãon baim nus vuraquitos du culchão que nãoñ sahem nem a quecete!

Si pr'uma ibintualidade a pissoa ismaga um vichito desses, ai! Só bendo! Tape logo ais bentas vaim tapadas, purque, nãoñ lhis digo, é um tal de fidêre...

Na miha cama eu cá cunféssô que imprego todo u cuidado nicissario. Cando m'arricolho, tanho um trevalho insano pra afasta-los, um pr'um, ca ponta duma lepisaira, afim de nãoñ cummittêre um pulsibaijicídio, facto esse que, eu sou positibo, habia de m'incummdare prifundamente s'aconticesse, adibido eu sêre sócio arrimido du Basco e da Associação Petriotica dos Animaes Irraciunaes.

O pulsibaijo é um ente que mais biaja nu mundo. Dais ultimas instatisticas prucidadas á vordo du "Nyassa", chigou-se a quenclusão seguinte:

1

114

Quer isso dizêre: cento e quetorze pulsibaijos pra cada uma pissoa. Si nós, us de lá, nãoñ tibessemos uma constituição de birdade, caim é qu'arrisistia? Cento e quetorze memiferos em riva da gente, desde menhá até u dia seguinte...Papagaio! caim é qu'aguenta?

Adibido á intimidade inzistente entre esses vichos, cuitaditos, e as pissoas, hoje em dia, quaim nãoñ taim u seu pulsibaijusinho é muito pritencioso ou quer se fazêre de vesta. Com iffaito! Que mal ha? E dispois, nigáre rifugio em nosso laito a esses povres immigrantes, é uma acção bil, intulirabel, incunsiquente! Hoje em dia u pulsibaijo faz parte da familia e é prciso disapparcêre duma beis esse pricunçaito que inziste contra u pobre du animalsinho. U izemplo debe partire de nós que semos animaes mais intulligentes du qu'elles, dilicados insectinhos...

E é adibido a sêre um vicho piquinito que eu, saim mais têre que diga a ruspaito, dou pur incirrado u accidente cu'a diclaração de: Tanho ditto!"

**Furnandes Albaralhão**

**A biagem du Basco da gamia p'la Orópa**  
**U tri-campeão deu uma lição de futi-bolio aus hispanhóes de Bigo**

U basco da Gamia, u grande e inbencibel campeão de terra e mare, acava de dimustraire mais uma beis, em Bigo, na Hispanha, que não pede nem dá bantagem: — é ali na vatata!

U balente cluvio da Cruz de Malta jugou duas bezes contra u time Biguense. Na primeira purdeu, pur inf'licidade; na sigunda deu-lhe uma rubancha, qu'elles lá hão de se lemvraire della pur toda a bida e mais uma sumana dispois da morte!

Us tulugrammas que cá bieram p'ra us jurnaes matutinhos já deram conta á culónia dais cundições execiunaes em que se rualisou a primeira partida.

A rupaziada du Basco chigou cansada de Varcellona. Chubia que te parta. Mesmo assim foram jugaire. Como não tinha roupa tiberam que cumpareceire cum bestimentas imprestadas. U campo staba em stado scurrigadio e intransitabel. Inté daba nojo a lama que lá habia. U capim antãon, naim se fala: — staba, assim, desta altura. Foi nessas cundições miserabeis, saim roupa, saim sapatos, pisando nai agua e scurregando na lama, todos mulhados, coitaditos, qu'us rupazes du Basco tiberam qu'enfrentaire us seus adbersarios, cunhecedores du turreno e acostumados, cum surteza, áquellas lamvuzadas. U jogo, nessas cundições, só podia sahire um jogo sujo e u Basco, justiça se lhe faça, é um cluvio que se gaba de fazeire u jogo limpo. Não admira, purtando, qu'a sorte não lhe tibesse sido faburabel, purdendo pla insignificancia de 2x1.

Pur esse resultado mesmo já se bê qu'u Basco não é sôpa, u que ficou prubado mais uma beis na sigunda partida qu'u Basco jugou em Bigo, com us mesmos jugadoires.

Nu sigundo encontro qu'us bascaínos tiberam cum us biguenses, já u campo staba secco. U capim não incumudaba. A lama não scurregaba e us rapazes du Basco cumpareceram de vurzequins e com ais roupas em cundições.

U resultado já se save:— foi a conta. Foi góle que te parta! Us hispanhóes já andabam tontos e u Basco bá góle, bá góle!

Nu fim du jogo eram tantos us pontos que foi pruciso cuntratar-se um guarda-libros, spicialista em partidas duvradas, pra fazeire a cuntavilidade dus góles, tendo fichado a iscripta cum este saldo a faboire du Basco:

7x1!

Ficou, assim, incerrada cum chabe d'oiro a iscursão dus bascaínos na Hispanha e de lá se rutiraram p'ra Purtugali, cum a caveça lubantada, di bizaira irguida, satisfaitos pur terem alebantado ainda mais alto u nóme glurioso e inbencibel du tri-campeão ispano-americano!

Nº 30 – 17/7/1931

**A bitória du Basco**  
**“O títalo ninguaim lh’o tira”**  
**(Du Hynno au Basco)**

Salbe u Basco da Gamia, purtintoso,  
Que bae mustrando pula Urópa intaira  
Que dá na vóla de calquer manaira,  
Que táim time vravissimo e p’rigoso!...

Salbe u Basco da Gamia! Fou um gôzo  
Têre intrado u vemfica na madaira!  
Minha ialma surri cum birdadaira  
Satisfação plo feito glurioso!...

Salbe u Russo! U Tinoco! Salbe u Móla!  
Isso é gente que save dar na vóla!  
Nu fativólio mais ninguáim ber quero!

Num sai, d’alegre, cumo não dismaio!  
Biba u Basco toudinho! Papagaio!  
Que labagem, mô Deus! Foi cinco a zero!!...

**Furnandes Albaralhão**

**U rei do fado e da guitarra**  
**Antónia Munáno cá stebe em bisita á nossa tenda arave de truvalho**

Foi um mumento de grande aligria e cummução pra todos us cuitados dus rupazes que trevalham saim duscânço nesta casa, cando anti hontem á tarde punetrou subrepticamente um indibiduo baim apissuado, trajando uma capa da tuna de Cuimvra e suvraçando pur duvaixo da bistimenta uma pussante guitarra portugueza.

U cunhecido litrato Simões Cuelho, que nu mumento s'incuntraba numa circunf'rencia rusurvada cum u varão de Paixoto Serra, au beire aquelle bulto na porta, nãon poude cunteire u seu inthusiasmo, recunheceu-o e gritou:

— Olá, António Munano! Tu pur aqui, meu maganão!

E birando-se prus prusentes aprusentou-o collectivamente:

— Cá stá, meus sinhores, u rei du fado portugueiz!

E este homem, que cá temol-o, que faiz churaire d'emução us saloios de Lisvôa e ais cachôpas da Serra da Istrella.

É este homem, que cá bemol-o, que cum seus trinados arranca us suspiros dais fricanas<sup>21</sup> e us saluços dais aguas du Mundego!

Diante dais palavras cumubidas de Simões Cuelho, u ruçaim-bindo dá um passo a frente e aprusenta-se:

— Isso tudo é bundade du petricio. Eu sou apenas antonio Munano, um modesto criado de Bossas Insulencias.

Nesta altura, u inlustre bisitante, já de guitarra em punho, rupinicaba u fedinho de cascaes, qu'arrancou lagrimas au varão de paixoto Serra.

U nosso incullaboradoire Chaby Billela, já pur conta du Bunifacio, pediu-lhe im siguida que dibulha-se a "Minha Queninha Berde".

Munano, nãon se feiz de rugado, arrancando du vojo du instrumento, ais mais dilicadas sinfunias, prubucando na assintença burdadairo frinizi.

Antes de ritirar-se. Em humenagem á nossa folha e pur uma differença muito spciale á culónia cá ruprusentada, Munano, trabalhando numa corda só, cum curruspendencia nu vurdão, intuou, cum grande sunti[mento]<sup>22</sup> "U fado du fedista", qu'istampamol-o, em primeira mão, em nossas calumnias au pé.

Antonio Munáno ruceveu uma isturdinaria ubação, rutirando-se pra vordo du "Quanza", onde exerce nais horas bagas ais funcções d isculapo e deixando neste rucinto uma agradabel rucurdação daquelles mumentos de fina iarte e sedio petriutismo.

---

<sup>21</sup> Este vocábulo aparece quase ilegível, apresenta-se, portanto, a forma que é possível depreender.

<sup>22</sup> Os colchetes indicam a correção de erros tipicamente tipográficos



**CUMMUNISMO**  
**Pur FURNANDES ALBARALHÃO**

Dinumina-se CUMUNISMO a ruligião que táim pru fim dibidire co'a gente, u dinheiro que pirtence aos oitros.

É uma ruligião bem ida, principalmente cá pra mim qu'ando sempre co'as algiváiras basias. Assim que ela instibére áim bigôre, eu não passarei mais as nucidades que tanho passado, isto é, não tånho pricisão de ricurrêre á litt'ratura pra genhare u pão e u quefé de cada dia.

Us bultos mais impurtantes que s'acham na frente da banguarda desa innubação, chamam-se Lininho, Trote, e um tal de Carlos Marques que plu nome, si não é portuguez, isquepou de sêre.

U CUMMUNISMO traz bantagens bultuósas e simão, bejam: bámos sippôre que u mô bisinho está na vrisa. Elle báim á minha casa e prugunta-me:

— “Ó Furnandes! Canto táins nu volso?

Eu arrispondo-lhe:

— Tånho binte.

— Antão passa-me dez..

E eu sou furçado a fazê-lo.

Isso é um dus quepitulos da saita. Manda, puráim, a birdade que eu diga que (si tånho binte, digi-lhe que tånho dez, p'ro vruto mi carigare, apenas, cinco. Bá sêde cumunista em cima du raio que u parta! Dinheiro é sangue e eu não sou a Caixa Incunómica!.. .. .

.....  
.....  
.....

Mas hai cumpinsações, que diavo! Um inzemplo: a minha mulhére, deu-lhe na telha murêre ou fugire. É uma sipposição. A Ruligião primitte que eu bá á casa du bisinho mais proximo e lhe diga:

— Ó bisinho!

— Que é lá?

— Empresta-me a tua mulhére que aminha u diavo a libou.

U bisinho não póde rugire náim mugire. Chama a mulhére e diz-lhe:

— Ó filha! U Furnandes pricisa de ti. Táim paciencia..

E ahi está.

Ellas pur ellas.

**Furnandes Albaralhão**

**A fulencia du foti-bolio**  
**É pruciso inbentaire oitra droga que sirba pra alargaire u straitamento**  
**dais rulações luso brasileiras**

U fati-bólio introu in falença.

Dispois qu’u Basco da Gamia foi a Purtugali e nãon tebe a menoire incunsideração com us nossos petricios d’alaim-maire, eu já nãon acridito qu’esse jogo sirba lá pra calquer coisa que preste.

Inquanto u Basco da Gamia, fazia ais suas pruezas pur cá, dando na caveça dus malandros cá da terra, ainda muinto que baim.

Era mesmo um gozo bêm-se U Rucinho drivlando us diantairos dus cluvios inimigos e metendo góles inté dizeire que chêga.

U p’soale du Botafofo e du Fluminense daba u cabaco e perdia a tremuntana, porque, bamos e benhamos, u Basco nãon é lá para que se lh’us diga.

Imquanto essas labagens eram dadas nus disafettos da culónia, nós cá nada tinhamos que dizeire, porque afinalé nu fundo aquillo tudo estaba muinto certo.

Agora, puraim, a cousa muda de figura.

U Basco, indo a Purtugali, s’isqueceu qu’estaba pisando a terra portugueza e nãon teve a indilicadeza de ruspaitare us nossos petricios. U resultado foi aquella garapa. Purrete que te parta!

Ora, isso nãon é du programma. Ou baim qu’u Basco é portugueiz e nesse causo dibia ruspaitare us times de Purtugali ou baim qu’u Basco é vrasileiro e nesse causo já nãon stá aqui quaim falou.

Palabrinha d’honra qu’eu cá nãon gostei du prucidimento du glurioso campeão dus seccus e mulhados. U titalo ninguaime lh’u tira. Purtanto, podia u Basco muinto baim, si quizesse, deixaire qu’us times de Purtugali lh’o ganhassem. Ficariam-lhe muinto baim esses suntimentos.

Inflizmente u que bimos foi justamente u cuntrario. U Basco, isquecendo-se miserabelmente de que a culónia lh’u tinha prutigido, purtou-se incurretamente derrutando us times da terra.

Eu cá pur mim nãon acridito mais nessa vagunça. Já rusguei meu titalo de socio rumido e nãon benham me propoie pra cumpraire botos pr’a u Russinho, porque nessa eu não cáio mais.

U futi-bolio stá acanelhado. Nãon contem mais cumigo p’ra essas vavuzairas, porque nãon stou mais disposto a passaire pur vesta.

U futi-bolio para mim murreu. U Basco phutugrafou-se.

Cummigo agora é só nu gulfinho, qu’ é um jogo de familia e que bai muinto baim pra um quebalhaira de tretamento.

Nãon me benham cum cruces de maltas!

Raios as partam! Ais cruces e ais maltas!

**Varão de Paixoto Serra**

## A MORTE

A morte é injustamente u cuntrario da bida. Cando uma p'ssoa morre, saguinifica que daixou tutalmente d'inzistire. Ai isso é que num táim app'lação! Murreu, murreu! Acavou-se! Póde churáre póde ruclamáre...É na vatata!

A gente s'approxima dum quedaber, pispéga-lhe um v'liscão, um apirtão, um vuftão... É pirdêre u tempo. U vruto não diz nada. Murreu, murreu. É tretare d'oitra coisa.

Não déixa de sêre um finónimo mystr'ioso. Uma p'ssoa biba, pur inzemplo, si lhe pisam nus cállos, sente lógico a dóre e fica pru conta du Vunifacio. U d'funto, não. Num é quepaz de prutistáre. D'ehi a diff'rença uvisirbada que é intinpestiba e ao masmo tempo pripindicare!

U bibo não inguinora que deixará d'inzistire nu dia áim que murrêre, ao passo qu'o morto inguinóra pur cumpleto que daixou de bibêre nu dia áim que murreu. **Egosum que sum**, quer dizêre, dispois de morto que lébe u diavo!

Si num fôsse a Morte, era uma v'lleza! A gente bibia, bibia, bibia até murrêre. Mas tamops que nus cunfurmare. U que é, ié. Isso d'istare um gajo a dizêre que num morre e oitras uvidinidades, não passa de fugura de rhorica. Aquél prubervio, "murrêre pur murrêre, morra u meu pae que é mais belho du qu'eu", é uma pr'ba intirfrente e pussissiba!

Eu tibe um tio que, pranão murrêre, bibeu incanto poude, até qu'um dia, não pudendo mais, não tebe oitro rimedio sinão murrêre tamváim. Que se damne. Antes elle du qu'eu. Lá pru sêre u mou tio, não é milhore qu'os oitros.

Como nu intritanto, atrabissamos uma timpurada áim que s'inbentam discuvertas a todo u mumento, não sirá d'ixtrenhare que prum dia desses, um am'ricano ou um allamão inbente pra ahi um amparelho inlectrico munuphasico que não daixe um gajo intrigare assim, inreflectidamente, a ialma ao Criadôre. Na hora da milódia, u murivundo applica a isntrumélla d'accordo cô a vula, faz finca pé na cama e zomva da Morte que, neturalmente, acto cuntunuo, s'arritira d'ali, incavulada...

Tánho dito.

**Furnandes Albaralhão**

### U vaijo e suas incunsiquencias

De todos us querinhos amurosos que cá cunheço, é indistrutibelmente u vaijo u mais cunfurtatibi, u mais insupirabel! Caim nunca vaijou, não está na altura cunbiniente de cumprindêre uq eu seje uma cummução! Já disse um cel'vre puitastro iurupêu: u vaijo é um ponto cor de rosa que si cullóca nu i da vocca qu'a gente gósta. Eu não m'alemvra váim si é nu I ou si é nu J, mas cum cirteza que essa iuphrasia incérta alguma insignificação ilusiba!

Nu intritanto, (ais u ponto d'apoio aonde pritendo chigare), nu intritanto, cá dizia, u vaijo, esse masmo vaijo emuroso e pirsuasibo, é u purtadôre enónymo e inbisibel de micruvinhos que só serbem pra ispetifare a saude dum gajo!

Assim é que, du vaijo, prubáim, pur inzemplo, a siflas, esta duença que, sigundo se diz, todas as pissoas táim, até masmo aquellas qui num táim!

Eu tibe uma nemurada, a Lucadia, uma criolla dilicada e que não chairaba mal.

D'uma feita, durante um flirte que tibe cum ella na Praça da Vandaira, taes bucaulos lhe disse que ella, inbulbendo-me na inquerneção dus seus braços blutuozos, pispigou-me em plena vocca um desses vaijos que nós, us de lá, dinuminamos de chôchos.

Não lhes conto. Passou-se uma sumana e eu cumiçai a principiare a sintire umas prutuvações urganicas na vocca. Cá raio siria? E toca a cuçare! Eu cando me côço é birulentamente.

Pra incurtare, fui ao dautore. Dispois dum inzame prilungado, elle me diclerou que eu estava era cum sapinho.

— “Sapinho! Mais essa! vradaí co'os meus vutões. Isso é a cunsiquencia logica daquelle vaijo qu'a Lucadia me deu! Raios a partam! Mas isso é que num fica assim!

Entre parente: eu sou um portuguez binguetibo! Lá u facto de gustare da Lucadia, ella não tinha u diraito, visulutamente de me sapicare um vaijo nessas cundições!

Uma sumana dispois, nu masmo vanco da Praça da Vandaira, incuntremos amvos, ella, chaia d'amore cumo sempre, eu, duminado pula sêde da bingança!

Intremos a cunbirsare, mintira pra lá, mintira pra cá, chiguemos ao mumento giulógico. Tumai-lhe co'uma das mãos, a fisulumia, cá oitra u quengóte e pispigai-lhe, não lhes conto, um vaijo tão sunumetugraphico que ella m'ulhou d'isguelha:

— Ó Furnandes!

— Que é, Lucadia?

— Que frinizim é iesse?

— É u amore, inspliquei-lhe. Eu t'amo, Lucadia! Tu és u mou istrupicio!

Binguei-me, finalmente!

Nu dia seguinte a Lucadia iscribeu-me um vilhinho cuntando-me qu'aduicêra. Estaba cum sarna!

**Furnandes Albaralhão**

**Mais uma rabucação em Portugali**  
**Um grupo d'incibis atacam a Rutunda, mas foram incunsiquentemente**  
**rupullidos pla fuzilaria da mitralha**

Já ha mais de duas sumanas que não binham de Portugali nutiças de nóbas rabuções na terra.

Este facto, sigundo a upinião dus intindidos, daba a suspaitaire que algo d'anurmali s'istaba passando nu peiz d'ultramaire.

Essas suppusições, inf'lizmente, ant'ontem tiberam cumpleta e intaira cunfrimação, com u tulugramma lucónico:

— “Medride, 26 — nutiças bindas da fruntaira de Portugali infronham que arruventou uma rabucação em Lisvôa. Faltam prumenores e prumaiores.”

Pouco dispois, u nosso cumpanheiro de trabalho, sr. Varão de Paixoto Serra, arruçuvia um radiu suv-merino, nais suguintes cundições:

“LISVOA, 26 (urgentissimo) — A muleca arruventou. Staba dumurando. Eu já isp'raba pur ella. Us carvunairos atecaram a Rutunda e tentaram assaltaire us du abafamento dum mubimento rabulucianario, nesta capitale, prumubido pur alimentos incibis e alguns militares que não foram prumubidos. U governo stá sinhoire da situação e a cidade stá sendo petrulhada cuarteles. Mandai dispejaire em cima dus gajos fuzilaria de mitralha e arruventei-lhe ais trenciculas. Us que não deitaram pur terra, deitarem a cureire. U mubimento stá completamente parado. Curdeis saudações. (a) Cremona”.

Logo dispois de arruçuveire esse despacho, que foi asfixiado na tavuleta du armazem do sr. Varão de Paixoto Serra, esse inlustre titulaire e menbaro pruiminente da culónia, arruçuveu est'oitro:

“LISVOA, 26 — Stá cunfrimada a nutiça du stalo pla Guarda Rublicana, sob u cummando du curuneli Juequim Vurnarda Varradas, qu'stá bigilante. A isquadra, cumposta da quenhunaira “Adamastoire”, avandunou u Téjo de fógos accesos, em direcção á Serra da Istrella. Ais cummunições tulufónicas stão, curtadas pra Peris. Us rabulucianarios, completamente dismuralizados, já pidiram louça, mas não se lh'a daremos. São ellas pur ellas, ali na vatata. Quaim não si quere mulhaire, que não se metta na chuba e quaim não quere seire lôvo, não lh'o bista a pél. Não us fuzilo a todos incurduados, porque ais nossas armas stão disquilivradas. Mas é dente pur dente e olho pur olho. É a pena du tabelião. (a) Cramona”.

U nosso inculaboradoire sinhoire F'linto Lapis d'Almaida arruçuveu tamvaim du nossa cullega e litrato Julho d'Antas, u suguinte cavugramma, bindo pur intremedio du raio da tulufunia:

“F'linto — Riu — Arruventou a marosca. Suspende rumessa teu libro “Calumnias da route”, inté a cousa milhoraire. Cramona é um culosso. Já prundeou us cavecas du mutim e não lh'us dará um mumento pra a ruspiração. Bae aplicar-lhes a pena du tal Lião. Avraços. (a) Julho d'Antas.

### U truquedilho

Truquedilho é a sciencia que táim pru fim truçare uma palabra pula oitra , de modos que, uma baiz prinunciada. A rufrida, a pissôa qu'a iscutou não cumprilhende patabina e ainda prucima fica cum cara de vesta.

Hai indibidos rivarvatibos que acham um isprito culussal nessa invicilidade. Só se bendo. Nu intritanto eu cá cunféssô que nãoa cho visulutamente graça ninhuma! Não inziste, masmo, nu mô fraco e dêvil modo d'intindêre, uma vuvagem meiôre, náim tão pouco mais supirlatiba. Ah! Isso é que num táim que bêre! U truquedilho não passa de uma libiandade mumintanea e de certo modo insuvistente!

Já dizia Furnão Lopes, u grande prusadôire purtuense, que u truquedilho, viulágicamente falando, é um amuntuado cullatiral de paroxysmos incinsiquentes. E é. U Furnão save u que diz:

A upinião áim giral é que sóas pissoas talintosas são cumpitentes pra urguenisare um truquedilho. Entenda-se! Á bista disso, eu que não dou a ninguáim u mô vração a truçere, bi-me na imp'riôsa nucissidade de fazêre, tamváim, um truquedilho de báiz em cando para amustrare que a intullugencia não é pribilegio dus inguinurantes. Isso é que num é!

u primairo truquedilho que eu cá fiz, m'alemvra váim, foi n'uma róda silectra d'emigos e petricios, nu Chiado, áim Lisvôa. Era um domingo. Um delles pruguntou-me:

- Ó Furnandes! Bocê gosta mais de malmiliada ou picigada?
- De malmiliada, arrispundi.
- Pru que mutibio?
- É pruke não é picigada.

Ai que guergalheiro! Us gajos riram se tanto que se daitaram ao chão. Eu fiquei cuntente e cavaí me rindo tamvaim cumo uma vesta. Tinha feito um truquedilho! Cando us gajos cissaram de rire, eu disse-lhes, a ielles, num sorriso sup'riore:

- Bocês pirciveram, hein? seus quenalhas!
- Pircivemos u que?
- U truquedilho.
- Os truquedilho?
- U qu'o fiz.
- Que é que tu fizeste, ó Furnandes?
- Ai a minha bida! Eu fiz um truquedilho, rapazes!
- Um que?
- Um tru-que-di-lho!
- Que é isso?
- Hom'essa! mas bocês, então, riram de que?
- Nós rimos foi da cara incuhirente que fizeste, uma cara d'asno seu baldibinos!Ahi está. Us vrutamontes não tinham pircivido. Dicididamente, cáim disse, disse muito váim: u truquedilho não é pra calquére. É só pra pissoas intullugentes! **Furnandes Albaralhão**

**U tuluscópio**  
**(Strumella p'ra beire istrellas)**

Tuluscopio é um amparelho de queracter istrunomico que serbe pra trazere pra váim pirtinho du uvisirvedôre, as pissoas, as istrellas, us valeões, as frumiguitas, tudo infim que s'achare longe du rifirido supredito.

Inzemplo: eu quero bêre um emigo qu'isteja na Urpa: applico u tuluscopio na diricção du cujo. É aquella iágua. U emigo fica tão pirtinho da gente que se lhe póde até pruguntare cumo bae a saudinha, a mulhére mai us m'ninos, u quechorro e até a imprigada.

Trata-se dum quenudo circular, de cumpprimto ixtenso cumiçando fininho e ecavando grosso. Em cada ixtimidade latiral du cumprimento, hai um bidro d'omento. Sim, prue si num fôre d'omento, não edianta nada.

Us istrunómos, pru intrimédio desse aççussório, cunbersam cu'as istrellas que é uma v'lieza. Cando ellas arispondem alguma coisa, elles incostam u quenudo na urelha pr'approximare u som incubientemente.

A lua, esse planeta guezozo e fufuriscnte, foi discuerto plu tuluscopio, essim cumo igualmente u sóle, a Grande Ursa, u Marte, u Mircurio, u Vismutho, a Benus de Milho, etc., etc.

É um dibirtimento ingreçado e ricriatibo. Si u gajo não táim que fazêre, pirdeu nu vichu e istá pru conta, vasta incustare ao de lébe u olho nu tuvo que lhe passa logo u mal istáre. Bê toda astralada a si mubêre, uns pra lá e oitros pra cá. É, ingreçado, nenhum delles se adispensa lá de riva. Ubi dizêre que é adibido a lei da grebidez. Debe de sêre uma lei pud'rósa. Olha qu'aguintáre cu'aquelle peso todo...

Cando u uvisirbedôre acuntece s'inguenare e ispia nu tuluscopio plu lado grosso, quer dizêre, áim sintido bice-bersa, bê tudo du temanho d'uma quesquita de noz. Elle antão dá plu ingano e bae logo ispiare du lado upposto.

As pissoas cégas não se podem sirbire desse amparelho adibido á falta de bista. Si a ciguaira fôre dum olho só, inda u gajo s'ajaita. Mas em sendo d'amvos, é pirdêre u rico tempo. Póde incustare u olho cantas bezes quizêre que não adianta nada! A ciguaira. Cumo diz u dautôre Munjerdino, mô qu'rido e intullugente petricio, é uma prutuvção ridundante e murphulógica du nerbo optico. Dispos de effirmetiba tão cuncludente e vucullatiral só me resta diclerare que tånho dito.

**Furnandes Albaralhão**

### **U cummunismo**

U cummunismo ou bulchebismo é uma thiuria moderna, inbentada pelo russo Carlus Marques e em birtude da quale todos us homens e mulheres ficam nibelados, isto é, guzando us mesmus diraitos.

Esse gajo, lá nu fundo, não daixa de teire a sua razão, porque, afinal, todos baim au mundo saim quemisa e não é justo que dispois de grandes uns quebalairos só andem d'autumóbel, au passo qu'oitros taim que fazeire força nus queminhantes.

Uma das coisas vóas du cummunismo é tamvaim a avulição dessa vustaira que é u precunçaito de raça. Eu cá pur mim, cum rulação áis crioulas, já de há muito tempu qu'aduptei u cummunismo.

Ais raças humans avissolutamente não debem vrigaire porque sta é preta, porque aquella é vranca e est'oitra amarella.

Ais flores não vrigam porque esta é rosa, aquella açucena e aquell'oitra jesmim.

Hoje, cum us altus cunhecimentos que se taim de vutanica, já não s'admitte qu'u homem seja animal purque si ha quebalheiros que se chamam Cuelho, Tigre, Carnairo e Camélo, há oitros que se chamam em compensação Jecyntho, Ellitrópo, Rosa e Rusmeninho.

Homens e mulheres, portanto, tanto podem seire animaes como begetaes e não ha, pur isso, mutibo de serem diff'rentes.

Us indibiduos qu'estudam a historia naturale dizem que us homens e ais mulheres du mundo podem seire incaixados em duas grandes raças: a raça slaba e a raça não slaba.

A implantaçõ du cummunismo, segundo us intendidos, si dará cando houber nu mundo só uma raça, que será naturalmente a raça não slaba.

Beremos, antãon, como a humanidade bae cumeçaire a seire f'liz.

**Julho D'Antas**



## O camvio

U camvio antigamente era uma cousa que suvia e que descia, cunforme.

Ais bezes uma livra balia carenta e cinco iscudos, oitras bezes passaba a baleire trinta e óito.

Naim todas as p'sôas puraim, intindiam de camvio. Umas ganhavam. Oitras purdiam. Era a lei dais cumpensaçoens. Cando a natureza tira dum lado, sempre bóta du oitro. Ruparem baim que, cando um gajo taim uma perna curta, a oitra é sempre mais cumprida.

U meu cullega Mudesto Lale sempre mi dizia qu'u camvio é uma instrumella. Muito cumplicada, qui sóve cando ha u factoire cunfiança e desce cando agaim cumeça a discunfiare.

U ministro dais Funanças da terra, u cunhicido dotoire Salazaire, é de upunhão qu'u camvio é como uma valança de dous pratos: — dum lado stá a impurtação e du oitro stá a expurtação.

Si a valança da ixpurtação sove, u camvio desce, Si a valança desce, u camvio sóve. Cando a valança naim sóve naim desce, nãon taim camvio.

U camvio, portanto, uvedece a ditriminadas cundiçoens que ningaim n'as [cu]nhece<sup>23</sup> e u milhoire mesmo é nãon prucuraire ixplicaire, sinãon lá baim vustaira.

Isso, naturalmente, era n'oitros tempus.

Agora, u nigocio já muda de figura.

U camvio, nus dias que correm, é uma brugonha.

A livra, pur inzemplo, nãon bale nada. Us inglezes nãon querem sabeire mais della. Isso lá n'Inglaterra. Mas si a gente bae pagaire aqui uma conta de luz inlectrica ou tulufóne, a Light faiz lógo umas continhas de chegaire e cava prubando que a livra ainda é um culosso.

Eu cada beis stou piscando menus.

Palabra d'honra que já ando injuado dessas trequitandas.

Um dia, já cansado dessas tepeaçõens, eu adhiro au cummunismo, que nãon taim camvio.

Na Rupuvlica de quemarada Stalinho é ali na vatata: — u que bale é u homem. Quaim muito trevalha, muito bale; quaim nada trevalha nada bale.

Us almufedinhas e que nãon gostam du rugime. Acustumados na melandragem u qu'ellles querem é ficaire nu macio, incanto us oitros pegam nu pusado.

Si nãon fosse este meu titalo de verão eu cum certeza já tinha daitado manifesto e a estas horas cum certeza eu já andaba p'la Russia ou intãon lá pras vandas de Furnando Nurónha, onde dizem qu'está cheio de curruliguiunarios.

**Verão de Paixoto Serra**

---

<sup>23</sup>No original não é grafada a parte entre colchetes. Com base na ocorrência do mesmo vocábulo em outros textos optou-se pelo acréscimo.

### **Ais mumentosas questões cummerciaes**

U dicreto da muratoria e um riqu'rimto da firma Furnandes Alvaralhãon & Cia., desta praça

U commercio importadoire de seccus e mulhados stá curtando uma bolta cum u tale dicreto da muratória, tendo surgido dibersas dificuldadesentre dibersas casas desta praça.

A firma Furnandes Albaralhãon & Cia., impurtantes impurtadoires de vacalhau pur grosso, atrepalhados com a compra duma grande perdita desse dilicado crustaceo,tão du gosto du fino paladaire da nossa aristucracia, dirigiu au dotoire Zé Meria Vitraquesu suguinte ruquirimento em duas bias, uma dentro da oitra, pra ebitaire u extrabiu:

“Inlustrissimo e insulentissimo sinhoire Zé Meria Vitraques, dignissimu munistro dais Fazendas e dus Seccus e Mulhados.

Furnandes Albaralhãon & Cia., estavulecidos nesta praça comum estavulecimento de compra e benda de vacalhau pur grosso, baim, cum u dibido ruspaito, á prusença de Bossa Sinhuria, pra saveire de Vossa Insulencia u que debem fazeire nu prusente caso em que se caham inbulbidos em birtude du dicreto da muratoria.

De accôrdo com a cunfurmidade da lei de bossa insulencia, a firma Furnandes Albaralhãon e Cia. impurtou, pur grosso, nobenta e óito tuneladas de fino vacalhau da Terra Nóba, a coisa duma sumana.

Nãon habendo quembiaes na praça, ainda d'accordo cum u rifrido dicreto, afirma supplicante dipusitou a sussenta dias de prazo, a quentia curruspundente au baloire da mircaduria em apreço, tomando pur vase u dólar a 12\$329.

Ora, muito baim, sinhoire dotoire Zé Meria. Inté cá nãon ha nubidade. Agora é que a porca cumeça a turceire u vavito, purque a firma Furnandes Albaralhãon & Cia., pra descanço de seus membaros, quére saveire:

- 1) . Daquí a sussenta dias cal será u preço du dólar?
- 2) . Si u dito cujo passaire (28&888), como é que bamos pagaire a diff'rença?
- 3) Si a firma Furnandes Albaralhãon & Cia. Ainda nãon save canto lhe bai custaire u vacalhau, cumo é que bae fazeire preço pra bundel-o á fruguizia nu barejo?

Spr'ando uma prompta rusposta de Bossa Insulencia, com a dibida incunsiideraçãon, somos de Bossa Sinhuria, criados pra u que dére e bieri. — (a) **Furnandes Albaralhãon e Cia.** (Stava sullado cum estampilha de dois tustões du Curreio, debidamente fardados de maturnairos.

U dotoire Zé Meria prumetteu saluciunar u increncado pruvlema nu primairo despacho culletibo.

Nº48 – 21/11/1931

**Mal sicreto<sup>24</sup>**

S'a colera que põe damnada a gente  
distróe a paz da bida disijada,  
tudo que nos vilisca intiriormente  
suvisse á nossa cara, qu'istupada!...

Si si pudesse, a iálma padicente,  
bêre pur traz de muita guergalhada,  
canta gente a se rir vestamente,  
que era muito milhóre estar calada!

Canta gente só ri p'ra disfarçare  
um turco á porta que lhe bem cuvráre  
a quemisa, a cilaira, a maia, u cinto...

Cantos ha nesse mundo a tres por dois,  
que, tendo á janta só cumido arroz,  
arrotam p'rú, laitão e binho tinto!

**Furnandes Albaralhão**

---

<sup>24</sup> Reaparece em Ano XX – nº42 – 14/2/1946, p.2.

**É U CREDITO QUE DÁ VARRIGA OU É A VARRIGA QUE DÁ U CREDITO**  
**U sinhoire Juequim Meguelhãens numa vrilhante circumf'rencia,**  
**discute este impurtante pruvlema de cisculugia**

U sinhoire Juequim Meguilhãens da Silba Vastos é um litrato.

U facto delle seire tamvaim socio cummanditario da impurtante firma desta praça Meguelhãens & Cia. não l'ho tira, porque u gajo é, de facto, intulgente e mithodico: — nais horas distinadas au cummercio intelectuale, é só p'ra ais musas; nais horas consegradas au cummercio pur atecado, é só p'ra a frugizia.

Desta formula u nosso emigo bae temperando cum pouco fogo a panella da litratura e rumexendo debagarito a caidaira dos nigocios, saim musturaire alhos cum vugalhos.

É assim que debe seire e é pur isso qu'esse nosso inlustre petricio é qu'rido e ruspaidado como uma dais mais impurtantes jumentalidades da culónia.

A sua ultima circumf'rencia litraria na séde da suciadade rucreatiba "A União faiz a Força dos Bareigistas" foi um culosso.

Na plutéa habia uma imundice de gente d'amvos us sexos, saim falaire n'algumas sinhouras fuministas e alguns quebalheiros idem.

U theima avurdado pelo oradoire foi a discussão du pruvlema de cisculugia: — É u credito que dá varriga ou é a varriga que dá crédito?

U sinhoire Juequim de Meguelhãens, antes d'intraire na matéria, diclarou qu'u assumpto era um tanto indilicado e que já tinha sido estudado pur oitros inirgumenos, mais saim resultado.

A questão du credito e da varriga, affrimou u oradoire, é mais ou menos como aquell'oitra du óbo e da guellinha, qu'us savios inté hoje não cinsiguiram discuvrire cal foi que nasceu primairo.

U sinhoire Juequim Meguelhens acha que quaim nasceu primairo não foi naim á gellinha naim u obo. Quaim nasveu primairo foi u pinto.

U oradoire, pur isso, é de upinhão que é vistaira pelo mesmo cunsguinte, staire agora a si discutire cal é que nasce primairo, si u credito ou si a varriga, porque, lá nu seu fraco módo de intendeire, acha que, antes delles, taim que nasceire u dinhairo.

Saim dinhairo, isto é, saim ais massas incephrálicas, não há credito e muito menus varriga.

U pinto birou guellinha e a guellinha butou u ôbo.

Mutatis, butatis — como dizem us allimãens — só dispois du indibiduo teire u dinhairo e que lh'u baim u credito e dispois, então é que lhi cresce a varriga. Essa é que é a ingrenagem.

Ais conclusões a que chigou u inluquente cisculogista, com a sua ergumentação surrada e irrispundibel, probocaram instripitosas manufestaçoens

da sulétra insistencia, que se dibidiu em duas partes, uma pra a vanda de cá, oitra pra a vanda de lá.

Cando ais duas vandas, nu agio du entusiasmo, se preparabam pra se ingalfinharem, armando grosso serilho, introu inupinadamente cum seu jogo philarmonico a qurida e baim afinada vanda du Urfeão de Purtugali, atacando bituriosamente u “Hino da Carta”. Foi agua fria na fruvura. Ais notas istridentes dus vunvardõens, cumvinadas com u contracanto dus trumvones, mais u solio dus pistãens, cuntravalançado cum u acumpanhamento insurdicedoire dais caixas de rufo e dus vomvos, unificaram us espritos e estavuleceram uma prufaita harmunia de bistas e de punsamento entre ais oitras duas vandas, lebantando-se, antãon, a sussão e calurósos bibas au generale Cremona, a Purtugali e au inbencibel timio de futi-bolio du baloroso Cluvio Basco da Gamia.

**U accordo purnugraphico luso-vrasilairo**  
IMPURTUNAS INCUNSIDERAÇÕENS IN TORNO DU IMPURTANTE  
ASSUNMPTO

Ainda um envrulho dus diavos, um vate-vocca de faira libre entre a Aquedimia de Ciencias de Lisvôa e a Aquedimia Vrasileira de Letras, tudo pur causa desse maldito accôrdo purnugraphico, qu'amvas ais duas conjunctamente assignaram de cruiz.

Eu cá pur mim, desde que souve dessa cumvinação, nãon lhe dai muinta fé.

Cunheço muito vaim a gente de minha terra e gavo-me de cunheceire tamvaim us litratos du Vresil.

Eu logo bi, qui isso tudo, mais cedo ou mais tarde, habia de paraire nu que deu, isto é, em agua de varrelas.

Onde se biu que dois póbos, cumpletamente diff'rentes, cum hávitos intairamente dibersos, aquelle cumendo vacalhau, est'oitro chamando p'ras ingulidairas carne secca cum coube á minaira, pudessem lá iscrebeire da mesma formula ais pelebras qui prununciam de manairas intagónicas?

Eu logo bi, qu'isso tudo tinha qu'acavaire cum vustaira e vustaira grossa.

Dispois é pruciso se nutaire qui aquillo tudo stá irrado e, p'ra s'iscrebeire irrado, nãon é pruciso se fazeire accordo, é só ire iscrebendo á vessa que bae sahindo a vurrada como elles querem. Eu só quero beire como é qu agora u Julho d'Antas e mais u F'linto Lapis d'Almeida discaçam essa vóta.

Us meus petricios d'Além Tejo bão se beire atrepalhados pra dismanchaire u que fizeram.

U governo da Repuvlica Nóba du Vrasile, em tudo isso, é que debe staire satisfeito. De tudo u que se taim decretado d'Outubro du anno pessado p'ra cá, a única coisa qui estaba firme quevrando u pedrão, era u tal accordo.

A gente nutaba que naim u pobo, naim u governo, stabam ligando aquella vavusaira.

Ninguem mais mesmo s'alimvraba da tale cumvinação.

Foi, pur isso, uma grande surpresa, cando, de rupente saim ningaim sp'raire um petricio calquére arma um serrilho dus diavos na Aquidimia de Lisvôa e prutesta p'lo facto de nãon teire u Vrasile ruspaitado a sua palavra.

Palabra dihonra qu'a gente ais bezes fica inté inbrigunhado cum o papéli que fazem us nossos hómens.

Caim é que pensou que u accordo purnugraphico podia seire lebado a serio?

Caim é que se cumbenceu qu'u Vrasile lá podia manteire um modus-bibendi cum Purtugali a ruspaito da purnugraphia?

Intãon us meus petricios lá na terra ainda nãon purceveram qu'u Vrasile, qui stá indupendente há mais dum seculo, iria agora se sujeitaire, plos vunitos vigodes du sinhoire Julho d'Antas, a adutaire uma noba manaira d'iscrebeire que só int'ressa a Purtugali?

Ora, é milhore que nãon me benham cum vustairas.  
U milhóre mesmo qu'u governo discriciunario du Vrasile taim a fazeire, é  
labraire um decreto dando u dito pur nãon dito e... tanho dito!

**Simãens Cuelho**

**Nãon me benham cum prutestos**

A proposito du accordo purnugraphico luso-vrasilairo

Boltam agora us jornalistas de maia pataca e mais us litratos de pata e maia a fazerem ais suas ruclamaçõens pur causa du accordo purnugraphico assassignado entre a Aquedemia de Letras du Vrasile e a dita cuja de Sciencias de Lisvôa.

Qu'esse accôrdo era uma vustaira ningaim lh'o nega.

Qu'essa cumvinação de s'iscrebeire da mesma formula palabras diff'rentes ia, mais cedo ou mais tarde, daire em aguas de varrela, tamvaim ningaim lh'u cuntesta.

Qu'esse intendimento ia daire num vurro desintendimento, eram fabas cuntaditas.

Uma beiz, puraim, qu'ais duas Aquedimias fizeram a vurrada, a uvrigação lá deilas era aguentarem u rupuxo.

Us aquedémicos qu'iscrebam pela urthufónica. Qu'us litratos façam a sua iscripta pla funética.

Nois, puraim, us jornalistas de peso, us puvlicistas de carreira, nada temos que beire cum isso.

Nois nada assassignamos. Nois nada suviscrebemos. Labamos, portanto, ais mãons como P'latos e us péses como homens assiados e cidadãos de tretamento, como, graças a Deus, cá somos.

Nãon me benham agora cum prutestos. Nãon me benham agora cum justificatibas, mais ou menos istempuraneas e rucreatibas.

Quaim ais faiz as paga. Deixal-os iscreberem como milhore lhes aprobérem e que lh'us faça bom probaito. Nois que temus lá cum isso?

Fizeram a vustaira, aguentem-na.

Elles lá fizeram u accordo entre elles, saim nus consultairem si stabamos d'accordo. Elles acurdaram, nós ficámos drumindo.

Nãon me benham, agora, pidire pra prutestaire. Eu nãon prutesto. Eu nãon strillo. O que eu fiz e stá muito baim feito é nãon tumaire cunhecimento.

Pra mim nãon houve accordo, nãon stou savendo de nada.

Eu sou du amoire.

**Simãens Cuelho**



**U cunflito da China cum u Jepão**  
**PORTUGALI STA BIGILANTE!**

Ais nutiças bindas du Jepão e da Mãonchula dizem que ais coisas pur lá não stão lá para que se lh'us diga.

Us chinezes pegaram-se cum us nippõens e tam runcando u pau a treis pur quatro, entre ais amvas ais duas partes.

Si a cousa cuntinua como bae, acavam na dansa, emtrando p'ra u "Serapico" ais putencias mais velicosas du mundo e ahi então é que u fécha bae daire u que fizeire.

Portugali stá bigilante. Alaim du "Adamastoire" e du cruzadoire "Basco da Gamia", save-se cum segurança que, im caso de guerra, u peiz du Infante de Sagres não péde naim dá bantagem.

U belho Portugali não prubucará.

Mas não lhe vulam, pur faboire!

Purque nu dia em que tucaire a riunire, bae habeire purrada grossa, daquela de criaire vicho.

Quaim abisa amigo é!

**U ACCORDO LUSO-VRASILAIRO  
(Especiale p'ra “A Manha”)  
Pur Julho D'ANTAS**

(Curruspondencia pistulaire) — U accordo purnugraphico entre a Aquedimia de Ciencias de Lisvôa e a de Letras dais Culónias du Vrasile, parece que já lebou á bréca.

Pelo bisto, naim cá naim lá, lebaram a serio a ruforma du bocavulario lusu-vasilairo.

U fim da supra-dita cuja ruforma era simplificaire essa muleca da iscripta, mas u rusultado foi todo au cuntrario da bice-bersa. Deu nessa vagunça qu'estão bendo e onde cada quale scribe como milhoire lhe dá na beneta.

Ora, pusitivamente, esta vagunça não pôde continuaire: — ou baim fazemos u accordo ou, antão, não lh'o fazemos.

Si frimamos um cuntracto vi-laterale, isto é, mutade pra cá, mutade pra lá, isto quere dizeire que tamvaim assumimos a uvrigaçon de ruspaitare a nossa palabra, não duma vanda só, mas dais duas vandas.

U prucidimento d'Aquedimia Vrasilaira, não ligando impurtança áquello que cumvinou, é u que se pôde classificaire de disclassificado.

Palabra d'honra que cá temos a impressãon de que u accordo purnugraphico não foi acceito nu Vrasile, unicamente porque a Aquedimia Vrasileira não taim cumpetencia p'ra ditaire leis. Pur isso, não será dumais lemvraire que quaim não taim cumpetencia não se stavulece.

A Aquedimia de Lisvôa frimou u cuntracto e há de cumpril-o. É assim que prucedem us homens hunestos nus seus nigócios.

Cá tambaim ningaim ligou impurtança au tale accordo. Cada quale scribe lá a seu modo e a maiuria não scribe, porque não sabe iscrebeire.

A Aquedimia de Lisvôa está, puraim, resulbida a não intregaire us pontos. Já feiz a vurrada e agora é aguentaire a mão.

É ali na vatata. Nois acavamos escrebendo sózinhos p'la funética, mas não damos u vrazo a turceire.

Rucunheceire u erro é um signale de jumentalidade. Persistire, puraim, nu erro, é proprio das vestas.

**Julho d'Antas**

**A rã que qu'iria birar voi**

**AU LAFUNTÊNE**

**U inf'nito fica antes d'aquem e dispois d'além. — FREITAS COUTO & CIA.**

Uma rã biu um voi  
Até ahi bai tudo muito vem  
Mas dispois é que foi!  
Quis, como o voi, ser gorda assim tamvém.

Poz-se logo a ingrussare,  
Pruguntando áis irmãs qu'estabam perto:  
— Antão Cumo é?  
Já cuméço a ingurdare?"

E ais manas lhe diziam — "Pois, de certo!  
Nãon ismureças! Incha mais! Taim fé!"

E a rã, vem mais vujuda, se alargaba,  
A pél, lá nella, já lhe estava teza.

— Antãon? E agora?" — ais manas purguntaba.  
E ellas diziam: — "Baes que é uma v'lleza".

E tanto inchou a disalmada, cruz,  
(Prucidimento antipathico!)  
Que ripintanamente, carapuz!  
Rivintou o pniumatico.

**MURALIDADE**

Petricio iguale ao Chevy,  
Rã ou sapo, nenhum bê.

**Furnandes Alvaralhão**

Nº 51 – 19/12/1931

***Suneto crassico***<sup>25</sup>  
AU QUEMÕENS

Sete annos de queixeiro o Zé sirbia  
na benda du Juequim, um lusitano  
Mas não era u Juequim qu'elle quiria  
Era u dinheiro d'elle! Que magano!

Annos e annos na esp'rança de um só anno,  
passaba e a vurra nunca averta bia.  
U Juequim, nuguciente suvurvano,  
du queixeiro, talvez, se pricabia.

Bendo u Zé que u patrão, impritinte,  
nunca lhe disse a ielli: "A vurra é bossa!"  
nunca a honra lhe fez de tal cumbite,

continuou sirbindo-o vrandamente,  
dizendo: "E sirbirei inté que possa,  
pigar-lhe u cóvre todo e daire u suite!"

**Furnandes Albaralhão**

---

<sup>25</sup> Reaparece em Ano V, nº19, 19/5/1933, p.3.

**US VRASILAIROS QUEREM NUS PASSAIRE U QUELÓTE!  
É pruciso que a culónia steja d'olho bibo com ais menóvras duas  
melandros!**

U jornale “Diario de Notiças”, de Lisvôa, acava de mettere u pau de rijo nu governo vrasileiro em birtude da suspensão, pur treis anos, du surbiço de juros e dus fundos d’amurtizaçãon dus imprestimos fuderaes du Vrasile.

Dispois d’istudaire u açumpto, num artigo de fundo, aquelle matutinho lisvueta desanca a baleire us gajos da Rpublica Noba, dizendo que tendo seus imprestimos sido garantidos plas rendas de ditreminados surbiços, só ais sóvras cavem au Gu[b]erno<sup>26</sup> Pruvisorio, que não taim u diraito de lançaire mão daquillo que não lh’u purtence.

Aprupiar-se du dinheiro alheio, é uma falta d’avuso e uma biulencia inacreditibel desse mesmo governo!

U “Diario de Notiças” lemvra a nucessidade da cungregaçãon d’esforços, que possam probaire p’la força a incumbiniencia e u p’rigo d’oitros Estados cupiarem u inzemplo vrasileiro e cunbida aus portuguezes a acumpanhaire u mubimento de lugitima difesa dus int’resses lusitanos, lusados e ispuliados plo governo rabulucianario du Rio de Jinairo, cuncitando u generale Cramona a qu’esteja prompto au primairo grito para marchaire á frente du “Adamastoire” e da quenhunaira “Querbalho d’Araujo” e desemvarcaire na ponta du Calavouço!

U jornal em questãon, ainda mette umas purradas pla caveça du governo discriçunario e trumina dizendo que agora u que stá em jogo é a honra du Vrasile.

Nesse ponto nois cá não cuncurdámos, porque é vustaire cuncurdaire.

U que stá em jogo não é a honra du Vrasile avissolutamente. U qu’está em jogo (e num jogo disparelho) é u dinheiro dus portuguezes.

Esta é que é a burdade.

Questõens d’honra não se discutem. Cada qual taim a sua honra e cando ella se suja bae labal-a onde baim lh’o pareça.

U dinheiro é sangue e u sangue é a honra du indibiduo. Lebado pur esse lado, bá lá, qu’a questãon du Vrasile seja uma questãon d’honra e essas questõens, sim, labam-se em sangue, porque com u vurro du dinheiro não se vrinca.

Us portuguezes não são trouxas p’ra pegaire nu pusado, pra dispois fazerem-nos de vestas, tungando-lhes u dinheiro!

Nesse praticulaire nois cá tamvaim stamos com us cullegas de Lisvôa.

U mibimento da culónia taim que seire collectibo. Todos pur um, e um pur todos. U que stá em jogo, agora, não é a honra da culónia. U que stá em jogo é u vurro du dinheiro, qu’é pruciso defendeire, e nois saveremos dufendel-o, custe u que custaire, com unhas e dentes, armados dus diraitos que nus insistem e dus quenhões dus nossos nabios de guerra, que não são lá pra vrincaadeiras.

Não nus paguem e berãon.

---

<sup>26</sup>No original “gugerno”, levando-se em conta outras ocorrências da palavra, optou-se pela mudança para “governo”.

**1932**

Nº 1 – 2/1/1932

**Teu lenço<sup>27</sup>**  
**Au cullega Guimarães Passos**

U pinsamento e u raio são os  
dois bihiculos mais bilozes que  
transitam plo mundo. — **Tiófilo**  
**Vraga.**

Esse teu lenço qu'eu pussuo e achato  
Vem d'incontro au meu paito cav'lludo,  
Hei de mandar-t'o um dia, mas cá istudo  
De que manaira praticaire u acto.

P'lo curreio é vustaira, eu não m'illudo,  
Pois nãon quero uffendeire u teu ricato.  
Cuncurdarás que habia de ser chato  
Si bissem du inbiloppe u cuntiudo.

Puraim, minha quechópa linda e pura,  
Fita ais vandas qu'havito em Qesquedura,  
Qu'infim berás, como é dus meus disaijos,

Catro pardaes a siguraire ais pontas,  
Ir feito um Zipilin teu lenço, ais tontas,  
Mól, a pingaire a vava dus meus vaijos.

**Furnandes Alvaralhãon**

---

<sup>27</sup> Reaparece em Ano XIX – nº30 – 21/11/1945, p.7

**O LETIM É LINGUA MORTA**  
**Algumas phrasias e a sua burdadaira siguinifequeção nu idioma**  
**portuguez**

*Incontra-se, neste mumento, nesta capitale, uma dama d'alta linhagem e fina inducação: — é a insulentissima sinhoura Cundessa de Traiz dos Montes, litrata de grande baloire e uma dais mais finas jumentalidades d'antiga aristurecia luso-vrasilaira.*

*Pur uma dessas indilicadezas muito cummundas nais p'ssôas d'alto vordo, a Cundessa de Traiz dos Montes stebe em bisita á nossa rudacção e cá mesmo rusulbeu iscrebeire nu papéli um artigo de fundo, indidicado au nosso inlustre inculaboradoire sinhoire varão de Paixoto Serra.*

*Com sua licença passamos pra esta pagina u rifrido trevalho litrario qu'é, como berão, uma buradeira vleza:*

U letim é uma lingua istranjeira, que não se fala mais ha não seire na hora da missa.

Chamam-na, pur isso, de lingua morta, como é tamvaim a lingua du Riu Grande, isto é, a lingua du voi.

Um indibiduo de lingua biba pode apprendeire a falaire uma lingua morta e bice-bersa du cuntrario.

Ais linguas mortas mais cunhecidas são: — u letim, u flemengo, u fluminense e u basco.

U letim é como u bervu irregulaire, conjuga-se nu presente indicatibo e dão-lh'u nóme de diclinação.

U flemengo, u fluminense e u basco são linguas de futi-bólio e tudo se fala pur meio da cumvinação.

U letim é todas ellas a mais difficillis e só na cunhecem us gajos de certu tretamento e de ricunhida inducação.

U letim era falado plos letinos e, como us letinos murreram todos, u letim tamvaim passou a seire cunsiderado como lingua morta.

Si us letinos bibessem ainda, u letim siria, naturavelmente, uma lingua biba.

Isto, puraim, não quere dizeire que us gajos qu'estão bibos não sejam quepazes de falaire uma lingua morta.

É muito cummundum, entre p'ssôas de ruspaito, cando uma ispirra, a oitra ruspundeire:

— Dominus técu!

Esta phrasia é du mais puro letim e quere dizeire:

— “Deus ti dê juízo”.

Ha uma duença que dá nu paito, lá nelle, qu'aperta us pulmões e mata u christão casi inbisibelmente. Essa duença em letim chama-se “Anginha pectoris” e quere dizeire “Anjinhus du paito”.

Ha tamvaim uma oitra phrasia, que s'usa muito em tempu de crisia e que se rusponde cando u gajo lhe péde dinhairo: — “Reis num verba”. Isto quére dizeire: “Nãon ha um reis na verba”. U frigueis diante disso cáe fóra.

Cando faiz muito caloire, ais damas d'alta suciadade costumam s'avanaire cum u leque. Ais p'ssôas que cunhecem u letim costumam, entãon, murmuraire, cum seus vutãens: — “Dura leques, sed leques”, u que quére dizeire: “É dura a séde, mesmo cum leque”.

Nu carnabales letinos costumabam phetasiarem-se e, entãon usabam dibersas phrasias, qu'ainda hoje sãon muinto rípitidas.

Assim, pur izemplu:

— Quó vadis, domino?

Que quére dizeire: “Onde baes, dominó?”.

Au qu'uoitro ruspundia:

— Nosce te ipsum! Isto é:

— “Tu nãon tains nada cum isso!”

### **Cundessa de Traiz dus Montes**



**BAIM, AFINALE, DÃON MANUELI?**

*Impurtunas cunsideraçãens em torno da biagem du munarcha  
(cupyraio d' "A Manha")*

P'lo Varão de Paixoto Serra  
(Directoire Inteirinho du "Supprimento")

Afinali, baim ou não baim u Dãon Manueli?

Si elle baim, purque é que não manda dizeire duma beiz cando é que baim?

E si elle não baim, p'ra que raius, antãon, mandou dizeire que binha?

Mas seja lá como foire, u que não resta dubida é que a culónia, cum a nutiça da binda du munarcha, ficou mesmo açanhada e inté us proprios rupuvlicanos jacuvinos sintiram buntade de vateire palmas á passagem du fidalgo lusitano.

E elle baim murece essas humenagens de ruspaito e buneraçãon de todos us portugueses, porque, diga-se á burdade, ainda é Dãon Manueli a ultima incarnaçãon de todo esse passado de glorias, que mantaim de pé a força immural duma raça d'hirões que quevram, mas não se dovram, que ruventam, mas não s'intregam!

Ahi stá Aljuvarrota que não me deixa mintire, ahi stá Ascalçaquebire, que não me deixa faltaire cum a burdade. Ahi stá Armantiéres e Muçamvique; ahi stá u 5 d'outuvro e u bint'óito de julho; e ahi stá, afinal u Vussaco, onde Napoleão purdeu ais votas e um lindo chipeu de dous vicos!

Dãon Manueli é tudo isso! É toda essa historia de guerras e vatalhas! É toda essa historia dais carabellas de Pedr' Albares e Basco da Gamia, que já naquella época era tri-quempeão de terra e maire!

Dãon Manueli é u rusumo da epupéa de Quemõens e da dictadura de Cremona!

Dãon Manueli é u passadu e u presente; u qui foi e u que é; u qui é e u qui será!

Dãon Manueli não prucisa bire, purque elle já cá stá dentro de cada curaçãon lusitano!

Mas si elle bieri, in carne e osso, istu é, si elle cá bire de burdade, como dizem, entãon nesse dia de festa incuncibibel, tirémos us chipeus, arranquemos us quesacos e atiremol-os aus pés di suverano, p'ra qu'elle us pise e us amarrote, purque tudo lh'u purtence!

De pé, purtanto, portugueses!

Em cuntinencia, lusitanos!

Sulenço, quenalhas! Ahi baim Dãon Manueli!

**Varão de Paixoto Serra**

Nº 14 – 9/4/1932

### **Uma infelicidade**

#### **Foi labaire us péses na cuzinha e a mulhére lebou um choque dramatico**

U petricio Juequim da silba Ferrugem, hontem á noute tebe a infeliz lemvrança de labaire us peses.

P'ra lebaire a cavo u sunistro intento, istu é, a sua lá delle intençãon criminosa, foi á cuzinha e lá apanhou a vacia de descascaire vatata.

Logo dispois, avrindo a turnaira da vica, incheu a vacia inté p'la mutade d'agua e intrumetteu lá dentro us peses que nãon stabam lá para que se lh'us diga.

A sua mulhére lá delle, que é muito impressiunibel e nurbósa, introu na cuzinha naquelle disgraçadu mumento e, julgando, cum certeza, que seu marido prutendia suicidar-se lebou um choque dramatico, que a cullucou nu stado cumatoso e anti-agónico de murivunda.

Mais alguns minutos e a povre sinhora, qu'inté era sultaira, sticou u pernil, falcendo d'antemão.

Juequim stá incunsulabel e diz pra todo u mundo qu'inté parece mintira, qu'uma coisa tão simples como labar-se us péses, nãon lh'u tiblesse lumvrado antes.

Nº 17 – 30/04/1932

### **Istrófias**

( Poema niflívatico em homenagem á binda da Rainha da Culonia á cidade de S. Paulo, onde foi rucevida sulemnemente p'las culonias lusa, Intaliana e vrasilaira com bibas sunóros, churangas e fuguetório).

Dedicado ao meu inbencibel amigo e culega n'iarte, o lit'rato  
Furnandes Albaralhão, báte mabioso do "Caldo Berde"

Vembinda foste, Rainha,  
A' terra dos vandeirantes...  
Tibeste flores e véstias  
E bibórios delirantes!

És Vello, mas só no nome,  
Pois cá tu és véla de fáto,  
Tains incanto nos teus olhos  
Da cor du pello de rato.

E u teu pézinho lavrêgo  
Da Birgem parece inté...  
Quem mo déra puder ser  
O tamanco desse pé.

E quando no futevól  
Tú déste o chute primairo?...  
Si tu entrases pro Basco,  
Elle bence o mundo intairo.

Intãon no Municipale,  
Vulleza do paraizo?...  
E si pois rendido istou,  
Quero a funda do teu riso!

E os teus fados na guitarra?...  
Churei... e churei á farta,  
Saudades de Purtugale  
E do raio cá tá parta!...

Bais invóra. Isto é qu'é pena...  
A saudade já me fére...  
Mas, lá tão longe te lemvres  
Deste báte que te quere!...

No mundo há treis coisas vôas: —

Do berdasco uma guláda,  
A Rainha da Culónia,  
Vacalhau de cevulada!

(São Paulo, Vrasile, Billa Vuarque)

**Emilio Sulino Gunçalbes (Puéta prubisionado).**

**A grébe dos maturnairos**  
**Us inglezes du “Polbo Quenadense” cortaram uma bolta**

Nu savvado passado, pla primeira beis na bida, a cidade du Rio de Junairo, assistiu a uma grébe dos maturnairos.

U tréfico dos vondes, de rupente, deu pra traiz. Ais tavuletas foram biradas e us bihiculos riculhidos á istaçõn.

Us inglezes da Light, cando biram qu’ a coisa staba pugando mesmo, começaram a curreire dum lado p’ra oitro como varatas tontas.

A vagunça staba n’altura. Um vonde Largo du Leães, rugulamento numbaro 528, appareceu na Praça da Vandaira, introu na rua giniral Caduvél e u ruvoque arriculheu nu mangue. Um oitro, cum tavuleta “Santo Christu” vrécou na istaçõn du Largu du Mechado e lebou maia duzia de passageiros p’ra Votafogo. Um “vataclan” de Ipanema Tunél Nobo foi bisto dando boltas na Praça Quinze e us “taióvas” carrugabam mucinhos de collarinho...

A bagunça staba furmada. Us indibiduos mais calmos e prudentes, dabam “fóras” e “morras” au “Pobo Quenadense”. Us oitros não, s’intendiam e andabam doidos pra beire u stoiro da muléca. Us vondes, carrugados de pingentes, rudabam, á vessa, a toda bulocidade.

E isso durou algumas horas. Us inglezes andabam ais boltas cum a puliça, prumettendo qu’attanderiam ais ruclamaçãens dos maturnairos e pidiam p’ra ais ottoridades manteire a ordem, p’ra elles nãon terem prijuizos.

Nunca se biu ingleiz tão dil’cado e tão amabel como n’aquele dia. Elles, que nunca deram cunfiança aus maturnairos, andabam currendo e pidindo pur faboire qu’us seus “liaes umprugados” boltassem au surbiço.

Eu, si fosse maturnairo, não boltaba pra u trevalho, inquanto nãon bisse u preto nu vranco. Essa gente prumette mundus e fundus, mas cando chega u mumento de cumprir ais prumessas elles s’isquecem de tudo u que tinham prumettido. Sãon uns ertistas.

U risultado é qu’agóra, cum as taes cummissãens pra studaire u caso, us póvres dos maturnairos<sup>28</sup> ficam nais mesmas, miserabelmente tapiados, e travalhando como umas vestas de carga p’ra us chefõens da cumpenhia.

U meu cunsolo é que calquer dia baim pur ahi uma oitra grébezita e, então, elles bãon beire, si us maturnairos bãon acriditaire nais suas cunbersas.

---

<sup>28</sup> No original “matudrnairos”

### **Crónica inligante A intrada du inberno**

U inberno stá ahi.

U inberno é uma dais cinco staçõens du anno, que sãon au todo seis, a saveire, — Primabera, Istio, Inberno, Sutemvro, Agosto, e u B'raon.

U inberno de todas ellas é a stação da inligancia, pruguê cum u inberno baim u friu e bae-se imvóra u caloire.

Nu b'raon, pur inzemplo, um cullerinho duro amullece cum u suoire du puscoço e um indibiduo de tretamento taim nucissidade de mudaire a quemisa, p'lu menos, uma beiz por meiz, du cuntrario nãoon se lh'u póde suppurtaire u profumo du subáco.

Nu inberno, já nãoon acuntece a mesma coisa. U indibiduo póde trevalhaire á buntade nu armazaim, de mangas arrugaçadas, saim s'impurtaire cum a transpiraçon du suoire, porque, cando solta u surbiço, infia u suvretudo e stá completamente ducente e ningaim lh'u sente u chairo de trevalho.

Cum ais ciloiras e ais meias acuntece a mesma coisa: — nãoon é pruciso mudar-lh'as.

Ora, só isso já é uma grande bantagem.

Ais mulheres, pur sua beiz, mittidas nais suas péllas d'animaes raros, qu'us P'reiras compram-nas para ais suas cumbersadas e us seus derriçus, ficam a calhaire.

A gente, bendo-as a passaire na Abinida, de cá p'ra lá, e de lá p'ra cá, perde a nução da rualidade, e fica vesta sem saveire, afinale, u que mais admiraire, si ais mulheres dais péllas ou ais pelles dais mulheres.

Nu inbérno todos us isportes mubimentam-se: — ais curridas de queballos, ais rugatas, u lón-trénis e u fotibólio.

U binho berde, nais rufaiçõens sove milhore, nãoon azéda nu stambo i nãon prудuz arroitos.

Nu b'raon u indibiduo de puscoço curto, nãoon póde avusaire da mesa, du cuntrario stá sujaito a um ataque de caveça que baim póde stragar-lh'u quépitulo. Nu inberno, au cuntrario, uma p'ssôa de tretamento póde cumeire á buntade a sua vacalhoda á lisvueta, u seu cuzido completo, a sua linguicita á minhota, u seu paito du Lamego, ais suas serdinhas fritas, a sua maia duzia d'obos istrellados, porque tudo isso ruvatido com um ou dois litros du lugítimo Alvaralhãon, é como mantaiga em fucinho de quechorro.

U inberno é, pois, a istaçon da inligancia e dus vons pitiscos.

C'um cullete á phantasia, cuvrindo uma varriga baim nutrida, nãoon há frio que lh'o entre.

**Varão de Soiza Prego.**

## **A GREBE DUS TUCELÕENS E A GREBE DUS MATURNAIROS**

A grébe dus tucelõens e dus ferru-biarios de São Paulo cuntinua firme.

Us op'rarios paulistas, assim, stãon dando uma próba ebidente de que a uniãon faiz a força dos bairejistas, como já temus ixposto e affurmado barias e ruputidas bezes du alto destas calumnias.

U lado mais impurtante, puraim, desse mubimento , é a cumparaçãon da curagem dos grebistas da pólicéa cum a falta de curagem dos maturnairos da Light, desta quepital.

U que dóe n'alma em tudo isso é a lumvrança de que a maiuria dos maturnairos e conductoires dos beiculos inlectricos sãon nossos patricios.

Ais rabuluçãens em Portugali sãon feitas ali na vatata, saim cumbersas fiadas. Si benceu, benceu e si frequessou, frequessou. Lá us hiróis não s'abaccalham como us de cá.

Ais grebes em Lisvôa, nu Chiadu e nu Ruciu põen em mubimento toda a Guarda Rapublicana e u purrete canta que não é sopa.

Us lugitimos lusitanos, por isso, ficam burdadeiramente echincalhados diante d'attitude d'indiff'rença dos militares da Light, qu'açaitam, de caveça vaixa, todas ais impusições du polbo quenadense.

Si us maturnairos risulbessem fazeire um dia, já não digo uma grebe como a dos tecelõens de São Paulo, mas uma simples vagunça á portuguesa, chemando nu barapau us inglezes da Quenadense, antãon haberiamos de beire como esses melandros iam trataire á béla de livra, dahi pur diante, us nossos petricios que trevalham, como umas vestas, dia e noite, na manibella e nu stribo.

Cando se faiz uma vurnarda, debe seire vaim feita, du cuntrario sáe mal feita e é uma brugonha pr'a familia.

Pur isso, us maturnairos e cundutoires, cando fizerem oitra, façam-na em cundições, purque si não na fizerem, a disimuralisação rucáe, afinale, na culónia.

### **A fundação do Partido Incunómico** **Impurtantes incunsiderações a ruspaito desse phunómeno pulítico**

Us jurnaes stãon rupletos de nutiças a ruspaito da fundação nesta capitale, cum filhiaes em todo u peiz, dum grande partido pulítico, que girá nesta praça e nais oitras sobre a rezão suciale de Partido Incunómico du Vrasile.

Nessa nóba suciadade serãon metriculados todos us mémbaros du hunrado cumercio de seccus e mulhados e todas ais p'ssôas undependentes que istiberem dispostas a fazerem incunumia.

A grande culónia lusitana, stabulecida nu Vrasile nãon póde daixaire de nãon ruceveire, cum a melhore sympathia a petriotica iniciatiba.

U cummercio vrasileiro é todo elle cumposto d'istranjairos: — portuguezes, turcus e ciarenses.

Si a culónia portugueza adherire<sup>29</sup> immidiatamente, tomará a dianteira du mubimento e, purtanto, terá infichada nais suas mōens todo u cuntroli du nobo partido, tornando-se, desta formula, uma inbencibel putencia pulítica.

Ninhum portuguez que prese ais tredições da terre heroica de Cremona e Basco da Gamia, puderá, nesse caso, daixaire de nãon se matriculaire nais phelanges da impurtante e futura aggrimação pertidaria, que taim como lemma da sua vandaira: “A incunumia é a vase da prusperidade”.

Já na terça-feira bindoira bae habeire uma grande riunião de cumerciantes da praça, pra stavuleceire us istatutos vasicos da nóbeli suciadade.

Us portuguezes stabulecidos nu murcado debem cumpareceire em massa, pra que, afinale, possam benceire us seus pontos de bistas.

U nobo partido, pra seire partido, é nuçussario que nãon se ruparta e, pur isso, debe habeire uma certa urientação baim urientada, em que se dufendam pur um lado, us altus int'resses da culónia e, pur oitro lado, us segrados diraitos da fruguiazia.

U partido, alaim disso, debe cumeçaire cum incunumia pra que possa teire u nome de Incunómico, e assim rustaveleceire a cunfiança nus maios bareijistas.

A cunfiança nãom se lh'a impõe: — cunquista-selh' a.

Si u partido nãon inspiraire credito nu primairo mumento, póde-se-lhe trataire, desde logo, dus funeraes, em quemunhão de primaira classe.

Ste abiso é da maiore impurtança, pois já chigou au cunhecimento da culónia, qu'um pequeno grupo d'almumedinhas quére, pur força, que se lh'installe na séde uma piscina.

Si benceire essa immuralidade, u Partido Incunómico stá aquenelhado; porque nãon se cunceve qu'um partido que se diz incunómico cumece logo cum luxo de vanhos e oitras vavusairas.

Stá muito certo que se lh'o discuta ais cores da vandaira. Nãon é tamvaim incumbiniente que se lh'o trate dus distinctibos, como nãon ficaria male se lh'o

---

<sup>29</sup> No original as síabas surgem separadas “a dhe ri re”



discutisse ainda a organizaçãon duma vanda de musica, cum estrumentale completo.

Dahi, puraim, a se trataire de piscina pra vanhos bae uma dff'rença du dia p'ra a noute.

Cá, na nossa upinhãon, au Pertido Incunómico debe trataire sumente d'assumptos rulacionados com u cummercio pur grosso e particularmente com u bareijo.

Uma questãon que não se lh'o debe perdeire de bista, purque imbolbe uma belha espiiraçãon da classe, é a que se rufere au kilo d'oitucentas grammas. Esse ponto cuntribertido é que se lh'o dibia discutire, antes de mais nada, pra se tiraire a limpo si u kilo d'oitucentas grammas débe cuntinuaire a seire d'oitucentas grammas ou si debe cunsideral-o como de setecentas e cincoenta grammas.

U mumento é de crisia. Toda a incunumia, assim, é acunselhada. U kilo de setecentas e cincoenta grammas seria uma soluçãon p'ra u pruvlema, satisfazendo, pur um lado, us barejistas e, pur oitro lado, a fruguizia, purque us imvrulhos du armazaim ficariam mais lebes e, purtanto, mais facil de serem carrugados pla fruguizia.

Si a primeira assumvléa gemale du Pertido Incunómico trataire cum querinho e au mesmo tempo cum inurgia desse caso e d'oitras questões qu'estãon em elaboraçãon, elle pode cuntaire cum a suladariadade completa da culónia.

Du cuntrario, é vustaira.

### **Varãon de Paixoto Serra**

## **U GRABE PRUBLEMA DOS “SECCUS E MULHADOS”**

### **A VAGUNÇA NUS STADOS UNIDOS DA AMERICA DU NORTE**

Us tulugrammas bimdos dus Srados Unidos da Amerida du Norte infrónham que, pur lá, inziste uma grabe questãon entre “seccus” e “mulhados”.

Essas nutiças, prubenientes duma terra tãon adiantada, como é a Norte América, daixam a gente vesta, a pensaire purque é que elles bãon vrigaire, cando dibiam staire juntos.

De facto, us “seccus” nunca devem se separaire dus “mulhados”, purque du cuntrario sãe uma vagunça dus diavos.

U cummercio lusitano du barejo é todo elle de “seccus” e “mulhados” e um portuguez que gava de cunheceire u ramo du nigócio nãon póde cunceveire us “seccus” superados dus “mulhados”.

É pur isso que u barejo portugueiz bae adiante, au passo que u cummercio americano dá p’ra traiz.

A lucha dus “mulhados” com us “seccos” nunca póde daire vom resultado.

Baim abisado anda, purtanto, u hunrado cummiriante lusitano, cando junta us dois ramos num só, fazendo um único nigócio.

Mas nãon é só nu barejo qu’us “seccus” devem staire juntos dus “mulhados”. Nu fati-bolio, debe seire a mesma coisa. U Basco, pur inzemplo, cando ganha in terra, faz questãon de ganhaire tamvaim nu maire.

Us oitros cluvios, naturabelmente, damnam-se cum isso, mas us bascainos nãon stãon ligando e bão p’ra a frente inté conquistaire u titalu de quempeões de “seccus e mulhados”, istu é, de terra e maire.

Como se bê, os portuguezes sãon muito mais adiantados que us emERICANOS, pois us gajos dus Stados Unidos, em beis de juntarem us “seccus” e us “mulhados”, querem-nus separaire prumubendo um serilho qu’us lebarãon a se reventairem ais trenviculas.

**Ais armas e us varõens assignaladus!**

U grande dia da culónia-Ais fustibidades que foram suluvradas em humenagem au annibersario bitalicio de Quemõens

U savvado pessado foi um dia d’alegria e vagunça nu seio da hunrada culónia lusitana cá stavulecida.

Dizemos d’alegria, purque não pudia daixal-o de sel-o, sendo como era u dia du annibersario bitalicio de Quemõens, grande bersejadoire lusitano, qu’inxergava c’um só olho, muito mais que nós cum todos us que temus.

E dizemus de vagunça, purque foi tanvaim u dia cunsagradu á culónia portugueza, u que quére dizeire, um dia d’ispansõens e juvilos petrioticos, siguidos dais classicas vacalhoadas, que pur si só não siriam nada, si não lh’as acompanhasse um vom e birulento vurdasco d’Alvaralhão.

Quaim fosse á noute daquelle dia ou, melhore, nu dia daquelle noute, au selão novre du Gavinete Purtuguez de Laitura, é que pudia fazeire uma baga ideia du que foi e du que é uma demunstraçon cibica e litteraria dus hiroicos filhos da terra do generale Cremona.

Lá staba, ruprusentando u belho Purtugali, u nobo envaixadoire Mertinho de Melo Novre, cum seu chipéu de dois vicos e a sua spadita de letão.

Lá stabam us nossos inlustres incullavoradoires, sinhores varão de Paixoto Serra, directoire inteirinho du “Supprimento de Purtugali” e u varão de Soiza Prego, pueta e bareijista desta praça.

Lá staban, p’sualmente ruprusentados, todos us cummendadoires qu’inzistem nu murcado, assim como tanvaim todos us pruggessistas cummerciantes de seccus e mulhados, quére du barejo, quére du atacado.

Lá staban tanvaim ais directurias incurpuradas du Basco da Gamia, du Urpheão de Lisvôa, da Tuna de Cuinvra, dus Emigos du Minho, du Gymnasticu Purtuguez, da Floire da Viaxa e de todas ais suciadades dansantes e rucreatibas que funcçionam na fruguizia du Rio de Jenairo.

Lá stabam jurnalistas, puetas, rumancistas, litt’ratos, gurada-libros, vanqueiros, maturnairos, conductoires, berdulairos, infim, tudo canto de mais inlustre e cumpetente.

U Gavinete, nessas cundições, staba, como dizia us frencezes, “au vien complete”.

A sussão era sulemnica e aquella gente, lebando aquillo tudo a serio, era dum christão tomaire varrigadas de riso, inté arruventaire dufinitivamente us vutãens e us quedarços dais ciloiras.

Dispois de cada discurso, que lebaba p’lo menos duais horas mudernas vaim cuntadas, um carteto de cinco musicos du Urpheão atecaba um trecho classico calquére, qu’ais bezes era a “Queninha berde” e oitras, p’ra variare, u “Serapico”.

Era u que balia.

A festa acavou cando us gallos cantarulabam d’olhos fichados ais primairas notas d’alburada. E u vusto de Quemõens suaba em vicas.

**A primeira década do raide Lisvôa-Rio  
Inbucando feitos e hiroes da nossa historia**

Pessou-se hontem, entre ais mais bibas menifestaçõens de cuntentamento, u decimo annibersario du magistoso raide aéreo de Seccadura e Gajo Coutinho.

Dizeire, nestas linhas, u que foi u ixtraordinario feito, feito pur aquelles azes du bulante, é vustaira, nãon se póde dizeire.

U raide Lisvôa-Rio, puir ares nunca dantes atrabessados, seguindo a mesma durrota que siguiu Cavrale, cando discuvriu u Vrasile pur ecase, é um desses ipisodios qu'enchem de glorias paginas e paginas da historia dum pobo.

Não cave, portanto, nu equenhado espaço duma nota, incripta “á bolo duasó”, num minuto, a rusenha completa dessa biagem maravilhosa, que durou mais de seis mezes.

Rumãon Franco, da Hispanha; u Furrairinho, da Intalia; Costa e Levrix, da França; Valvo, Zeppelinho e tantos oitros, nunca tiriam atrabessado u Atlantico si nãon lh'us tibesse indicadu u queminho u seistante du génio lusitano.

Tirem u chipéu, portanto, e discuvram-se, cum beberaçãon e ruspaito, diante dus hirois que souveram, p'ra honra du glurioso Purtugali, screbeire nu spaço a maiore epupéia de que há mimória na mimória dus póbus du planeta.

Em cuntinencia, ó energuménos!

**1933**

Nº 9 – 9/3/1933

**Portugali e Vrasile**

Incunsiðeracões a ruspaio da situação pulitica d'amvas ais duas neções emigas

Um tulugramma de Lisvôa traz-nus a grata noba de que u insulentissimo sinhoire generale Cremona, bae seire ru-inlaito dictadoire da Rupublica Purtugueza pur mais dous annos, ducurridos os quais será nobamente ru-inlaito pur catro annos, inté qu'elle s'avurreça de seire ru-inlaito.

Nós us lusitanos, graças a Deus, nada temos que beire cum ais coisas puliticas du Vrasile.

Nu, intretanto, como quemaradas e amigos du peito, que bibemos juntos irmanmente como câens e gatos, tumamos a livurdade de lumvraire a cunbiniençia de se fazeire u mesmo cá nesta vanda u que s'está a fazeire na vanda de lá.

Nós já temos muinta pratica dessas vagunças d'inconstituintes e já savemos d'ante-mãon anticipadamente qu'isso tudo não adianta, pois a cousa é uma e elles pensam que é oitra.

Essa inconstituente que baim pur ahi á metróca, e não deire em circulo de queballinhos p'ra u Zé Povo cá fóra se dibertire, bae acabaire em purrada grossa, u que não deixa tamvaim de teire lá a sua graça.

Pur isso, pra ebitaire ais duspezas cum phremacia e d'accôrdo cum u sp'rito d'incunumia que debe p'rubaleceire nete mumento de baccas magras e ispigas chouchas, u milhoire siria pegaire nu Gitulho Bargas ou nu Juão Alverto e prumubel-os duma beis a Cremona du vrasile.

Agora, u diavu é inconstraire pur ahi um indibiduo cumpetente nais cundições du Saiazaire, pra furmaire a dupla cum u dictadoire.

Purqu'aquelle, cum purdão da má palabra, é um gajo que save onde taim u neriz e intende de funanças inté du vaixo d'agua.

**Varão de Sáabedra**

## **A questão da repartição das colónias**

### **U movimento de repulsa que s'op'rou em Lisboa e no Porto**

Us jornaes de tustão de periz, cum u ebidente prupósito d'abacalhaire a bélla patria lusitana, que nada lh'us debe (e muinto p'lo cuntrario da bice-bersa), andam a espalhaire pur Sécca e Méca, que u Máqui Dunaldo da Inglaterra, conbersando em Roma com o Moço-Lino, tinham elles amvos us dois cumvinado pegaire de mappa dois Culónias Portuguezas e rupartil-as todas entre a Intalia e a Grã-Vrutanha.

Essa nutiça, como era naturale, cando foi cunhecida em Lisboa e no Porto, causou uma tãon forte duperessão nurbosa nu isp'rito du pobo portuguez, que, dispois dalguns mumentos de cuncentração passiba, us nossos petricios arrusulberam tiraire a limpo essa questão, dispostos<sup>30</sup>

E mubimento de rubólta a reagire immediatamente na altura du cumettimento que s'up'rou pur todos us cincü qedrantes du peiz, desde a Algarbe á Extremadura, desde a Veira inté a oitra Veira que é como quam diz duma vanda inté a oitra vanda, foi de tale bulto, que dum mumento p'ra oitro, s'isp'raba qu'arruvuntasse uma nóba cunflagreção eropéa em Portugali.

Vasta dizer-se, p'ra se fazeire uma baga ideia du que foi essa burdadeira muvilisação que todos us homens bálicos e inbálicos se levantaram como uma só p'ssôa e inté ais mulheres se lubantaram como um só homem.

É que u petriutismo portuguez póde consintire que se lh'u vata na verriga e que se lh'u mêcha na corrente d'oiro du rulogio.

Mas, pur Deus e aqui d'El Rey! — não lh'u vulam nais culónias!

“Ais culónias” — p'ra usaire uma phrasia peripethetica du pueta Julho d'Antas, inlustre autoire dus “Alhus e Vugalhus, — ruprusentam us vrilhantes du annéle que Portugali usa nu dedo particulaire p'ra s'aprusentaire correctamente nu cuncerto synphrónico dais nações.

F'lizmente, parece qu'a mustarda chigou cedo au neriz du ingleiz e a pumenta ardeu ligairo nu olho du intaliano, porque, antez qu'a marmulada estourasse aquellos dois silafrarios já tinham posto ais varvas de mólho e dado u dito pur não dito, de que equibale a dizeire em vom burnáculo: — pudiram punico!

Pensaram esses gajos que Portugali era uma terra de ningaim e pudiriam, afinal, na Avissynia, nu Transbalio, fazeire u mesmo que fizeram na Tripulitania, em Malta, nu Ingypto, e pur esse mundo infinito, como é du cunhecimento de todo u indibiduo que se gava de cunheceire um pouco da historia unibersali.

Inganaram-se, puraim, quadradamente, e lebaram p'las bentas a que baim mureceram p'lu seu atribimento de prutendeirem tucaire nu mappa-mundi duma putencia qu'ainda taim p'ra dufender-lh'a integridade dais costas us quenhões de

---

<sup>30</sup> Conforme o original este trecho parece indicar a supressão de uma parte do texto deixando a frase inconclusa.

grosso quelivre du “Querbalho d’Araujo” e a ertilheria pussada du encuraçado “Adamastoire”!

Se não fossem ais ispliqueções qu’a Inglaterra e a Italia s’aprussaram a daire, dismuntindo u authenticu vuato de que qu’riam de burdade chamaire aus paitos ais culónias lusitanas, cum surteza, a estas horas já staba rulando o pau a treis pur dois e a dois pur catro, qu’era uma vulleza.

Aquelles ispurtalhõens, puraim, prusistindo qu’andaba p’lo aire calquére cousa e qu’essa calquére cousa era um cacete mais du que dupressa rutiraram um cutubello da suringa.

D’accordo cum ais tredições da raça, que s’immortalizou nus campos de vatalha cum a ispada dus P’ruras e dus Infantes de sagres, Purtugali nu campo de futi-bolis da pulitica internacionale nest’assumpto dais culónias, não lh’us daixan furaire u gôlo.<sup>31</sup>

Doitra beiz elles birão cum mais modos e menas caganifancias.

Sinhoures, inglezes e intalianos! Vasta d’isculhemveções cum Purtugali!

**Simões Cuelho**

---

<sup>31</sup> No original este fragmento aparece da seguinte forma: “D’accordo cum ais tredições da raça, que s’immortalizou nus campos de vatalha cum a ispada du P’ruras **e tugali nu campo de futi-bolis dus Infantes de Sagres, Pur- da pulitica internacionale nest’assumpto dais culónias, não lh’us daixon furaire u gôlo.**” A modificação foi feita levando em conta a coerência do texto, pois ao que tudo indica, principalmente pela separação de “Pur- tugali”, houve uma troca na ordem das linhas.

### **A grande vatalha d'Armantières**

A culónia bae cummemural-a sulemnicamente nu Gavinete Purtugueiz de Leit'ura

Cummumora-se dispois d'amenhã, em Purtugali e nais culónias, u annibersario bitalicio da grande vatalha d'Armantières, na quali tumaram parte inglezes e portuguezes duma vanda, e allimãens da oitra vanda.

A vatalha d'Armantières, us francezes a chamam-na, não sei purquê, de vatalha de La Lys.

Seja, puraim, lá como foire, La Lys ou Armantières, a burdade é qu'houve lá purrada grossa e muita pinha quevrada.

Pouca gente s'iscapou cum saude p'ra pudeire cuntaire cá fóra ais p'ripecies e us sustos que lebaram us vrbros cumvatentes d'amvus us sexos, isto é, d'amvos us pertidos.

Há muita cunbersa fiada pur ahi a ruspaito dessa vagunça e há muito gajo que se gava de lá teire stado, saim nuca lá teire ido.

U que foi, rualmente, esse birulento cumvate, onde us inglezes açurtaram na cuntenda du biado, e us hiroicos suldados lusitanos aguentaram a mão, ruvuntando ais trinchairas e ais tremviculas dus allimãens, não cave, pur certo, nais quelumnias aquenhadas dum jornal, porque na burdade essas façanhas dão para incheire balumes e balumes, sovrando ainda meteria para oitros balumes e cunbersas em familia.

Essa vatalha, apruciada sobre u ponto de bista historico, cunsurbando ais dubidas prupurçãens nu tempu e nu espaço, nada ficou a debeire em impurtança á vatalha d'Aljuvarrota e du Ascalçasquebiram, em cujas ditas s'immurtalisaram Dão Nun'Albares P'reira e u rai Dão Suvastião, qu'inda há de bire a rainaire sobre a c'rôa portugueza, se Deus Nosso Sinhoire, que tudo póde, não mandaire u cuntrario da bice-bersa.

Foi tão f'roz puleja, era tão forte a mutralha, rivumvavam cum tanta força us quenhões, que chigou um mumento em qu'us allimãens, não podendo mais aguentaire u fogo de varragem, avandunaram ais trinchairas e daitaram a curreire como uns loucos verridos e nós na frente.

Essa pagina brumelha da historia de Purtugali, iscripta nu chão da França cum a ponta dais vayunetas, não póde ficaire isquicida, pur isso, nois na bamos cummemural-a sulemnicamente nu Gavinete Purtugueiz de Laitura, debendo nella, quere dizeire na cummumuração tumaire parte u Urphião de Purtugali, que quentar á alguns fedinhos e danserá alguns chigadinhos.

Cumpareça, pois, toda a culónia em peso, porque bale a pena oubire us oradoires disrubendo a vatalha cum tanto inthisiasmo, qu'u gajo s'acava se cunbencendo qu'elle lá stebe de burdade, cando u melandro naim u chairo da polbora cunhece.

Em todo u caso, a festa é diburtida e é pena que não tenham habido oitras vatalhas d'Armantières, p'ra a gente pudeire se dibertire á buntade e cum copa franca.



Nº 19 – 19/5/1933

**Ah! maminha gentile**

Ah, maminha gentile qui te partiste  
Tãon cedo e me daixaste dusmamado,  
nãon podes calculaire u máo vucado  
que passo p'lo mal que m'influgiste!

Se lá desse lugaire onde fugiste,  
iscutas us latidos du meu vrado,  
nãon t'isqueças du lavio isfumiado  
que tanto te sugou e hoje anda triste.

E se bires qui póde cummuber-te  
alguma cousa a fome cum qu'istou  
de oitra bez mamare e de murder-te,

bolta para quaim tanto te sugou,  
qu'elli, junto de ti, de nobo, ao ver-te,  
mamará como nunca te mamou!

**Luiz de Quemõens<sup>32</sup>**

---

<sup>32</sup> Pseudônimo utilizado por Furnandes Albaralhão, fazendo referência ao autor do poema parodiado. Sua autoria (Furnandes Albaralhão) é identificada devido a publicação do mesmo poema em seu livro *Caldo Berde*.

### **A glurifiqueção de Luiz de Quemõens**

Bae-se, afinal, fazeire justiça au immortal cantoire dais armas e dus varõens assinalados

Indisquestiunabelmente, digam lá u que quizerem us jecuvinos e us savastianistas, foi uma bictoria, pra toda a culónia, u incrôamento da stauta de Luiz de Quemõens, ali baim nu curaçon du Largu da Querióca.

Lá dizem us amoricanos, na sua lingua que, (venza-os Deus!) naim elles mesmus intendem, que debe ficaire “the raite mção inté raite pleice”.

Isto tudo trucado em nickeis miudos p’ra u burnaculo, quere dizeire qu’u homem debe ficaire nu seu cumpertence lugaire, porque, como baim diz u rufião, “quaim não taim cumpetença não se stavulece”.

Purtanto, cá nu nosso modo de beire, não habia, um lugaire mais aprupiado pra se alubantaire u manumento á figura centrale da litratura portugueza du que u ponto centrale da cidade onde us portuguezes, quer queiram quer não queiram, ainda mandam um pudaço.

Já de há muito que us membaros da culónia aqui dumaticilhada, andabam infuzados cum essa historia de terem dado a uma rua d’agiotas e furretas, u nóme du immortal cantoire dais armas e dus varõens assinalados.

Não era, du facto, justo naim irracionale, qu’um peiz que tantu debe a Portugali, pois foi este quaim lh’u discruviu, fosse agraducer-lh’o dessa formula us seus surbiços e faboires, dando u nome du seu maior pueta a uma dais ruas de ruputaçon dibidosa e saim ninhum prucinçaito indóneo.

U acto, purtando, mandando incrabaire nu maio du largo da Querioca u munumento a Luiz de Quemõens, é antes de tudo uma ruparaçon inuppurtuna á mumória du bate que, pur inquaanto, só tinha seu nome glurioso nais placas dais isquinas duma biella de ixpluraçõens e bruginheiras, cando dibia tel-o grabado e muito baim grabado nu fundo du curaçon de todos us vrasilairos.

Nois aqui não bamos analysaire Quemõens, qu’isso é surbiço de guerotos e puralbilhos dais iscólas prumairas.

Mas, neste mumento em que se lh’o cumeça a fazeire justiça, au maio da enguinrança, não é dumais dizer-lh’o que Quemõens foi maior du que u proprio Portugali, porque si este duminou us mares cum ais suas querabelas e discuvriu mundus discunhecidos p’ra um mundo, Quemõens, u almirante dais letras portuguezas, souve, cum a sua penna de guellinha d’Angola, discuvrire móbos mundos<sup>33</sup> de vulleza infinita p’ra u proprio Portugali e desenhair cum a ponta da ispada du talento u mappa luminoso da gloria dus Affunsinhos, dus P’reiras e dus Alvuquerques!

---

<sup>33</sup> No original aparece como “munros”. Seguindo a coerência do texto alteramos para “mundos”.

U vusto equestre de Luiz de Quemõens, que lh'u bãon alubantaire nu Largo da Querioca, d'hoje em diante, quere dizeire, daqui para u futuro, há de chemar-se, mesmo que lh'u dôa, Largo de Luiz de Quemõens.

E us perdaes e oitros pesarinhos damninhos e villiscantes qu' ali havitualmente puntilham ais arbures cum suas tintas vrancas e marmulósas, daqui para u purbire, hãon de teire uma caveça inlustre p'ra pusairem e rupusairem e us seus cantos infadónhos e inerbantes hãon de se transfurmaire todas ais madrugadas num burdadairo toque d'alburada, como si fossem clerins, tronvones e tamvores a tucaire u hymno da Carta, em humenagem e cuntinença au hiroe que murreu a tantos annos, mais ainda bibe e cuntinuará a bibeire na lumvrança e na soidade du nóvre pobo lusitano.

Era istu u que tinhamos a dizeire pur hoje, rusurbando-nos u diraito de dizeire muito mais cando daitaram a pédra fundamentale du munumento.

**Simãens Cuelho**

### **Purtugali, putencia nabale**

Bãon seire lançadas á iagua nu Tejo mais cinco nabios de guerra d'alto vordo

Purtugali bolta a seire uma grande putencia nabale.

Quer quairam, quer não quairam us merinhairos de primeira biagem, a terra gluriosa dos Gamias e dos Alvaquerques, que Vernardim Rivairo chemou um dia d'indigestão intellectuale de "Jerdim d'Oirópa á veira mar plentado", se fará ruspaitaire p'la força dos seus suvremeiros e p'la inficiencia arrasadoira de seus lança-trupedairas.

Nada menus du que cinco nabios d'alto vordo bãon seire lançados, ainda este anno, ais aguas crystallinhas du tejo, nabios esses que são, sem faboire, muito sup'iores em tudo au culussale "Adamastore" e au pussante "Querbalho d'Araujo".

Desses cinco nabios de guerra, um já cahiu n'agua e já lh'u chamam. P'ra todos us infaitus de "Vouga".

Trata-se d'um nabio muderno, cunstruido d'accordo cum todos us esquisitos da nabegação meritima e ais inzigencias da iarte da guerra.

Pra se teire uma baga ideia du que seja a bulucidade du "Vouga", vasta dizer-bos qu'u nabio mais curesoira du mundo é u contra-trupedairo francez "Bauvan", que desenbolbe nada menos de carenta milhas ou seja maio cento de nozes.

Pois baim. U "Vouga", cum azaita de segunda e pouca agua nais caldairas, não lhe fica atraiz, pois si não corre ais carenta milhas, anda ali vatendo-lhe ais bitaculas.

U "Vouga" é um vapoire inlegante, que dá a impressão mesma dum nabio de guerra, cum seus quenhões, cum seus merujos, cum suas bigias, cum suas cheminés vutando fumaça p'lo cano e cum aquella coire côr de cinza de cheruto qu'a gente bê em todos us nabios de guerra de burdade.

U "Vouga", bisto de prufil, mette medo, mesmo áis p'ssôas cum cara de balente, e é muito maiore du que cando bisto de frente.

A upinhão geral é de que, cum a bulucidade que taim, u "Vouga", cando entraire em cumvate, ningaim lh'u pega. Dispois qu'u inimigo isgotta toda a menição o "Vouga" uff'rece-lhu cumvate ali nu cuntado e faiz u surbiço, vutando-lh'o a pique nu fundo du maire.

Cum esses cinco nabios, armados em guerra e cummandados pur capitães de crubeta isculhidus a dedo, u belhu Purtugali só ruspaitará a Inglaterra e istu nu caso da Inglaterra lh'u ruspaitaire.

U resto, istu é, a França, a Oiropa, us Estados Unidos e u Jepão, são burdadiras crianças de paito, qu'inté mettem pena da gente lh'us tucaire.

Purtugali, purtanto, como a Phrènesi da favula, runasça dais suas proprias cinzas, duvaixo dais cujas stá accesa e crupitante a vrazza brumelha du petriutismu lusitano.

Ais carabellas, que cruzaram us mares nunca dantes nabegados, em todas ais direções dos cinco pontos querdiaes (Norte, Sul e Vurêste) surgem

nobamente, saim béllas, é burdade, mas cum a mesma Cruiz de Malta que é u distinctibo du glurioso quempeãon de terra e mare (Seccus e mulhados) Bascu da Gamia Futi-Bólio Cluvio.

E ellas, as carabellas, istu é, us cruzadoires cruzarãon nobamente ais aguas incapulladas du Ciano, lubando, muito alaim da Tapiovrana, a tripudiar nu alto dus mastros gigantescos de pôpa e prôa, u inbincibel pebilhãon berde e brumelho da novre Rupublica Purtugueza.

Em cuntineça au terreno, pois, suldados e merujos, qu'stá dusfilando em bossa frente, a puderosa frota lusitana que já tebe a cummandal-a em oitros tempus a figura barunile de Pedro Almitante Albares Cavrade e conta hoje, pra cunduzil-a a memurabeis distinos, us bultos nãon menos inulbidabeis de Gajo Coutinho e du cummandante Caveçadas.

**Ais sulénnicas cummemurações da “Sumana de Quemõens”**

**US FUSTEJOS DA QUINTA DA VÔA BISTA**

*U avarracamento, a inluminação á moda du Minho e ais dansas crassicas*

Uma dais partes mais impurtantes dus festejos da “Sumana de Quemõens” é, sem dubida, aquella que se rufere au avarracamento da Quinta da Vôa Bista, que será treisfurmada numa burdadaira aldeia da terrinha.

A inluminação bae seire uma nubidade, tale e quale á moda du Minho, que cunsiste amarraire uma lanterninha na ponta dum barapau.

Oitra coisa que bae fazeire grande sucesso é a que se rufere aus cumestibeis e vevestiveis — vullinhos de vacalhau, sardinhas fritas, caldu berde vacalhoadas á Gomes de Sá, binho birgem, binho berde, ibdem d’Lbaralhãon, mas istu tudo á vessa, quére dizeire á buntade du corpo e d’acordo cum a quepacidade e a vitóla du stambo du frugueis.

Dispoisde todos baim cumidus e baim vevidos puderãon apruciaire ais dansas crassicas ai aire libre, que cunstarãon de serapicos, queninhas berdes, duscantes, varrigadas e umvigadas, podendo cada quale indebidualmente intraire p’ra u curdãon, acumpenhado da sua ruspectiba quechópa.

Quaim tumaire cunhecimento deste succulento programma, que bae lebaire muita gente vôa au districtu, há de rusmungaire, lá cum seus vutõens:

— Raius us parta! Si esse Quemõens nãon tibesse inzistido era pruciso inbental-o, porque deixa lá, qu’essas festinhas baim que cumpensam us maus mumentus desta bida miserabile, que é uma ispecie de pau insavuado, cum uma nota falsa na ponta, em noute de S. Joãon!

Quaim habia de dizeire que Quemõens, dispois de morto há tanto tempu, ainda biria daire tanto que fazeire!

A puisia, pruncipalmente a puisia épica, é uma grande cousa!

### **A valella du “cumplóte”**

#### **É pruciso que se ruvata na vatata calquére tentatiba d’abacalhamento du sp’rito rabuluciunario de Portugali**

Us jurnaes vrasileiros, cum u ibidente intuito de dismularisaire a pulitica portugueza, stamparam uma nutiça que é uma brugonha.

Essa nutiça se rufere a um supposto e inbirdico attuntado á p’ssôa muito inlustre e ruspaitabel du generale Cremona.

Diziam essas gazetas iscandalozas que foi descuberto um “cumplóte” cum u uvijectibo d’illiminaire du numbaro dus bibos, antes du tempo, u bulto impunente du vrabo dictadoire lusitano.

Quaim cunhece a Lusitania e já pribou quére dizere, ja cumbibeu cum us lusitanos, save muito vaim qu’ us portuguezes nãoñ sãon homens de “cumplótes” ou de cuchichos. Cando taim que dizeire ais coisas, dizem-nas logo ali nais vichechas du fruguez e si este, pur acaso, nãoñ gustaire da vrincadeira, antãon a coisa muda de figura, purque arruceve logo p’ra cumeçaire um dirécto nus fungantes qu’u põem nucaute nu primairo raunde.

Purtanto, cá pra nois, que ningaim ouva, essa historia du “cumplóte” nãoñ stá lá muito vaim cuntada.

Adumais, é pruciso que se lh’u diga, que nois us portuguezes, d’aquaim e d’alaim mare, stamos muito cuntentes cum a dictadura e cum seu dictadoire, que tebe u juizo d’iscullheire p’ra munistro dais Funanças um homem assim, (faiche baim a mãoñ como queim diz: “Olha, toma!”<sup>34</sup>) apurtado e incunómico e que todo u mundo rucunhece e pruclama como uma dais mais altas jumentalidades du mundo.

E a próba sta de que nada disso é vavusaira, qu’inda há pouco, na Circunf’rencia Incunomica de Londres, cando todas ais putencias churabam misérias, se lamuntando dais apurturas da bida, Portugali p’la bois mutalica du grande Caairu da Matta, falaba grosso, saim rutencias naim trumulicanças, e diclaraba que nãoñ dibia nada a nigaim e ainda pur cima que achaba em cundições d’emprustaire alguns milhõens d’iscudos ais istados Unidos e á Inglaterra, caso estes dous peizes tibessem cum que garantire a dibida.

É contra esse governo, forte, inergico, pussante e trevalhadoire, qu’inbentaram, essa historia de “cumplóte”, qu’é uma burdadaira vellela propria p’ra impulhaire veócius e quelhórdas, qu’inda us há inf’lizmente, quére da vanda de cá, quére da vanda de lá.

Nu dia em qu’u pobo portugueiz nãoñ stibér mais cuntente c’a ditadura, fiquem savendo, duma beiz pra sempre, qu’elle saverá bire p’ra rua, d’armas na mãoñ, e transformaire Lisvôa numa basta Rutunda, vrigando a paito discuvertu, barapau contra barapau, purque u portuguez da gema geme mas nãoñ grita, dóvra mas nãoñ se quevra!

---

<sup>34</sup> No original aparece da seguinte forma “Olha, toma!. Acrescentou-se as aspas.

“Cumplóte” é sunomyno de cubardia, é u rucurso dus pulsolámines, qu’agréden p’las costas purque não taim curagem p’ra inbestirem p’la frente!

Quaim cunhece a historia das rabuluções portuguezas não acradita nessa historia du “cumplóte”

Ahi stá u cummandante Caveçadas, ahi stá Paiba Cuçairo, ahi stá essa figura de rupublicano historico que lh’u chamam d’Affonso Costa. Ahi stãon us rupazes d’Amadoira e ahi stãon uma infunidade d’oitros rabulucoinarios gisuinos pra cuntaire e racuntaire como se durruva um governo inconstituído em Purtugale.

Dispois disso benham-me falaire em “cumplótes!”.

**Simões Cuelho**



### Us intalianos inguiçaram na Terra Noba

#### E SI QUIZÉREM CUNTINUAIRE U RAIDE TAIM QUE PUDIRE LUCENÇA A PORTUGALE

Us intalianos inguiçaram na Terra Noba.

Ningaim póde-lh'us negaire qu'elles bôaram, du facto, d'Urvetello inté Chicago. E bôaram, purque cum aquelles ariuplanos aprufaiçoados, calquere gajo póde bôaire e ainda purque aquelles apirelhos, cando se lh'us da corda, bôam inté saim ningaim nu guidãon.

Pra quaim cunhece us sigredos d'abiação save muito baim qu'u bôo du generale Valvo não taim la essas impurtanças que se lh'us quere daire.

A trabessia du mare du Uceano Atlantico é uma cousa já bista e rebista. Dispois que u Gajo Coutinho e u Seccadura Cavrale rualizaram a immemurabel feçanha de boaire de Lisvôa ao Rio de Janeiro em seis mezes e quinze dias, num bidro abião de duas azas de latão, e mutoire de libre iscapamento, já não taim mais graça a ruputição du facto.

A Portugali cave a gloria de teire buado nu tempo em que us bidroabiõens não buabam, purque eram feitos de pannos incerados, qu'hoje já foram suvistituidos plos mutaes d'aluminio e seus cumpóstos.

Purtanto, p'ra nois, us portuguezes, que cunhecemos a fundo, isto é, como si se dissêsse de cama e mesa, todos us pruvlêmas cungénères da nabigaçon aerea, u bôo du Valvo nada, mais é du que uma simples e tribiale caganifancia.

Nestas cundições, u nosso ponto de bista cunfere cum a nossa affirmatiba de que us intalianos stãon irrurmediabelmente inguiçados e só puderãon cuntinuare u bôo si pidirem infurmações, intrucções e licença au glurioso e balente almirante Gajo Coutinho, que f'lizmente ahi stá bibo e baim bibo p'ra daire licções e quináus em todos esses peralbilhos que querem se metteire a vestas e não nu savem.

Us intalianos chigaram inté onde puderiam chigaire. Dahi pur diante só puderãon lebantaire u bôo si tiberem u seistante. Mas como u seistante é sugredo dus lusitanos, já stá a se beire qu'us rupazes du Moçolino só cuntinuarãon u raide, si nus pidirem louça. Du cuntrario hãon de buaire, mais como bôam us káguedos.

É pruciso qu'u mundo se cumbença que Portugali sta hoje, como estebe hontem e como stará amanhã, na banguarda du cuncerto synphronico dais nações.

Portugali é , saim faboire, a primeira nação d'unibérso.

Portugali taim a milhore dictadura du mundo, taim u milhoire funancista dus tempus que correm, u grande Ulibaira Saiazaire. Taim u maiore pueta cumtumpuraneo, que lh'u chamam Julho D'Antas. Taim us milhoires nabius de guerra em tempu de paiz, que sãon u "Adamastore" e u "Querbalho d'Araujo". Taim u maiore duplumata dus tempus mudernos, qu'é imminente Caieiru da Matta. Taim ais maiores favricas de serdinhas, us maiores impórios de pelitos e us mais impurtantes interpostos de temancos. Portugali é u que é, emvóra muintos não queiram qu'elle fosse u que já foi e u que birá a seire.

Era isto u que tinhamos a dizeire e que prucisaba seire dito agora qu'us intalianos inguiçaram na Terra Nóba, p'ra qu'oitra beiz sejam menus orgulhosos e rucunheçam que a cumpetença em questõens de nabigaçãon aérea inda stá em Purtugali.

**Simões Cuelho**

## **A nóba purnugrephia urtuphonica**

### **U governo vrasilairo entrega us pontos á Aquedimia de Lisvôa**

Stá, afinal, ufficializada a purnugephia urthupónica, p'la quale us vrasilaios ficam uvrigados a screbeire como se iscrébe em Purtugali.

Maia duzia de jecuvinos andabam pur ahi a rusnaire que us vrasilaios nada tinham que beire com us lusitanos e, portanto, nãon podia habeire accordo algum entre a Aquedimia de Lisvôa e a Aquedimia Vrasilaira, purqu'ais linguas eram completamente diff'rentes.

P'ra nós, us portuguezes, esses argumentos nãon tinham impurtança. U impurtante p'ra nós é que u Vrasile, quer quizesse, quer nãon quizesse, açaitasse a purnugrephia lusitana, porque, dessa manaira, us portuguezes pudiriam cuntinuare a empurraire us seus brécus nu Vrasile, lebando uma grande bantagem sobre us vrasilaios que naim a mãon de Deus Padre seriam quepazes de cullucarem um dus seus libros em Purtugali.

Um ducréto qu u dotoire Gitulho Bargas acava d'assignaire, urdunando qu'us vrasilaios iscrebam como us portuguezes, baio acavare cum calquere dubida qu'ainda pudesse suvrezistire a ruspaito du açumpto.

Us vrasilaios, portanto, quer quairam quer nãon, taim que se sujaitare a iscrebeire como s'iscrebe em Purtugali, qu'é, du facto, onde se save escrebeire.

Fóra disto, u resto é pura guellinhagem.

**U inzemplu de Portugali  
A SUA SITUAÇÃO FUNAÇAIRA E A IÓVRA DU SEU MUNISTRO  
SAIAZAIRE**

Cando se falaire em funanças ou cando se discutire calquére pluvrema incunómico, dhoje em diante ningaim mais poderá emitire uma upinião a ruspaito, saim antes saveire como é que pensa u grande stadista Ulibaira Saiazaire.

Rualmente, nesse praticulaire, Portugali stá muito baim surbido e póde fazeire figas ais acções chemadas de grande putencia, que andam agora c'ais calças na mão, funaçairamente falando.

O grande munistro da dictadura save onde taim u neriz.

Em mai duzia d'annos, apenasmente, u gajo istudou a situação, deu um valanço na andrómina, cumpulsou ais impussivilidades du peiz, inzaminou u vurradoire, cuntou ais petacas, e arrisulbeu, irrisolutamente, metteire mãos á ióvra e acavaire, dum golpe, cum a muxinifada em que bibia a belha terra de Dãon Juãon Cheruto.

U munistro Saiazaire urganizou a vatalha. Mubimentou u pissuale, dutruminou ais suas ordens, arrujimentou seus vatalhões, mandou furmaire aos curnetas, distrivuiu a munição, iscribeu a ordem du dia, muntou nu caballo da Cumbicção, e, desemvainhando a ispada Inurgia, deu boiz de cummando áis tropas p'ra carregar contra u inimigo da Vagunça e dus isvanjadoires.

A ordem era subéra: — tustão pugado de geito, toca p'r'o fundo du cofre e de lá não sáe naim amerrado.

Assim, dentro de vrébe tempu ais vurras arcas du belho Portugali estabam avarrutadas d'iscudos da milhore calidade, isto saim falaire nais livras, nus flurentinos e nais c'rôas, que lá us habia aus muntõens e que dabam p'ra cumppraire u Vrasile intairo, si assim u quizésse u munistro Saiazaire.

Us inimigus du regime dizem que Portugali não taim iscolas, qu'us quempunezes bibem murrendo á mingua e que aquillo tudo anda p'la hora da morte.

Mas nós lh'us ruspundemos, vatatalmente, ali nais vuchechas: — “Não taim nada, é burdade, mas Portugali stá chaio du vurre du dinheiro e não debe nada a ningaim na praça ou fóra della!”

E elles taim que vaixaire a caveça, incavulados, porque essa é que é a burdade.

U inzemplo que Portugali stá dando aus oito [incuntinentes] du mundo debe seire imitado inté p'los puquenos peizes como a Russia, a China e us Istados Unidos, porque, afinale a crisia que abassala a terra só póde acavaire cando s'acavaire cum u sustema d'isvanjamento dus dinheiros em óvras de sumenos impurtança, taes como iscolas p'ra daire prujizo, us célevres nigócios du quefé e oitras guellinhagens da mesma cathiguria.

U nigocio é incunumia.

Sómentes cando todas ais neções forem ricas é que se pud'rá acavaire cum a puvreza.

**Simões Cuelho**

### Nóis e us amóricanos

#### Ais impossibilidades du animatographu português cum a bictória d’ “A Subera”

Elles andam assustados...

— Mas ellesm quaim? — pruguntarãon naturabelmente us laitores intulligentes.

E nóis lh’us ruspundemos: — elles, us amóricanos du cinema, qu’andam pur conta du Zé Bunifaço desde que biram u sucesso d’ “A Subera”.

Elles sabem muito baim que nu dia em qu’us portugueses s’arresulberem a vancaire u ertista, mettem num temanco toda a tropa de Holhoúde e acavaram-se us filmius amóricanos.

Nãon é só nu jogo de scena qu’us portugueses lebam a bantagem aus péllles brumelhas. É em tudu o mais: — é na dansa (elles nãom taim um serapico), é nu canto e principalmente nu sentimento.

U filmio português é de se fazeire churaire, porque é triste e alegre au mesmo tempo.

Nas questaens d’amoire — e é ehi qu’istá todo u inredo — elles nus prucisam pidire lucença em tudo e pur tudo.

Um avraço, uma quericia, um apurtãon, um buffette querinhoso eplicado cum gosto nus fungantes da gaja, tudo isso, só u português de Portugali, cum a sua induquestãon querectiristica e sua indilicadeza que lh’u baim du verço, é quepaiz de ruprusuntaire au naturali.

Mas muito mais impurtante que todas essas guellinhagens é, saim dubida, u vaijo lusitano, puspegado cum peixãon e frunesi, na vocca da cumbersada.

É qu’us amóricanos neste turreno, nãon podem cumpetire avossolutamente cum us portugueses. Aquelles vigodinhos chinfrins d’iscoba de dentes, nãon podem pruduzirem na vocca da munina a mesma sunsação que prubócam indiscutibelmente uns lugitimos vigodes baim furnidus e rutrucidos dum balente cumpetriota de Quem[o]ens.<sup>35</sup>

Elles baim sabem disso e é pur isso mesmo qu’elles — us amóricanos — estão se ralando de medo, porque se us lusitanos ducidem entraire cum seu jogo, elles acavarãon postos fóra du murcado, como incumpetentes e maus figurantes.

---

<sup>35</sup> No original “Quemens”, conforme outras ocorrências optou-se por tal alteração.

Nº 35 – 22/9/1933

### **Vesta de Carga**

**(Bersus d'um carrigadoire rebultado)**

Saim amoire, fé, naim binho,  
Ó bida de suvresalto!  
Puxaire sempre um querrinho,  
C'us péses a ardeire nu sfalto.

Frenguinhas á cavidella,  
Vacalhuadas di luxo.  
Pastelãens, iscas cum ellas,  
Nada disso bem-me au vuxo.

Mussuró, f'liz queballo,  
Taim u milhore quepim,  
Taim bit'rinario a tretal-o  
E nada disso é pra mim.

Au bê-lo me baim á mente  
Intrinal-o num lyceu.  
Pois Mussoró é que é gente  
E u queballo... su eu...

**Bicente Beiga**

## **A ruprusentaçon na “Sumana Culturale”**

### **Chigou de Lisvôa a primeira óvra lit’raria para a Faira das Emostras**

U grande pueta paranaseano Nunes Claro foi um dos isculhidos p’lo jornal “U Séculu”, de Lisbôa, p’ra ruprusentaire a intulligênça lusitana na “Sumana Culturale”, que bae seire fustibabemente cummemurada na Faira dais Emostras.

Nunes Claro iscrubeu, especialmente, p’ra u grande surtamen um velissimo suneto, inzaltando a lingua portugueza, a pudido dos nossos pruzados culléguas lisvuetas.

U suneto de Nunes Claro é um dos desses trevalhos que deixam a gente vestamente a pensaire, como é que se póde dizeire tanta vavuzaira apenasmente em catórze linhas baim mudidas.

U facto é qu’u gajo lh’as disse e munto baim ditas enbiando, desta formula, a primeira incullavaraçãon portugueza p’ra figuraire nu mustrarrio da Praia das Birtudes.

Pur uma espitibante e cumubente indilicadeza du sinhoire emvaixadoire Marotinho Nôvre de mello, pudemos hoje, tresplantaire para ais nossas honradas quelumnias, um impurtante e balente suneto de Nunes Claro, cumpetentemente treduzido para u bernáculo.

Pur esta amostra di fino laboire da ouribesaria dai Arte lusitana, u laitore que não fôre lá munto ovitruso, puderá desde já affurire u que não será a Sumana Culturale que bae riunire uma récu de p[u]etas<sup>36</sup> du mais alto culate du ponto de bista da intulujumencia petricia.

Cum purdãon da má palabra e a dubida lucença la bae u suneto:

#### *A’ LINGUA PORTUGUEZA*

F’liz esse prumairo, que sudento,  
Póde encuntraire purdido entre u rumoire,  
U teu fio de sãon, dulgado e lento,  
E pòre nelle us laivos, cum amoire.

F’liz esse primairo que, um mumento,  
Bia, spantado de tanta luiz e doire,  
Nu alto dum seu póvre punsamento  
Uma tua pelabra, toda em floire.

F’liz esse qu’a tarde, au pé du mare,  
(Afinale, um curaçãon souve falaire!);  
Caemou primairo de stapoire algaim;

E chemou Deus e mãe na lingua lusa,

---

<sup>36</sup> No original aparece como “petas”. Como neste e nos demais textos normalmente o vocábulo aparece como “pueta”, acrescentamos a vogal /u/.

— Deus! — u único nóme que Deus usa;  
— Mãen! — u único nóme que a mãen taim!

Nunes Claro

**NOTA DA RUDACÇÃO** — U suneto na burdade nãon poire. Stá feito sobre mudida e u precunçaito e mais a chabe d’oiro sãon u que se lh’us póde chamaire de prufaitos.

Apenasmente temos a uversebaire que u nutabel pueta s’inganou cando disse que Deus é u único nome que Deus usa.

Ora, isso só pode seire incunsiderado como inverdade puetica, purque, rualmente, Deus tabaim é cunhido p’lus pussodínios de Jubah, Padre Uterno, Sinhoire dus Passos e Nosso Sinhoire Jesus Christo.

Canto á pelabra mãen, temus a dizeire que us arustruquecia dai alta suciadade, tambaim se lh’a cunhece p’la duminação de “p’rugenitoira”, aláim dais cunhecidas Mãen Juana e Mãen Preta.

Canto au resto, u suneto nãon stá mau, stá inté vain von, multibo p’o quale inf’licitamos u seu actoire.



## **A Ixpulsão dus Mouros de Lisvôa**

### **Uma gluriosa pagina da historia lusitana, inscripta p'lo rai Dãon Affonso Henriques**

Nu dia 25, cummemurou-se em Lisvôa, cum a sulemnidade du tribiale, u 786º annibersario da tumada de Lisvôa aus mouros p'lo primairo rai de Portugali, u balente e baloroso Dãon Affonso Henriques.

Todos us fruguezes da fruguezia de Lisvôa, tomaram parte nais futibidades incummemuratibas du grande feito d'armas, qu'inté hoje enche d'admiração e faiz ralaire d'inbeja a todos aquelles que cunhecem us factus como us factus se deram.

Os mouros estabam na costa, ali p'las rivançairas du tejo. Indibiduos saim muita inducação cum bicios indecurósos e custumes de gente de pouca brugonha, us ditus cujos mouros, que ja mourabam em Lisbôa, nu vairro da Mouraria, stabam birando aquillo de vagunça.

A vélla capitale de Portugali, que naquelle tempo ainda não se chemaba Lisvôa, mas sumplesmente Alysséa, não tinha ainda tamvem u Largo du Ruciu, a Praça da Rutunda naim u vairro de Quescaes.

A rua du Pulguêdo, ainda não era a dislumvrante Abinida da Luverdade, naim u Vutiqui, du Furrairinha era ainda u que é hoje u Paço dais Nuçussidades.

Aquillo tudo não era, portanto, nada disso que ahi stá. Só uma cousa era inguale e não tinha mudado: — era a curagem lusitana e esse amôire proprio qu' é proprio du amoire que todo um portuguez de ruspeito e de ruspunsabilidades dufinidas mantaim p'la sua terra e p'las suas tredições desde u tempu du Biriatu, inté um nosso Ulibaira Saiazaire.

Aquelles modos vestas dos mouros, cum aquelles lunções vrancos na caveça e aquelles saiótes de mulhére enrulados p'lo corpo, andabam desde há muito infezando us portuguezes, que não gostam naim nunca gustaram de mericas ou que oitro nome tenham.

Tantas dais suas fizeram us mouros, tantas felcatruas praticaram esses [pillantras]<sup>37</sup>, tantas e tantas piratagens rualisaram esses melandros, que a mustarda um dia ardeu du facto, nais bentas dus lisvuêtas e foi aquella iagua.

Armados de barapau, cummandados pussualmente p'lo proprio rai Dãon Affonso Henriques, qu' arregaçou us calções de b'ludo e metheu ac'rôa na c'rôa da caveça, aus gritos d' "Avaixo us mouros", marcharam em direção á cidade vaixa e fizeram uma caçada em régra nus taes filhos du Allalah.

Foi tanto du purrte que cantou qu'us portuguezes chegaram a ficaire de vrazo trucido e de caveça inchada. Dos mouros nunca mais se souve nutiça, açurtaram todos na cuntena du biado. Nais ruas de Lisvôa u que se biu foi um lunçól de lunções istindidos p'lo chãon e conta Vurnardim Rivairo, na sua "Historia

---

<sup>37</sup> Este vocábulo encontrava-se bastante obscuro, mas a julgar pela coerência do texto optou-se por apresentá-lo dessa forma.

de Purtugali”, que “muintas familias de tretamento, naquelle dia glurioso, se ruvuscaram á vessa e tiberam roupas de cama pur longos e muy dilatados annus”.

Esse vrilhante inpisódio da expulsão dus mouros de Lisvôa, é uma dessas historias que prucisam seire cunhecidas e rucunhecidas p’lo grande puvlico irguinurante e p’ra que todos aquelles que pensam que Purtugali é a casa da Mãen Juanna, bãon tirando um fiapu daquillo que muito baim lh’us póde acunteceire nu dia em que a prubuqueção aus portuguezes chegue au ponto a que chigou cum us mouros de s’inturnaire u caldo berde.

1934

Nº 8 – 29/3/1934

### U que é a curdialidade entre us póbos

#### INCUNSIDERAÇÕENS CISCULOGICAS A RUSPAITO DA INF'LIZ IDEIA DUMA BISITA DE CUNFRETERNIZEÇÃON

Andam pur ehi uns gajos mettidos a caguenifancias, falando muito em curdialidade luso-vrasilaira e qu'rendo prumubeire bisitas de quemaradagem de vrasileiros a Purtugali, p'ra alargaire ainda mais u straitamento dais nossas rulações.

Ora, muito quebaim! Tudo isso t'ria cavimento na caveça de calquére p'ssôa vaim intenciunada e d'inquilivrio immurale, si ais cousas não stibessem nu pé em qu'estãon.

Essa fita de curdialidade todos nós —hómens de nigocios — savemos de córe e selteado, qu'é uma grande vustaira.

A curdialidade é u alisamento du cummerciante stabulecido feito nais costas du frugueiz de caderno em dia.

Si u gajo anda atrezado — aí, que peste! — já não murece a mesma incunsideraçãon e us funciunarius du stabulecimento já taim instrucções vastantes a ruspaito da classia e calidade dais murcadorias que debem seire furnicidas a fruguezes dessa cathiguria.

Frugueiz atrezado paga u dovro, leba u ravultalho e não taim diraito a ruclemações naim a ruspuetiba cumpota nu fim du meiz.

P'ra u frugueiz rulápis, que não se cumpenetra dais suas uvrigações e não toma cunhecimento du mandamento que pede p'ra liquidaire u seu dévito inté u dia deiz du corrente, u talifónio stá sempre uccupado, u caixaio sahiu neste mumento e esse artigo quesualmente aquevou-se agora mesmo, já oubiu?

É isso que nu vom burnaculo nois chemamos curdialidade.

Purtanto, cá nu nosso fraco modo d'intendeire essas taes missões de vrasilaios p'ra Purtugali, aquellas comtinhas de juro dos titalos vrasilaios em mão de portuguezes, quer-nus pareceire que não pódem daire von rusultado.

Querem falaire em curdialidade, ponham em dia u seu quedernito cum us purtadoires du Porto e dispois benham p'ra cá que ruçuverão muntos avraços e menifestações de querinho, [purque ahi seremus, antãon, irmãos de burdade e cunfreternizaçãon dus dois polos emigos sará um facto.]<sup>38</sup>

Du cuntrario, é chubeire nus seccus e mulhados.

---

<sup>38</sup> No original este fragmento aparece da seguinte forma “purque ahi seremus, antãon, irmãos de çãon dus dois polos emigos burdade e cunfreterniza- sará um facto.” Ao que tudo indica ocorreu um troca na ordem das linhas, então, optou-se por alterar o trecho de modo a torná-lo mais coerente.

Vasta de queguenifancias. Nois cá não stamos p'ra fita.

Inspliquem-se nus guichets du Vancu Ultramerino si quizerem mureceire u ruspaito dus homens de vaim.

E si não quizerem pagaire u que debem, u milhore que taim a fazeire mesmo é u tale de Metró, pra s'iscunderem emvaixo da terra, embrugunhados du triste papéli qu'estão ruprusuntando p'rante p'ssôas idóneas e de irruspunsavilidades indifunidas.

Que sucia de quelutairos!

**Xouxa Pinto**

Nº8 – 29/3/1934

**ELIXIR DA LONGA VIDA**  
**(POEMA GASTRONOMICO DE ALBERTO DE OLIVEIRA)**

Em vez de comer muito, alimente-se bem,  
diz a lpes: seleccione os mantimentos.  
Não ponha a carne entre os seus alimentos.  
Os generos serão de primeira, tambem.

Coma legumes, coma ovos, coma hervas; coma  
batata, abobora, espinafre, aipim.  
Tome leite antes e depois. (Quem toma  
leite deve saber que elle se toma assim).

Chupe frutas em grande quantidade  
e chegará emfim á simples conclusão  
de que morre quem quer, pois a longevidade  
depende muito da alimentação.

**COMA-LH'U E VEVA-LHU**

**(TREDUCÇÃO DE F'LINTO D'ALMAIDA)**

Em bez de vacalháu, alimente-se báin,  
diz a ipes! Táin rezão a gaja! Os mantimentos  
só balerão p'los seus emulimentos...  
Os generos serão de primáira, tambaim,

Coma-m' obos, legumes, erbas; coma  
vatata, avovora, espinafre, aipim.  
Tome leite antes e dispois. (Quáim toma  
laite sinão é vurro faz assim)

E tome fruta! em cantidade!  
Lá diz o Salazar: "tudo é a alimentação!"  
Só morre quáin é vesta! Hoje a lunjibidade  
'stá só em comer báim. Eis a questão!...

## **AS CRIOILAS E US ALLUMÃENS**

### **Cum a procura du ertigo, baim se pode istragaire u murcado**

Us jurnaes da terra, há dias, deram uma nutiça que poz em pulborosa a culónia: — ais crioilas dansarinas que u Circu Sarrasani lubou p'ra a Oirópa, acavaram se casando todas cum allumãens. Agora bolta u Circu, mas só boltaram ais crioilas que se casaram cum artistas da Cumpanhia. Ais oitras, que se quesaram cum paisanus, ficaram pur lá e deram u fóra nai Arte.

Ora, ahi stá um grande p'rito p'ra trenquilidade e a fulicidade dus vons lusitanus, que savem cullucaire acima dus vaixus prucunçaitos de raça us altos sentimentos dus curações baim furmados e dais p'ssôas de tretamento que savem u que é vom.

É pruciso que a culónia steja agora de olho bibo e nãon cunsinta qu'ais crioilas entrem p'ra u Circu Sarrasani, naim como ertistas naim como ispectadeiras.

Agora já se sabe qu'us allimãens tamvaim gostam um pudaço du ertigu.

É pruciso, portanto, que se ebite de calquére formula a sahida de crioilas p'ra a Oiropa, purqu, cum u phunómem inconomico da lei da ufferta e da procura, a murcadoria bae encarucendo e daqui há pouco stá todo stregado u murcado.

É dessas rubalidades du cummercio que saem ais guerras.

E Purtugali nãon stá longe de duclaraire guerra oitra beiz á Allumanha.

Desta feita, puraim, tanham a çurteza qu'a cousa nãon bae seire tãoon soupa como em 1914.

Agora Purtugali stá ermado inté us dentes e dispõe, aleim d'um Inzercito de paulitairos armados de barapaus, uma isquadra puderosa de trupedairos e sobre-meirinhos.

Ahi fica u abiso e quaim abisa amigo é.

## QUEMPANHA CONTRA U CUMMUNISMU

U generale Cremona bae prumubeire uma séria de circumf'rencias a ruspaito desta materia

A dictadura du generale Cremona bae cumeçaire agora uma grande e impurtante quempanha contra u cummunismo.

U generale save lá u que faiz, mas cá nu nosso fraco modo d'entendeire u general desta beiz bae tumaire u vonde errado.

A quempanha contra u cummunismo não se faiz cum circumf'rencias litrarias naim cum cumbersas fiadas, que só serbem p'ra encheire u volso dus peralbilhos.

Us cummunistas querem pãon e trevalho. De cumbersas e prumessas já stãon fartos e não será cum maia duzia de euphrasias vunitas e oitros tantos discursos lepidados e bazios que a quistão bae-se resulbeire.

Antigamente, cando u pobo era inguinorante, vastava um indibiduo calquere dizeire qu'u cummunismo era p'ra tiraire a mulhére da gente e p'ra dibidire ais incunumias dus que trevalham como umas vestas cum aquelles que não trevalham e não querem trabalharem, p'ra que todo u mundo ficasse arrupiado e burdadairamente infezado cum us cummunistas.

Dispois, purém, qu'us cummunistas cumeçaram a ixplicaire qu' essa historia de tiraire a mulheire dus oitros não faiz parte du prugramma de Karlus Maxo e qu' essa historia de rupartire u dinheiro cum us melandros é oitra inbenção da vurguezia, é que a gente cumeçou a avrire us olhos e sumpathisaire cum u raio du cummunismo.

Dispois qu' essas vallelas se dismularisaram, us vurguezes tintaram applicaire a birulencia p'ra acavaire cum u cummunismo. Desta feita ainda não foram f'lizes. Us cummunistas tuparam a parada e foi purrada de criaire vicho, ellas pur ellas, saim mais aquellas.

Agora, despois que biram que naim a mintira naim u purrete pruduzem rusultado, us vurguezes pensam que cum prupagandas prétónicas e oitras utópias da mesma marca bõo acabaire mesmo cum u cummunismo.

Us bulchebistas, que baim cunhecem, ais laivas e a rhutorica desses expluradoires, riam-se áis vandeiras brumelhas disprugadas de suas arengas e dus seus surmõens e bõon fazendo u seu trevalhinho calmamente na mecióta, cousa que não dá na bista, mas que é ali na vatata.

Era muito milhore p'ra u generale Cremona que, em beiz de gastaire u dinheiro puvlico cum maia duzia de lit'ratos varatos tretasse de daire pãon p'ra aquelle ror de gente, que lá stá na terrinha cum u stambo cullado na spinha, saim saveire cumo é que bae salucionaire u seu pruvlema.

P'ra acavaire cum us cummunistas, u milhoire mesmu é deixal-os loucos de fome. Tirar-lh'us tudo inté que morram de cavulhada e deixem de andaire pur ahi a tiraire u somno da vurguezia.

Fóra disso é chubeire nu mulhado. É mulhaire nu chubido. É cantaire de guerganta secca.

U generale Cremona, purtanto, debe mudaire de tactica, du cuntrario nunca mais pud'rá durmire um somno solto.

Cummunista é peggiore que marimvondo. Cando se lh'us mexe na casa, ficam como umas fêras e não attendem a mais nada.

Dessas quempanhas lit'rias contra us discipulos de Karlus Maxo é qu'elles mais gostam, porque u resultado é sempre nugatibo e acaba numa grande prupaganda dais indéias abançadas.

É nisso, cá nu nosso fraco modo d'entendeire, que bae acavaire esse muxinifado de discursórios contra uma cousa que só se rusolbe ali na vatata: — untregando a terra a quaim lh'a pruparam, istrumam e plantam e a direcção da favrica a quaim lh'a pruduz.

Istará a isso dusposta a vurguezia?

Era isso u que qu'riamos saveire e que nus cumpetia pruguntaire.



## **US ALTUS PRUVLEMAS D'ENTHRUPULUGIA**

### **A burdade burdadeira a ruspaito das urigens du homem**

Plo prof'ssoire Mendes Curraia, iscripto isp'cialmente p'ra u "Supprimto de Portugali"

Avrimos spaço, hoje, em nossas calumnias p'ra u artigo du hunrado e cunçaituado enthrupulugista (nãon cunfundire cum barejista) da praça de Lisvôa, prufossoire Mendes Curraia, actualmente neste mumento em bisita ais culónias du Vrasile.

Milhori du que nóis, que nada puiscamos du assumpto, bae u rufrido prufussoire infrunhaire a nossa distincta fruguizia du qui é, em burdade, a enthrupulugia.

La bae a bustaraira!

A enthrupulugia é a ciencia qu'istuda a fundo u pruvlema de donde baim u homem.

A mulhére, nu causo, nãon taim impurtança, porque já lh'u savemos qu'ella baio duma custella d'Adãon, cunforma já lh'u taim duclerado ruputidamente u bigario lá da fruguizia.

Muintas p'ssôas ilustradas e lustradas, já precuraram, atrabeiz dus tempus passados, rusulbeire essa custãon, trabando-se um frumidabel vate-vôcca, a ruspaito d'hyputhésias.

Assim, us homens da ciencia purderam um tempu inorme, discutindo quaim t'ria bindo au mundo primairo: — a guellinha ou u obo?

Um grande savio portuguez metou a questãon na caveça: — naim foi u obo naim foi a guellinha. Quaim baio primairo au mundo foi u pinto.

Mas essas guellinhagens nãon pudiam de formula nenhuma intressar a um burdadairo enthrupulugista.

U que era pruciso saver-se cum certa surteza era d'onde binha u homem e particularmente u qu'intressaba a Portugali era saveire dondo binha us portuguezes.

Um tale Darbinho, lá da Inglaterra iscrubeu uma ovrita cum u titalo "A origem du homem", na quale probaba cum dicumentos e isqu'letos qu' us inglezes prubinhos du mecaco. Nois, puraim, nada temus que beire cum a Inglaterra, a nãon seire umas certas dibidazinhas de livras istrelinhas, que dubemos e nãon nigamos, mas pagaremos cando pudermus. Purtanto, nãon qu'remos discutire a thiuria du Darbinho, que póde seire muito vôa p'ra bijos, mas que p'ra nois é pustibatamente inducente.

Us lusitanos, em hyputhésia alguma, pódem bireme su mecaco. Agora — e isto já é oitro letim — us mecacos é que podem prubirem dus portuguezes.

Mas istu tudo nãon se póde dizeire assim á vessa, é pruciso dicumentos, infrumeçõens, tustumunhos, ossamentos, avovadas crenianas, quenellas e oitras

articulações, quepazes de prubarem e reprobarem qu' u entrupulugista não stá cunbursando fiado aquilo qu' elle diz pode-se s'inscrebeire porque é a usprussão da burdade.

Esse taim sido u meu surbiço como enthrupulugista lusitano: — quero saveire d'onde baim u portuguez.

P'ra us qu' estão da vanda de cá, u pruvlema já stá rusulbido: — u portuguez baim de Portugali ou dais ilhas.

P'ra us portuguezes que bibem lá na terrinha, puraim, essa custão ainda stá p'ra seire saluciunada.

Tanho dudicado a melhor parte da minha bida a pusquizas p'ra saveire, afinal, de contas d'onde raio é que baiu u homem.

Há muita gente grande em Portugali qu' acrudita e rupete qu' u homem baim du ceu, mais baim criacinha ainda, trazida numa sustinha nu vicco duma sugonha, qu' entra p'la jinella e bae poire u pimpolho a durmire nu vercito.

Essa historia, qu' é reputida pur p'ssoas adúlteras, já não pega entre us petizes, que dão burdairas guergalhadas de crystale cando se lh'as conta.

Si u homem não baim du mecaco, si um homem não baim da sugonha, d'onde baim u homem, antão?

Foi a essa suprema prugunta qu' eu prucurei ruspundeire a mim mesmo. E cumecei a passaire ais noites em claro, drumindo apenas durante todo u dia seguinte. E cumecei, á luz da bella de sevo, que lh'a chemam candaia, a muditaire sobre ais urigens du homem. Durante horas intairas, á somvra dais laranjairas, fulhando e refulhando belhos elfurravios; ispremendo cum ais duas mões a caixa du pensamento; apurtando us olhos como quaim stá ilucuvrando; suspirando vaixinho a pricura du discunhido e suntindo por bezes istalire a intullugencia carrugada d'idéias avrisudas; não dusanimei nais minhas pusquizas, certo de que, mais dia menos dia, hab'ria de daire nu binte discuvrindo a chabe du pruvlema.

Dito e feito. Numa menha muito linda de primabera vrutou-me nu neriz uma vruvulha e um punsamento luminoso na cadeca: — isprimi a ispinha e tirai u querneção du punsamento.

Eil-a a minha discuverta: — u homem não baio neim du mecaco neim da sugonha. U homem beio da mulhére. Dispois a mulhere beio du homem e cumeçou a ródá biba, que não parou mais de rudaire, duspujando gente a treiz pur dois e dois por catro.

Eis ahi em sumula u resultado dus meus ultimos trevalhos enthrupulugicos, que tanho a honra d'aprusuntaire aus vrasilairos d'aquim mare e aus portuguezes ultra-meirinhos.

Si a pulicia e u tempu prumittirem, ainda farei uma circumf'rencia sobre u assumpto, prubando e reprobando qu'u homem baio da mulhere e, portanto, debemos tretal-a cum menus pencadas e dizendo-lhe menos desafoiros, u que não impede tudabia de qu' ella continue na cozinha a nus pruparaire u vacalhau á lisvueta, na baranda a nus custuraire ais maias e nu tanque a nus labaire ais ciloiras e oitras roupas du vaixo.

**“ULIBAIRA SIAZAIRE”**

**U homem e u dictadoire**

Quain não cunhece u grande ministro Ulibaira Saiazaire, chefe du guberno portuguez e vração direito da dictadura du Cremona, debe já e já cumpraire u libro qu’Armando d’Aguiaire iscrebeu a ruspeito desse ixtraordinario lusitano.

Nessa ovra não só está iscripto e discripto tudo u que Saiazaire taim feito para lubantaire u cradito de Portugali, mas tambien traiz lindos rutratos du nobo Pumbale, de frente e de maio prufil, rindo e surrindo, mas tudo muito a serio e tretado cum grande ruspaito, como baim murece u seu alibantado petriutismo.

Quaim quizere saveire como é que Saiazaire agiu e ruagiu pra indireitaire a mão das funanças du peiz e cunsguire cuzeire cum a agulha du vom senso e a linha da prudencia u pé de maia furadi da incunumia lusitana, vasta procuraire esse libro iditado pla “Civilizaçon Vrasilaira”, que ficará savendo tudo diraitinho, tim-tinho pur tim-tinho.

Ninhum portuguez da gemma, que móre em casa cum elebadoire e seja socio du Basco, puderá deixaire de teire essa ovra sobre u caixão de Kreosene que lh’u serbe de mesa de cavuçaira.

Si não save leire ou fôre analphuvético não faiz male. Debe tamvaim cumpral-o, não sumente pur causa dais figuras que são d’aquí (puxe a ponta de vaixo da urelha) mas tamvaim pra dumunstraire u seu petriutismo, humunageando um dus portuguezes que si morto prese póde deixaire de teire, do nu vatalhão da historia, au lado dus Gamas e dus Cavares.

Ninhum portuguez que se prese póde deixaire de ter, na mesma istante du “Rezão” e du “Contas Correntes”, esse libro que discrebe a bida du “homem e du dictadoire”, e cujo inzemplu de tunacidade e inurgia baim pode surbire aus cummurciantes du barejo e du atacado como mudelo de incurrecção e indil’cadeza nu tratamento da sua distincta fruguizia.

Laiam, portanto, u libro “Ulibaira Saiazaire”, d’Armando d’Aguiaire e de beiz imquandu, pur traiz du valcão, chamem em praticulaire esses vrasilaios jecuvinos e inguinurantes e pruguntem-lh’us, cum u libro na mão, vatendo na capa, si u Vrasile conta entre us seus istradistas cum um gajo nestas cundições. Pruguntem e b’ rão como elles ficarão de cara á vanda, hurmeticamente incavulados saim saveire u que ruspundeirem.

E si algaim, mais ousado, afoitamente dissére que u Vrasile possui um Incitatus Vraga ou um Zé Meria Vitraques, só çh’u restya au lusitano petriota qu’oubiu essa vustaira, ruspunde-lh’ au pé da letra:

— Olha, toma!

### U tamvurzinho lusitano

Uma historia cummubente du pessado, qu'inda bibe na rualidade du prusente

LISVOA, 5 de Julio du corrente — (Curuspundença pistulaire) — Us nossos abózes nus cuntaram, chaíos de cummução e ruspaito, a historia petriótica du tamvurzinho lusitano, que, na vatalha d'Aiskalçasquebiram, affruntando us p'rigos da mutralha, atrabessou a pininsula Verivérica, pra lubaire um vilhete du cummendante dais forças riaes, u cundestabel Dãon Manuel, u Benturoso, p'ra não teire que pudire punico au inimigo.

Não há gato naim sapato em Purtugali que não cunheça e rucunheça a historia desse minino-hiroe que salvou, p'la curagem e sengui friu, ais armas portuguesas dum disastre disastroso.

Pouca gente em Purtugali, puraim, save que fim lebou esse rupaiz, que era um mininóte, qu'andaba ahi pur bolta dus seus quetorze annus mais ou menos cando cummeteu esse acto de vravura qu'e lubou p'ra ais paginas da historia.

Foi pur uma óvra toda du eceso, pur uma méra cuincilencia du distino, quem hontem, nu Chiadu encuntramus um homem grande, cum bastus vigudões riturcidos e uma varriga deste temanho, tucando, num pequeno tamvoire, uma marcha militaire, acumpenhado d'assuvius de vocca, fingindo clerim.

Approximai-me chaio de criusidade daquelle ixtranho prusunagem e não me cuntibe de lh'u pruguntaire:

— Mas quaim és tu e que pitu tocas?

U homem myst'rioso fez alto, vateu cum força um quelquenhaire nu oitro e ruspundeu cum indignidade e inaltibeiz:

— Eu sou u tamvurzinho lusitano!

Cunfesso qu'aquella rusposta prудuziu-me u infaito duma purrada na pinha.

Palabra d'honra que não staba cumprehendendo nada distu d'aquillo.

Foi nesse mumento, que, cum seu ulhaire intulligente e pruspicaiz, u insquisto gajo punderou:

— De que t'admiras, ó vestalhão? Eu sou, du facto, u tamvurzinho de que tanto oubiste falaire. Cando eu acumetti aquelle acto heroico lubando u vilhete au rai Dãon Manuelli, eu era um simples peralbilho, de quetorze annos, que naim vuço tinha. Dispois eu crusci desinbulbi u vusto, nasceram-me us vigodes e cá stou como me bês! U tamvurzinho é que não cusceu e ficou du mesmu temanho!

Eu staba cada beiz mais invatucado cum u que acavaba d'oubire. De vocca averta, vrazos cahidos, olhos isvuguelhados, não tibe curagem de dizeire “agua baim”.

U tamvurzinho, antão, poz-se nobamente em marcha, tucando u seu “plan-plan-ruta-plan”, como diria u grande Chavy Pinheiro.

E emcanto eu ficaba apalurmado nu mesmo lugaire, u hiróe d'Alkalçasquebiram, biraba a esquina, p'ra não mais appareceire, daixando após si, istu é, atraiz delle, um amviente carrugado de polb'ra quaimada.

E au longe, muito au longe, ainda s'iscutaba, purdido entre us varulhos da cidade, u "plan-plan- rutaplan" du tamvurzinho, como a inbucaire a mimoria dais vatalhas du glurioso Purtugali!

E, cá cum us meus vutôens, não poude daixaire de murmuraire vaixinho, entre dentes:

— Mas como stá cruscido u tamvurzinho! E que lindos vigodes qu'elle taim!

**João de Vorras**

### **U figurãon di Portugali na Liga das Neções**

A attitudi surena, mas inérgica, du dul'gado lusitano isparentou da Oiropa u phentasma da guerra!

A trucidacão assassina, em Marselha, du rai Aluxandre da Yuguslaba e mais a du munistro franceiz Varthou, já staba squentando us vronzes na Oiropa.

A Yuguslaba, naturalmente, cando souve da desgraça, ficou pur conta du Bunifacio e rusulbeu atacaire a Hungria como inrespunsabel p'la morte du seu rai.

A Hungria, pisou nus tumates, e lh'a arrispundeu que nãon tinha nada cum u peixe e que, pur isso, era milhore qu'a Yuguslaba, fosse amulare u voi.

U vate-vocca staba s'azudando e já dibersos peizes istranjairos stabam mittidos nu serilho, amuaçando immuvilisaire us seus vatalhões, pra dididire p'las armas aquelle maleintundido.

Foi deante dessa situaçãon bexatória de vagunça e pounca induqueçãon, que Portugali dididiu intrumetter-se no vrinquedo pra rustaveleceire a ordem e impoire um pouco ruspaito.

Pur ordem du nosso generale Cremona, cumvinou-se uma riunião em Junévra da Liga dais Neções, onde dibiam cumpareceire todos us ruprusuntantes da Yuguslaba e da Hungria, que qu'riam, como u Basco, disligarem-se da Liga.

A riunião stebe impunente. Cumparuceram todos us cluvius flhados e prufilhados, tomando assento na prusidencia u inlustre duplumata lusitano, dotoire Augusto de Baiscumselos.

Nu maio du mais avissuluto sulenço, u ruprusuntante de Portugali, prifiriu a seguinte peruração:

**U DISCURSO DU DOITORE AUGUSTO DE BAISCUMCELOS**

“Ruspaitabel puvlico!

Neste selão impunente e grandioso, só cumparabel au Stadium du Basco da Gamia, onde bejo reunidos us inlustre ruprusuntantes da França, d'Inglaterra, da Intalia, da Chequessuvaca, e de tantas putenças da América Latrina, em nome du governo de Portugali, eu benho duclaraire que é pruciso acavaire duma beiz cum esse spectac'lu brugunhoso, que póde lebaire u mundo a um arrancatoco, cujas incunsequenças ningaim póde calculaire.

Este vate-vocca entre esses dois peizes de sigunda classe, (u oradoire aponta us ruprusuntantes da Yuguslaba e da Hungria), já stá chairando á prubucação p'ra a guerra e si nãon impuzermus um pouco de ruspeito nesta discussão, a muléca rubenta mesmo e, antão, bae rulaire u pau de berdade.

Uma guerra na Oiropa, neste mumento, siria um tale de murreire de gente, que era prubabel que nãon suvrasse ningaim p'ra cuntaire a historia.

Portugali, baim midindo, na valança da justiça, u peso de sua irresponsavilidade, nãon quére daixaire saim um prutesto, sureno, puraim, inergico; ruspaitoso, puraim, indupendente; a sua ruprubação indisfraçabel á falta de cumpurtamento dessas nações que querem atiraire us póbos na mais birulenta hecatomve de que se taim mimória desde qu'u mundo é mundo.

Mas Purtugali não quer apenas labaire ais mãos como Hirodes neste insudente inducente.

Purtugali bae mais longe e cuncretiniza u seu ponto de bista: — A yuguslaba e a Hungria taim que fazeire ais pazes, de calquer fórmula, si não quizerem qu' u glorioso Inzercito portugueiz lh'us inbáda ais frunteiras e us ruduza a todos a suvinitrato de pó de gente!

Ruflitam e incinsiderem u mau passo que querem daire!

Purtugali, hoje, baim dar-lh'us um conselho d'amigo, cum toda a indilicadeza.

Não lh'apuquentem, puraim, a peciencia, porque si, amenhá Purtugali perdeire a caveça, isto bae, antão, aus punta-pézes, saim a menore incunsideração.

COMO FORAM RIÇUVIDAS AIS PALABRAS DU DUL'GADO LUSITANO

U discurso du dotoire Augusto de Baiscumselos prduziu a maiore sunsação nu sp'rito de todos us prusentes. U oradoire suntou-se na cadeira da prusidença, numa attitude de grande indignidade, avrindo ais avas du fraque e vuvendo, de querranca fuchada, um cupazio d'agua. Esse gesto deu ainda maiore impunença a sulémnidade. U ruprusuntante da China, qu'era amaréllo, staba vranco. U ruprusuntante da Pulónia, qu'era vranco, staba brumelho. U ruprusuntante dus Subriettes, qu'era brumelho, staba berde.

Todos mudaram de coire e habia trumilicancias nu amviente.

### *Fala u ruprusuntante da França*

Tumou, antão, a palabra u dotoire Labale, munistro du Ext'riore da França. U cunhecido duplumata cumeçou falando vaixinho, cum trimiliques na garganta. Disse que staba rualmente cummubido cum ais palabras du ruprusuntante de Purtugali e achaba que não era mais pussibel incuvrire a gravidez da situação. Cuncurdaba, em genero e numbaro, que se dibia ibitaire a guerra, mesmo porque a guerra não cumbinha á França naim á Inglaterra neste mumento. A guerra só int'ressaba au Hitler da Allumanha, que f'lizmente não staba ruprusuntada naquella casa, cunbidaba a todos us prusentes, a uvrigarem fraternalmente á Yuguslaba e á Hungria a fazerem ais pazes á froça, transfirindo a mulódia p'ra oitra uquesião mais impurtuna.

U discurso de Labale foi cunsiderado como uma burdadeira labagem.

A Yuguslaba e a Hungria fazem ais pazes

Todos us prusentes, em siguida, aus impurrõens, formando um burdadairo parigato, uvrigaram us ruprusuntantes da Yuguslaba e da Hungria a se avraçarem e vejarem, sahindo na maiore harmunia como cão e gato.

A nutiça da bictoria portugueza foi, radiufusada p'ra todo u mundo e a Oirópa soltou um suspiro d'alibio pur teire iscunjurado u phentasma da guerra.

**1935**

Nº 16 – 5/10/1935

### **A situaçon geral da Oiropa**

#### **Ningaim save u que será no dia de amanhã**

LISVOA, 4 du corrente — (Tulugramma suvremeirinho) — Ais cousas cá na Oiropa nãoñ stãon ficando lá muito quétholicas. A italia, a stas horas já stá abançando na Avyssinia. Pur enquanto, u varco bae currendo.

U abanço é garantido p'los taquis e p'la abiaçon. U inimigo bae ricuando, como quaim stá chemando us inbasoires pra dentro de casa. Dispois, u que será? Dulurosa inturrugueçon.

Mas a inbasãon da Avyssinia ainda nãoñ é nada, diante du que pode acunteceire.

A Hispanha, cá au lado, sta em ponto de vala. A França, é uma casa de marimvondos. A Allemanha stá saltando da vainha.

A Inglaterra stá assenhada. A Pulónia, a Cheque-Slubacca, a Velgica, us Peizes Vaixos, stãon todos loucos. Si atiram uma ponta de cigarro em riva desse varrile de polbora, adeus minhas incumendas! Nãoñ scapa naim rato, porque isto tudo bõa pl'los ares.

U generale Cremona já sta pondo us vigódes de molho e olhem lá que faiz muito baim. U chefe da dictadura mandou azeitaire u rubólber, limpou a ispada, e mandou qu'a Guarda Repuvlicana drumisse de sobre-abiso, isto é, cum um olho accesso e oitro apagado.

U cruzadoire "Adamastoire", u distroya "Querbalho d'Araujo", e u sobre-meirinho "Gulfinho", stãon atracados au largo, cum fogo nais caldairas, spr'ando u primeiro sgnale.

U primairo munistro Saiazaire taim passado u dia intairo nu gavinete rusurbado, lendu us tulogrammas dus jurnaes e fallando sózinho.

A situaçon, portanto, stá preta. Póde-se dizeire qu'estamos cum u cocô de gato, nu tapete da sala de bisita, diante du piano e cum gente de surumónia em casa.

U que será du dia de amanhã? E a noute, como bae seire, minha senhora?



### **A guerra entre a Intalia e a Inthiupia**

#### **CUNVATES A ARMA VRANCA E MAIS EMVARQUES DE TROPAS INTALIANAS**

LISVÔA, 5 du corrente — (Curruspundecia pistulaire du nosso inbiado spuciale na costa d’Africa e ilhas circumbizinhas) — A situaçãon de Portugali é, muito indilicada, diante da amiaça dum sarilho entre ais putenças da Oiropa.

Na cal’dade de ruprudente desse impurtante arrotatibo, eu já dibia a estas horas staire na linha de fogo, ruculhendo nutiças fresquinhas da guerra entre a Intalia e a Inthiupia.

Achei, puráim, de melhore abiso, ir ficando, pur encanto, fazendo rupurtagens á porta d’ “A Vrasilaira”, pondo a bida em ordem, antes de siguire prá u thiatro dais operaçãens.

Nãon é de medo que ainda nãon emvarquei p’ra ai Africa. É uma questãon d’incunumia. Ais passagens stãon caras, ais dupezas de biagem nãon sãon puqenas e us iscudos cá pur casa cada beiz estãon mais curtos.

Alaim disso, um jurnalista moderno nãon prucisa, hoje, cum u disinbulbimento da raio-da-tuluphunia, ire inté ai Africa, pra ficaire savendo u que pur lá s’istá passando. Cum um vom mappa-immundio avertu sobre a mesa, cum umas tiras de papeli em ordem de vatalha e mais uma vòa canneta ottomatica carrugada de tinta, pode-se discrebeire cumvates hurrucosos e muito mais biulentos du que aquelles que rualmente se estãon passando nais fruntairas da Avyssinia. P’ra tanto, vasta imagineire u ataque de duzentos mile quemisas pretas, sobre a praça forte d’Aduá, pur inzemplu, cum abiõens de vumvardeio, carros d’assaltos, vomvas de gases asphyxantes e mais algumas mánicas de custura, que lh’as chamam tamvaim de mutralhadoiras. Diante du ataque dus imbasoires, um “Ras” calquére, que póde seire, pur inzemplu, o “Ras Taquéra” ou o “Ras Qu’usparta”, á frente, bamos dizeire, de quinhentus e carenta mile avexins, dufende como um liãon, a cidadella. Como, puráim, us inthiopes, nãon taim armamentu moderno, u cumvate bae mesmo a arma vranca, como é du gosto dus pretos. U fim da vatalha, estãon mortos mais de catrucentos mile avyssinius e catrucentos mile intalianus, cum o corpo cuzido a facadas e vaiunetaços. Manda-se ruzaire uma missa pur alma dus cumvatentes e emvarcam-se nu porto de Napules mais alguns vatalhõens de quemisas pretas, sinãon s’acava a guerra, u que siria uma desgraça p’ra us jornalistas mudernus.

Pur essas e pur oitras que eu ainda nãon m’arrisulbi a partire p’ra ai Africa. Mas istu nãon quére dizeire que d’aqui de Lisvôa, onde m’incontro, muito vaim instrellado nãon possa cuntinuaire a mandaire nutiças ditalhadas dus acuntecimentus, como fazem todos us meus culléguas ruprusuntantes d’oitros jurnais de menores irruspunsavilidades.

Si acharem fracus us cumvates, é só abisaire, purqu posso carregarais nais tintas, buntade da fruguezia.

**Us intalianos não acertam ais vomvas**

**US ABIADOIRES DU MOÇO LINO NÃO CUNHECEM U SEISTANTE**

Ais nutiças que baim dai Africa urientale a ruspaito da abiação intaliana baim prubaire, mais uma beiz, que Purtugaile ainda é u quempeão dus ares e mantaim, cum guelhardia, u titalo d'inbicto.

Sugundo us ultimos tulugrammas, de 378 vomvas qu'us intalianos atiraram sobre us avexins, mais da mutade não arruventou e a maiuria naim açurtou nu albo, qu'era preto.

Isso quere dizeire qu'us intalianus atiram á vessa e, portanto, só podem açurtaire pur acaso.

Ora, uma vomva não s'atira a pelpite. U lançamento d'uma vomva é uma questão muito séria, qu'inzige u conhecimento d'apparelhos que são greduados e postos a prumo p'lo seistante.

Mas us intalianus não cunhecem e parece que nunca oubiram falaire nu seistante, qu'é um sugredo d'abiação lusitana, duscuvarta p'lo almirante Gajo Coutinho.

Imquanto us intalianus não fizerem uma alliança cum Purtugali, perderão ais suas vomvas e u seu letim, porque us seus p'lotos discunhecem pur completo u merebilhoso appirelho.

### **É guerra p'ra uma semana**

Agora, é pruciso qu'u Negus rusolba aceiteira u uffrecimento du abiadoire lusitano

Si u Negus não foire trouxa, desta beiz elle dá mesmo cavo da quenastra du Mussolino.

É só elle aceiteira u offrecimento, que lh'u feiz um abiadoire cibile lusitano, p'ra seguire cum seu appirelho p'ra Avyssinia.

Us intalianos stãon contando bantagem, purque inté agora não incuntraram gente p'la prôa.

U conde Chano, pur inzemplu, é um grande guerganta, que faiz ais suas inbulações em riva dos avexins, purque save que us povres negrus não taim armas naim abiõens pra fazel-o afucinhaire.

Nu dia, puraim, em que um abiadoire lusitano se culucaire au ladu da Avyssinia, a cousa muda de figura. O leré, si muda!...

Pondo a immudestia á parte, é pruciso que se lh'u diga qu'us abiadoires lusitanos são us unicos du mundo que cunhecem u sugredo du seistante e que, portanto, podem rualmente entraire em cumvate aereo, saim ruceio du inimigo.

Si u Negus rusolbe aceiteira u uffrecimento desse abiadoire portugueiz que se lh'u uffreceu, podemos contaire us dias du Mussolino.

U imp'radoire Sei-la-si-é, puraim, taim um duffaito: — quére vrigaire sozinho, cum a sua gente e, pur isso, rucusa sempre u uffrecimento dus ixtranjaios.

A Italia, intrutanto, não prucede da mesma formula. Em beiz de mandaire pra frente us fechistas, atira contra us avyssinius us coitadus dus suldados dais culónias efricanas.

Ora, isso é uma dismularisação e uma falta d'avuso qu'é pruciso que todo u mundo fique cunhecendo, pra que se saiva de que istufo immurale é cumposto u inzercito fechista du Mussolino.

É pur isso qu'agora a nutiça de qu'um abiadoire lusitano s'uffreceu au Negus p'ra se vateire a seu lado contra us intalianus, beio encheire de cuntentamento todas ais p'ssôas hunradas e hunestas qu'estão turcendo p'la bitoria da Avyssinia contra aus mulicias fechistas.

Não prucisa mais du que um biadoire lusitano pra poire em fuga ais isquadrilhas du conde Chano.

Um vom appirelho, manuvrado pur um vom p'loto, é canto vasta p'ra duspujaire uma saraibada de vomvas nus acampamentos intalianus e pôl-os todos em duvandada.

A bictoria da Avyssinia está dupendendo, portanto, duma simples indicisão du Negus. Vasta que Sei-lá-si-é deixe de vustairas e rusolba aceiteira u cuncurso du abiadoire portugueiz que se lh'u uffreceu.

É guerra p'ra coisa duma sumana, isto é, u tempu pruciso p'ra us intalianus arrumarem ais maletas e dusinfectarem dai Africa.

Nº 20 – 26/10/1935

**Em dufesa da lingua  
(INCULLAVURAÇÃO D'INCUMMENDA)**

É uma tristeza, que chega dueire u curaçon dum christão, a falta de querinho cum que hoje se [t]rata<sup>39</sup> u indíoma portuguez.

Us homens de ruspunsavilidade taim, diante desse lamentabel abaccalhamento, a uvrigaçon de ruagire cum inurgia, procurando dufendeire u burnaculo, que é, pur assim dizeire, u ruspusitorio dais riquezas da propria lingua.

Não é dumais, portanto, nessa ovra de prifilaxia, avurdaire todos us pruvlemas rulaciunados cum a gremmatica e a intumulugia.

U baloire dais palabras e a sua burdadaira insignifiqueçon, sãon tamvaim oitras tantas questõens que não se debem daixaire á vanda, pra não se confundire alhus com vugalhos e não se ficaire punsando que sapato belho é guelócha ou que rutreta seja u mesmo que surenata.

É pruciso cando se fala ou cando s'iscrebe dizeire ais euphrasias cum impurfaiçon e cum a dibida claridade p'ra que todos se lh'u intendam.

A língua portugueza é a mais vella, a mais rica, a mais suabe e a mais tintivulante de quantas se falam nu pluneta.

Falal-a é um prazeire. Iscrebel-a é um incanto. Dufendel-a é uma uvrigaçon de todos aquelles que na falam e nala iscrebem.

**F'linto Lápis d'Almada**

---

<sup>39</sup> No original "rata", julgou-se necessário o acréscimo de modo a facilitar o entendimento do texto.

**1945**

Nº 5 – 24/5/1945

**TRECHOS SULETROS DA LIT’RATURA PORTUGUESA**

**O gigante encoiraçado**

**Adamastore**

**E A DESCOMPOSTURA QUE ESSE VRUTAMONTES PASSOU NOS VRABOS  
NAVEGADORES PORTUGUESES**

XXXVII

Puráim dias á vessa eram passados  
Que da “Terra” partiramos, voiando  
P’los mares cháios d’ondas, encap’lados,  
Ou, não habendo bentos, assuprando  
Nós as belas, c’os páitos estufados...  
E lá uma noute pretiça, côr de lama,  
Sôvre nossas caveças s’esparrama.

XXXIX

E, bai daí, sai dela a tal figura  
Do célevre gigante Adamastore,  
Aldravão de medonha estatura,  
C’os olhos encobados e a postura  
Do José Santa em frente a um contendoire.  
Cháios de terra lêndeas os cabelos.  
A vôca negra, os dentes amarelos.

XLI

E disse: “O” seus safados! Sacripantas!  
Bai tumar vanho, pessoal cachorro!  
Bocês, co’essas catraias, tais e tantas,  
Tão sujas que do cháiro eu quase morro  
Não savem que os tufões envercam quantas  
Delas p’ra cá se cheguem? Não os socorro,  
Inda lhes prego um franco e, seus lenvões,  
Bocês afundam ao pêso dos calções!...

**Marotinho Novre**

(“Os Naziadas”, canto primeiro).

## **Cartas do Biturino**

### **I**

#### **A chegada**

“Crida Cândida

Ainda nan te fiz a descrição da Cidade de Ção Sebastiao do Rio de Janero, prueque tenho andado primeiro a ber cumo é, pra te contaire. E cum o trabalho da tinturarie e cum as bisitas ao Cumpadre Çarafim nan me tem subrado tempo, agora já te poço dar uma indeia.

Nunca se biu nada mais vunito do que este lugar. Mas o mesmo tempo é acim uma especia de desafio cum Deus a fazêre uma coisa i os homens a atemarem que hade cer o contrario. Onde habia montanha eles fizeram planiçia, depois de cunquistarem um castelo. Onde habia pântanos butaram pedras. Onde habia mar butaram terra, cate os peixinhos ficaram aterrados, i agora todos dizem, como limbrança, que ‘lá era o porto’. Mas onde não habia mar butaram o mar pra dentro da terra i fizeram alagoas, onde andam us cabalos a currere a ber quem ganha o premio. A uma pedra chamam-le pão, o granite chamam-le açucre, i onde nan há pedra chama-le Lapa. Tem um monte munto alto i direito, mas elles ateimam que é um Curcubado. Cando anoitece, nan querem canoitêça, i botam tanta luz a ardêre que fica mais quelaro que de dia. Onde estava um monte vunito que lá muraba uma piquena chamada Conceiçãon, caté o Vispo construiu um Palácio lá in cima pra ber a môça a toda a hora, intenderam caquilo nan era pra ce ber i puzeram dinate um indefuçu que iscureceu tudo, i le chamam a noite; é tão alto que pur baixo entram os Pais e lá acima só chegam os Netos. Im lugar alto que tem magueiras. Le chamam Paineiras; e donde arrincaram as mangueiras, botaram o nome de Mangue, mas diz que elas brotam, nem que não queira.

Há uns tantos anos correu notissia que pra lá dos montes haboa uma grande ária de barro em pó, que os nativos iam lá buscaire pra cunstruïrem, pois era a melhor “pó pra cabana”; antãon fizeram um buraco por vaixo da terra pra ir lá ber como era o negóssio. A cidade toda comessou a correr pra la, i antãon agora estão fazendo outro buraco ó contrario, pra ber se a çidade volta ó seu naturale.

Já tu bês caqui é preciso munto olho. A respeite de água, falta em todo o lugaire, caté pta tumare um iscalda pés ó dumingo é preciso fazêre uma novena a um santinho de unfiança. Réza tu ai o Santo Antonio. Pra disfarçar a coisa é que êles botaram a cidade o nome de Rio. O único rio que habia era o Catéte, caté tibera, vergonha i o taparam com uma rua por cima, tão vòa que quem lá mora nunca mais quere de la çaire. Pra continuar o ingano, pegaram numa Abenida quera uma imitação do que nós lá fizemos em Cintra (inté le chamabam ó prinsipio Abenida Cintral) i butaram le o chão cinzento iscuro e le chamaram Rio Branco. Acima há rios por toda a banda, mas a gente não bê um raio dum estapôr duma pinça dágua na porcaria da torneira; vasta dizêire que tem um lindo Aquedute, com muntas bôcas abertas a pedirem água, i em bez de curren água só lá correm bondes pra cá e pra lá. Num os intendo.. paçam a bida a dizêre mal de um belo e

vóm home chamado Enrique (tumaram todos Enrique ser!) i cando parece que na bôca deles o hôme só tem defeitos chamam-le Perfeito.

Aqui é pior que lá. Eles falam de o noço Salazaire cer ministro no Palassio da Necessidades, sem bêrem que é por patriotismo que êle faz iço prós estrangêros. Tamvem é os prazeres; eu les explico que é Sumitério pra ricos, i que nan era piqueno prazer herdar, nus tempos em que o filho irdaba; só despois é que beio o Istado Corpulativo é se tornou o grande filho. Ora, aqui, andam, todas a atezanarem os maridos, i o que elas querem é o apartamento! Ce me pedisses uma coisa deças, eu cubrava-te as bentas! I pró desgraçado nan ter dúbidas, onde elas mais ateimam em ter o apartamento é no morro da biuba.

Pur eças i pur outras é cagente bê na çidade o que bê. Num lugar istá a rua do Pai çandu, imbicado ó queijo flamengo, i lá longe do Pai é que istá a Mãe de Çá, coitadinha, que leba uma triste bida.

Infim, Cândida, já te dei uma indeia do lugar inde istou. Beijos ós piquenos i limbranças o padre Ramiro, e çou cempre este teu fiéle.”

**Biturino**

Nº 19 – 29/8/1945

### **A bingança da porta<sup>40</sup>**

Era um costume vesta que eletinha,  
Intrar vatendo a porta: — “Antão, Manéle!  
— Ihe dizia a mulhere — que papele!  
Não me faças rumôre! Olha a bizinha!”

E todo dia era essa ladainha!  
Sujáito deshumano, pai cruele,  
dizia-lhe: — Se tens amôre a pele,  
dáixa-me sussigado, ó mulherzinha!”

Uma noite em que báio desse jáito —  
A pinitrar cum falta de raspàito  
na casa em que anvos eles dois risidem,

Avrindo a porta a puntapes, zangado,  
biu pelo chão, uma de cada lado,  
a mulhere inguiçada, e a filha idem!

**Furnandes Albaralhão**

---

<sup>40</sup> Reaparece em Ano III, nº15, 27/3/1931, p. 3, em virtude de crítica realizada ao livro *Caldo Berde* de Furnandes Albaralhão.



Nº 21 – 12/9/1945

### **BISITA Á CASA DO MÔ PAI**

É impriscindível que se não confunda rabulução intistina com rabulução intistinale. O varulho da mitralha è muito dif'rente! — GOMES LIALE.

Como um pardal que bolta para o ninho  
dispeis de andaire pur ai alaim,  
eu quis tanvaim ribêre em Santaráim  
o meu primairo e birginal cantinho.

Pinitrei. Um fantasma, com querinho,  
que era, talvez, a assumvração d'algaím,  
pigando-me p'la mão, disse: — "Meu vem!  
Bem cumigo!" E lá fomos, de mansinho...

Era aqui nesta alcôba, o dia intairo,  
em que eu vrincava d'iscundère, e tanto  
que punha fora os vofes... Um verrairo

eu fiz logo, vem contra o meu disaijo.  
Uma pulga churaba em cada canto,  
churaba em cada canto um pulsebaijo.

**Furnandes Albaralhão**

## METAMURFÓSIAS DE OFÍDIO

### XIII CARTA DO BITURINO

#### **Crida Candida,**

Sabrás que me marticulei numa Iscola Suprior que le chama, Sidade Onibercitária, i agora cando saio da tinturaria, como nu pôço cultivar vatatas, cultibo o ispirito sigundo o pruceeso do dr. Caspanema. Nan taçustes. É dia cim dia não pra não cançar o paito.

Onde aprindi a que são metamurfósias. É assim um vicho que só tem pernas, dorme uma sésta, e aparecem-le as asas; onde ontem bias uma alagarta a cumer-te o nabo, tens oje uma barboleta a dar veijos nas felores. E caim descobriu o negóssio foi um cara chamado Ofídio, que biu um mar azule, votou-le um cubranto, e birou mar negro.

Pincei de noite na cama e bi cas berdadeiras metamurfósias de Ofídio são as do nôço Envaixadoire, caté ademira. Todos os dias se trasforma nalguma coisa, ou antão transforma o que estibere au redol.

Tresfurmou Cavo Berde em faculdade de Diraito. Sendo home, têbe uma Vôa Hora, iscrebeu bêrços cas peçôas juraba quera prosa. Iscrebeu prosa quero química, fazendo a “ispriencia” no Lavoratório do Acri Pino Greco. Comberteu-se de professor, que rindia pôco, em adebogado, montou uma casa de chá em Paris e cando beio de França foi diretor de Siguros, arranjando tempesdades a um home plácido. Mudou do Diraito para o Abêso iscrebendo um libro sobre os mubimentos astrais, chamando “Pára além da Rebolação”. Não páram suas metamorfósias de Ofídio.

Tinha u sacretário chamado António Sébes e cumberteu-o numa fera. Tinha ôtro chamado Faria e ningaim sabe o que tefaria. Biu chigar um com Bôa Bintura, imprensou-o, e mandou-o envora sem bintura nenhuma. Têbe ôtro chamado Waldemar que se metamufusiu ás pressas em abiador imbaluntário.

É home de uma atibidade pasmosa. Muda tudo. Do Carnairo Paxêco, quera home de industria, cumberteu-o em paçajairo do Serpa Pinto. Há anos birou páçaro e biajou no Zé Pelim pra ber Cavo Berde o céu inquanto a Destapo filmaba o resto.

Agora purfim comberteu-ce numa das olunas que sustentam a Democracia. O Salazaire é a 1ª coluna. O Cardelai é a 2ª. O Capitão Lorenzo, da Pulissia, é a 3ª. O mano do Carnairo Faxêco é a 4ª coluna; e o nôço envaixadore é a ceguinte. Agora iscrebe artigos e perfalsios no “Jurnal do Cumércio” a mustraire que já hóbe caim dicesse vem déle há muntos anos, “que cempre amou a Inglaterra como se tibessee nacido numa de suas minas. Inté acina “Martin Noble of Meilove”.

A quelónia istá incantada com a barboleta que saiu do vicho. Pe uma pena para o Matias istar de lá a incrabar as férias do hóme e não le daixar ceguir biage. Acim a pátria num pode apreciaire as metamurfósias de Ofídio. Fora das amostras que de lá dá o Salazaire, e que tanvem são de arrespeito.

Por incanto nan me trates por dótor. Teu fiele. **Biturino**

Nº 24 – 3/10/1945

**IPITA'CIO**  
**Pra riva da coba da Taresa**

Murreste, minha Taresa!  
Bibo cháio de tristeza  
Desde que morta te bi!  
Murreste, minha Taresa!  
Nurreste! Pior pra ti!

**Furnandes Albaralhão**

**Curónica**  
**Visconde de Carnaxide**  
**( Para A MANHA )**

U redatoire deste quinta-ferino me pede que eu lh'o escreva uma curónica de atualidade. Eu não sei baim se me entendem cá no Vrasile ou se sou eu que não entendi baim us gajos daqui.

Lá na terra, curónica (pulo menos nu meu tempo de mulequinho e na minha aldaia) o que se chamava curónica eram as muléstias da gente.

Quando algaim tinha uma vronquite que lh'o fazia tussire que nain quechorro engasgado com osso de quenela, logo u dotoire dizia:

— Esta é curónica.

E era mesmo. Logo ao olhaire u pobre doente, a gente bia mesmo que ele estava com a curónica!

Se era uma asma que paçava de um ano pra oitro, já todos os bizinhos cuchichavam:

— Está curónica.

Se era um rumatismo das articulas ou das gotas que não cedia ao mudicamento, é que o demónio estava curónico!

Não era só no ramu das muléstias que se usaba a curónica: usaba-se entre certas p'ssoas que nada se pariciam cum as muléstias.

Um rapaz elegante, bain bestido e chairoso, que binha seguidamente lá a casa da minha tia, tambaim tinha esse dufeito.

Quantas bezes eu ouvi a minha tia dizeire, quando ele chigaba:

— Aí bain o curónico!

Isto é u que eu sei e me lembro lá da terra. Agora aqui nu Vrasile a coisa é muito dif'rente. Aqui, a curónica não é uma muléstia: é uma coisa, um artigo, uma historieta qualquere que se lh'o manda ao jornale pra publicaire.

Pur izemplo: há uma currida de quebalos, uma luta rumana, uma partida de boks, etc.; u jusnalista pede ao ruportere uma curónica du jogo ou da currida. U gajo que escrubinha a curónica é u curónista.

Ora, eu não sou e nunca fui repórtere; nunca escrubinhai curónicas, mesmo purque nunca sufri dessas muléstias. Mas o sinhoire redatoire me pediu e eu não q'ria lho dizere que não savia, e por isso aqui tain bosmucês a minha curónica.

Peço-lhes desculpas se não lhes agradaire, mas posso-lhes garantire, que cá não boltarei para que me não chamem tambain de curónico. **Visconde de Carnaxide**

**1946**

Nº 36 – 3/1/1946

**Amoire Ingratu**

Hoje puguei da queneta,  
Au dispois puguei nu papéli  
Pra iscribeire este suneto  
A gaja que me rupéle.

Ela nãon quére me beire,  
Ela nãon quére cumbersa,  
Pois eu cá sou justamente  
U cuntrario da bice-bersa.

Eu baim sei qu'ela m'ilóde,  
Eu baim sei qu'ela m'ingana,  
Fazendo cenas biulentas.

Mas um dia a coisa isplóde  
E, antãon, metu-lh'o cum gana  
Um par de coices nais bentas!

**Julho d'Antas**

Nº 36 – 3/1/1946

**ANTROLOGIA  
ANO NÔBO**

Foi-se u impar, agora, bem o par,  
que além de par é nóbes fora dois.  
Bamos a ber o que birá depois.  
Deus queira que haja sol, e que haja luar.

Haja paz, sobre a terra e sobre o mar.  
Meu Deus! Bós séde vom, já que Deus sois!  
E tenha o camponês juntas de bois,  
tenha o granfino um auto para guiar.

Realize-se o desaijo mais ardente  
Que houbere no curassão de toda gente.  
Ria alegre, o que tanha suspirado.

E para o clima se tornar mais puro,  
que o nóço Portugal no ano futuro  
já veja o Salazar como Passado...

**Marotinho Novre**

Nº 36 – 3/1/1946

**TROBAS A MODA**

Eu jurei de nunca mais  
Dizer adeus a ningueim.  
Quaim parte leba soidades,  
Quaim fica não bai no traim.

Eu siria filicíssimo  
Se au menus uma beiz nu mez  
Eu tiblesse bacalhau  
Cum azeite português.

### **O VOTO SALAZARISTA**

Dá-se um papel a um homem, bem dobrado.  
Não deve ler que lá esteja escrito.  
Ensinam-lhe que assim é que é bonito.  
Explicam-lhe que assim é que é o dado.

As sete da manhã é acordado.  
e olha o chuvoso céu, bastante aflito.  
Mas a Polícia faz vibrar o apito.  
Ele obedece e sai disciplinado.

Vai a um certo lugar onde o patrão  
Brandindo lapis e papel na mão,  
se êle não fôr, do crime toma nota.

Deita o papel numa urna de despejo  
que abre a boca redonda num bocejo  
Nada o [dirá. Iscuta]<sup>41</sup> tudo. — Vota...

**Manel Maria**

---

<sup>41</sup> Estes dois vocábulos encontravam-se bastante obscuros, devido a um problema de impressão. Do que foi possível perceber pela leitura e pela coerência do texto optou-se por “dirá” e “Iscuta”, mas é importante deixar claro aqui essa interferência trata-se de uma possibilidade.



Nº 45 – 8/3/1946

**M’NINAS! M’NINAS!**

I

Uma m’nina vranca, uma sinhoira,  
Seja mesmo um p’daço,  
Loira, muito loira,  
Mas puraim cujo v’raço  
nunca j’mais pigou numa bassoura...  
Eu passo!

II

Uma murena, dessas mil qu’o bobo  
nota p’la cidade,  
Na Lapa, no Queju, no Ingainho Nobo  
E inté na Piedade,  
Se achas que seja um tipo sedutoire,  
Deixo-lh’a pra ti, laitoire!

III

Uma mulata...Falam da mulata...  
O chairo não é mau. Porque negaire!  
É uma simples questão de paladaire.  
Mas o seu todo a mim não arrivata.

IV

A crioila...Jesus!  
U vubum qu’ela taim! Que tentação!  
Como ela me seduz  
com birulencia, com provocação!  
Beire não se pode uma quendura assim,  
saim dismaiare de prazeire, aposto.  
Essa sim!  
É dessas qu’eu cá gosto!

**Vocage da Silva<sup>42</sup>**

---

<sup>42</sup> Pseudônimo de Furnandes Albaralhão. A autoria é identificada graças a publicação do mesmo poema em seu livro *Caldo Berde*.

Nº 73 – 19/9/1946

### **OS POMVOS**

Bai-se o nosso petricio, dispertada  
sua soidade. Contos ás dezenas  
juntou na vurra e lhe apetece apenas  
beire raiare na aldeia a medrugada.

Parte no “Serpa Pinto”. Se há nortada,  
não lhe pirturba as digesãens serenas.  
Qual pomvo alêgre, sacudiu ais penas  
e co’os petricios segue em rebuada.

Mas dos vólsos rechiados que abotôam  
— ordena o Salazaire — ais nótas vôam  
como vôam os pomvos dos pomvais...

Arrupendidos muintas pragas soltam  
e a praguejaire, no “Serpa Pinto” boltam,  
churando ais notas que não bóltam mais...

### **Reimundo d’olibaira**

1947

Nº 88 – 5/1/1947

**A derrota dos “Lusiadas”  
CARTA EM BERÇO DO BITURINO**

**Crida Candida:**

Fui á Ancademia  
lebaire uma casaca a um imortali,  
e bim de lá tão chaio de puesia  
que te mando o meu bêrço ó naturali...

Bê tudo ó Padre Augusto, ós teus parentes;  
conta-les queu agora istou grãfino,  
e cos comendadoires mais balentes  
café piqueno são, pró Biturino.

Páça o Souza Vautista cavisvácho  
á dizéire que só pelo demonio  
não conseguiu bendêire, (e a prêço vácho)  
um culchão bentilado ó Tiatrónio.

Este, anda no ar. Trata de ser simpatico  
e dia que se mudaire a situassão,  
quer sêire um deputado demucrático  
pois so aspira a uma deputassão.

O Erculano Raburdãon, maltrata  
caim o inzilou do Rio. E diz, inrónico,  
que dêside que o Vautista o pôs no Piat;  
se sente cundenado a ser platónico.

Rainho cuntinua arrenegado,  
vutando a conta ás rendas que perdeu  
— por o bisinho téire alebantado  
maiss ele pabimentos que o “Liceu”.

No Rial Gavinête de Laitura  
aparêsem os menvros da quelónia  
a cáim mil libros numa sáia iscura

dão o rumédio pra calquére insónia.

Ao sivêrvo indeficio de Ginastico  
bão fulanos em máca, gente fina,  
que trata de mantêire o passo inlástico  
e se laba, por alto, na picina.

Sumido o Dipio não se save adonde,  
mas biba a Purpaganda cum Purtugali  
o nóço Carnexidio, o vom Bisconde,  
...lança o ferro na Agencia Nacináli.

O marotinho, envaichador de truz  
A caim Matias reduziu o fôgo,  
cunsagra-se á cultura de pirús  
bisto que taim de “piruar” o jôgo...

O póbo, o nóço póbo, em seu instinto,  
não bai ó “Serpa Pinto” fustuja-lo;  
— pois sêile há tantos anos era Pinto  
debua sêire agora um “Serpa Galo”.

Infim, aqui te mando as nubidades.  
Caim de lá baim, fala ó principio a medo  
A fome e a miséria são berdades  
que só contam despois, munto aim sagrêdo

Trata dos animais. Cuida o pomaire.  
Ano vom! Hade bire e vom destino.  
Não há de sêire interno o Salazaire.  
Interno, só o amor do

**BITURINO**

**Devaneio**

O dr. Salazar nummca viajou.  
Sabe, do mundo, o que ouve repetir.  
Todos gostavam bem de o ver sair  
mas ele, até aqui, por lá ficou.

Só, em Sevilha, o Franco visitou  
— para ter a volúpia de o ouvir —  
O povo português tem de seguir  
Tudo o que em Santa Comba se formou

Quando ás vezes, em sonhos, sai fronteiras  
(passa assim a sonhar noites inteiras)  
diz que a poesia clássica u inspira.

Conta que, erguendo um vôo sobre-humano,  
se senta nos degráus do Vaticano  
e, romanticamente, tange... a lira.

**Tiatronio Perayra**

## AGITAÇÃO DUMOCRATA EM PORTUGALI

O generali Cremona Istá Jugando As Pêras Cum Seu Primairo Ministro Ulibaira Saiazaire

LISVÔA, binte du corrente de 1947. (Curruspundencia rusurbada, pra seire lida às iscundidas na casita plos membaros sailazaristas da culónia) — A cousa não stá chairando baim nu P'lacio dais Nucessidades. U generale Cremona anda, neste mumento, jugando ais mais biulentas traulitadas puliticas com u estradista de Santa Comba.

Pur isso tudo e mais alguma coisa que não lh'us mando dizeire pra não bus cumprumeteire inté us grugumilhos, já se istá bendo que a situaçãon agora, dum mumento pra oitro, póde pioraire pra milhore, uma beiz que não póde milhoreaire pra prioire.

U mubimento dumocrata esttá fruvendo pur vaixo da cadaira du primairo ministro desta chóidra e já lhe chamusca us fundilhos. Isto já istaba bisto, purquê a corrulação dais forças progressistas du mundo, não póde mais prmittire qu'esse joisa de ruaciunarios, fechistas e trutalitarios cuntinue exprurando us homens du trabalho, vevendo-lhes u suóre e cumendo-lhes us olhos da cara.

U Saiazaire, nu fundo é uma vôa visca, que cum a parte d'intiritaire ais funanças de Portugal, u qu'ele feiz foi afundaire a carangueijóla da nação nu mare da pulitica intrenacionale.

Esse gajo póde seire munto vom financista pra gerente duma casa de secus e mulhados, onde possa rouvaire no peso e na midida. Mas pusitivamente não taim cumpetencia pra diministraise uma terra que não é só isto pur aqui, mas que, como já disse e disse munto baim um duputado du nossso Estado Nôbo, débe seire uma grande Rupuvlica Imp'riale, que pega desde u Amazonas d'América e bai inté u Timoire, que plo bisto, nu mapa, fica lá plas vandas du Jepão.

Mas, bultando á baca fri[a] tenho a dizer-bos que, dest[a] beiz ou o generale Cremon[a] duruva u Saiazaire, ou o Sai[a]zaire durruva o generale Cr[e]mona ou acavam us dois du[r]ruvados.<sup>43</sup>

Algaim bai dançaire o miudinho em riva da chapa quente. E é vaim pussibel que tenhamos um vailado cum toda a companhia.

---

<sup>43</sup> Os colchetes indicam o “acrécimo” em palavras de pouca legibilidade, seguindo a coerencia com que normalmente aparecem nos textos.

**Ais grandes duscuvértas**  
**INCULAVURAÇÃO DO CUMENDADOIRE SÁ PINHO**

Todas ais grandes duscuvértas foram feitas pur portugueses.

Não bamos discutire este causo, purque já sei que bocêis lá bão dizeire que não e eu, antãon, bou-lhes dizeire que sim. E istá armado o ossarilho.

Purisso não quéro falaire, no aire, como um melibiano calquere, mas cum ais próbas na mão, que é assim como quaim mata o vicho e mostra logo a guerrafa com qu’u matou.

Eu não sou sávio naim savão. Não sou duputado naim sinadoire du gubêrno. Mas sei fazeire ais minhas contas munto certinhas, sou sócio prupiatário du Basco, sou sócio rumido du Reali Gavinête Portugueis de Laitura, sou mêmbro da diretúria da Suciidade a União Faiz a Força dos Fracos Baraijistas, sou cumerçante estabulecido na praça no ramo de furramentas e litrucidade, e, cando falo na minha casa, falo grôssio e sempre istou cum a rezão.

Eu sou, purtanto, um sudadão de irruspunsavilidade difinitibas e aquilo queu digo pode-se iscrebeire purque eu sustento mesmo que mintrumbisque tôdo.

Mas bamos daixaire de cunbersas fiadas, purque de fiados e de cunbersas já istou intairado.

U queu tinha dito sustento, purquê não adimito qualguaim, pur mais pintado que seja, dubide da minha palabra, é que todas ais grandes duscuvértas foram feitas pur lusitanos.

Quaim duscuvriu o fio? Quaim duscuvriu qu’a ispada taim fio? Quaim passou us mouros na vatalha das Kalças Kibiram no fio da ispada?

Mas não é só. Respondam, pur faboire, purque é que Basco da Gama era varvado?

Ah! Não savem, pois não? Não savem ou istão se fazendo de vestas?

Antão us senhores nunca oubiram falaire que u glorioso Basco da Gama usaba ais varvas plos paitos, purque foi ele quaim duscruviu a “nabalha saim fio”?

Us intalianos enchem a vôca cum Merconi e ispalham que foi este gajo quaim duscuvriu u “tulégrafo saim fio”. Isso é uma vôa loróta. Merconi não podia discuvrire u “tulégrafo saim fio”, purque u “tulégrafo cum fios” já istaba discuvérto a munto tempo. U que Merconi feiz não foi uma duscuvérta. Ele tirou us fios du tulégrafo e u tulégrafo ficou saim fios. Mas isso, meus caros senhores e quridas senhóras, não é uma discuvérta. Isso é uma iscamutação, é um surripiamento, é uma safadêsa qu’um lusitano lugitimo de Vraga nunca lh’a cumeteria.

Era isto o que tinha a dizeire pur hoje e disse-o cum munta honra e cum munta gloria pras grandes tredições de Portugali, que Saiazaire istá impurquelhando e u Triotónio Preira abacalha que é uma tristêsa.

*Diario do Abax'o Piques*

“Diariu du Avaix'o Piques”



**1933**

nº11 – 13/07/1933

**APURTUGUEZAMENTO**

D'spois d'um ano, casi de d'greto,  
— Como as ponvinhas boltam au pumvale —  
Stá boltando, agora, um tanto a mado,  
Munta gente q'a foi p'ra Portugale.

A meioria, (istu nan ié s'greto)  
Gustou d'lá, d'ua manaira tale,  
Q'até q'achou q'ind'era munto cedo  
P'ra rigrissaire p'ru turrão natale.

De lá baim ielles aputugazados  
Nisso de culucar vaim culludaos  
Us tais prumonios, já ninhum dá ratas.

A pronuncia, ielles trazem-n'a curreta.  
I a indentificaçam é tam completa,  
Q'andam p'ra aí ás boltas c'oas mulatas.

**Pacheco D'Eça**

Nº 12 – 20/07/1933

**“Todos cantam sua terra...”  
(paródia)**

Xou português, há quatroçantos anos:  
Minha'alma é a mesma, qu'enfunaba as bÉlas  
    Qu'arrastaram á glória as carabelas  
Dus heroicos merujos luzitanos.

Sinto aim mim a atração dus oceanos.  
Adoro a calmaria; amo as procÉlas;  
Quero murreire oubindo us uibos qu'elas  
Tiram du mastro ao arrancar-lhe os panos.

U mare aos luzos tudo deu: Primairo,  
Deu-nos de graça um cuntinante intairo,  
Deu-nos ilhas, d'spois, a dar c'um páu.

Hoje, qu'as cousas stão dif'rantes,  
Inquepaz de nos dar' mais cuntinantes  
Faz u qu'a póde, e dá-nos...vacalháu.

S. Paulo, 15-7-33

**Pacheco D'Eça**

### **ABIAÇAOM**

Como si save, cave au Vresile a gloria da discuverta dus aperelhus di buaire saim azas (airustatus) i dus aparelhus di buaire valaom di gaz (airuplanus). Rugistrou-se agora aim S. Paulo um bouo saim azas, saim gaz i tanvaim saim mutoire.

Esse bouo foi rializadu p'luma isquedrilha di cadairas, q'a tendu há tempus diculado surratairamante du Pelacio dus Campus Ilisius, bieram agora atirraire nu pontu di partida, cunforme cummunicaçãom du atuale intrubintoire. Au q'a si save, u Ginirale Dal Truflho afim d'inbitaire a perda dus aperelhus, bai pruibire a rup'tiçãom dessa audaciosa isp'riencia.

Nº 15 – 10/081933

### **Ricunciliação**

Bamos fazeire as pazes; foi u ciume  
U culpado di tudu q'ieu ti fiz;  
Chamei-ti nomem, chuiu d'azidume  
I fiz-te gestos q'a nã sãom gentis.

Mas d'hoje aim diante, naim um só qaixume  
Hei d'arrancar-te. Tu bais ser fuliz.  
Hei d'aus poucos pirdeire ieste custume  
D'atirar-te us temancos au nriz.

U q'a lá bai, istá pessado.  
Daixa-mi agora dar-te munto agrado  
P'ra cumpinsar-ti das malcriações.

I eu sei as festas di q'a tu mais gostas...  
Chega-te pois a mim... i bira ais costas  
Q'ieu ti q'erro cuvrir... di vuliscães.

### **Pacheco d'Eça**

Nº 16 – 17/08/1933

### **US MEUS VIGODES**

Puz avaixo us meus vigodes;  
Mas assim cumo mi bês,  
Mulata, nã t'incumodes,  
Q'inda xou vom portuguez.

Mas si bires q'a nã podes  
Dispansal-us; aim u mez,  
— Meu amoire, nã t'açodes —  
Q'ieles crescem oitra bez.

Lé q'a q'ando ieu ti vaijaba  
P'las minhas bentas intraba  
Um chairo di coisas bís...

I este chairo donde binha?  
— Da vigudaira, q'ieu tinha  
Mesmo invaixo du neriz.

## CURDIALIDADE LUZO-VRESILEIRA

Si Portugale i Vresile saom peizes biceramente amigos, naon n'u saom apenas purque tanham d'liverado vresilaios i portugueses biberem aim voa quemaradagem.

Purceve-se claramente q'iesta amizade istá na buntade dibina.

Ié a liçaom da História.

Deus lá dus cucurutos dus céos, sampre q'a póde, dá lá umas boltas aus funómunus materiulógicos, i ajaita-us di manairas a uvrigaire us luzos a s'aproximarem dus filhos di Pindurama, i bice-bersa au cuntrariu, da mesma forma.

Foi assim cum Cavrale aim 1.500.

Ia u gajo todo lampairo, nabigando nu seu bapoire-a-béla p'las costas d'Africa, qando foi surpeiandido p'l'us bentus muntu fortes, xemados "calmerias", qa lh'u suprabam p'la prôa.

Di medo q'u bento lh'apagasse as bélas q'aqeciam as caldairas, Cavrale fez u'a manóvra na varca, pr'afastar-se du p'rigo; mas, como istaba c'a "macaca", foi s'inruscaire numa corrente suv-marina, di qa naom si pôde safaire. Tebe assim qa nabigaire au longo da tale corrente bindu daire c'us custados nu Vresile.

Assim foi tanvaim, aim 1932 cum us Sinhoires Altinirantes, Ataliva Liunele, Klinger, Guilherme d'Almada i oitros, qa pur óvra d'um contra-tempu, ou milhoire, dum tempu qante aim S. Paulo, foram teire aim Portugale saim n'u quierem.

A bista desses fátos, raina agora aim Portugale grande isp'rança di q'um vélo dia disinvarquem aim Lisvôa u doutoire Gitulio Bargas mal-a sua vrilhante cumitiba, q'au invarcaire nu Rio di Jenairo, a vórdo du "Almirante Jacegauy" tinham apenas a intançaõn di seguire p'las costas africanas.

U qa taim sido giralmente lamantado p'lus luzitanos ié qa naom tanha invarcado nu baso-si-guerra "Almirante Jacegauy" u Dr. Flores d'Alcunha, di qaim u Gale Ataliva fez, aim Portugale, u'a intusiastica propaganda.

Savemos q'u Gale, Cremona, impinhado aim cunhiceire di biso u funuminale ditadoire vresilairo, i naom si fiando numa tampisdade, qa póde falahire, in'riçou au Dr. Bargas u sigante cunbite tulugráfico:

"Dr. Gitulio Bargas — Vôrdo Alte. Jaceguay.

Savidoire Bossencia istá biajando nesse baso-di-guerra, norte Vresile, cunbidu-o prulungaire biagem até Portugale, onde t'ra a mesma querinhosa aculhida tiberam ano passado oitros pulíticos vresileiros. Traga Flores nu baso.

Cremona".

Istamos siguramente infurmados di q'u Dr. Bargas aceitou ieste cunbite, u qa qére dizeire, q'iele pritande mesmo ire a Portugale...ou naom.

Nº 17 – 24/08/1933

## **NÓS**

Munto forte i munto vranco,  
Xou um portuguez di truz;  
Ando sempre di temanco;  
I xei assinar di cruz.

A mulhér'. (sijamus franco),  
A Meria di Jusus  
lé preta, pensa d'arranco  
I anda sampre di pés nus.

Nosso manéle ié mulato;  
Naom nus seíu pois u ingrato  
Naim a iela, naim a mim.

Ié intulujante u denado;  
I aim metéria di quelçado,  
Anda só di vurziguim.

**Pacheco D'Eça**

**As huminagens au Invaixadoire Martinho Novre di Melluziadas  
U vanquete nu cluviu cumerciale — Us discursos**

As huminagens pristadas aim S. Paulo au Invaixadoire luziada culminaram nu luziado vanquete qa lh'u foi uf'ricido nu Cluviu Cumerciale, na noute du dia binte du currante.

Dispois di teire mitido nu vucho rup'tidas doses d'ixcitante vecalhuada, i d'habeire ingirido parcimuniosamente 6 guerrafães di binho berde-Paris, libantou-se p'ra saudaire u inlustre Invaixadoire u nosso q'rido culavoradoire luziada — Dr. Pacheco d'Eça — q'intusiasmou toda a assintancia, p'la manaira greciosa i vanvuliente como cunseguiu manter-se di pé.

Eis, aim risumo, a uração du Dr. Pacheco d'Eça:

Sinhoire Invaixadoire

(pausa)

Meus Sinhoires

(mais p[a]usa <sup>44</sup>)

Minhas Sinhoiras

(menos pausa)

Libantando-me para saudaire, aim nome da culonia luziada di S. Paulo, u inlustre Invaixadoire Martinho Novre, ieu qéro, antes di tudo, daire um tistimunho da rusistencia da raça au binho berde, qa, mesmo aim altas doses, naom consegue tirar-nos u inquilivriu.

Aim sigundo lugaire, ieu qero aprusuntaire au joben triplumata u'a nóba cuncipção trancindante du qa bem a seire a Patria, graças á quale nós, portuguezes inzilados, cunsequimos prumaniceire luziadas, rusistindo a todas influencias disnacionalizantes dus anviantes istranhos.

PATRIA, para nós, naom ié u'a nução luziadamente adstrita aus limites cuncretous du p'queno Purtugale. A nossa Patria, nós a trazemos na luziada vagagem, i cum ela transpomos as fruntairas giograficas du nosso peis d'urigem, trazendo-a pr'a rigiãom onde havitam as idiulugas avstratas.

PATRIA, para nos, sinhoire Invaixadoire, ié u'a quistã di rusistencia.

Nós prumanicemos luziadamant eluzitanos, porque rusistimos.

Rusistimos au alfaveto.

Rusistimos á pin'tração das idéas nobas... i das belhas.

Rusistimos aus prugressos dus costumes, acostumando-nos aus prugressos da rusistencia.

(Aplausos duloirantes).

Rusistimos a tudo qa represente dif'renciação du tipe classicu du portuguez da terra, desse mesmo portuguez q'a na sua bida multisiculare so cumiteu um erro d'impurtancia, só uma bez sofreu um frecasso d'ordem internacionale.

Rufiro-me, Sinhoire Invaixadoire a'queles hiroicos nabigantes de 1500 qa tendo invarcado ain Lisvoa p'ra ire ás Indias, di tal manaire pirderam a tramuntana q'a bieram daire c'us luziados custados nu Vrezile.

---

<sup>44</sup> Os colchetes indicam a correção de erros tipográficos evidentes.



Isto foi u único grande erro luziada. O resto da nossa historia istá toda cheaia apenas de erros piquinitos.

Agora, Sinhoire Imvaixadoire, quero, au triminaire, fazer a du piqueno truque qui impriga-Vossa Insulancia, a ribelaçãom mos para rusistire ás influencias disnacionalisantes da terra aim qa bibemos.

Nós conseguimos prusesbaire a nossa luziadez inzulando-nos da terra por maio di ua ispressa quemada di madaira, q'usamos cunstantemente divaixo dus pés.

U nosso truque, auin suma, Sinhoire Imvaixadoire, ié u "TEMANCO".

Dispois di ixplicado u truque, u Sinhoire P. D'eça santo-se pisadamente na cadaira, i divruçando dulicadamente a caveça sobre a mesa, poz-se a durmitaire.

Libantou-se a seguire i Imvaixadoire Luziada, i amparando-se inligantemente nas costas du bisinho da diraita prudiziu um discurso rupleto di sensatíssimas pausas, di ispaço a ispaço intrecurtadas pur ua ou oitra fease di grande ifaito dramatico.

Para a Sua Insulancia, o Sinhoire P. D'Eça ié ua vesta, qando pricura difinire a Patria.

Patria, diz o Sinhoire Martinho Novre, ié u sentido idiologico di Purtugale-luziada, q'impiliu a raça á sua grande distinção historica, p'la iluminaçãom dus mortos, amurtalhados no sangue dus hiroes, di manairas a atingire u muito raciale das idéias i das conquistas, tudo isto ain harmunia cum u sentido intrigalista da Raça, qa bai direta ao nucleo primitibo i traça uma bisão panuramica do futuro, uma fisão da noba Atlandida di Thais i di Solaon na Grecia.

A assistancia istá perplexa!

Ou antaom, isclama S. Insulancia, sirá a tecnica da rialisaçãom du pinsamanto.

—Ou sirá sirá u Vinidito? prigunta um dus cumbibas.

—Naom, risponde Sua Insulancia, ié a arrancada dus Purtugueses quinhantistas, qa saom us Paulistas das Vandairas Disprizadas, q'aim carabanais pasturis, alargaram as caviçairas du Tucantins, i passando p'lu Tretado das Trudisilhas atingiram, antre ilusões d'oiro di disinganos i dicipções, as proprias fontes du Diraito Intrunacionale.

Aus poucos, fatigados p'lu isforço da propria iluquancia, u Sr. Martinho Novre foi-se curbandu diante da grandeza vandairante i du isp'rito criadoire du paulista, dantro da unidade luziada da Patria.

Iacavou divruçando-se ridondamente sobre a meza, aim riv'rencia aus gigantes dessa raça conquistadoira i culunizadoira, qa deu puetas, suldados, industriais i cumirciantes, i qa fizeram a gloria du grande sempre belho i sempre nobo Purtugale.

A assistancia, di pé p'lu Vresile, aclamou dulirantemante u uradoire, qa saiu aim v'raços du salãom.

Naom si rugistro morte d'homem.

Nº 21 – 27/10/1933

### **Soidade**

Soidade é um sumtimanto ixtraordinario  
Amargo i... doce, qa faz male i... vaim;  
I é cumo u lsp'rito Rubulucionario  
Qa ningaim save u jaito q'iele taim.

Das oitras linguas nenhum diciunario  
Ésta pelabra mágica cuntaim,  
Pois só inxiste nu bucavulario  
Dus portuguezes i di mais ningaim.

Quandoieu ti bejo, vate-me a soidade,  
lésta coisa isquisita qa m'imbade  
Todo intirinho da caveça aus pés.

I ela faz-me sofrer', sofrer' dubéras  
Linvrando u pancadão qa dantes éras  
I bendo esse qenhão q'iagora iés.

**Pacheco D'Eça**